





AMADEU AMARAL

O DIALECTO
CAIPIRA

CASA EDITORA "O LIVRO"

S. PAULO - 1920

Do mesmo Autor:

<i>Urzes</i> (poesia)	Exgot.
<i>Névoa</i> (poesia)	3\$000
<i>Espumas</i> (poesia)	5\$000
<i>Discurso de recepção</i> na Academia Brasileira	2\$000
<i>Letras floridas</i> , broch. 4\$000, encad.	.5\$000
<i>A Pulseira de Ferro</i> , novela	1\$000
<i>Um Soneto de Bilac</i> , conferencia	2\$000
<i>O Dialecto Caipira</i> , broch.	5\$000

AMADEU AMARAL

ESTUDOS BRASILEIROS

O DIALECTO CAPIRÁ

SÃO PAULO

GRAMÁTICA
VOCABULÁRIO



S. PAULO
CASA EDITORA "O LIVRO"

1920

A

Valdomiro Silveira

epigono da literatura regional em S. Paulo

Alberto Faria

incansável estudioso do nosso folclore

e

Cornélio Pires

cognominado o Poeta Caipira

*afectuosamente dedico este pequeno e desvalioso ensaio,
em que puz aquéle mesmo amor que lhes tem feito produzir
tão belas coisas.*

A. A.

AUTORES E OBRAS CITADOS EM ABREVIATURA

- A. FRANCO** — P.º António Franco: "Vida do Padre Manoel da Nóbrega".
- AFR. PEIXOTO** — Afranio Peixoto: "Fruta do Mato". Rio.
- A. DELF.** — Aldo Delfino: "José Miguel", novela.
- A. S.** — Adão Soares: contos publicados na revista "A. B. C., Sorocaba.
- A. SILVEIRA** — Agenor Silveira: "Versos de bom e mau humor". Santos.
- AD. COELHO** — Adolpho Coelho: "A Língua Portuguesa".
- AF. TAUN.** — Afonso d'E. Taunay: "Léxico de lacunas". S. Paulo.
- ANCHIETA** — P.º Joseph de Anchieta.
- ARRAIZ** — Frei Amador Arraiz: "Diálogos".
- B. - R.** — Visc. de Beaurepaire-Rohan: "Dicionário de Vocabulos Brasileiros". Rio.
- B. CAET.** — Batista Caetano de Almeida Nogueira: "Apontamentos sobre o Abaíçenga".
- B. RODR.** — J. Barbosa Rodrigues: "Vocabulário indígena comparado".
- CAMILO** — Camilo Castelo Branco: obras.
- CAMÕES** — Luís de Camões: "Os Lusíadas".
- CAM.** — Pero Vaz Caminha: carta ao rei de Portugal sobre o descobrimento do Brasil.
- C. DA F.** — Carlos da Fonseca: contos.
- C. P.** — Cornélio Pires: "Quem conta um conto... — "Musa Calpira". S. Paulo.
- C. RAMOS** — Hugo de Carvalho Ramos: "Tropas e Boiadas", contos. Rio.
- COUTO DE M.** — General Couto de Magalhães: Nas "Conferências anchietanas". S. Paulo.

- CARDIM — Fernão Cardim: "Do principio e origem dos Indios do Brasil".
- CAT. — Catulo da Paixão Ccareense: "Meu Sertão". Rio.
- CHERM. — Vicente Chermont de Miranda: "Glossário parãense — Colecção de vocábulos peculiares à Amazonia e especialmente á Ilha do Marajó".
- D. NUNES — Duarte Nunes do Lião: "Origem e Ortografia da Língua Portuguesa".
- DOM J. DE CASTRO — Dom João de Castro.
- D. ALEX. — Dona Alexina de Magalhães Pinto: "Provérbios populares, máximas e observações usuais", etc. Rio.
- E. KRUG — Engenheiro Edmundo Krug: "A Superstição Paulistaua", conferência. S. Paulo.
- FERREIRA — Antonio Ferreira: "Castro".
- F. M. PINTO — Fernão Mendes Pinto: "Peregrinações".
- F. ELÍSIO — Filinto Elísio: "Arte Poética".
- F. J. FREIRE — Francisco José Freire: "Reflexões sobre a Língua Portuguesa".
- FERN. LOPES — Fernão Lopes: Crónicas.
- GARC., GARCIA — Rodolfo Garcia: "Vocabulário de Brasileirismos. (Peculiaridades pernambucanas)".
- G. P. DE CASTRO — Gabriel Pereira de Castro: "Ulisseia".
- G. RANGEL — Godofredo Rangel: escritos esparcos.
- G. VIANA — A. R. Gonçalves Viana: "Palestras filológicas". Lisboa.
- GARCIA DE REZ. — Garcia de Rezende: Crónicas — "Cancioneiro"
- GIL V. — Gil Vicente: obras, edições Mendes dos Remedios e de 1852.
- G. DIAS — Gonçalves Dias: "Dicionário da Língua Tupi" — Relatório sobre Exposição Universal de Paris.
- GRANADA — Nicolas Granada: "Cartas gauchas". Buenos Aires.
- GREG. DE M. — Gregório de Matos: Poesias.
- HERCULANO — Alexandre Herculano: Obras.
- H. P. — Huascar Pereira: "As Madeiras do Estado de S. Paulo", 6.^a ed. S. Paulo.
- J. DE BARROS — João de Barros. "Décadas"
- J. MOR. — Julio Moreira: "Estudos filológicos"
- J. J. NUNES — José Joaquim Nunes: "Crestomatia arcaica"
- J. BRÍGIDO — João Brígido: "Ceará" Rio.

- J. RIB. — João Ribeiro: "O Fabordão" — "Selecta clássica" — "Frases feitas" — "O Folk-lore".
- LASS. — J. A. de Lassance Cunha: "O Rio Grande do Sul". Rio.
- L. DE O. — Leoncio de Oliveira: "Vida roceira". S. Paulo.
- L. GOMES — Lindolfo Gomes: "Contos populares e cantigas de adormecer". Juiz de Fôra.
- L. DE VASC. — José Leite de Vasconcelos: "Lições de Filologia" — "Textos arcaicos" — "Emblemas de Alciati" — "Esquisse d'une dialectologie portugaise" — etc.
- LUCENA — Padre João de Lucena: "Vida de S. Francisco Xavier".
- M. A. DE ALM. — Manuel A. de Almeida: "Memorias de um Sargento de Milícias".
- MAC. SOARES — Macedo Soares: "Dicionario Brasileiro".
- M. DE S. PINTO — Manuel de Sousa Pinto: "Dom João de Castro".
- MONS. DALG. — Monsenhor Sebastião Rodolfo Dalgado: "Gonçalves Viana e a Lexicologia portuguesa de origem asiático-africana". Lisboa.
- MONT. — Padre Antonio Ruiz de Montoya: "Gramática y Dicionários de la Lengua Tnpi ó Guarani".
- M. DOS REM. — Mendes dos Remédios: diversas edições de obras antigas.
- M. L. — Monteiro Lobato: "Urupês". S. Paulo.
- NÓBREGA — Padre Manuel da Nóbrega: Cartas do Brasil.
- OT. MOTTA — Othoniel Motta: escritos esparços.
- PAIVA — Mangel José de Paiva (Silvestre S. da Silveira e Silva): "Infermidades da Língua".
- R. v. I. — Rodolpho von Ihering: Notas fornecidas ao A.
- ROMAG. — J. Romaguera Correia: "Vocabulário Sul-Rio-Grandense".
- RUB. — Braz da Costa Rubim: "Vocabulario Brasileiro". Rio.
- RUI DE PINA — Rui de Pina: "Crónica de D. Duarte", ed. de Alfredo Coelho de Magalhães.
- S. DE MIR. — Sá de Miranda: Obras.
- S. L., S. LOPES — Simões Lopes Neto: "Contos gauchescos" — "Cancioneiro guasca".
- T. SAMPAIO — Teodoro Sampaio: "O Tupi na Geographia Nacional".
- TAUN., TAUNAY — Visconde de Taunay: "Inocência" — "Ceus e Terras do Brasil".
- V. S. — Valdomiro Silveira: Contos esparços. S. Paulo.
- VIT. — Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo: "Elucidario".

VIEIRA — Padre Antonio Vieira: "Sermões".
ZOROB. RODRIGUES — Zorobabel Rodrigues: "Dicionario de chilenismos".

"INOC." — "Inocencia", Taunay.
"CRON. DO COND." — "Cronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvares Pereira", ed. de Mendes dos Remedios.
"CRON. DO INF. SANTO" — "Cronica do Infante Santo", ed. de Mendes dos Remedios.
"NOVO DIC." — "Novo Dicionario", por Candido de Figueiredo.
"EUFROS." — "Comedia Eufrosina", de Jorge Ferreira de Vasconcelos.
"FOGUETÁRIO" — por Pedro de Azevedo Tojal, ed. Mendes dos Remedios.
"S. PAULO ANTIGO" — por António Egídio Martins. S. Paulo.
"REV. DO BR." — "Revista do Brasil", S. Paulo.
"REV. LUS." — "Revista Lusitana".
"REV. DA LING. PORT." — "Revista da Lingua Portuguesa".

NOTA — Varios nomes obras, citados com sufficiente clareza, não foram incluidos nesta lista.

OUTRAS ABREVIATURAS E ALGUNS SINAIS

Amaz. — Amazonia.
Br. — Brasil.
Esp. Santo — Espirito Santo.
Mar. — Maranhão.
M. Grosso — Mato Grosso.
Pernamb. — Pernambuco.
Par. do N. — Paraíba do Norte.
Port. — Portugal.
R. G. do S. — Rio Grande do Sul.
R. G. do N. — Rio Grande do Norte.
S. P. — S. Paulo.

- Cp. — Comparae
V. — Vêde
+ — mais
= — igual a.
← — A palavra para a qual está voltada a seta provém da que
está do outro lado dêsse sinal.
< — Vale o mesmo que a seta.

Em alguns lugares, devido à falta de letras com til, a não ser a e o, emprega-se em vez dêsse sinal um pequeno n elevado.

COLABORADORES

O Autor aqui regista, com os seus cordialíssimos agradecimentos, os nomes dos srs.:

Alberto Faria
Valdomiro Silveira
Rodolfo von Ihering
Bento Pereira de Arruda
Filinto Lopes
Cornélio Pires e
Manuel Lopes de Oliveira Filho

que amavelmente o auxiliaram com valiosas informações, notas e advertências.

INTRODUÇÃO

Tivemos, até cerca de vinte e cinco a trinta anos atrás, um dialecto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. E' de todos sabido que o nosso falar *caipira* — bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível — dominava em absoluto a grande maioria da população e estendia a sua influência à propria minoria culta. As mesmas pessoas educadas e bem falantes não se podiam esquivar a essa influência. (*)

Foi o que criou aos paulistas, há já bastante tempo, a fama de corromperem o vernáculo com muitos e feios *vícios* de linguagem. Quando se tratou, no Senado do Império, de criar os cursos jurídicos no Brasil, tendo-se

(*) "Ele (o Marquês de S. Vicente, Pimenta Bueno) tinha vícios desagradáveis de pronúncia, não determinados por defeitos de organização dos órgãos da voz, mas por desmazelados e maus costumes, trazidos da segunda infância, que nunca pensou depois em corrigir, e mais tarde isso lhe foi impossível: dava ao *l* o som de *r*, pecava em outras pronúncias; mas, ainda assim, falando na tribuna, impunha silêncio, obrigava a atenção..." (Joaquim M. de Macedo).

proposto São Paulo para séde de um dêles, houve quem alegasse contra isto o linguajar dos naturais, que inconvenientemente contaminaria os futuros bachareis, oriundos de diferentes circunscrições do país...

O processo dialectal iria longe, se as condições do meio não houvessem sofrido uma série de abalos, que partiram os fios à continuidade da sua evolução.

Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o *caipirismo* não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se. A substituição do braço escravo pelo assalariado afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos factores da nossa diferenciação dialectal. Os genuinos *caipiras*, os roceiros ignorantes e atrasados, começaram tambem a ser postos de banda, a ser atirados à margem da vida colectiva, a ter uma interferência cada vez menor nos costumes e na organização da nova ordem de coisas. A população cresceu e mesclou-se de novos elementos. Construíram-se vias de comunicação por toda a parte, intensificou-se o comércio, os pequenos centros populosos que viviam isolados passaram a trocar entre si relações de toda a espécie, e a província entrou por sua vez em contacto permanente com a civilização exterior. A instrução, limitadíssima, tomou extraordinário incremento. Era impossível que o dialecto caipira deixasse de sofrer com tão grandes alterações do meio social.

Hoje, êle acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fóra daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entre-

tanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições.

Essas outras tendências irão continuando, naturalmente, a obra incessante da evolução autónoma do nosso falar, que persistirá fatalmente em divergir do português peninsular, e até do português corrente nas demais regiões do país. Mas essa evolução já não será a do dialecto *caipira*. Este acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve. Legará, sem dúvida, alguma bagagem ao seu substituto, mas o processo novo se guiará por outras determinantes e por outras leis particulares.

Desapareceu quasi por completo a influência do negro, cujo contacto com os brancos é cada vez menor e cuja mentalidade, por seu turno, se modifica rapidamente. O *caipira* torna-se de dia em dia mais raro, havendo zonas inteiras do Estado, como o chamado *Oeste*, onde só com dificuldade se poderá encontrar um representante genuino da espécie. A instrução e a educação, hoje muito mais difundidas e mais exigentes, vão combatendo com êxito o velho *caipirismo*, e já não há nada tão comum como se verem rapazes e crianças cuja linguagem divirja profundamente da dos pais analfabetos.

Por outro lado, a população estrangeira, muito numerosa, vai infiltrando as suas influências, por enquanto pouco sensíveis, mas que por força se farão notar mais ou menos remotamente. Os filhos dos italianos, dos sírios e turcos aparentemente se adaptam com muita facilidade à fonética paulista, mas na verdade trazem-lhe modificações fisiológicas imperceptíveis, que se irão aos poucos revelando em fenómenos diversos dos que até aqui se notavam.

O que pretendemos neste despretencioso trabalho (de que pedimos excusa aos competentes) é — *caracterizar esse dialecto “caipira”*, ou, se acham melhor, *esse aspecto da dialectação portugueza em S. Paulo*. Não levaremos, por isso, em conta todos os *paulistismos* que se nos têm deparado, mas *apenas aquêles que se filiam nessa velha corrente popular*.

E' claro que não é esta uma tarefa simples, para ser levada a cabo com êxito por uma só pessoa, muito menos por um hóspede em glotologia. Mas é bom que se comece, e dar-nos hemos por satisfeito, se tivermos conseguido fixar duas ou tres idéias e duas ou tres observações aproveitáveis, neste assunto, por enquanto, quasi vírgem de vistas de conjunto, sob critérios objectivos. Quanto aos erros que, apesar de todo o nosso esforço, nos hajam escapado, contamos com a benevolência dos entendidos.

* * *

Fala-se muito num “dialecto brasileiro”, expressão já consagrada até por autores notáveis de além-mar; entretanto, até hoje não se sabe ao certo em que consiste semelhante dialectação, cuja existência é por assim dizer evidente, mas cujos caracteres ainda não foram discriminados. Nem se poderão discriminar, enquanto não se fizerem estudos sérios, positivos, minuciosos, limitados a determinadas regiões.

O falar do Norte do país não é o mesmo que o do Centro ou o do Sul. O de S. Paulo não é igual ao de Minas. No próprio interior dêste Estado se podem distinguir sem grande esforço zonas de diferente matiz dialectal — o

Litoral, o chamado “Norte”, o Sul, a parte confinante com o Triângulo Mineiro.

Seria de se desejar que muitos observadores imparciais, pacientes e metódicos se dedicassem a recolher elementos em cada uma dessas regiões, *limitando-se estrictamente ao terreno conhecido e banindo por completo tudo quanto fosse hipotético, incerto, não verificado* pessoalmente. Teríamos assim um grande número de pequenas contribuições, restrictas em volume e em pretensão, mas que na sua simplicidade modesta, escorreita e séria prestariam muito maior serviço do que certos trabalhos mais ou menos vastos, que de quando em quando se nos deparam, repositórios incongruentes de factos recolhidos a todo preço e de generalizações e filiações quasi sempre apressadas.

Tais contribuições permitiriam, um dia, o exame comparativo das várias modalidades locais e regionais, ainda que só das mais salientes, e por êle a discriminação dos fenómenos comuns a todas as regiões do país, dos pertencentes a determinadas regiões, e dos privativos de uma ou outra fracção territorial. Só então se saberia com segurança quais os caracteres gerais do dialecto brasileiro, ou dos dilacetos brasileiros, quantos e quais os subdialectos, o grau de vitalidade, as ramificações, o domínio geográfico de cada um.

Seremos imensamente grato às pessoas que se dignarem de nos auxiliar, de acôrdo com as ideias que aí ficam esboçadas, no aumento e no aperfeiçoamento desta modesta tentativa. A essas recomendamos as seguintes normas a observar:

a) não recolher termos e locuções apenas *referidos* por outrem, mas só os que forem pessoalmente apanhados em uso, na boca de indivíduos desprevenidos;

b) indicar, sempre que fôr possível, se se trata de dicção pouco usada ou freqüente, e se geralmente empregada ou apenas corrente em determinado grupo social;

c) grafá-la sempre tal qual fôr ouvida. Por exemplo: se ouvirem pronunciar *capuêra*, escrever *capuêra* e não *capoeira*. Isto é essencial, e há muitíssimas colecções de vocábulos que, por não terem obedecido a este preceito, quase nenhum serviço prestam aos estudiosos, não passando, ou passando pouco de meras curiosidades;

d) se houver diferentes modos de pronunciar o mesmo vocábulo, reproduzi-los todos com a mesma fidelidade;

c) sempre que possa dar-se má interpretação à grafia adoptada, explicar cumpridamente os pontos duvidosos;

d) ter especial cuidado em anotar os sons peculiares à fonética regional (como o som de *r* em *arara*, ou o som de *g* em *gente*); declarar como devem ser pronunciadas tais letras, no caso de que o devam ser sempre da mesma maneira, e adoptar um sinal para distinguir uma pronúncia de outra, no caso de haver mais de uma (por exemplo, um ponto em cima do *g* quando sôa aproximadamente *dg*, para o diferenciar do que sôa à moda culta; uma risca sôbre o *c*, para significar que é explosivo, como em *chave* (*tchave*), etc.

I. — FONÉTICA

1.º GENERALIDADES

1. Antes de tudo, deve notar-se que a prosódia caipira (tomando o termo *prosódia* numa acepção lata, que também abranja o ritmo e musicalidade da linguagem) difere essencialmente da portuguesa.

O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa.

2. Os *acentos* em que a voz mais demoradamente carga, na prolação total de um grupo de palavras, não são em geral os mesmos que teria esse grupo na boca de um português; e as *pausas* que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso. Na duração das vogais igualmente difere muito o dialecto: se, proferidas pelos portugueses, as breves duram *um tempo* e as longas *dois*, pode-se dizer, comparativamente, que no falar caipira duram as primeiras *dois* tempos e as segundas *quatro*.

Este fenómeno está estreitamente ligado à lentidão da fala, ou, antes, se resolve num simples aspecto dela, pois a linguagem vagarosa, *cantada*, se caracteriza justamente por um estiramento mais ou menos excessivo das vogais (1).

3. Também decorre dessa mesma lentidão, como um resultado natural, o facto de que o adoçamento e elisão das vogais átonas, coisas comuns na pronunção portuguesa, são aqui fenómenos relativamente raros. Com efeito, compreende-se bem que o português, na sua pronunção vigorosa e rápida, torture muito mais os vocábulos, abreviando-os pelo enfraquecimento e supressão das vozes átonas internas, ligando-os uns aos outros pela absorpção das átonas finais nas vogais que se lhes seguem: *subrádu, p'dácu, c'rôa, 'sp'rança, tiátru, d'hoj'em diante, um'august'assemblêia*. Da mesma forma, compreende-se que o caipira paulista, no seu pausado falar, que por força há de apoiar-se mais demoradamente nas vogais, não pratique em tão larga escala essas mutações e elisões.

O caipira (como, em geral, todos os paulistas) pronuncia, em regra, claramente as vogais átonas, qualquer que seja a posição das mesmas no vocábulo: *esperança, sobrado, pedaço, corôa*, e recorre poucas vezes à sinalefa. Nos proprios monossílabos átonos *me, te, se, de, o, que*,

(1) "Cantada" se lhe chama vulgarmente; mas é preciso notar que apesar disso é muito menos *musical* do que aquela que não é assim qualificada. A prosódia portuguesa é mais *musical*, porque comporta muito maior variabilidade de ritmos, de inflexões e modulações, destinados, já a pôr em relevo todo o valor dos termos empregados, já a dar à fala o colorido das emoções que a acompanham. O sr. Said Ali, no livro "Dificuldades da Língua Port.", cap. I, dedica a este assunto um interessante e valioso estudo.

etc., as vogais conservam o seu valor típico bem distinto, ao contrário do que sucede com os portugueses, em cuja pronunciação normal elas se ensurdeceram, assumindo tonalidades especiais.

Póde dizer-se que no dialecto não há vogais *surdas*: todas são distintas, salvos os casos de *queda* ou de *sinalefa*. Daí provem o dizer-se que os caipiras *acentuam todas as vogais*, o que é falso, mas explica-se. E' que não se leva em conta a duração relativa das átonas e tónicas, a que atrás nos referimos.

4. Não podemos, porém, atribuir inteiramente à influência da lentidão e pausa da fala essa melhor prolação das vogais átonas, no dialecto. Haverá também causas históricas, por ora pressentidas apenas.

O fenómeno é, naturalmente, complexo, e são complexas as suas causas; mas é impossível negar que existe pelo menos uma estreita correlação entre um e outro facto.

5. Seria, aliás, muito interessante um estudo acurado das feições especiais da prosódia caipira, com o objectivo de discriminar a parte que lhe toca na evolução dos diferentes departamentos do dialecto. Chegar-se hia de certo a descobertas muito curiosas, até no domínio dos factos sintáticos.

A diferenciação relativa à colocação dos pronomes oblíquos, no Brasil, deve explicar-se, em parte, pelo ritmo da fala e pelo alongamento das vogais (2). Esses pronomes, no português europeu, se antepõem ou pospõem a outras

(2) Veja-se o notável trabalho do sr. professor Said Ali — "Dificuldades da Língua Port.", cap. II.

palavras, que os atraem, incorporando-os. Prosòdicamente, não tem existência autónoma: são sons ou grupos de sons, destinados a adicionarem-se aos vocábulos acentuados, segundo leis naturais inconscientemente obedecidas (ênclise, próclise). Passando para o Brasil, a língua teve que submeter-se a outro ritmo, determinado por condições fisiológicas e psicológicas diversas: era o suficiente para quebrar a continuidade das leis de atração que agiam em Portugal. O alongamento das vogais, dando maior amplitude aos pronomes na pronúncia, tornando mais sensível a sua individualidade, veio acentuar, de certo, aquêlle efeito.

2.º OS FONEMAS E SUAS ALTERAÇÕES NORMAIS

6. Os fonemas do dialecto são em geral os mesmos do português, se não levarmos em conta ligeiras variantes fisiológicas, que sempre existem entre povos diversos e até entre fracções de um mesmo povo; variantes essas de que, pela maior parte, só a fonética experimental poderia dar uma notação precisa. Cumpre, entretanto, observar o seguinte:

a) *s* post-vocálico tem sempre o mesmo valor: é uma linguò-dental *cicante*, não se notando jamais as outras modalidades conhecidas entre portugueses e mesmo entre brasileiros de outras regiões; *s* propriamente *sibilante*, assobiado, e bem assim *chiante*, são aqui desconhecidos. Para produzir êste som a língua projecta a sua ponta contra os dentes da arcada inferior e encurva-se de

modo que os bordos laterais toquem os dentes da arcada superior, só deixando uma pequena abertura sob os incisivos: modo de formação perfeitamente igual ao de *c* em *cedo*. (3)

b) *r* inter e post-vocálico (*arara, carta*) possui um valor peculiar: é *linguò-palatal* e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projectar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento êste que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quasi nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este *r* caipira assemelha-se bastante ao *r* inglês post-vocálico. E', muito provàvelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Êstes não possuíam o *rr* forte ou vibrante, sendo de notar que com o modo de produção acima descrito é impossível obter a vibração dêsse último fonema. (4)

c) A explosiva gutural *gh* tem uma tonalidade especial, sobretudo antes dos semiditongos cuja prepositiva é

(3) Em português há dois sons de *s*: o *reverso*, "produzido com o bordo anterior da ponta da língua na parte interna das gengivas dos incisivos superiores" (é o *s* final de sílaba, como em *mês*) e o *apical*, produzido "com o ápice da língua nas gengivas dos incisivos superiores" (*s*=ç, como em *passo, faça, saber, sapato*). Esta é a classificação do sr. Ribeiro de Vasconcelos na sua *Gram. Port.* No Brasil também se distinguem dois sons de *s*, embora o seu modo de produção, e portanto os seus valores, não sejam exactamente os mesmos que em Portugal. Para o caipira e, em geral para os paulistas, só há um *s*, o *s*=ç, quer modifique voz anterior, quer posterior: *saber, sapato, castigo*; e o modo de produção desse som, que corresponde ao *apical* português, difere sensivelmente do dêste, como se vê pela descrição que fazemos no texto e pela que faz o sr. Vasconcelos.

(4) E' claro que não fazemos questão da denominação, que poderá ser substituída por outra qualquer; aqui só nos interessa o facto. — Ao *r* port. chama-lhe o sr. Ribeiro de Vasc. *ancípite reverso*.

u, casos em que freqüentemente se vocaliza: *óu-na* = água, *léu-ua* = légua).

d) *ch* e *j* palatais são *explosivos*, como ainda se conservam entre o povo em certas regiões de Portugal (5), no inglês (*chief, majesty*) e no italiano (*cielo, genere*).

e) A consonância palatal molhada *lh* não existe no dialecto, como na maioria dos dialectos port. de África e Ásia, e como em vários dialectos castelhanos da América. (6)

7. Os fenómenos de diferenciação fonética que caracterizam o dial. resumem-se desta forma:

VOGAIS

As TÓNICAS, em regra, não sofrem alteração. O único facto importante a assinalar com relação a estas é que, quando seguidas de ciciante (*s* ou *z*), no final dos vocábulos, se ditongam pela geração de um *i*: *rapáiz, méis, péis, nóis, lúiz*. (7).

8. Quanto às ÁTONAS:

Na sílaba pòstónica dos vocábulos graves, conservam o seu valor típico. Não se operou aqui a permuta de *e* final por *i*, que se observa em outras regiões do país

(5) *ch* expl. — "... não existe como som corrente (em Port.) senão no Centro e ao Norte; no Sul, é esporádico", diz o sr. Leite de Vasç. ("Esquisse").

(6) "Tal é a pronúncia das palavras que escrevemos com *lh* que... nem... a podem pronunciar por suas letras... os Arabes e os Mouros da Africa, com tormento." (Duarte N., "Origem").

(7) O motivo da aparição d'este *i* é que, como observa De Gregorio ("Glottologia", cap. III) "dopoché emettiamo una vocale qualunque, e senza interrompere la corrente di aria rimettiamo la lingua a sua posto, la comparsa di *i* dovrà naturalmente seguire".

(*aquêli, êsti*), como não se operou a de *o* por *u* (*povu, digu*), fenómeno êste que se manifestou em Portugal, ao que parece, a partir do sec. XVIII.

Nos vocábulos esdrúxulos, a tendência é para suprimir a vogal da penúltima sílaba e mesmo toda esta, fazendo grave o vocábulo (*ridico* = ridículo, *legite* = legítimo, *cosca* = cócega, *musga* = música. Excepção: *lático* < lá-tego (curiosa reversão à forma originária; cp. *cósca* < *coç'ca* < *cócica*), *sumítico*, *náfico*, etc.

9. Nas sílabas prètónicas, alteram-se mais, como se verá das seguintes notas:

e — a) Inicial, aparece mudado em *i* nasal em *inzame* < *exame*, *ingué* < *igual*, *inzempro* < *exemplo*, *inleição* < *eleição*.

A nasalação de *e* inicial seguido de *x* é fenómeno observado em tempos afastados da língua: *enxame* < *examen*, *enxada* < *exada*, *enxuito* < *ex-suctum*. *Enzempro* encontra-se nos escritores mais antigos. Do mesmo modo *inliçon* (*eleição*)

b) Medial, muda-se frequentemente em *i* (*tisôra*, *Tiodoro*, *piqueno*), sobretudo se há outro *i* na sílaba seguinte: *pirigo*, *dilicado*, *minino*, *atrivido*, *intiligente*, *pidi(r)*, *midi(r)*, *pitiço* (assimilação regressiva).

Na pronúncia normal portuguesa tem-se dado, em tais casos, justamente o fenómeno contrário (dissimilação), embora nem sempre se substitúa *i* por *e* na escrita: *menino*, *preguiça*, *vezinho*, *menistro*. O caipira ainda conserva, como remanescente do que aprendeu dos portugueses, a êste respeito, o nome próprio *Vergílio*, que pronuncia com *e*. Também diz *Fermino*.

Este fonema perdura intacto nos derivados e nas formas

flexionadas, quando tónico nas palavras originárias: *pre-tura*, *pretinho*, *pretejado*, *pedrento*, *medroso*.

10. **o** — Medial, muda-se muitas vezes em *u*: *tabuleta*, *cuzinha*, *dumingo*, sobretudo nos infinitivos dos verbos em *ir*, que o têm na sílaba imediatamente anterior à tónica: *ingulí(r)*, *bulí(r)*, *tussí(r)*, *surtí(r)*. A possuir corresponde a forma dialectal *pissuí(r)*, que também existe em galego. (8)

Nos infinitivos dos verbos em *ar* e *er*, conserva-se: *cobrá(r)*, *cortá(r)*, *broqueá(r)*, *intortá(r)*, *sofrê(r)*, *podê(r)*.

Conserva-se também nos derivados e nas formas flexionadas, quando tónico nas palavras originárias: *locura*, *boquêra*, *porcada*, *mortinho*, *rodêro*.

Conserva-se geralmente, aberto, nos deminutivos de nomes que o têm assim: *pòrtinha*, *pòtinho*, *còbrinho* (ao contrário do que se dá em outros pontos do país, notadamente em Minas, onde estes deminutivos têm o fechado).

11. **eⁿ** (en, em) — Inicial, muda-se em *in*: *imprego*, *incurtá(r)*, *insino*, *imborná(l)*, *insi(lh)á(r)*.

Em inteiro e indireitar, ao contrário, depara-se às vezes o *i* mudado em *e* — *entêro*, *endereitá(r)*, provavelmente por assimilação regressiva. Aliás, as formas inteiro, inteiramente, endereitar, encontram-se em documentos portugueses anteriores à reacção erudita.

12. **õ** (on, om) — Medial, muda-se em *u*, em *lum-bi(lh)o*, *amuntá(r)*, *cume(r)*, *cumpadre*, *cumigo*, *cunversa*,

(8) Leite de Vasconcelos, "Textos arcaicos", glossário.

cumeçá(r) e em geral nos vocábulos cuja sílaba inicial é *cõ*.

GRUPOS VOCÁLICOS (*acentuados ou não*)

13. **ai** (dit.) — Antes da palatal *x*, reduz-se à prepositiva: *baxo, baxêro, faxa, caxa, paxão*.

Dois exemplos de mudança em *êi*: *téipa, réiva*.

14. **ei** (dit.) — Reduz-se a *ê* quando seguido de *r*, *x* ou *j*: *isquêro, arquêre, chêro, pêxe, dêxe, quêjo, bêjo, berada*.

Nos vocábulos em que é seguido de *o* ou *a*, como *ceio, veia*, também aparece às vezes representado por *ê*: *chêo, vêa, cêa*. Cp. a evolução destas palavras no português: *cheio < chêo < che^o < *cheno < plenu(m); veia < vêa < ve^a etc.*

15. **ou e oi** (dits.) — a) Acentuado ou não, contrai-se o primeiro em *ô*: *pôco, tôro, locura, rôpa*.

Em Portugal, bem como no falar da gente culta no Brasil, há notório sincretismo no uso dos ditongos *ou* e *oi*. Para o caipira tal sincretismo não existe: os vocábulos onde êsses ditongos aparecem são pronunciados sempre de um só modo. Assim, *lavôra, ôro, estôro, côro, côve, lôco, bassôra, tôca, frôxo, trôxa*, e nunca *lavoira, oiro*, etc.; por outro lado, *dois, noite, coisa, poiso, foice, toicinho, oitão, afoito, biscoito, moita*, e nunca *dous, noute*, etc. Se há formas sincréticas, são raríssimas.

A causa desta distinção é puramente fonética: note-se, nos exemplos acima, que há *ô* diante dos sons *r, v, k* e *x*, e *oi* deante de *s=ç, z* e *h*.

b) Nas formas verbais em que o acento tónico recai em *ou*, êste às vezes se contrai em *ó*: *róba, estóre, afróxa*. A trouxe corresponde *truxe*; a soube, *sube*.

16. **ein** (em) — Final de vocábulo, reduz-se a *e* grave; *viaje, virge, home, êles corre*.

Parece-nos inútil acentuar que na palavra portuguesa *viagem* e em outras de idêntica terminação existe um verdadeiro ditongo nasal grafado *em* (*viagein, virgein, etc.*) Da mesma fórma existe o ditongo nasal *õu* nas palavras *bom, som, etc.* (*bõu, sõu*).

17. **õu** (om) — a) Na preposição *com*, reduz-se à vogal nasal *un*, quando se segue a essa prep. palavra que comece por consoante: *cum vacê, cum quem vô, cum sigo*, (*com-sigo*). Quando ha ecllipse, reduz-se a *o* grave: *co êle, cos diabo(s)*.

b) Nas palavras *bom, tom e som* muda-se em *ão*: *bãõ, tãõ, sãõ*.

18. **io** (hiato) — Final de vocábulo, ditonga-se sempre em *iu*: *paviu, tiu, riu*.

CONSOANTES

19. **b e v** — Muda-se às vezes uma na outra, dando lugar a várias formas sincréticas:

<i>burbúia</i>	<i>vevúia</i>	<i>borbulha</i>
<i>bassôra</i>	<i>vassôra</i>	<i>vassoura</i>
<i>berruga</i>	e <i>verruqa</i>	<i>verruqa</i>
<i>biête</i>	e <i>viête</i>	<i>bilhete</i>
<i>cabortêro</i>	<i>cavortêro</i>	<i>cavorteiro</i>
<i>jabuticaba</i>	<i>jabuticava</i>	<i>jaboticaba</i>

<i>Piracicaba</i>	e	<i>Pricicava</i>	<i>Piracicaba</i>
<i>mangaba</i>	e	<i>mangava</i> (fruta)	<i>mangaba</i>
<i>vespa</i>	e	<i>vespa</i>	<i>vespa</i>
<i>bagaço</i>	e	<i>vagaço</i>	<i>bagaço</i>
<i>bamo</i>	e	<i>vamo</i>	<i>vamos</i>

20. **d** — Cai, quase sempre, na sílaba final das formas verbais em *ando*, *endo*, *indo*: *andano* = andando, *vendo* = vendo, *caíno*, *pôno*, e também no advérbio *quando*, às vezes.

21. **gh** — Quando compõe sílaba com os semiditongos *iu*, *uá*, *ue*, *ué*, *uê*, *uí*, como em *guarda*, *água*, *tiúera*, *sagui*, torna-se quasi imperceptível, vocalizando-se freqüentemente em *u*. Neste caso, esse *u* ditongou-se com a vogal anterior, e o segundo *u* continúa a formar semiditongo com a vogal seguinte: *óu-ua*, *tiu-uéra*, *u-uí*.

22. **l** — a) Em final de sílaba, muda-se em *r*: *quarquê*, *spér*, *mér*, *arma*.

Na locução tal qual, cai apenas o segundo *l*, porque o primeiro se tornou intervocálico: *talequá*. E' ainda digna de nota a locução adverbial *malemá* (grafada como *malém*), que quer dizer "passávelmente", "sofrivelmente", "assim assim". (Terá provindo de *mal e mal*, *mal* de *mal a mal*, ou ainda de "mal, mal"? fazer um serviço *mal e má*(1): passávelmente, antes *mal e má* de bem; passar *mal e má* de saúde: sofrivelmente).

As palavras terminadas em *al*, *el*, *il*... freqüentemente parecem apócopadas: *má*, *só*, *jorná* = *mal*, *sol*, *jornal*. Não inferir daí que houve queda de *l*. Esse *l* mudou-se primeiro em *r*, e depois caiu êste fonema, de

acôrdo com uma das leis mais rígidas, e mais fàcilmente verificáveis, da fonética dialectal.

E' de notar-se ainda que a pronúncia em questão (*má*, *só*) é mais comum entre os negros, que, submetidos, em geral, ao império das mesmas leis, quando no mesmo meio, não deixam entretanto de diferir dos caboclos e brancos em mais de um ponto.

b) Quando subjuntivo de um grupo, igualmente se muda em *r*: *craro*, *cumprreto*, *cramô(r)*, *frô(r)*.

Esta troca é um dos *vícios* de pronúncia mais radicados no falar dos paulistas, sendo mesmo freqüente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contacto com o povo rude.

(Cp. 6-b).

23. *r* — a) Cái, quando final de palavra: *andá*, *muié*, *esquecê*, *subi*, *vapô*, *Artú*.

Conserva-se, entretanto, geralmente, em alguns monossílabos acentuados, tendo de certo influido nisso a posição proclítica habitual: *dôr*, *cór*, *côr*, *par*. Conserva-se também no monossíl. átono *por*, pela mesma razão, assim como, raras vezes, em palavras de mais de uma sílaba: *amor*, *suôr*. Nos verbos, ainda que monossílabos, cái sempre, provavelmente pela influência niveladora da analogia: *vê*, *í*, *pô*.

b) Esta consonância é de extrema mobilidade no seio dos vocábulos, dando lugar a metáteses e hipéteses freqüentíssimas. (26, i-j).

24. *s* — Cái, quando final de palavra parò ou proparòxítone: *arfére* (alferes). *pire* (pires) *bamo* (vamos), *imo* (imos)

Desaparece também nos oxítonos, quando é sinal de pluralidade: *mau, bambu, avô*.

Conserva-se nos adjectivos determinativos e nos pronomes, ainda que graves, o que se explica, em parte, pela posição proclítica habitual: *duas casa, minhas fiia, arguas pessoa, aquêles minino, êles, elas*. A prova é que, quando não está em próclise, freqüentemente se submete à regra: *aquelas são as MINHA, estas são SUA*. Em parte, porém, essa conservação se deve à necessidade de manter um sinal de pluralidade. Voltaremos oportunamente a este ponto, que é, talvez, mais do domínio dos fenómenos psicológicos na morfologia, do que de ordem fonética.

25. **Ih** — Vocaliza-se em *i*: *espaiado, maio, muié, fiio* = *espalhado, malho, mulher, filho*.

Cp. o que se dá com o *l* molhado em Cuba, na Argentina (*caje* = *calle*, *cabajo* = *caballo*) e na França, onde desde o século XVIII começou a acentuar-se a tendência para a vocalização deste fonema (*batáie*, *Chantií* = *bataille*, *Chantilly*).

3.º MODIFICAÇÕES ISOLADAS

26. Além das alterações francamente *normais*, que ficaram registadas, há toda uma multidão de modificações acidentais, de que daremos alguns exemplos:

a) abrandamento: *guspe* = *cuspo*, *musga* = *musica*.

E' de notar que nos esdrúxulos cócega, náfego e látigo se dá o contrario: *cócica* (e *coçca*), *náfico*, *lático*.

b) assimilação — progressiva: *Carro* = *Carlos*; regressiva: *birro* = *bilro*; *açcançá* = *alcançar*; *digêro* = *ligeiro* (*g* palatal explosivo = *dg*).

c) Aférese: (a)*parece*, (i)*magina*, (ar)*rependeu*, (ar)*ranca*, (a)*lambique*, (al)*gibêra*.

d) Síncope: *pês(se)co* = *pêssego*, *mus(i)ga* = *música*, *isp(i)rito*, *ca(s)tiçar*, *Jeró(ni)mo*, *ridic(ul)o*.

e) Apócope: *Ligite(mo)*.

f) Prótese: *alembirá* = *lembrar*, *avoá* = *voar*. *arripiti* = *repetir*.

g) Epéntese: *rec-u-luta*, *Ing-a-laterra*, *g-a-rampo*.

h) Epítese: *paletor*.

i) Metátese: *perciso*, *pertende*, *purcissão*, *partelêra*, *agardecê*, *aquerditá(r)*.

j) Hipértese: *agordão* (*algodão*), *cardaço*, *cha-coalhá(r)*, *largato*.

27. Devem mencionar-se ainda as formas proclíticas:

de senhor — *nhô*, *seô*, *seu*, *siô*, *sô*;

de senhora — *nhá*, *seá*, *sea*, *sia*, *sa*;

de minha — *mea* e *inha*;

de sua — *sa*;

de não — *num.* (º)

(º) Vêde estas formas no *Vocabulário*.

II. — LÈXICOLOGIA

1. O vocabulário do dialecto é, naturalmente, bastante restricto, de acôrdo com a simplicidade de vida e de espírito, e portanto com as exíguas necessidades de expressão dos que o falam. Esse vocabulário é formado, em parte:

a) de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta;

b) de termos provenientes das línguas indígenas;

c) de vocábulos importados de outras línguas, por via indirecta;

d) de vocábulos formados no próprio seio do dialecto.

ELEMENTOS DO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVI

2. Em verdade, êstes não se limitam ao léxico. Todo o dialecto está impregnado dêles, desde a fonética até a sintaxe. A sua discriminação através dos vários departamentos do dialecto constituiria sem dúvida um dos mais curiosos estudos a que se pode prestar a nossa linguagem rústica, e não só pelo interesse puramente lin-

guístico, senão também pelo clarão que lançaria sobre questões atinentes à formação do espírito do nosso povo.

Sobre a importância linguística, não é necessário insistir, pois ela, por assim dizer, se impõe por definição. Basta notar o seguinte: uma vez reconhecido que o fundo do dialecto representa um estado atrasado do português, e que sobre esse fundo se vieram sucessivamente entretecendo os produtos de uma evolução divergente, o seu acurado exame pode auxiliar a explicação de certos factos ainda mal elucidados da fonologia, da morfologia e da sintaxe histórica da língua. Por exemplo: a pronunção clara de *e* e *o* átonos finais comprova o facto de que o ensurdecimento dessas vozes só começou em época relativamente próxima, pois de outro modo não se comprehenderia por que o caipira analfabeto pronuncia *lado, verdade*, quando os portuguezes pronunciam *lado, verdade*'.

3. São em grande número, relativamente à extensão do vocabulário dialectal, as formas esquecidas ou desusadas na língua. Lendo-se certos documentos vernáculos dos fins do seculo XV e de princípios e meados do seculo XVI, fica-se impressionado pelo ar de semelhança da respectiva linguagem com a dos nossos roceiros e com a linguagem tradicional dos paulistas de "bôa família", que não é senão o mesmo dialecto um pouco mais polido.

Na carta de Pero Vaz Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na língua, mas ainda bem vivos no falar caipira: *inorância, parecer* (por *aparecer*) *mêa* (adj. *meia*), *u^{na}*, *trosquia*, *imos* (vamos), *despois*, *reinar* (brincar), *preposito*, *vasios* (região da ilha-ga), *luitar*, *desposto*, *alevantar*, "volvemo nos já *bem noute*", "veemo nos *nas naus*", "lançou o *na praya*".

4. Os elementos arcaicos da língua, conservados no vocabulário dialectal, dividem-se, naturalmente, em arcaismos de forma, de significação, e de forma e significação (1). Exemplos:

ARCAISMOS DE FORMA

acupá(r)	inorá(r)
agardecê(r)	livér
argua (* nasal)	lua (* nasal)
avaluá(r)	malino
Bertolomeu	manteúdo
correição	ninhua (* nasal)
cresçudo	premêro
dereito	repuná(r)
eigreja	reposta
ermão	saluçó
escuitá(r)	somana
estãmeço	sojeitá(r)
fermoso	sojigá(r)
fruita	sovertê(r)
imburuiá(r)	súpito
intrúido	teúdo
inxúito	trusquia

ARCAISMOS DE SENTIDO

aério	perplexo
dona	senhora
função	baile, folguedo
praça	povoado
reimá(r)	fazer travessuras
salvar	saudar

(1) Poderiam distinguir-se ainda os arcaismos que correspondem a formas intermediárias regulares, como *eigreja*, e os arcaismos que apenas representam modificações acidentais, como *acupar*.

ARCAISMOS DE FORMA E SENTIDO

arreminado	indócil
contia	quantidade qualquer
cuca (arc. côco, côca) .	ente fantástico
escotêro	o que viaja sem bagagem
imitante (como participio)	—
modinha	cançoneta
punir	defender, “pugnar”
sino-samão	signo de Salomão

5. Abundam igualmente as locuções arcaicas ou, pelo menos, de sabor arcaico bem pronunciado:

a modo que	—
a pôs, a pôs de	em pôs de
antes tempo (sem prep.)	antes da hora, antecipadamente
a par de	junto, ao lado
de verdade	de véras
de primeiro	outrora
em antes de	antes de
no mais	não mais
neste meio	entrementes

6. E' natural que, diante de certas formas apontadas como arcaicas (*ermão, somana*), haja dúvida se de facto se trata de arcaísmo, se de mera coincidência. Num ou noutro caso, esta última hipótese será talvez a mais aceitável: por exemplo, se o nosso povo pronuncia *craro, frôr*, não se deve ter pressa em ligar essas formas, historicamente, às idênticas que se encontram em velhos documentos da língua; pois que tais formas, antes de mais nada, obedecem a uma lei da fonética local, a permutação de *l* subjuntivo por *r*. Mas, *ermão, somana*, etc., só se podem explicar como formas recebidas dos colonizadores, pois, além de se encontrarem em escritos antigos, se con-

firmam por outros factos análogos da língua, ao passo que mal se acomodam às regras que actuam na alteração dialectal dos vocábulos.

ELEMENTOS INDÍGENAS

7. Das línguas dos autóctones, ou, melhor, do tupi, recebeu o dialecto grande quantidade de termos.

A nossa população primitiva, durante muito tempo, antes da introdução do negro, era, pela maior parte, composta de indígenas e de mestiços de indígenas. Da extensão que teve a língua dos aborígenes no falar dos primitivos dois ou tres séculos da nossa existência, dão testemunho flagrante, além de muitos vocábulos que entraram nos usos sintáticos correntes, os não menos numerosos topónimos, que se encontram nas vizinhanças dos centros de população mais antigos.

8. Quanto a isto sobressai a capital com seus arredores, onde abundam os nomes tupis, os-quaes vão escasseando pelo interior, nas zonas mais novas, onde, ainda assim, os que se nos deparam são em boa parte artificialmente compostos. Só no município de São Paulo e nos que com êle confinam se contam por dezenas os rios, riachos, montes, bairros, fazendas e povoados com denominações tupis tradicionais (2):

(2) Na grafia das palavras indígenas adoptamos aqui as seguintes regras principais: — dispensar o acento nos oxítonos em *u* e *i*, visto que são agudos todos os vocábulos que terminam com essas vogais; — substituir *q* por *c* quando se segue *u* sonoro (*Caçacúera*); — substituir *h* por acento agudo nos hiatos; — obedecer

Acu	Cupecê	Itaperoá	Parí
Ajuá	Ebirapuéra	Itap'cirica	Piquiri
Aricandrva	Gopóva	Itareré	Pirajussara
Anhangabaú	Guacuri	Ipiranga	Pirituba
Baquiruvu-guassu	Guaiáúna	Jaceguava ou	Pirucaia
Bopi	Guaió	Jaceguai	Prati
Botucuará	Guapira	Jacuné	Poá
Buçucaba	Guaracaú	Jaguaré	Quitúna
Butantan	Guarapiranga	Jaraguá	Saracura
Caguassu	Guarará	Jaraú	Tacuaxiara
Cabussu	Guaratim	Juquiri	Tamanduátel
Caçacuéra	Guaiáú	Jurubatuba	Tamburé
Caçandora	Guavirutuba	Mandaqui	Tatuapé
Caçapava	Imbiras	Mandi	Tremembé
Cangüera	Itaberaba	Mbci	Tucuruvi
Canindé	Itacuaquecetuba	Mocca	Uberaba
Caraguatá	Itacuéra	Murumbi	Utinga
Carapicuíba	Itaguassu	Mutinga	Votussununga
Choruróca	Itaim	Nhanguassú	Voturantim
Cocaia	Itapariçuera	Pacaembú	

9. Os nomes de animais contam-se por centenas. Uma parte dos mais conhecidos:

acará	guará	maracanã	sucuri
anu	guariba	mucuim	suindara
araponga	guaripu	mumbuca	surubi
arapuá	guaru-guaru	mussurana	sussuarana
arara	güira	mutuca	tabarana
bacurau	içá	mutum	tamanduá

de preferência à pronúncia corrente do povo (*Voturantim* e não *Votorantin*, *jaboticava* e não *jaboticaba*); — substituir y final por i (*pari*). Contra esta última grafia objectam alguns que seria bom conservar o y porque essa letra corresponde ao som do ü alemão, lombardo e francês, existente no tupi. Entretanto, já ninguém faz, nem saberia fazer sempre distinção entre as palavras indígenas que tinham o som de i e as que tinham o som de ü. Demais, vocabulos há em que o som tupi se mudou em u. Porque não inventar também uma distinção para esse u proveniente de ü?

baitaca	inhambu	nhaçanf	tambijua
bigua	irara	paca	tambiu
biriba	itobi	pacu	tanjura
borá	jacaré	pairiru	tangará
caçununga	jacu	piaba	taperá
cambucu	jaburu	piapera	tarira
canitana	jacutinga	penembi	taçuirá
capivara	jaguatirica	piracambucu	tatêto
cará-cará	jaó	piracanjuba	tatorana
chabó	japu	piraju	tatu
coró	japuíra	pirambóia	tietê
cuati	jaravaca	piranha	tiriva
cuiú-cuiú	jatei	sabiá	tovaca
cumbé	jaú	sabiá-cica	tuim
cupúu	jiquitiranabóia	sabiá-póca	tuiuva
curiango	jundiá	sabiá-una	tuvuna
curimbatá	juruti	sanhaço	uru
curió	lambari	sanharão	urabu
curruira	mamangava	saracura	urutau
currquerê	mandaçáia	sará-sará	urutu
cutia	manlaguari	saúva	xororó
gambá	mardi	sirifema	xupiu
gaturamo	mendorová	siri	
giboia	manduri	socó	

10. Não são menos abundantes os nomes indígenas de vegetais, de que daremos algumas dezenas, a guiza de exemplificação :

abacate	capixingni	ipê	piri
abacaxi	capituva	jaborandi	pitanga
andaguassú	caraguatá	jabuticava	piúva
araçá	caruúba	jacarandá	samambaia
arnêra	caróba	jacaré	sangui
araribá	caruru	janá	sapé
araticum	catanduva	jaracatiá	sapuva
açatunga	cipó	jarivá	sumáuma
bacaba	crindiuva	jataí	taióva

baguassu	grumixama	jiquitaia	taíúva
bractí	guahiroba	jiquitibá	tacuará
brejaúva	guãihê	jovéva	tacuari
buriti	guardu	juá	tacuaritinga
bucuva	guapê	jurena	tacuarussu
butiá	guapocari	macaúba	timbó
cabiúna	guareróva	manná	timbori
cabriúva	guanxuma	mandióca	tiririca
caiapiá	guaraiúva	mangava	trapoeraba
cajuru	guaratá	maracajá	tucum
cambuci	guatambu	maçaranduva	urucu
cambuí	imbaúva	nhapindá	urucurana
canjarana	imbúia	orindiúva	uvá
canxim	indaiá	perova	
capim	ingá	pipóca	

11. Nomes de diferentes fenómenos, accidentes, productos da natureza, doenças, etc.:

beréva	cupim	piracema	tabatinga
bossoróca	joçá	pororóca	taguá
cambuquira	manipuéra	quiréra	tijuco
capão	nambiuvu	sambiquira	tupururuca
capuéra	pacuéra	sapiróca	
catapóra	pichuá	sororóca	
catinga	picumã	suá	

12. Nomes de utensílios, aparelhos, objectos de uso, alimentos, etc.:

arapuca	juquiá	petéca	saracua
arataca	muquéca	pindacuêma	solimão
arimbá	mipeva	pipóca	sururuca
caxerenguengue	pamonha	piruá	tacuru
chuã	pamonã	pito	tipiti
jacá	pari	pussaguá	
jacuba	paçoca	samhurá	
jiqui	patuá	sapicuá	

13. Nomes referentes a usos, costumes, abusões, etc.:

bitatá	canhembora	caruru	piracuara
buava	capuava	guaiú	saci
caicara	cateretê	mumbava	tapéra
caipira	catira	perequê	tiguéra
caipora	coivara	piá	

14. Adjectivos, e substantivos usados como tais:

aiva	jururú	pepuira	punga
chimbeva	macaia	pereréca	sarambé
ité	nambi	piricica	turuna
jaguané	napéva	piririca	
javevó	pangaré	piúva	
jissi	pararaca	pururuca	

15. Todos os vocábulos acima citados são, com uma ou outra excepção apenas, de origem tupi.

Esta língua, como diz o sr. Teodoro Sampaio no seu precioso livrinho “O Tupi na Geografia Nacional”, vicejou próspera e forte em quasi todo o país, sobretudo em S. Paulo e algumas outras capitánias. Aqui, segundo aquêlê escritor, a gente do campo falava a *língua geral* até fins do seculo XVIII. Todos a sabiam, ou para se exprimir, ou para entender. Era a língua das *bandeiras*; era a de muitos dos próprios portuguezes aqui domiciliados.

E' o que explica essa absoluta predominância do tupi, entre as línguas brasílicas, na toponímia local, na nomenclatura de animais e de plantas e em geral no vocabulário de procedência indígena.

E' possível, entretanto, como dissemos, que haja excepções. Mesmo sem outros elementos de suspeita, pode-se duvidar que todos os vocábulos vulgarmente apresen-

tados como tupis de facto sejam dessa língua, ou mesmo de qualquer outra língua brasílica, considerando-se apenas as dificuldades de ordem geral que embaraçam todo trabalho etimológico em idiomas não escritos, cujas formas variam tanto no tempo e no espaço, e se acham tão sujeitas, em bocas estranhas, a profundas corrupções voluntárias e involuntárias. (3)

16. Muitos dos vocábulos de procedência indígena flutuam numa grande variabilidade de formas, principalmente certos nomes de animais e de plantas: *açatonga*, *açatunga*, *guaçatonga*, *guaxatonga*; *caraguatá*, *crauatá*, *crauatá*; *tarira*, *taraira*, *traíra*; *maitaca*, *baitaca*; *corimbatá*, *curumbatá*, *curimatá*. Na terminação vogal + b + vogal, geralmente usada pela gente culta, o caipira prefere quasi sempre *v* a *b*: *jabuticava*, *mangava*, *beréva*, *tiriva*, *taióva*, *saúva*.

A origem destas incertezas está em que a nossa fonética nem sempre possui sons exactamente correspondentes aos indígenas. O *u* consoante (*w*) foi desde cedo interpretado de varios modos: por uns como *v*, por outros como *b*, por outros ainda como *gh*: é o que explica as variações *caraguatá*, *carauatá*, *crauatá*, — *capivara*, *capibara*, *capiguara*, — *piaçava*, *piaçaba*, *piaçágua* (cf. *Piaçagùêra*), etc.

A pronúncia popular, nêstes casos, é a melhor. O povo, directa e inconscientemente influenciado pela fonética indígena, conserva ainda sinais dessa influência na própria incapacidade para bem apanhar o som distincto de *v* em

(3) O mesmo sr. Teodoro Sampaio cita no seu livro diversos vocábulos portuguesíssimos, nos quais a fantasia de etimologistas apressados quiz lobrigar material indígena; tais, entre outros, *Jurumenha* e *Mecejana*.

vocábulos portugueses: daí pronúncias, que às vezes se ouvem, como *guapô* por *vapor*. etc. (4)

ELEMENTOS DE VÁRIA PROCEDÊNCIA

17. A receptividade do dialecto em relação a termos de origem estranha é muito limitada, porque as necessidades de expressão, para o caipira, raramente vão além dos recursos ordinários.

O caipira genuino vive hoje, com pouca diferença, como vivia há duzentos anos, com os mesmos hábitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de ideias. Daí o conservar teimosamente tantos arcaísmos — e também tantos termos especiais que, vivos embora no português europeu, são às

(4) Por causa destas flutuações, acontece que alguns colectores de termos apanham apenas uma ou duas das formas de um vocábulo, quando seria muito interessante, para o estudo fonético e etimológico, conhecerem-se todas as que ocorrem. Outras vezes apanham em diferentes ocasiões duas ou mais formas do mesmo vocábulo, sem defini-las claramente, e assim passam elas a figurar nos léxicos como palavras distintas. O dicionário do sr. Candido de Figueiredo, onde o autor se esforçou por juntar o maior numero de brasileirismos, recorrendo a quantas contribuições poude haver as mãos, depara-nos frequentemente a mesma palavra sob diversas formas, — ou então as mesmas formas sob as enganadoras vestimentas de grafias diversas. Por exemplo:

"CATOCAR, v. t. — dar sinal a, tocando com o cotovêlo, com o pé ou com a mão; chamar a atenção de. (De um pref. arbitrário e *tocar*).

CUTUCAR, v. t. — tocar levemente com o dedo, ou com o cotovêlo, para chamar a atenção; acotovelar. (Do tupi *cutuca*.)"

(As mesmas formas acima se encontram escriptas *catucar*, *cotucar* e ha ainda *tatucar* e *tutucar*).

"CORIMAN, peixe do Tocantins.

CURIMAN, peixe de agua doce.

CORIMATAN, saboroso peixe do Tocantins.

CRUMATA', peixe de água doce.

CURIMATA', espécie de salmão."

(Em S. Paulo há *curimbatá*, *curumbatá*, etc., que não figuram na edição de 1889, a que nos reportamos no momento.)

vezes completamente desconhecidos, aqui, da gente da cidade, tais como *chêda*, *tamoeiro*, *cambota*, *náfego*, etc. Daí, também, o não precisar tanto de termos novos, que, pela maior parte, ou designam coisas a que vive alheio, ou ideias abstractas que não atinge.

18. Dos vocábulos estrangeiros modernamente introduzidos na língua e que são de uso corrente no falar das pessoas mais ou menos cultas, êle só tem aceite alguns, poucos, relativos a objectos de uso comum, produtos de artes domésticas, etc.: *paletô* (que desterrou por completo o vernáculo *casaco*), *croché*, *cachiné*, *revórve*, etc.

19. Existem entretanto no dialecto muitos vocábulos (além dos brasílicos e parte dos africanos) que não lhe vieram por intermédio da língua. Destas aquisições, umas pertencem ao dialecto geral do Brasil, outras resultaram da própria actividade paulista. Exemplos:

Do guarani, do quichúa (5):

chacra	guaiava	iapa	purungo
garôa	guaiaça	pampa	

Do castelhano:

amarilho	cola	lunanco	porvadêra
aragano	empalizado	parêia	rengu
caraquento	enfrenar	pareiêro (6)	retovado
cincha	entreverar	piticho	rinha
cochonilho	lonca	perrengue	

(5) Estes termos encontram-se no R. G. do Sul, no Uruguai, na Argentina: — *chacra*, *guaiava* (goiaba), *guaiaça* e *pampa*, sob formas idênticas; a *garôa* corresponde lá *garúa*; a *purungo*, *porongo*; *iapa* existe no Rio Grande sob a forma *ihapa*.

(6) *Pareia* = *parelha*, de "pareja"; *pareiêro* = *parelheiro*, de "parejero".

Dos dialectos ibero-sul-americanos e do vocabulário sul-rio-grandense :

bagnal	guasca	pala	ponche
gaúcho	matungo	pangaré	retaco

Quasi todos êsses termos nos vieram por intermédio do Rio Grande do Sul, com o qual mantiveram outrora os paulistas intensas relações de comércio, sobretudo de comércio de animais, sendo frequentíssimas as viagens de tropeiros de uma para outra província. Dessas relações guardam ainda os vocabulários e os costumes populares de lá e de cá numerosíssimos elementos comuns, não só de origem estrangeira, como de elaboração própria.

20. A maior parte dos vocábulos africanos existentes no dialecto caipira não são aquisições próprias. A colaboração do negro, por mais estranho que o pareça, limitou-se à fonética; o que dêle nos resta no vocabulário rústico são termos correntes no país inteiro e até em Portugal :

angn	cacunda	macóta	quingengue
banguéla	carimbo	malungo	quisília
batuque	caximbo	mandinga	samba
binga	cuxilo	missanga	sanzala
cacbaça	lundu	quilombo	urucungo

21. Há um certo número de provincianismos brasileiros de origem africana, que, recebidos pela maior parte do Norte, aqui se introduziram no falar das cidades e na linguagem literária, mas não penetraram no dialecto: tais, por exemplo, *cangerê*, *cacimba*, *candomblê*, *giló*, *munguzó*, *quingombô*.

FORMAÇÕES PRÓPRIAS

22. Com os elementos que vieram do português, do tupi e de outras línguas, formaram-se no Brasil numerosos vocábulos, principalmente por derivação, — já no seio do povo paulista, que através do seu movimento de expansão pelo território nacional os levou a longínquas regiões, já em outras terras, de onde foram trazidos.

Encontra-se no falar caipira de S. Paulo, e na própria linguagem das pessoas educadas, toda uma multidão de neologismos derivados, alguns muito expressivos e já indispensáveis àquêles mesmos que procuram fugir à influência do regionalismo:

VERBOS (7)

abombar	chifrar	frautear	moquear
aforar	chatear	fuchicar	passarinhar
ami(lh)ar	coivarar	fuçar	pealar
asperejar	covejar	grammar	pererecar
assuntar	cutucar	intijucar	pescocear
barrear	desbarrancar	inquisilar	petecar
bestar	descabeçar	imbirotar	pinicar
bobear	descanhotar	impaçocar	piriricar
bolear	descangicar	impipocar	pitár
buçalar	descoivarar	lerdear	prosear
capengar	desguaritar	mamparrear	pururucar
campear	desmunhecar	mantear	sapecar
capinar	facerar	miquear	tapear
catingar	fachear	moçar	trotear (8)
cavortear	festar	molear	

(7) Está entendido que o *r* final não se pronuncia (*Fonética*, 23.)

(8) Incluímos aqui diversos vocábulos que, embora coincidam em formas portuguesas conhecidas e correntes, foram entretanto es-

SUBSTANTIVOS

areão	cabocrada	gaúchismo	poetage
bobage	caiçorada	gentama	porquêra
botina	caipirada	gentarada	rodada
barrigada	caipirismo	jabuticavêra	rodêro
bestêra	caiporismo	lapiana	sapezar
bodecada	capina	moçada	sitiante
boquêra	capinzar	moçarada	soberbia
bugrêro	capuçerão	micage	taquarar
buraquêra	chifrada	mulecada	tijucada
burrage	chifradêra	mulecage	tijuquêra
cabeção	corredêra	mulequêra	varrição
carpa	dada	ossama	
carpição	derrame	perovêra	
cavadêra	eguaia	piazada	

ADJECTIVOS

abobado	espeloteado	filante	pracião
abombado	impacador	franquêro	sabereite
atimboado	impipocado	mamôte	supitoso
bermento	inredêro	micagêro	
catinguento	facêro	passarinhêro	
catingudo		peitudo	

pontâncamente derivados, entre nós, de temas idênticos ou semelhantes. Assim:

BOLEAR — v. trans.: deitar por terra (pessoa ou animal). Expressão tirada do emprego das *bolas*, aparelho usado para pegar animais nos campos de criação do sul do Brasil.

BOBEAR — v. trans.: enganar, *fazer de bobo* (alguem).

CHIFRAR — v. trans.: marrar. Derivado de *chifre*.

DESCABEÇAR — v. trans.: limpar (um terreno) de touceiras e tocos.

GRAMAR — v. trans.: cobrir de grama plantada (um terreno).

MANTEAR — v. trans.: iludir (alguem) em negócio, especialmente em barganha. Condensação da frase proverbial "passar a manta".

CAMPEIRO — subst.: homem que lida com animais no campo.

23. São em menor número as palavras formadas por composição, e estas, na maior parte, pela juxtaposição de elementos com a partícula subordinante *de*:

dôr-d'-óio (olhos)	fruta-de-lobo
sangue-de-tatu	áua-de-açucré (agua de açúcar)
sangue-de-boi	cordão-de-frade
rabo-de-tatu	mer-de-pau (mel)
arma-de-gato (alma)	pedra-de-fogo
orêia-de-onça (orelha)	baba-de-moça
pente-de-mico	abobra-d'-áua
unha-de-gato	côro-de-arrasto (couro)
língua-de-vaca	pau-de-espinho
cachorro-do-mato	barriga-de-áua
gato-do-mato	tacuara-do-reino
pé-de-muleque	pimenta-do-reino
óio-de-cabra	canário-do-reino
barba-de-bóde	quejo-do-reino

Por juxtaposição directa e por aglutinação:

quatro-pau(s)	tatu-canastra	quebra-cangaia	arranha-gato
cinco-nerva(s)	méde-léua (leguas)	mata-sete	passa-treís
mandioca-braba	vira-mundo	tira-prosa	quatróio (olhos)
abobra-minina	chora-minino	tira-scisma	minhòcussu

Por prefixação:

entreparrar	descoivarar	desaguaxado	descoivarado
-------------	-------------	-------------	--------------

e outros vocábulos já citados quando tratámos da derivação.

24. Muitas palavras há, entre as portuguesas, que tem sofrido aqui mudanças mais ou menos profundas de sentido. Exemplos tomados entre os casos de mais pronunciada diferenciação:

ATORAR — partir à pressa, resolutamente; fugir.

CANA — cana de açúcar.

CAIËRA — grande fogueira festiva.

CANDIËRO — guia de carro de bois.

CAPADO, subst. — porco castrado.

DESMORALIZAR, v. trans. — fazer perder o entusiasmo, o brio.

DESPOTISMO — enormidade.

INTIMAR — ostentar. Daí *intimação* e *intimador*.

FAMILIA (*famía*) — no plural, filhos.

FRUITA — jaboticaba (usada sem determinação, tem este unico sentido).

FUMO — tabaco.

FINTAR — faltar dolosamente a uma divida.

IMUNDICIA — caça miuda.

LOJA — armazem de fazendas a retalho.

MANGAÇÃO — vadiação.

MANGAR — vadiar.

PIÃO — domador.

PINGA — aguardente de cana.

PILINTRA — casquilho.

PATIFE — medroso; sensível.

PANDÓRGA — desmazelado, moleirão.

PINHO — viola.

RANCHO — cabana de campo.

SCISMA — desconfiança; presunção.

SÍTIO — propriedade agrícola menor que a *fazenda*.

TABACO — rapé.

25. Outras palavras, conservando o seu sentido, ou sentidos, têm adquirido novos:

AGUAS — direcção das fibras da madeira.

BABADO — fólho de vestido de mulher.

DÓBRE — canto (de pássaro), repique (de sino).

DOBRAR — cantar (o pássaro), repicar (o sino).

ESTACA — cabide.

LADRÃO — desvio de uma regueira ou açude; broto de cafeeiro.

SANGRADÓ(URO) — ponto do pescoço do boi, ou outro animal, onde se embebe a faca ao matá-lo.

SAIA — fronde que oculta o tronco desde o solo.

VÍRGEM — póste de moenda.

SOLDADO — certo pássaro.

TOMBADO(URO) — lugar onde tombam as águas de um salto.

VAPÓ(R) — locomotiva.

III. — MORFOLOGIA

FORMAÇÃO DE VOCÁBULOS

1. Como já mostrámos (“Lexicologia”, “Formações próprias”) o dialecto tem dado provas de grande vitalidade, na formação de numerosos substantivos e adjectivos, quer por composição, quer por derivação. De ambos os processos fornecêmos muitos exemplos.

Registamos agora, aqui, um curiosissimo processo de reduplicação verbal, corrente não só entre os caipiras de S. Paulo, mas em todo o país, ou grande parte dêle.

Para exprimir acção *muito repetida*, usa-se uma perífrase formada com o auxiliar *vir*, *ir* *estar* *andar*, seguido de infinitivo e gerúndio de outro verbo. Assim: *vinha pulá(r)-pulando*, *ia caí(r)-caíndo*, *estava* ou *andava chorá(r)-chorando*.

A explicação dêste fenómeno alguns tem querido ir buscá-la ao tupi, “refugium” de tantos que se cansam a procurar as razões de factos obscuros e complicados da linguagem nacional. Não nos parece que seja preciso apelar para as tendências reduplicativas daquela língua, em primeiro lugar porque essas tendências são universais; em segundo lugar, porque se trata de palavras bem portuguezas, ainda que combinadas de maneira um tanto ex-

tranha; em terceiro lugar, porque há na nossa própria língua elementos para uma explicação, tão boa ou melhor do que a indiática.

E' sabido que, no tempo dos autores quinhentistas, o uso do gerúndio nas perífrases (como *a n d a c a n t a n d o*), era muito mais vulgar do que hoje. Actualmente, em Portugal, o povo prefere, quasi sempre, a construção com infinitivo (*a n d a a c a n t a r*). Assim, a concorrência decisiva entre os dois processos se pronunciou justamente após a descoberta do Brasil. A particularidade em questão é talvez legado genuino dessa época de luta, no qual se reúnem a modalidade mais frequente outrora, importada pelos primeiros povoadores, e aquela que depois veio a predominar. O nosso povo, — inculto, em grande parte producto de mestiçagem recente, aprendendo a custo o mecanismo da língua, — diante dos dois processos concurrentes, não atinou, de certo, com as razões por que se preferia ora um, ora outro, e acabou por combiná-los. Depois, como um efeito, — que não como causa da reduplicação, — os verbos assim combinados sofreram uma pequena evolução sematológica no sentido da intensificação do seu valor iterativo. Assim, temos, em esquema:

Port. — <i>V i n h a</i>	}	a v i r a r	}	(a) <i>virá(r) virando</i>
Dial. — <i>Vinha</i>		a <i>virá(r)</i>		
		ou		
		v i r a n d o <i>virando</i>		

Corroborá esta hipótese o facto de que o nosso caipira, usando a todo o momento de perífrases com gerúndio de acódo com a velha língua, só muitíssimo raramente

empregará, isolada, a forma popular portuguesa de hoje, — infinitivo com prep. Isto confirma que esta forma lhe terá causado estranheza desde cedo, originando-se daí a confusão. (1)

2. Varias formações teratológicas já foram apontadas e ainda o serão adiante, neste capítulo (Flexões de número). Queremos, aqui, deixar apenas registrados os seguintes processos de que ainda não tratámos:

a) A ETIMOLOGIA POPULAR tem sido fonte de numerosas formas vocabulares novas: de "guapê", voc. de origem tupi, fez-se *aguapé*, por se vêr nêle um composto de agua e pé; de "caa-puan", mato redondo, ilha de mato, fez-se *capão*; de "caa-puan-era", *capoeira*; de *cobrélo*, *cobreiro* (cobra suf. eiro); de *torrão*, *terrão*, etc.

b) Também a DERIVAÇÃO REGRESSIVA dá origem a outros termos: assim, de *paixão*, se fez *paixa*, por se tomar

(1) Só há uma dificuldade. Tanto em S. Paulo, como no Norte, há quem tenha registado, em vez do infinitivo, a forma da 3.ª pessoa sing., na combinação de que se trata. Assim, — em vez de *virá-virando*, seria *vira-virando*. Não temos, presentemente, meios de verificar a realidade com segurança. Se, porém, as nossas reminiscências não nos enganam, sempre temos ouvido estes verbos como os descrevemos. Cornélio Pires, notável observador do dialecto, assim mesmo os grafa nos seus contos regionais: "... foi simhora pra drento *pendê-pendeno*..." A confusão, em que julgamos terem caído os que registam a outra forma, proveiu, de certo, de que a aglutinação dos dois elementos torna muito leve, e às vezes difficilmente perceptível, o acento tónico do primeiro, — acento êsse que passa a ser secundário.

Ainda uma razão a nosso favor: se o primeiro elemento fosse a forma da 3.ª pessoa, pouco compreensível seria que a combinação se applicasse a qualquer das outras pessoas, como se applica. O calpira tanto diz — *ÊLE vinha caí-caíndo*, como *EU vinha caí-caíndo*. *Caí-caíndo* seria excessiva teratologia.

aquela forma como um aumentativo; de satisfação, por idêntico motivo, se tirou *sastifa*, com lúpertese de *s*.

GÊNERO

3. O adjectivo e o particípio passado deixam, frequentemente, de sofrer a flexão genérica, sobretudo se não aparecem contíguos aos substantivos: *essas coisarada BUNITO, as criança távum QUÉTO, as criação ficárum PESTIADO*.

NÚMERO

4. Já dissemos algo sôbre o som de *s-z* no final dos vocábs. (I, 24). Vamos resumir agora tudo o que se dá com êsse som em tal situação.

Se bem que se trate aqui de flexões, é impossível separar o que se passa com o *s* final, tomado como sinal de pluralidade, do que succede com êle em outras circunstâncias; e difficilimo se torna reconhecer, em tais factos, até aonde vão e onde cessam a acção puramente fisiológica, do domínio da fonética, e a acção analógica, do domínio das formas gramaticais. Porisso faremos aqui uma exposição geral dos factos relativos ao *s* final:

a) Nos vocábulos átonos, conserva-se: *os, as, nos* (contração e pronome), *nas*. Aliás, há pronunciada tendência para tornar tónicos esses vocábulos, pela ditação: *ois, ais*, etc. A conjunção *ma s* tornou-se *mais*.

b) Nos oxítonos, conserva-se, — salvo quando mero sinal de pluralidade: *crúiz, retróis, nóis (nós), nóis (nóz), júiz, ingrêis, vêiz (vêz), dois, três, déiz, fáiz, fiz, diz, páiz (paz), pois*.

Como sinal de pluralidade, desaparece: *os pau, os nó, os ermão, os papé, as frô(r), os urubú*. Exceptuam-se os determinativos *uns, arguns, seus, meus* (sendo que êstes dois últimos, quando isolados, perdem o *s*: *estes carro são SEU', esses não são os MEU'*). Há hesitação em alguns vocábulos, como *péis* ao lado de *pé'*. *Réis* conserva-se, por se ter perdido a noção de pluralidade (*isto não vale nem um réis*); semelhantemente, *pasteis, pernís, côis*.

c) Nos vocábulos *PARÒ* e *PROPARÒXÍTONOS*, desaparece: *um arfére, os arfére, o pire, os pire; dois home; os cavallo, os lático; nós fizémo, vamo, saímo*.

Quando o *s* pluralizador vem precedido de vogal a que se apoia, desaparece também esta: *os ingrêis* (ingleses), *as páiz* (pazes), *às vêiz* (vezes), *as côr* (côres).

Exceptuam-se os determinativos, que conservam o *s*: *u^{as}, argu^{as}, certos, muitos, êstes, duas, suas, minhas*, etc. assim como o pronome *êles, elas*. Quando pronominaes, porém, os determinativos podem perder o *s*: *Estas carta não são as MINHA*.

5. De acôrdo com as regras acima, — e abstraído-se das flexões verbais, — a pluralidade dos nomes é indicada, geralmente, pelos determinativos: *os rei, DUAS dama, CERTAS hora, U^{as} fruta, AQUÊLES minino, MINHAS ermã, SUAS pranta*.

6. O qualificativo foge, como o subst., à forma pluralizadora: *os rei MAGO, duas casa VENDIDA, u^{as} fruta VERDE, as criança távum QUETO*. Abrem excepção apenas algumas construcções, quase sempre expressões ossificadas, em que há anteposição do adject.: *boas hora, boas tarde*.

7. Esta repugnância pela flexão pluralizadora dá lugar a casos curiosos. A frase exclamativa *há que anos!*” equivalente a *há quantos anos!*”, sofreu esta torção violenta: *há que zano!* (ou^o simplesmente *que zano!*) Ouve-se frequentemente *bamozimbora*. Não se deve interpretar como *bamos + embora*, mas como *bamo + zimbora*, pois o som de *z*, resultante originariamente da ligação de *vamos* com *embora*, passou a ser entendido pelo caipira como parte integrante da segunda palavra; tanto assim que diz: *nóis bamo*, e diz: *êle foi zimbora*. Prótese semelhante se dá em *zóio* (olhos), *zarreio* (arreios), com o *s* do art. def. plur. — Outro caso curioso é o que se dá com a expressão portuguesa *uns pares dêles*, ou *delas*, que o nosso caipira alterou para *uns par dêle* e *u^{as} par dela*. A frase — *Vai-me buscar uns pares dêles*, ou *delas*, assim se traduzirá em dialecto: *Vai-me buscá uns par-dêle*, ou *u^{as} par-dela*, como se *par-dêle* e *par-dela* fossem as formas do masculino e do feminino de um simples substant. colectivo.

GRADAÇÃO

8. As flexões de grau subordinam-se às regras gerais da língua. Apenas algumas observações:

a) QUANTIDADE — O aumentativo e o diminutivo têm constante emprego, sendo que as flexões vivas quasi se limitam a *ão ona* para o primeiro, *inho inha, ico ica* para o segundo.

Nos nomes próprios de uso mais generalizado, há grande número de formas consagradas: *Pedraõ, Pedróca; Zê, Zézico, Zéca, Zêquinha, Juca, Juquinha, Jica, Jéca* (José); *Quim, Quinzinho, Quinzóte* (Joaquim); *Joanico, Janjão, Zico* (João); *Totó, Totico, Tonico* (Antonio); *Mandú, Manduca, Maneco, Mané, Manêcão, Mandquinho* (Manuel); *Carola* (Carolina); *Marica, Maricóta, Mariquinha, Mariquita, Maruca, Maróca* (Maria); *Colaca, Colaquinha* (Escolástica); *Anica, Aninha* (Ana); *Tuca, Tuda, Tudinha, Tudica* (Gertrudes).

O emprego do aumentat. e do demin. estende-se largamente aos adjectivos e aos próprios advérbios: *longinho, pertinho, assinzinho, agorinha*. Acompanham estas últimas formas particularidades muito especiais de sentido: *longinho* equivale a “um pouco longe”; *pertinho*, a “bem perto, muito perto”; *assinzinho*, a “dêste pequeno pôrte, deste pequeno tamanho”; *agorinha*, a “nêste mesmo instante”, “há muito pouco”, “já, daqui a nada”.

Dir-se hia existir qualquer “simpatia” psicológica entre a flexão deminutiva e a ideia adverbial. São expressões correntes: *fulá BAXINHO, parô UM BOCADINHO, andava DÊSTE GEITINHO, vô lá NUM INSTANTINHO, falô DIREITINHO, ia DE VAGARINHO, fartava no sêrviço CADA PASSINHO*, etc.

b) COMPARAÇÃO — As formas sintéticas são frequentemente substituídas pelas analíticas: *mais grande, mais pi-
queno, mais bõo, mais rúin* e até *mais mió, mais pió*.

c) SUPERLATIVIDADE — Quase inteiramente limitada às formas analíticas.

FLEXÕES VERBAIS

9. PESSOA — Só se empregam correntemente as formas da 1.^a e 3.^a pessoas. A 2.^a pessoa do sing., embora usada às vezes, por ênfase, assimila-se às formas da 3.^a: *Tú num cala essa bôca? Tú vai?* A 2.^a do plur. aparece de quando em quando com suas formas próprias, no imperativo: *oiái, cumei*.

10. NÚMERO — O plural da 1.^a pessoa perde o *s*: *bamo, fômo, fazêmo*. Quando esdrúxula, a forma se identifica com a do sing.: *nóis ia, fosse, andava, andasse, andaria, fazia, fizesse, fazeria*. Nas formas do preter. perf. do indic. dos verbos em *ar*, a tónica muda-se em *e*: *trabaiêmo = trabalhámos, caminhêmo = caminhámos*.

O plural da 3.^a modifica-se: *quêrim, quirium, quizêrum, quêirum; ándum, andávum, andárum, ándim*. No pres. do indic. de *pôr, ter, vir*, as formas da 3.^a pessoa são: *ponham, tenham, venham*.

11. MODOS E TEMPOS — O fut. imperf. do indic. exprime-se com as formas do presente: *eu vô, nós fazêmo, êle manda*, por “eu irei”, “nós faremos”, “êle mandará”. Entretanto, dúbilitivamente, empregam-se as formas próprias, às vezes modificadas: *Fazerêmo? — Fazerá? — Não sei se farei — Quem sá se fazerão! Será verdade? Sei lá se irei!*

12. Com o condicional se dá cousa parecida. Correntemente, é expresso pelas formas do imperf. do indic.: *eu dizia, êle era capáz*; mas: *Dizeria? — Não sei se poderia — Seria verdade?*

13. Aparecem não raro formas próprias do imperativo, do sing. e do plur., — *anda, puxa, vai, andai, correi, trabai*; são, porém, detrictos sem vitalidade, que se empregam sem consciência do seu papel morfológico, de mistura com as formas da 3.^a pessoa, únicas vivas e correntes.

PRONOMES

14. *Tú* tem emprego puramente enfático, ligando-se a formas verbais da 3.^a pessoa: *tú bem sabia, tú vai, tú disse*. *Vóis* (vós) já não se ouve, senão, talvez, excepcionalmente.

15. Os casos oblíquos *nos, vos* tem emprego muito restricto: na maior parte das vezes preferem-se-lhes as formas analíticas *pra nós, pra você*. *Vos* já não corresponde a *vós*, mas a *vacê*: — *v. já deve de sabê, porque eu vos disse muntas vêis*.

16. Outras formas pronominais: *a gente, u^a pessoa* (ambas correspondentes ao francês *on*); *você* e suas variantes, todas muito usadas, *vacê, vancê, vossuncê, vassuncê, mecê, ocê*.

17. Um facto que merece menção, apesar de pertencer mais ao linguajar dos pretos boçais do que propriamente ao dialecto caipira: a invariabilidade genérica do pronome *êle*, junta à invariabilidade numeral. Quando se trata de indicar pluralidade, o pronome *êle* se pospõe ao artigo def. *os*, e tanto pode referir-se ao género masculino, como ao feminino: *osêle, zêle fôro zimbora* — *êles* (ou *elas*) *foram-se embora*.

IV. — SINTAXE

1. A complexidade dos fenómenos sintáticos, ainda pouco estudados no dialecto, — apenas *enumerados* às vezes, — não permite por ora sequer tentativas de sistematização. Só depois de accumulado muito material e depois de êste bem verificado e bem apurado é que se poderão ir procurando as linhas gerais da evolução realizada, e tentando dividi-lo em classes.

O material que conseguimos reunir é pouco, e ainda não estará livre de incertezas e dúvidas; mas foi colhido da própria realidade viva do dialecto, e tão conscienciosamente como o mais que vai exposto nas outras partes dêste trabalho.

FACTOS RELATIVOS AO SUJEITO

2. Há no dialecto uma maneira de indicar o sujeito *vagamente determinado*, isto é, *um indivíduo qualquer* de uma classe ou *indivíduos quaisquer* de uma classe. Exprime-se por um substantivo no singular sem artigo: *Cavalo tava rinchando — Macaco assubiô no pau — Mamono tá rebentano* (Um cavalo estava a rinchar, rinchava — Um macaco assoviou, macacos assoviaram no pau — O mamono está, os mamonos estão rebentando).

3. Convém acrescentar, porém, que a supressão do art. def. antes do sujeito, mesmo determinado, não é rara: *Patrão não trabaia hoje — Pai qué que eu vó — Chuva tá caíno.*

4. Quando o sujeito é algum dos colectivos *gente, família, etc.*, o verbo aparece freqüentemente no plural: *Aquela gente são muito bão(s) — A tar família são levado da breca — A cabocrada tãõ fazeno festa.*

Encontra-se esta particularidade, igualmente, no falar do povo português, e vem de longe, como provam numerosos exemplos literarios. Um de Camões (Lus., I, 38):

Se esta gente que busca outro hemisfério,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vitupério.

Outro, de Duarte N. (“Orig.”, cap. 2.º):

.... com hu^a gente de Hespanha chamados indigetes...

5. As cláusulas infinitivas dependente de *para* têm por sujeito o pronome oblíquo *mim*, nos casos em que o sujeito devêra ser *eu*: *Ele trôxe u^{as} fruta pra mim cumê(r).*

Êste, como muitos outros, como quase todos os factos da syntaxe caipira e popular de S. Paulo, repete-se nas outras regiões do país. Um exemplo dos “Cantos populares” de S. Romero:

Ora toque, seu Quindim,
Para mim dansar.

PRONOME

6. O pronome *êle* e *ela* pode ser objecto directo: *Peguei êle, enxerguei elas.*

Este facto é um dos mais generalizados pelas diversas regiões do país. Dêle se encontram alguns exemplos em antigos documentos da lingua; mas é claro que o brasileirismo se produziu independentemente de qualquer relação histórica com o fenómeno que se verificou, sem continuidade, no período ante-clássico do português.

7. O pronome oblíquo *o* e *a* perdeu toda a vitalidade, aparecendo quase unicamente encravado em frases ossificadas: *Que o lambeu!* etc.

8. Sobre as formas *nos* e *vos*, vêr o que ficou dito na "Morfologia".

9. De *lhe* só usam os caipiras referido à pessoa com quem se fala. Assim, dizem êles, dirigindo-se a alguém: — *Eu já le falei, fulano me affianô que le escrevia*, i. é, "eu já lhe falei" (ao senhor, a você), "fulano me assegurou que lhe escrevia" (a você, ao senhor).

Pode dizer-se, pois, que o pronome *lhe*, conservando a sua função de pronome da "terceira" pessoa *gramatical*, só se refere, de facto, à "segunda" pessoa *real*.

Aludindo a um terceiro indivíduo, o caipira dirá: *Eu já decrarei p'ra êle, fulano me garantiu que escreveu p'ra êle.*

10. J. Mor. (1.º vol.), tratando do emprêgo de formas pronominais nominativas como complemento seguido de prep. (no aragonês, provençal, valenciano, etc.), diz:

De construção semelhante encontram-se exemplos nos “Cantos populares do Brasil”, interessante publicação do sr. Sílvio Romero:

Yayá dá-me um doce,
Quem pede sou eu;
Yayà não me dá,
Não quer bem a e u.

É possível que no Norte do país se encontre essa construção. Em S. Paulo o caipira diz: *Não qué bem eu*, sem prep., ou *não me qué bem eu*. Aliás, isto é facto isolado. A regra, quando se trata da primeira pessoa, é usar dos casos oblíquos: *Não me qué, não me obedece, não me visitô*.

CONJUGAÇÃO PERIFRÁSTICA

11. Na conjugação perifrástica o gerúndio é sempre preferido ao infinitivo precedido de preposição, vulgar em Portugal e até de rigor entre o povo daquele país. (J. Mor., cap. XX, 1.^a vol.). Aqui se diz, invariavelmente: — *Anda viajando* — *la caindo, estão florecendo*, ao passo que, em Portugal, especialmente entre o povo, se diz em tais casos: “estou a estudar”, “anda a viajar”, “ia a cair” ou “para cair”, etc.

O nosso uso é o mesmo dos quinhentistas e seiscentistas, dos quais se poderia citar copiosíssima exemplificação. Escrevia frei Luís de Sousa na “Vida de Dom Frei Bartolomeu”, de perfeito acôrdo com a nossa actual maneira:

...ia fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deos; offereceu-sc-lhe á vista não longe do caminho... um menino pobre, e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe andavam pastando...

12. A acção reiterada, contínua, insistente, é expressa por uma forma curiosíssima: *Fulano anda corrê-corrêno p'ras ruas sem o quê fazê — A povre da nha Tuda véve só chorá-chorano despois que perdeu o marido* (V. "Morf.", 1).

TER E HAVER

13. O verbo *ter* usa-se impessoalmente em vez de *haver*, quando o complemento não encerra noção de tempo: *TINHA munta gente na eigreja — TEM home que não gosta de caçada — Naquêle barranco TEM pedra de fogo.*

14. Quando o complemento é tempo, ano, semana, emprega-se às vezes *haver*, porém, mais geralmente, *fazer*: *Já FÁIZ mais de ano que eu não vos vejo — Estive na sua casa FÁIZ quinze dia.*

15. *Haver* é limitado a certas e raras construcções: *Há que tempo! — Há quanto tempo foi isso? — Num hái quem num saiba.* Nessas construcções, o verbo como que se anquilosou, perdendo sua vitalidade.

Restringimo-nos, entretanto, neste como em outros pontos, a indicar apenas o facto, sem o precisar completamente, por falta de suficientes elementos de observação.

Vem a propósito referir que a forma *hai*, contracção e ditongação de *há a í* (por " *ha i* ", que se encontra em muitos documentos antigos da língua) só é empregada, que saibamos, nestas condições:

— quando precede ao verbo o advérbio *não*, como no exemplo dado acima;

— quando o verbo termina a proposição: *E' tudo quanto hai — Vô vê se inda hai.*

“CHAMAR DE”

16. O verbo *chamar*, na acepção de “qualificar”, emprega-se invariavelmente com *de*: *Me chamô DE rúin* — *Le chamava DE ladrão.*

O verbo *chamar* (diz, referindo-se a Portugal, J. Mor., cap. XXVIII, 1.º vol.)... não se usa hoje com tal construcção nem na linguagem popular nem na literária, mas teve-a em outro tempo, do que se encontram exemplos, como no seguinte passo de Gil Vicente, vol. II, p. 435:

Se casasses com pãção,
Que grande graça seria
E minha consolação!
Que te chama de ratinha
Tinhosa cada meia hora
etc.

ORAÇÕES RELATIVAS

17. Nas orações relativas não se emprega *senão que*. Nos casos que, em bom português, reclamam êste pronome precedido de preposição, o caipira desloca a partícula, empregando-a no fim da frase com um pronome pessoal. Exemplos:

A casa em que eu morei
O livro de que falei
A roupa com que viajava

A casa... que eu morei NELA
O livro... que eu falei DÊLE
A rôpa... que viajava CUM ELA.

18. Freqüentemente se suprimem de todo a preposição e o pronome pessoal, e diz-se: *a casa que eu morei, o livro que eu falei*, ficando assim a relação apenas subentendida.

19. Os relativos o qual, quem e cujo são, em virtude do processo acima, reduzidos todos a que:

O cavalo com o qual me viram aquêlê dia	O cavallo QUE me virum cum êle aquêlê dia
A pessoa de quem se falava	A pessoa QUE se falava dela
O homem cujas terras comprei	O home QUE eu comprei as ter- ra dêle.

Em Portugal observa-se entre o povo idêntico fenómeno, isto é, essa tendência para a simplificação das fórmulas das orações relativas. Lá, porém, tais casos são apenas freqüentes, e aqui constituem regra absoluta entre os que só se exprimem em dialecto, — regra a que se submetem, sem o querer, até pessoas educadas, quando falam despreocupadamente.

20. Outra observação: lá, o relativo quem precedido de *a* se resolve em *l he*, e aqui só se substitui por *pra êle*. Assim a frase — “o menino a quem eu dei meu livro” será *traduzida*, pelo popular português: “o menino que eu lhe dei um livro”; pelo nosso caipira: *o minino que eu dei um livro pra êle* (ou *prêle*).

Seria mais curial que, em vez de *pra êle*, se dissesse *a êle*; mas há a notar mais esta particularidade, que o nosso povo inculto prefere sempre a primeira preposição à segunda.

NEGATIVAS

21. Na composição de proposições negativas, o adv. já, corrente em português europeu, é de todo desconhecido no dialecto. Em vez de “já não vem”, “já não quero”, diz à francesa, ou à italiana, o nosso caipira (e com êle, ainda aqui, toda a gente está de acôrdo, por todo o país): *num vem MAIS, num quero MAIS.*

Esta prática é tão geral (diz, referindo-se ao Brasil, J. Mor., cap. XXX, 1.º vol.) que os próprios gramáticos não sabem ou não querem evitá-la. Assim, Julio Ribeiro, na sua *Gramática Portuguesa*, escreve: “Hoje não é mais usado tal advérbio.” Entre nós dir-se hia: “já não é usado” ou “já não se usa tal advérbio”.

A observação é em tudo exacta. Só lhe faltou acrescentar que, como tantas outras particularidades sintáticas de que nos ocupamos, tambem desta há exemplos antigos na língua, e talvez até em Gil Vicente, que J. Mor. tão bem conhecia e a cada momento citava. Eis um exemplo, onde, pelo entrecho, *mais* pode ser tomado como negativo:

ANJO — Não se embarca tyrannia
Neste batel divinal.

FIDALGO — Não sei porque haveis por mal
Qu’entre minha senhoria.

ANJO — Pera vossa fantasia
Mui pequena he esta barca.

FIDALGO — Pera scnhor de tal marca
Não ha hi mais cortezia?

Um exemplo bem positivo de J. B. de Castro, “Vida de Cristo”, liv. IV):

*Meu paç, contra Deus : contra vós pequei e não mereço que me chameis mais vosso filho...

22. O emprêgo de duas negativas — *n i n g u e m n ã o*, *n e m n ã o*, etc., assim contíguas, — vulgar na syntaxe portugûesa quinhentista, mas hoje desusado na língua popular de Portugal, e na língua culta tanto lá como cá, — é obrigatório no falar caipira: *Nem eu num disse — Ninguém num viu — Ninguém num fica.*

Dêste uso no sec. XVI pode-se apresentar copiosa exemplificação.

23. Mas há factos mais interessantes. A negativa não repetida depois do verbo: *não quero não, não vou não*, parece puro brasileirismo. Encontra-se, porém, repetidas vezes em Gil V., como neste passo:

Este serão glorioso
Não he de justiça, não.

(Auto da Barca do Purg.)

24. Também o trivial *n e m n a d a*, depois de uma preposição negativa, tem antecedentes que remontam pelo menos a Gil V.:

Sam capellão d'hum fidalgo
Que não tem renda *n e m n a d a*.

(Farça dos Almocreves).

CIRCUNSTÂNCIA DE LUGAR

25. O lugar *para onde* é indicado com auxílio da preposição e m: *Eu fui* IM *casa* — *Ja* NA *cidade* — *Juguei a pedra* N' *agua* — *Chegô* NA *jinela* — *Vortô* NO *sítio*.

Dêste facto, comum a todo o Brasil, e ao qual nem sempre escapam os próprios escritores que procuram seguir os modelos transoceânicos, se encontram numerosos exemplos em antigos documentos da língua, e ainda há vestígios nas expressões usuais: *cair no laço*, *caí em mim*, *sair em terra* (J. Mor., cap. XXIV, 1.º vol.)

CIRCUNSTÂNCIA DE TEMPO

26. Os complementos de tempo são, na linguagem portuguesa de hoje, empregados quase sempre com uma preposição (a, e m), destinada a estabelecer uma espécie de liame que satisfaça o espírito do falante. Assim, dizemos: “*Fui lá numa segunda-feira*” — “*No dia 5 êle virá*” — *Anda por aqui a cada instante*”, etc.

O caipira atem-se mais à tradição da língua. Êle dirá: *Fui lá n'ua segunda-fêra* — *Dia 5 êle vem* — *Anda por aqui cada passo* — *Mando noticia quarquê instante* — *Nunca está in casa hora de cumida*.

Compare-se com os seguintes exemplos, entre outros citados por J. Mor. (cap. XXV, 1.º vol.):

E o dia que fôr casada
Sahirei ataviada
Com hum brial d'escarlata —
(Gil V.)

Esta ave nunca sossega,
He galante e muito oufana;
Mas a hora que não engana
Não he pega.
(Gil V.)

Aquel dia que os romãos foram vençudos veerom a Rei Ar-
tur hu^{as} mui maas novas.

(“Demanda do Santo Graal”).

CIRCUNSTÂNCIA DE CAUSA

27. Como o povo em Portugal (J. Mor., cap. XXVI, 1.^o vol.) o nosso caipira usa a fórmula *por amor de* para exprimir circunstância de causa. “Hei de ir a Régoa no domingo *pr amor de* ver se compro os precisos” — é exemplo citado por Júlio Moreira. Em frase semelhante o caipira diria quase idênticamente: “Hei d’i na vila dumingo *pramor de* vê se compro os perciso” Poderia, também, dizer simplesmente: *mór de vê*, ou ainda *mó de vê*.

28. Outra fórmula caipira: *por causa de*, com o mesmo valor de *por causa de*. Essa alteração de causa em *causo* deve-se, talvez, a confusão com caso (que o caipira mudou em *causo*).

E’ de notar que em Gil V. se encontra *por caso*. O mesmo poeta escreveu frequentemente “caiso (subst.), o que mostra que talvez se dissesse também “por caiso”, e quem sabe se até “por causo”, como o nosso caipira.

V — VOCABULÁRIO

O QUE CONTÉM ESTE VOCABULARIO

Este glossário não se propõe reunir, como já dissemos em outro lugar, todos os brasileirismos correntes em S. Paulo. Apenas regista vocábulos em uso entre os roceiros, ou caipiras, cuja linguagem, a vários respeitos, difere bastante da da gente das cidades, mesmo inculta.

Quanto a esses próprios vocábulos, não houve aqui a preocupação de indicar todos quantos constam das nossas notas. Deixámos de lado, em regra geral, aquêles que não temos visto usados senão em escritos literários, por mais confiança que os autores dêstes nos merecessem.

Iguais reservas tivemos com os nomes de vegetais e animais. Alguns dêstes, dados por diversos autores como pertencentes ao vocabulário roceiro, nunca foram por nós ouvidos, talvez por mera casualidade. Não os indicamos aqui. Outros, não poucos, estão sujeitos a tais flutuações de forma e a tais incertezas quanto à definição (o que é muito comum na nomenclatura popular), que, impossibilitados, muitas vezes, de proceder a mais detidas averiguações, preferimos deixá-los também de lado por enquanto.

AS VÁRIAS FÓRMAS

Registam-se os vocábulos, em primeiro lugar, em **VERSAL**, na sua fôrma dialectal mais frequente, e como a pronunciam. Outras fôrmas pronúncias, quando há, se registam, quase sempre, logo na mesma linha (para não alongar demasiado este glossário), e em **VERSALETE**.

Quando as formas dialectais diferem sensivelmente das correspondentes da lingua, escrevem-se também estas, na mesma linha, em *itálico*. Nos casos em que a diferença pode ser indicada no próprio

título do artigo, assim se procede, como em ABOMBA(R), onde a queda de *r* está suficientemente assinalada.

ABONAÇÕES

As citas que se fazem logo após as definições, para as esclarecer, levam muitas vezes indicação de autor, entre parêntese. Não quer isto dizer que os vocábulos tenham sido colhidos em tais escritores, pois até citamos algumas frases de autores estranhos ao Estado de S. Paulo; quer dizer apenas que tais vocábulos foram aí usados com o verdadeiro valor que lhes dão os roceiros paulistas.

Tendo de juntar às definições frases que dessem melhor ideia dos termos, achámos que seria interessante tirar essas frases de escritores conhecidos e apreciados, desde que quadrassem perfeitamente com o uso popular. Apenas lhes fizemos algumas modificações de grafia.

ABREVIATURAS

Alem das abreviaturas de nomes de autores e outras que constam da lista inserta em outro lugar, há no vocabulário as seguintes, que convem esclarecer:

adj.	— adjetivo, a	p.	— página
adv.	— advérbio, adverbial	part.	— participio
Br.	— Brasil	prep.	— preposição, prepositiva
bras.	— brasileiro, brasileiro- rismo	pl.	— plural
cast.	— castelhano	Port.	— Portugal
conj.	— conjunção	port.	— português
det.	— determinativo	pron.	— pronome, pronominal
dial.	— dialecto, dialectal	q.	— qualificativo
ext.	— extensão	rel.	— relativo
f.	— feminino	signif.	— significação
fig.	— figurado, figurada- mente	subst.	— substantivo
i.	— intransitivo	sing.	— singular
intj.	— interjeição	t.	— termo
loc.	— locução	t.	— transitivo
m.	— masculino, a	v.	— verbo
		voc.	— vocábulo
		V.	— Veja

O signal || separa da definição exemplificação do termo qualquer comentário ou nota que se julgou útil acrescentar.

ABANCA(R)[SE] — v. pron. — sentar-se: “Entre i se *abanque*”.
|| De banco.

ABANCA(R), v. i. — fugir: “O dianho do home, quano viu a coisa feia, *abancô*.”

ABERTO DOS PEITO(S), — diz-se do animal de sela ou tiro, que, andando, cai para a frente.

ABOBADO, q. — atoleimado, pateta: “O cabo da guarda sopenhou Quirino, *abobado* de medo, fazendo-o cambetear para dentro da salinha.” (C. P.) || Com signif. semelhante, Gil V. empregou a t a b o b a d o, t. cast.

ABOMBADO, q. — diz-se do animal de sela, tiro ou carga, extenuado de fadiga. Por ext. tambem se aplica a pessoa: “Era em Fevereiro, eu vinba *abombado* da troteada... (S. L.).

ABOMBA(R), v. i. — extenuar-se (o animal).

ABRIDERA, s. f. — aguardente de cana. || De abrir (o apetite).

AÇA, AÇO, q. — albino. || Usado em quase todo o Brasil.

ACARA, s. m. — peixe tambem chamado, no Brasil, *cará* e *papa-terra* (R. v. I.).

ACAUSO, s. m. — casualidade: “Isso se deu por um *acauso*”.
|| V. CAUSO.

ACERTA(R), v. t. — ensinar (o animal de sela) a obedecer à rédea. || V. ACERTADÔ(R).

ACERTADÔ(R), s. m. — indivíduo que *acerta* animais de sela: “Passaram-se anos Eulália teve que aceitar o Vicente do Rancho, moço de boa mão de boa cabeça, quando êle deu os últimos repassos num piquira macaco do pai dela e entrou a cercar-lhe a mãe de carinhos e presentes. O *acertador* não enxergava terra alheia quando olhava da janela para fora...”. (V. S.).

ACOCA(R), v. t. — mimar com excesso (a criança): “Esse tar num dá pra nada. Tamem, pai e a mãe só sabium *acocá* êle...”
|| Cp. à c o c a, expressão port., tambem *cuca*, *côca* e *côco*. V. a primeira destas palavras.

ACOCHA(R), v. t. — torcer como corda: “E’ perciso *acochá* meió esse fumo.” || De cochar.

ACUPA(R), *ocupar*, v. t. || “De tudo isto tenbo feyto hum roteiro que poderá a cupar duas mãos de papell... (Carta de d. João de Castro ao rei, escrita em Moçambique.)

ADONDE, *onde*, adv. ||

Só nas partes mais altas pareciam
Uns vestígios das torres que ficavam,
A d o n d e a vista mais que determina
E' medir a grandeza co'a ruina.

(G. P. de Castro, “Ulisseia”)

Tambem no Norte do Brasil persiste esta fórma:

Eu ante quiria sê
a pedra a d o n d e lavava
sua roupa lavandêra

(Cat., “Meu Sertão”)

AFINCA(R), v. t. — embeber, cravar (qualquer objecto delgado e longo): “*Afinquei* o pau no chão” “Não *afinque* prego na parede.” “O marvado *afincô* faca no ôtro.” || E' port., como *fincar*, mas com acepções diversas.

AFITO, s. m. — mau olhado. || Apesar de nunca termos ouvido êste voc., só o havermos encontrado num escrito (“A Superst. Paulistana”, eng. E. Krug), resolvemos registrá-lo, por ser dos mais curiosos. E' palavra antiga na língua com a significação de indigestão, diarreia (“Novo Dic.”). Em cast. existe a *hito*, q., — o que padece de indigestão ou embaraço gástrico. Comparando-se isto com o sentido que dão à palavra os calpiras, segundo o citado escritor, e com a expressão “deitar o fito”, equivalente a “deitar mau olhado”, que se encontra em Gil V., pode deduzir-se que a significação primitiva do voc. port. e cast. deve ter sido, mais extensamente, a de — indisposição causada por mau olhado, quebranto.

AFORA(R), v. t. — tirar fora, subtrair. Usado apenas sob a forma do gerúndio, “*aforando*”: “Vinticinco, *aforan(d)o* quatro, são vintium.” || Acreditamos que seja hoje bem raramente usado

êste expressivo verbo, que ouvimos muitas vezes, porém há algumas dezenas de anos, e só numa localidade paulista (Capivari).

AGORINHA, adv. — agora mesmo, neste instante.

AGREGADO, s. m. — indivíduo que vive em fazenda ou sítio, prestando serviços avulsos, sem ser propriamente um empregado.

AGRÊSTE, q. — ríspido, intratável, desabrido: “Nunca vi home tão *agrêste* como aquêl nho Tônico!”. — Também indica certos estados de ânimo indefiníveis e desagradáveis: “Num sei o que é que tenho hoje: tô *agrêste*...”

AGUAPÉ, s. m. — plantas que boiam à superfície das águas remansosas ou paradas. || Do tupi?

AGUARDECÊ(R), AGARDECÊ(R), *agradecer*, v. t. || Encontra-se guardaço na “Cron. do Cond.” (“o que vos eu guardaço muito tenho em seruiço...”, cap. XI), provavelmente por errada analogia com guardar. A forma dialectal, que também aparece com frequência aferesada, deve provir do mesmo engano. — Na citada “Cron.” encontra-se igualmente *agardeeço*: “E o mestre seedo dello ledo mādou logo chamar Nunalvrez e *agardeeço* lhe muyto o que com Ruy Pereyra fallara...”, cap. XVI.

AGUAXADO, q. — entorpecido por longa inactividade pela gordura (o animal de sela). || Há quem escreva *aguachado* e ligue o voc. a *guacho*, mas erradamente. Origina-se, ao que parece, do árabe *alguaxa*, de onde castelhana *aguaja* (úlceras ou tumor aquoso que se forma nos cascos dos cavalos ou das bestas) português *ajuaga* (“tumor nos cascos das bestas”, segundo “Novo Dic.”). — Parece indiscutível que o vocáb. veio do castelhana pela fronteira do sul, região onde é conhecido e usado. A mudança de sentido deu-se evidentemente pela similitude dos efeitos do tumor e da gordura, causas que por igual embaraçam a marcha. Como se deu essa mudança, eis que é mais difícil explicar. Talvez tenha influido nisso a palavra *aguado*, já existente em port., e, segundo certos autores, com a mesma origem (J. Rih., “Fabordão”). — As palavras *aguado*, *aguar*, *aguamento*, são correntes em Portugal e Brasil. *Aguado* diz-se do animal *atacado de certa doença que lhe tolhe os movimentos*: por aqui se prenderá a *alguaxa*, tumor do casco. Essa doença caracteriza-se por uma abundancia de líquido seroso, que os nossos roceiros dizem existir no *pesçoço* do animal e que se

faz vasar, geralmente, por meio de sangria: por aqui se relaciona com água. A doença é atribuída pelo povo, ao menos em alguns casos, a desejo insatisfeito de comer: ainda uma influência de água, pois o apetite faz *vir água à boca*. Também se diz de uma criança que ela *agrou* quando ficou triste e descaída por vêr outra criança mamar, não podendo imitá-la, ou por lhe apeteecer coisa que não lhe podia ser dada. — Há razões para se desconfiar que a sangria atrás referida seja mera abusão de alveitaria bárbara, possivelmente originada, como tantas usanças e mitos, numa falsa etimologia. De *alguaxa* ter-se hia extraído *aguar*, *aguado*, por se ver ali o tema de água. Tratando-se de animal *aguado*, era forçoso que houvesse água, e foram descobri-la no pescoço, não já nos cascos, como seria mais razoável. Existe essa água? Os roceiros afirmarão que sim, sem admitir dúvida, mas há quem duvide. Eis o que diz, por exemplo, o dr. E. Krug: "Deve ser considerado superstição o tratamento de animaes *aguados* por intermédio de uma sangria, que se executa no pescoço. Esta superstição é muito espalhada no nosso Estado e mesmo pessoas que se devia presumir possuírem maiores conhecimentos na zootecnia usam-na. O estar *aguado* do animal nada mais é do que um crescimento irregular dos cascos, geralmente devido a um excesso de marcha, etc., isto, certamente, não se pode curar sangrando um animal. Diz-se que, depois de uma sangria, quando esta é feita de um só lado, o animal fica sempre manco; para se evitar este inconveniente sangra-se o animal dos dois lados. Não posso dizer se isto é também superstição ou factó verificado praticamente." — Cp. o cast. *aguas*, ferida ulcerosa na região dos machinhos ou nos cascos dos animais; *aguacha*, água pôdre; *aguachar-se*, alagar-se, e outros vocáhs. que tem, quasi todos, correspondentes em port. — Em Goiás, segundo se depreende de uma frase do novelista Carv. Ramos ("Tropas", 25), corre a expressão "aguar dos cascos": ... o macho mascarado trazido à escoteira, sempre à mão, ... *aguara dos cascos* na subida da serra de Corumbá...

AfVA, q. — adoentado, mofino. || O "Novo Dic." regista o voc. com significação diversa: "pessoa ou coisa sem valor, insignificante." Em S. Paulo não se entende assim. — Do tupi *aíha*, ruim (Mont.).

AJÓPE!, intj., usada pelos tropeiros para estimular os animais.

ALACRANADO, LACRANADO, q. — diz-se de coisa cuja superfície está cheia de talhos e esfoladuras, como de dentes ou de espinhos. || Derivado de *alacran* (o mesmo que *lacrau*, *lacrãia*, *alacrãia*), se é que não veio feito do cast., em cujo vocabulário antigo existiu forma igual, com significação de “mordido de lacrau”.

ALAMAÇO, adj. patr. — fôrma dupla de *alemão*, muito antiga na língua.

ALEGRE, s. m. — faca recurva com que se fazem colheres de pau. || Corr. de *legra*, que “Novo Dic.” regista como provincialismo alentejano de origem castelhana.

ALELÚIA, f. — fêmea alada do cupim, que sai, às centenas, dos ninhos, à tarde, e se desfaz das asas com extrema facilidade, logo que não mais necessita delas. O mesmo que *sará-sará?* (R. v. I.) || V. *SIRILÚIA*.

ALEMBRÁ(R), *lembrar*, v. || Esta prótese vem de muito longe na história da língua, e ainda é pop.

Alembrava-vos eu lá?
(Gil V., “Auto da Índia”.)

ALEMBRANÇA, *lembrança*, s. f.

ALEMÓA, *alemã*, fem. de *alemão*.

ALIFANTE, *elefante*, s. m. || Forma ant., e pop. tanto no Brasil como em Port.

ALIMÁ, ALIMAR, LIMAR, *animal*, s. m. — Entenda-se “animal cavalgar. || ... me parece ainda mais que som coma aves ou alimares monteses... (Carta de Caminha).

AMARELÃO, MARELÃO, s. m. — anquilóstomose.

AMARELÁ, MARELÁ, *amarelar*, v. i. — empalidecer de repente: “Quano o Chico uviu vóiz de prisão, *marelô*”.

AMARIO, AMARILHO, q. — baio com crina e cauda brancas (cavalo); mesmo que “baio amarelho”. || Cast. *amarillo*.

AMARRA(R)¹ v. t. i. — estacar diante da perdiz (o cão), de olhos fitos sobre ela: “Brinquinho *amarrô* a bicha i eu, fogol!” “Quano, nu^a vorta do caminho... Bismarque chateô no chão. *amorrano*, que era u^a bunitiza... (O último exemplo é de C. P.).

AMARRA(R) 2, v. t. — tratar, fechar (uma aposta, um negócio).
AMENHA, **ΑΜΙΝΗΑ**, *amēnhā*, ad. || E' forma arc. e "ainda corrente no povo (em Port.) na forma a minhã o", diz Leite de Vasc., "Emblemas", introd.

AMIA, *amilhar*, v. t. — dar milho (aos animais). Acreditamo-lo pouco usado.

AMIADO, *amilhado*, part. de "amilhar": "O tempo tava bão, a estrada era meió, o cavalo tava descansado e bem *amiado*: a viagem foi u^{na} gostusura"

AMIÚDA(R), v. i. — tornar-se freqüente, nas expressões *intê os galo amiúddé*, quando os *galo amiúddávum* e semelhantes, onde *galo* está por *canto dos galos*: "Depois que acaba a candeia, ai que a coisa é triste... Vai intê os galo *amiúddé*." (C. P. || Esta acepção do verbo é corrente em todo o Brasil.

AMOLAÇÃO, s. f. — acção ou efeito de *amolar*.

AMOLADO(R), q. — o que *amola*; importuno, maçador.

AMOLANTE, q. — o mesmo que *amolador*.

AMOLA(R), v. t. — importunar.

AMUNTADO, **MUNTADO**, q. — diz-se do animal doméstico que se meteu no mato, asselvajando-se: "Gado *amuntado*." "Não ha pior fera que porco *muntado*." — Cp. monte que em Port. envolve tambem ideia de mato, assim como monteiro, montês, montesino, andar a monte.

ANDADURA, s. f. — andar apressado do animal de sela, com balanços de anca.

ANGOLA¹, s. m. — certa gramínea forrageira; *capim de Angola*.

ANGOLA 2, s. 2 gens. — usado às vezes por *galo* ou *galinha de Angola*.

ANGÚ, s. m. — papas de farinha ou de fubá. Fig.: negócio desordenado, teia de intrigas e mexericos, coisa confusa e ininteligível.

ANGÜADA, **ANGÜSADA**, **ANGÜLADA**, s. f. — grande porção de angú; negócio complicado, questão inextricável.

ANHUMA, s. f. — ave da fam. "Palamedeidae".

ANSIM, *assim*, *adv.* || Forma pop. em todo o Brasil, com o a nasalizado por influência de *im*. — Encontra-se freqüentemente nas peças castelhanas de Gil V.

ANTA, s. f. — quadrúpede da fam. "Tapiridae".

ANTÃO, INTÃO, *entião*, ad.: — "*Antão* ela reparou bem em mim, não disse mais nada, e saiu adiante." (V. S.) ||

Filhos forão, parece, ou companheiros,

E nella antão os incolas primeiros.

(Camões, "Lus.").

ANTÃOCE, ANTONCE, INTONCES, outras formas de *entião*. || Cp. o arc. entonces "E do acabamento do livro eu dey encomenda ao lecceneado frey João uerba meu confessor fazendo per outrem o que de acabar per my entonces era embargado." (Inf. D. Pedro, "Livro da Virtuosa Bemfeitoria").

ANTE, *antes*, prep. || Acreditamos que este *ante* seja simplesmente antes modificado pela lei da queda de s final no dial, embora sendo certo que ante = antes de é do vernáculo antigo ainda subsiste em ante-óntem (*antonte*), *ante-véspera*, *ante-manhã*, etc.

DANTE, loc. adv. — antigamente: "Eu *dante* fazia o que pudia, agora já tô véio i num posso mais." || E' loc. port. muito antiga, no sentido de "antecedentemente", como se vê deste passo do "Castelo perigoso" (sec. XIV): "... honde perde Deos e o Paraiso ganha os tormentos do Inferno e perde os bees que d'ante auya fectos, sse o Deos nom chama pera sua graça... (L. de Vasc., "Textos arc.", p. 38 e p. 124).

TEMPO DE DANTE, loc. equivalente a "tempo antigo", e na qual "dante" é tomado como um subst.: "Macaia, que fôra escravo do capitão Tigre, fazendeiro do *tempo de dante* entre Porto Feliz e Capivari..." (C. P.).

ANTES, prep. — A notar:

IM ANTES, em antes, loc., usada às vezes pela forma simples "antes": "Estive lá ainda *em antes* que êle chegasse".

ANTES TEMPO, loc. adv. — antecipadamente, antes da hora marcada ou oportuna: "Foi tão de pressa que chegô na eigreja *antes tempo*". || Os antigos diziam ante tempo: "Uma muito principal razão porque muitas pessoas cuidam de si mais do que tem, e ante tempo se tem por muito aproveitadas, é, que como Deus em todas suas obras se parece comsigo é tão fermoso nos seus começos, que muitos enganados com isso, se dão por

perfeitos." (Fr. Tomé de Jesús, "Trabalhos de Jesús"). "E dizemos "lampeiro" o que faz alguã cousa ante tempo..." (D. Nunes, "Orig.", VII.) — Cp. ante-óntem, a que se vai preferindo "antes de ontem" como *mais correcto*. Na Carta de Caminha há ante sol posto.

ANTONHO, *António*, n. p. || Forma antiga, registada por Vit. Cp. Jnnho de Jnniu(m), sonho de somniu(m). etc.

ANTONTE, *ante-óntem*, ad. || V. ANTE.

ANÚ¹, *aná*, q.

ANÚ², ANUM, s. m. — ave da fam. "Cuculida".

A PAR DE, loc. prep. — junto de, ao lado de: "Eu tava bem s *par* dêle quando assucedeu o causo." || E' de uso antiqúissimo ua lingua, como mostram êstes exemplos: "E quando comião de snum dom Diego Lopez e sa molher, asseemtaua eli a par de ssy o filho; e ella assemtaua a par de ssy a filha da outra parte." (Lenda da Dama Pé de Cabra, no "Livro da Linhagem", sec. XV).

Aqni, aqni, Oribella,
Serrana, alli a par della.

(Gil V., "Com. de Rubena")

"Eu tenho huã quinta a par de Cintra..." (Testam. de D. João de Castro).

APARÊIO, *aparêlho*, s. m. — Na loc. "*aparêio* de fumo", que comprehende o isqueiro, a pedra, o fnzil, e parece que tambem o que é necessário para fazer um cigarro.

APAREIADA, *aparelhada*. || V. PAREIADA.

APÊRO(S), *apeiros*, s. m. pl. — conjunto de instrumentos de caça. || E' port. O "Novo Dic." não lbe põe nota de antiquado; mas parece que já não é de nso corrente em Port., segundo o que se deprende desta menção de M. dos Rem. ("Obras de Gil V.", Gloss.): "APEIRO — Nome que antigamente se dava a diferentes instrumentos de lavoura", etc. J. Moreira, por sua vez, o tinha por antiq., como se vê desta referência ("Estudos", 2.º v., p. 175): "Há em português o vocábulo *apeiro*, a que em espanhol corresponde *apero*. Diez derivou-os do latim *apparium* (do verbo *apparo*). As suas significações eram variadas. Designa o conjuncto de utensílios ou instrumentos de lavoura,

e applicava-se ainda a outros objectos, chamando-se "apeiro de caçador" aos instrumentos e armadilhas de caça... etc. Vê-se em Vit. que já no sec. XVII a palavra era usada tal qual. — Esses autores registam a forma do sing.; acreditamos, porém, que no dial. só se emprega no plur., — o que aliás já é uso antigo, como se vê dêste passo de Gil V., "Auto de Mof. Mendes":

Leva os tarros e apeiros
E o çurrão co' os chocalhos —

APEÁ(R), v. i. — voc. port., que no dial. apresenta particularidade de envolver, correntemente, a ideia de "hospedar-se": "Quando chegô? Adonde apeô? — *Apeei* na casa do Chico, perto de onde tenho meus que-fazê".

APINCHÁ(R), PINCHÁ(R), v. t. — arremessar: "Fui de verêda pro quarto, depois de tê *apinchado* a ferramenta num canto da sala... (V. S.) "Tratei de me *apinchá* pra outra handa, porque a noite ia esfriando." (V. S.). || Tamhem se usa no Ceará, segundo êste e outros passos do "Meu Sertão", de Catulo Cear.:

Meu compade Dizidero
somentes pra me impuiá,
má cheguei, me foi *pinchando*
lá pra Avinida Cintrá.

Pinchar é port., mas acreditamos que bem pouco usado hoje, neste sentido, em Port. No Brasil, é absolutamente defeso à gente educada. — Joanne, personagem do "Auto Pastoril Port.", de Gil V., exclama a certo momento:

Oh! commendo ó demo a vida
A que a eu arrepincho!

No gloss., ao fim do 3.º v. da sua ed. das "Ohras de Gil V.", pergunta M. dos Rem.: "Quererá dizer Poeta "vida que eu levo pular, a divertir-me?" Por nossa parte, com a devida vénia de tão erudito mestre, a resposta é negativa: não, o poeta não quiz dizer isso. O entrecho da scena a construcção da frase não autorizariam tal interpretação. A scena passa-se entre Joanne

e Catherina. Aquêlê faz e repisa declarações de ardente paixão, que a rapariga repele grosseiramente, mandando-o bugiar, chamando-lhe parvo. O pobre moço, enfim desesperado, exclama:

Oh commendo ó demo esta vida
A que a eu arrepincho!

isto é: encomendo esta vida ao diabo, ao qual a arremesso! —
A continuação da fala não faz senão confirmar esta interpretação:

Catalina, se me eu incho,
Por esta que me va de ida.
A India não está hi?
Que quero eu de mi aqui?
Melhor será que me va.

E' provavel que que do segundo dos dois versos primeiro citados venha de uma transcrição errada de queⁿ ou má interpretação de qⁿ. A verificação dêste ponto concorreria bastante a elucidar a questão. — Quanto ao ar re que Gil V. antepoz ao verbo, destinava-se de certo a dar-lhe mais energia. O uso de tais expletivos era commm em Gil V. e outros poetas do seu tempo, nos quais se encontra até re-não, re-si, re-velho, re-tanto, re-milhor. Reflectiam êles, sem dúvida, uma tendência popular então bem viva, da qual nos terá vindo boa parte dessa multidão de termos em re e ar re, que a língua possui.

APÓS, APÓS, prep. — no encaço de: "Sai no mesmo instantinho após êle, mais foi de barde." || E' de uso antigo na ling.: "... os outros foram logo após ele e lhas tornaram..." (Carta de Caminha). ... e correndo apoz nós, que já então lhe iam fugindo... (P. M. Pinto).

APÓS, APÓS DE, com mesmo valor: "Andei após disso muito tempo." || "Receio que a minha classe vá após d'esses fantasmas com que a iludem." (Garrett).

ARA, ora, conj. e intj. || Cp. *sinhara, vacê, hame(m)*, palavras nas quais o som *o* se muda em *â*.

ARA(R), v. i. — empregado figuradamente no mesmo sentido que as expressões "suar o topete", "vêr-se em apuros": "Cos diabo! *arei*, pra descobri quem me fizease êsse sirviço".

ARAÇARI, s. m. — espécie de tucano pequeno. || Tupi.

ARAGANO, q. — diz-se do cavalo espantadiço, que difficilmente se deixa pegar. || Cast. *haragano*.

ARAGUARI, s. m. — espécie de papagaio pequeno. || Tupi.

ARAPONGA, s. f. — pássaro da fam. "Cotingidæ", também chamado "ferreiro". || Tupi.

ARAPUA, s. f. — certa abelha do mato. || Tupi.

ARAPUCA, URUPUCA, s. f. — armadilha para apanhar pássaros, feita de pequenos paus arranjados horizontalmente e em forma de pirâmide. || B. Rodrigues regista "arapuca" e "urapuca", do *nheengatu*.

ARARA, s. f. — papagaio grande, de cauda longa. || Tupi.

ARARA-UNA — arara inteiramente azul, de bico preto.

ARARIBA, s. m. — certa árvore de boa madeira. || Tupi.

ARATACA, s. f. — armadilha grande, que colhe e mata a caça. || Tupi "aratag", armad. "para passaros" (Mont.).

ARCO-DA-VÉIA, *arco-da-velha*, s. m. — arco-iris. || Paiva, nas "Inferm. da Língua" (sec. XVIII), coloca êste termo entre os que cumpre evitar. O "Novo Dic. só o regista em sua última ed. — No Brasil, é corrente frase "coisas do arco-da-velha", por "coisas extraordinárias, surpreendentes"

ARÊA, *areia*, s. f. || E' forma arc. Cp. *vêa*, *chêo*, etc., igualmente arcaicos mas persistentes no dial. caip.

AREÁ(R), v. t. — limpar cuidadosamente (qualquer objecto).

AREADO, part. de *arear* — muito limpo, em estado de perfeito asseio: "... revirava de sol a sol na labuta das donas, trazia tudo *areadinho*..." (V. S.).

AREÃO, s. m. — larga extensão de solo coberta de areia: "Assim falavam Chico Gregório e o Bertolomeu, no *areão* da estrada do Abertão, sob uma sombra..." (C. P.).

AREJÁ(R), v. i. — constipar-se (o animal): "Desincie o cavallo recôia no paió. Tá choveno daqui um poquinho e êle tá banhado de suor; pode *arejá!*" (C. P.) || Em Mato Grosso e outras regiões ha, com o mesmo sentido, "airar": "Virou os arreios, não de súbito, mas com cautela lenticidão, para que o animal, encalmado como estava, não ficasse *airado*. (Taunay, "Inoc.").

AREJADO, q. — part. de "arejar" V. esta palavra.

ARIMBA, s. m. — boião de barro vidrado em que se guardam doces em calda. || Do tupi?

ARIRANHA, s. m. — carnívoro da fam. "Mustelidæ" e semelhante à lontra, hoje raro. || E' nome de uma localidade do Estado de S. Paulo. — Tnpi.

ARFENETE, *alfinete*, s. m. ||

Não m'arrarão alfenetes
E também enxaravia.

(Gil V., "Auto Past. Port.")

ARMA-DE-GATO, *alma de g.*, s. f. — ave da fam. "Cuculidæ", castanho-parda, cinzenta na parte inferior, cauda longa com pontas brancas. Também se lhe chama, no Brasil, "alma de caboclo", "rabo-de-palha" e "tinguassu". (R. v. I.).

ARRAIA-MIUDA, s. f. — populacho. || Cp. arraial, pequeno povoado, outrora povo (contraído em arreal, real). Parece ter havido aqui contaminação da ideia de "arraia" peixe.

ARRANCHA(R), v. i. — armar barraca, ou "rancho"; estabelecer-se provisoriamente; fig., hospedar-se sem cerimônia (com alguém): "No fim do segundo dia fumo *arranchô* na bêra do Mugí." "O Bituca *arranchô* na casa do cumpadre, sem mais nem menos".

ARRE LÁ, intj. — de enfado ou cólera, como *arre*: "Não me aborreça! *Arre lá!*" || Esta intj., que não encontramos registada em dicionário, se acha em Gil V. ("Auto da Barca do Purg."):

Arre lá! uxe, morena!

Arre, arre lá, uxe e uxtix (que todas se encontram em Gil V.) eram intjs. usadas pelos arrieiros para estimular os animais (se bem que, no passo acima citado, não se dá êsse caso, mas trata-se de uma rapariga do povo a quem o diabo quer levar na sna barca).

ARREMINADO, q. — irritadiço, intratável. ||

Cuido que o vejo erguer-se *arreminado*
Lá da campa onde jaz sêco e moído,
O meu Garção...

(F. Elísio "Arte Poet.")

ARRESPONDÊ(R), *responder*: "Cum pôca demora ela me *arrespondeu* falando sussegado..." (V. S.).

ARTERICE, s. f. — astúcia, ardil. || "Arteirice caiu em desuso depois que do latim se tirou a sinónima *astúcia*, palavra que era nova no sec. XV..." (Ad. Coelho, "A Líng. Port.", p. 59).

ARTÊRO, q. — artiloso, astuto. || J. J. Nunes, "Crest. Arc.", regista *arteiro* como fora de uso corrente. O "Novo Dic." regista-o sem essa menção.

ASCANÇA(R), *alcançar*, v. t. — "E' do cano cumprido! Bem mais cumprido do que a minha! A vareta num chega no fundo. Há de *ascançá* longe..." (C. P.) || A silaha *al*, de acôrdo com a fonética roceira, mudou-se em *ar*, e depois, por influência do som sibilante de *ç*, em *as*.

ASCANÇADÓ, *alcançador*, q.

ASCANÇADÊRA, f. de ALCANÇADOR — "Aminhá nós vai na vila... Ocê já tá cum déiz ano i coisa, i eu vô comprá u'na de cartuche (espingarda), que tem na loja do Bismara. — Que háo!... E' *ascançadêra*?" (C. P.).

A SÓ POR SÓ, loc. ad. eqüivalente a "a sós": "Eu sempre maginei, *a só por só* cumigo, que não hai coisa mais triste que andar um cristão pro mundo..." (V. S.). || Expressão classica.

ASPEREJA(R), v. rel. — usar de linguagem ou de modos ásperos (com alguem): "Não *aspereje* ansim co a pròvezinha da criança".

ASPRE, *áspero*, q. invar.: "Nossa, que muié *aspre* pra lidá cos póvre!"

ASSOMBRAÇÃO, *sombração*, s. f. — aparição, fantasma, alma do outro mundo.

ASSOMBRADO, q. — diz-se do lugar ou casa onde se crê haver assombração; "mal assomhrado", em linguagem polida.

ASSUNTA(R), v. i. — escutar reflectindo, considerar, observar: "Pois ensilhe o seu "bicho" e caminhe como eu lhe disser. Mas *assunte* bem, que no terceiro dia de viagem ficará decidido quem é "cavoqueiro" e *embromador*". (Taun., "Inoc.").

ATABULADO, part. de

ATABULA(R), v. t. — estugar (o passo), apressar (algun serviço ou negócio). || De atribular! A hipótese não é

gratuita, pois o caipira usa constantemente de “tribulado”, “tribulação”, dando - tais palavras um grande elástico.

ATAIA(R), *atalhar*, v. t. — fazer uma cavidade (por dentro da cangalha, em lugar correspondente a uma pisadura no animal): “Ao pouso arribava à boquinha da uoite, feita a descarga... afofadas e atalhadas as cangalhas pisadoras...” (C. Ram.).

ATANAZA(R), *atenazar*, v. t. — importunar. || De t e n a z .

Veis aquellos azotar
 Con vergas de hierro ardieudo
 Y despues atauazar ?

(Gil V., “Auto da Barca da Gl.”)

F. J. Freire registou-o.

ATENTA(R), v. t. — tentar; apoquentar, irritar: “Não me *atente* mais, Nhô, que eu tô no fim da paciência!” (V. S.). “Num hrinque cum revorve; ôi que o diaho *atenta!*” || Esta última aceção se encontra também em Port., e até em frases muito semelhantes à citada. J. Moreira colheu em Armamar um trecho de romance onde há êstes dois versos:

Puxei pela minha faca,
 O diaho me atentou.

ATIMO, s. m. — usado na loc. “num átimo”, num instante, num abrir fechar de olhos: “E as espigas desenvolveram-se num *átimo*, avolumaram-se começaram secar”. (A. Delf.) || O “Novo Dic.” regista *atimar*, como t. açoriano e antigo, equivalente de “ultimar”. Acha-se em Vit., que dá como “o mesmo que *acimar*”: “concluir, executar, levar a cabo alguma empreza, obra, ou façanha.” M. dos Rem. define-o quase nos mesmos termos, no gloss. apôsto à sua ed. de Gil Vic., em cujas peças o verbo aparece muitas vezes. — Cp. o ital. *attimo*, *instante*.

A TOA, loc. adv. — inutilmente, sem razão, sem causa explicável: “Eles brigáram *à tóa*.” “Num havia percisão de virem; viérum *à tóa*, por troça”. — sem delonga, sem receio nem cuidado: “Você é capáiz de cortá aquêlo pau antes da janta? Corto *à tóa!*” || De *à tóa*, isto é, *à sirga*, a reboque. — Daqui se tirou

ATÓA, q. — desprezível, insignificante: “Aquilo é um tipo atôa . “Não custumo brigá por quarqué quistâ atoa.” “Tenho le visto na rua cum gente atoa, mecê num faça isso”.

ATOINHA, loc. adv. — o mesmo que “à toa”, com um sentido irônico, escarninho ou jocoso: “Vai dansá um pôco, lindeza? — *A toinha!*”

ATORÁ(R), v. i. — partir a pressa: “Passei a mão na ferramenta c’a pobre da minha cabeça a mô que deferiada, e *atorzi* pra casa.” (V. S.).

ATROADO, q. — que fala com estrondo e de pressa, embrulhando as palavras: “Aquilo é um *atroado*, nem se intende o que êle fala.” || Part. de *atroar*, com significação activa, como “entendido”, “viajado”.

ATRU-DIA, *outro-dia*, loc. adv. de tempo: “*Atrudia* estive em sua casa i não le achei”. || Não é caso único esta mudança de *o* em *a*: cp. *ara*, *sinhara*, *hame*; e ainda *aribu*, *arapuca*, ao lado de *urubu*, *urupuca*. Também há *isturdia*, que, com variantes (*siturdia*, etc.) é comum em quase todo o Brasil, notadamente no Nordeste:

Bem me disse, *siturdia*,
a Josefa Caprimbu
que esse passo era afiado
de curuja e de aribu.

(Cat. “Meu Sertão”).

Quanto à sintaxe, cumpre notar a diferença em relação à frase port. — “no outro dia” O mesmo processo se observa, de acôrdo com uso clássico, no emprego de outros complementos de tempo, que dispensam prep.: “Dia de S. João eu vô le visitá”. “Essa hora eu tava longe”. “Chegô a somana passada”

AUA(S), ÁGUAS, s. f. pl. — direcção das fibras da madeira: “Esta bengala não tem resistência, pois aparelhador cortou as *águas* da madeira”.

AUA-MÓRNA, ÁGUA-MÓRNA, q. — irresoluto, fraco: “Não seja *água mórna*, mande o desgraçado fazê uma viaje sem chapéu!” (V. S.).

AVALUA(R), *avaliar*, v. t. || Fôrma arc.

AVENTA(R), v. t. — separar (cereais da casca, atirando-os ao ar com peneiras ou pás). || E' t. port., mas especializado aqui nesta acepção.

AVINHADO, s. m. — pássaro da fam. "Fringilidæ"; *curió*.

AVUA(R), v. i. || De *voar* com *a* explet. Conjuga-se: *avua, avuô, avuava*, etc.; *avué, avuasse*, etc.

AZARADO, q. — o que "está de azar", infeliz, sem sorte.

AZORETADO, q. — atordoado, confuso: "As corujas do campo a mó que tavam malucas, essa noite: era um voar sem parada em riba da minha testa, que me deixava *asoretado*." (V. S.) — O "Novo Dic." regista "*asoratado*, doidivanas ou estroina". E pergunta se terá relação com *asoar*. Segundo J. Moreira ("Estudos", 2.º v.) *asoratado* vem de *zorate* (*os orates, ozorates, o zorate*). E' tambem a explicação de Leite de Vasc., citado pelo precedente.

AZUCRINA(R), v. t. — Atormentar com impertinências, importunar. || O "Novo Dic." regista *asucrinar* como brasil. do Norte e com o mesmo significado. Tambem é do Sul, ao menos de S. Paulo e, provàvelmente, de Minas. Em Pernamb. bá "*azucrim*", importuno.

AZUCRINADO, part. de *asucrinar*.

AZULÁ(R), v. i. — fugir. Sentido ironico ou burlesco: "O tar sojeito, quano eu fui atrais dêle, já tinha *ozulado*."

AZULÃO, s. m.— nome de varios pássaros azuis, como: o sannaço, "Stephanophorus leucocephalus" e um pássaro da família "Fringilidæ", tambem conhecido por *papa-arrôs*. || No Norte dá-se aquelle nome ao *virabosta*.

AZULÊGO, q. — azulado (com referência a qualquer objecto, em especial ao cavalo escuro, pintalgado de preto e branco): "E' que uma lingua de fogo *azulêgo*, mais comprida que grossa, de uns tres palmos de extensão, erguera-se da várzea..." (V. S.).

BABA DE MOÇA, s. f. — certo doce de ovos. || Rub. mencionava, em 1853, com este nome, um "doce feito de côco da Baía".

BABADO, s. f. — fólho, tira de fazenda, pregueada, com que se enfeitam vestidos. ||

"Se subesse vancê quanto lhe estimo..."

E a calpirimba lânguida e confusa,
ouvido, rubra, a confissão do primo,
morde o *babado* da vermelba blusa.

(C. P.)

BABAU!, interj. — equivale a “acabou-se!” — “lá se foi!” — “agora é tarde!” Exemplo: “Porque não veio mais cedo, pra comê os doce? Agora, meu amigo... babau!” || Cherm. colheu-a na Amazonia, significando “acabou-se, exgotou-se”, e aponta-lhe o étimo tupi “mbau”, acabar.

BABO, s. m. — bava: “Fazendo uma careta de nojo, Bolieiro cuspiu para um lado, franzindo a testa, ficando-lhe na barba um fio meloso de *babo*. (C. P., “E’ deferença que hai..”) || Deduzido de b a b a r

BACABA, s. f. — certa árvore. || Tupi.

BACAIÁU, *bacalhaú*, s. m. — azorrague^m de couro trançado, anti-gamente usado para castigar escravos.

BACUPARI, s. m. — arbusto que dá um fruto muito ácido. || Em outras regiões do Brasil designá diferentes espécies de árvores frutíferas. — Tupi.

BACURAU, s. m. — pássaro também chamado *curiango* e, algures, *méde-léguas*: “*Nyctidromus albicollis*”.

BADANA, s. f. — couro macio que se põe sobre os arreios da cavalgadura. || E’ t. port., com várias significações, na Europa no Brasil. — Diz M. dos Rem. (Obras de Gil V., Gloss.), explicando certo passo, que b a d a n a significa “propriamente a ovelha velha” “carne magra, cheia de peles” — Dão-no como derivado do ar. b i t a n a .

BAGARÓTE, s. m. — mil reis, em linguagem jocosa. Comumente se usa no plural.

BAGRE, s. m. — nome de várias espécies de peixe de couro, da fam. “*Siluridae*”

BAGUAÇÚ, s. m. — árvore de madeira branca, também chamada *caguaçu*.

BAIACÚ, s. m. — nome de vários peixes de agua doce e salgada.

BAIO, q. — diz-se do animal equíno de côr amarelada. || T. port.

— AMARI(LH)O, aním. de côr brilhante e clara, geralmente com cauda crina brancas. || Do cast.

— CAFÉ-CUM-LEITE.

— CAMURÇA.

— INCERADO, o de tom escuro e brilho apagado.

— GATEADO, o amarelo vivo, de um tom avermelhado.

BAITACA, MAITACA, s. f. — ave aparentada com o papagaio: “*Baitacas em bando, bulhentas, a sumírem-se num capão d’angico*”. (M. L.) — Tupi.

BALA, s. f. — rebuçado; *queimado*; pequena porção de açúcar resfriado em ponto de espelho e envolvida num quadrado de papel. || Em Pernamb. e Estados vizinhos dizem “bola”. — O t. é velbo, já registado no vocabulário de Rub. (1853).

— DE ÓVOS, a mesma “bala”, com recheio de ovo batido com açúcar.

— OE LIMÃO, DE LARANJA, etc., conforme a essência adicionada.

PONTO OE — o estado em que se deixa esfriar a calda de açúcar para fazer balas; ponto de espelho.

BALAIO¹, s. m. — espécie de cesto de tacuara, sem tampo, destinado a depósito ou condução de variadíssimos objectos, mas principalmente usado pelas mulheres para guardar apetrechos de costura.

BALAIO², s. m. — certa dança popular, que parece extinta. Dela se conservam reminiscências em algumas trovas:

Balaio, meu bem balaio,
balaio do coração —

|| O t. e a usauça também são do R. G. do S., como se pode ver em Romag.

BALÊ(I)RO, s. m. — vendedor de balas (rebuçados).

BANANINHA, s. f. — pequenos bolos de farinha de trigo, com uma forma semelhante à das bananas: “Chegara a hora da ceia. Caldo de cambuqira, um feijão virado alumiando de gordura e, para fechar, um café com *bananinhas* de farinha de trigo; tudo indigesto, escorrendo gordura” (C. P.)

BANDÊ(I)RA, s. f. — monte de espigas de milho, na roça.

BANGÜÊ, BANGÜÉ, s. m. — liteira com tecto cortinados, levada por muares, que antigamente se usava. || Este t. tem muitas significações pelo resto do Brasil, como se pode vêr em Macedo Soares e outros vocabularistas. Origem controvertida.

BANGUÉLA, q. — que tem falta dos dentes da frente.

BANHADO, s. m. — campo encharcado.

BANZA(R), v. intr. — pensar aparvalhadamente em qualquer caso impressionante. Pouco usado. || E’ port. — Paiva incluiu-o nas “Infermid.”, sem explicar o sentido. Dir-se hia simples corrupção

africana (ou feita ao geito do linguajar dos pretos) do verbo pensar. Mas, querem doutos que seja voz proveniente do quimbundo "cubanza". — Aqui, não ocorre jamais ouvir-se subst. "banzo".

BANZÊ(I)RO, q. — o que está a banzar. Pouco usado.

BARBA DE BÓDE, s. m. — espécie de capim de touceiras abundante em campos de má terra, cujo aspecto, quando maduro, é o de fios longos, flexíveis e esbranquiçados. || Em Pernamb. dá-se este nome a uma gramínea ("Sporabulus argutus", Nees Kunth), de colmo longo resistente (Garcia). — O "Novo Dic." regista sob este nome ainda outra planta, esta de jardim.

BARBA DE PAU, s. f. — filamentos parasitários que dão na casca das árvores do mato: ... grandes árvores velhas por cujo tronco e galhaça trepam cipós, escorre *barba de pau* e aderem musgos". (M. L.)

BARBATIMÃO, s. m. — árvore da fam. das Legumin., de casca adstringente, muito usada em cortumes.

BARBÉLA, s. f. — cordão com que piões e viajantes a cavalo prendem o chapéu sob o queixo; carnosidade ou pele pendente sob a queixada de um animal.

BARBICACHO, s. m. — laçada com que se prende o queixo da valgadura rebelde; barbela.

BARBULÊTA, *borboleta*, s. f.:

Vai no domingo e vai de calça preta,
paletó de algodão de grande gola,
visitar seu bem — sua *barbuleta*,
que já esteve na vila e até na escola.

(C. P.)

BARRERO, s. m. — lugar onde há barro salgado, muito procurado pelos veados outros animais do mato.

BARRIA(R), *barrear*, v. i. — barrar, revestir de barro (muro ou parede): cobrir, revestir, besuntar (qualquer coisa, com alguma substância meio líquida); salpicar (de bagos de chumbo):

O catinguêro num me feis carêta;
cheguei pôrva no uvido da trovão,
barriei de chumbo o bicho na palêta.

(C. P.)

BARRIADO, partic. de **BARRIÁ**, barrear — revestido de barro (muro ou parede):

Eis a casa de um homem das florestas:
as paredes apenas *barriadas*,
solo cheio de covas —

(C. P.)

Por analogia, coberto, revestido, besuntado, sujo, salpicado (de coisa meio liquida): “Fiquei *barriado* de lama”. “O chapêu do menino caiu no tacho e saiu *barriado* de carda”. — Aplica-se mesmo falando de coisas sólidas, como chumbo de caça: “*barriado* de chumbo”. || Em port. genuíno, *barrado*, com as mesmas acepções principais.

BARRIGA, s. f. — gravidez: “Fulana tá cum *barriga*”. || Com o mesmo sentido, em Gil V., “Com. de Rubena”, quando a Feiticeira interroga a ama a quem vai confiar criança:

Primeiro eu saberei
Que leite he o vosso, amiga;
E se tendes já *barriga*;
Que dias ha que me eu sei.
E se sois agastadiça,
Se comeis toda a vida —

“E se tendes já *barriga*”, isto é, *se estais de novo grávida*, o que importava saber para avaliar a qualidade do leite.

BARRIGADA 1, s. f. — o producto do parto de uma cadela, ou qualquer animal multíparo.

BARRIGADA 2, s. f. — fartadela (de riso): “Tomei u^{na} *barrigada* de riso no circo”.

BARRIGUERA, s. f. — tira de couro ou de tecido grosso que passa por baixo da barriga da cavalgadura, firmando a sela. || Cast. *barriguera*.

BARRO, s. m. — “Botá(r), pregá(r) o barro na parede”, ou, simplesmente, “pregá o barro”, equivale a “fazer pedido de casamento” e, ás vezes, qualquer outro género de pedido ou proposta arriscada. || A frase “botar o barro à parede” está registada nas “Infermid.” e tambem se vê na “Eufros.”

BARROSO, q. — diz-se do boi acinzentado ou branco, amarelo pálido. || Cast.

BARRUMA, *verruma*, s. f. || Parece geral na ling. pop. do Br. Port. Garcia, que regista como pernambucanismo, nota que é corrente em Baão, Port., como se vê da “Rev. Lus.”, vol. IX.

BASTO, s. m. — serigote ou lombilho de cabeça de pau.

BATAIA ¹, *batalha*, s. f. — certa árvore.

BATAIA ², *batalha*, s. f. — certo jogo de cartas.

BATAIÁ(R), *batalhar*, v. i. — lidar, trabalhar, lutar (por conseguir alguma coisa): “O próve de nhô Chico! *bataiô* tuda vida pra des’mpenhá aquela fazenda, no finar das conta...”

BATARIA, s. f. — rosario de bombas que se queima nas festas de igreja. || Quanto à forma: “Quem defender vossa casa de hum sacco, ou batária? (“Eufros.”, acto I, sc. III). — “Quando cessam as batarias, então se fabricam as máquinas.” (Vieira, Serm. do Sábado quarto).

BATE-BOCA, s. m. — discussão violenta.

BATUÍRA, s. f. — certo pássaro.

BATUQUE, s. m. — dança de pretos; pândega, folia (em sentido depreciativo): “Na sala grande, o cururu; na salinha de fóra, os “modistas” contadores de façanha; e, no terreiro, *batuque* da negra samba dos caboclos”. (C. P.) “Dança de pretos. Formam roda de sessenta e mais pessoas, que cantam em côro os últimos versos do “cantador”, e ao som dos “tambus” requebram saltam homens e mulheres, dando violentas umbigadas uns contra os outros”. (C. P., “Musa Caip.”) || Segundo Mons. Dalg., o t. nada tem com *bater*, mas é africano, provêavelmente do ladim “batchuque”, tambor, baile. Na India, para onde vocáb. passou, diz o mesmo Mons. Dalg., êle é sinon. de “gumate”, instrumento de música.

BAUTIZA(R) *batkar*, v. t. || “Minha amiga entendamos como ha ser isto? avemos boje *bautizar* este filho se o he? (“Eufros.”, acto I, sc. III).

BA(I)XÉ(I)RO, s. m. — manta que se põe por baixo da séla.

BÊBUDO, *bêbado*, q. — “Quando oieï no chão tava um *bêbudo* caído!” (C. P.) || Cp. *sábudo*, *cágudo*, dissimilações semelhantes, e, na lingua d’alem-mar, o antigo bárboro, de onde “brabo” — V. esta palavra.

BENÇA, *bênção*, s. f. || Desnasalizou-se a sílaba final, como em

Istêvo, de *Estêvão*. *órfo*, de *órfão*. — E' forma pop. em Port. (J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 178).

BENÇÃO, s. f. || Esta fôrma oxitona se ouve às vezes (segundo cremos, só em versos). Eucontra-se em Gil V., que rima "benção" com "coração", "concrusão", etc.

BENTEVI, s. m. — pássaro muito conhecido. || Nome onomatopáico. Embora se costume grafar "bem-te-vi", como pronunciam os que se prezam de bem-falantes, verdade é que o povo roceiro fez, há muito, aglntinação dos elementos do voc., reduzindo o ditongo nasal (*ein*, de "bem"). Cf. *bendito* por "bem-dito".

BENTINHO, s. m. — papel contendo uma oração escrita, e que se dobra muitas vezes, eucapando-o em pau, e assim se trás pendurado ao pesçoço por um fio, depois de o fazer benzer por um padre: "Um dia... nnªa noite de luá... aiail o meu fio sumiu... Coitadinho! Achei no barranco só um *bentinho* que dei pr'êle quando era criança..." (C. P.)

BERÉVA, s. f. — erupção de pele. Usa-se mais no plural: "Urtimamente me appareço u"as *beréba* pro corpo". || Em outras partes se diz "peréba". — Segundo B. Rodr., "peréua" significa úlcera, em nbengatu e lingua geral.

BÉRNE, s. m. — larva de mosca "*Dermatobia cyanciventris*", fam. "Oestridæ", que se desenvolve na pele dos animais e às vezes mesmo na do homem, principalmente na cabeça.

BERNENTO, q. — cheio de bérnes.

BERTOLAMEU, *Bartolomeu*, n. p. || C. P. dá esta fôrma, no livro "Quem conta", p. 171 e 206.

BÊSPA, *vespa*, s. f. || "A' exepção da prov. de S. Paulo, termo port. "Vespa" é geralmente desconhecido da gente rústica", diz B. - R. Segundo o mesmo autor, no Mar. e no Vale do Amaz. se diz "caba"; nas outras terras: "maribondo", t. bundo. — Em S. P. é corrente o ditado "Laranja na bêra da estrada, ou é azêda ou tem *bêspa*". Em outros Estados existem variantes, nas quais se substitui "vespa" por "maribondo". D. Alex. colheu, em Minas: "Laranjeira carregada, à beira das estradas, ou tem maribondo ou frutas azedas". Afr. Peixoto, em "Fruta do Mato", consigna uma variante perecida com essa, colhida na Bafa.

BESPÊ(I)RA, *vespê(i)ra*, s. f. — casa de vespas; o mesmo que *veieira*, "abelheira".

BESTA(R), v. i. — dizer asneiras.

BESTÊRA, s. f. — asneira.

BIBÓCA, s. f. — quebrada, grota, lugar apartado e invio; casinhola: “Tudo isto afim de que não falte aos soletradores de tais ta's *bibocas* desservidas de trem de ferro o pábulo d'ário da graxa preta em fundo branco...” (M. L.). “A meio caminho, porém, tomou certa errada, foÿ ter à *biboca* de um negro velho, em plena mata... (M. L.) || Mac. Soares dá, entre outras acepções, de casinhola de palha, que diz peculiar a S. P. — Registam-se outras fórmulas pelo Br., “babóca”, “boboca”. — Dão-lhe orig. tupi em “ybybóca”, fenda, buraco do chão, da terra.

BICHÁ(R), v. i. — criar bichos (o queijo, a fruta, etc.) || Em M. Grosso (“Inoc.”) significa também ganhar dinheiro, fazer fortuna.

BICHADO, q. — que tem bichos (feijão, frutas, etc.).

BICHÃO, s. m. — aumentativo de *BICHO*: animal grande, homem alto gordo.

BICHARADA, s. f. — quantidade de bichos.

BICHARIA, s. f. — mesmo que *bicharada*.

BICHÊRA, s. f. — pústula, cheia de larvas de môsca, que ataca os animais de criação (especialmente bois).

BICHO, s. m. — qualquer animal, com especialidade os não domésticos; verme, larva, insecto. Em frases interjectivas, implica a ideia de corpolência, força, destreza, ferocidade: “Isto é que é cavalo bãol Êta *bicho!*” — “Ih! minha Nossa Senhora, aquêlê hóme é um *bicho*, de brabol!”

— DE CONCHA, indivíduo metido consigo.

— DO MATO, animal selvagem; roceiro brutalhado.

— DE PÊLO.

— DE PENA.

— DE PÊ, “*Pulex penetrans*”.

VIRÁ(R) —, ficar zangado, tornar-se repentinamente violento.

BICO ¹, s. m. — carta de somenos valor no jogo do truque (os “dois” os “tres”):

— Tire a sorte. — Dê vancê.

— Serre o baráio, Tónico.

— Dêxe pro pé. — Bamo vê?

— Truco in riba dêsse *bico!*

BICO ², s. m. — cada um dos ângulos salientes de uma renda ou hordado; no plur., o conjunto dos recórtres angulares com que se enfeitam toalhas, lençóis, papeis para guarnecer bandejas e prateleiras, etc.

BICO DE PATO, s. m. — árvore espinhosa, que dá um fruto semelhante ao bico do pato.

BICUDO, s. m. — nome de várias espécies de passarinhos da fam. "Fringillidae", e também do "Pitylus fuliginosus".

BICUFIBA, s. f. — certa árvore silvestre, que produz uma noz oleosa.

BIGUA, s. m. — ave da fam. "Carbonidae".

BIJU, s. m. — placa de farinha de milho, ou mandioca, que se despega do fundo do "fôrno", ao fazer-se a fariuha, sem se esfarelar como o resto desta. || Existe em todo o Br., sob essa fôrma e sob a forma *beju*, com significados vários. Escreve-se geralmente "heijú" ou por ligá-lo a "heijo", ou porque realmente se guarda a tradição da sua origem indígena, que dizem ser a verdadeira. B. Rodr. regista "heyu", nhengatú, e "meyu", lingua geral. B.-R. e outros apontam vocábs. semelhantes, tupinambás, etc. Entretanto, há em port. "beijinho", que não se distancia muito do nosso *biju*, nem pela fôrma, nem pelo sentido.

BINGA, s. f. — isqueiro de chifre: "Enrola o cigarro, amarra-lhe uma palhinha para que não desaperte, bate a *binga*, e acende-o vagarosamente". (A. S.). || Na Bafa significa simplesmente chifre, seg. B.-R. Atribui-se-lhe o étimo "mbinga", chifre, do hundo.

BIRI ¹, s. m. — V. **PURI**.

BIRI ², s. m. — árvore de pequeno porte, boa para lenha.

BIRIBA, s. f. — árvore de grande porte.

BIRIBA, **BIRIVA**, s. m. — o mesmo que *guariba*.

BIRRO, *biro*, s. m. — certo pássaro: "O engenho desmanchava-se aos poucos e a casa ia-se tornando um taperão, sobre o qual os *birros* implicantes piavam, partindo e voltando..." (C. P.).

BISORRO, *besouro*, s. m.

BIZARRIA, s. f. — generosidade, liberalidade. || Pouco usado. Só conhecemos uma quadra popular, em que há estes dois versos:

E viva o noivo ca noiva,
cum tuda sua *bizarria*.

Em Port., diz G. Viana, "Palestras", p. 31, "o povo usa bizarro com a significação principal de "generoso" e b'izarria com a de "generosidade". Vê-se, pois, que o sentido de b'izarria no nosso dial. é puro vernáculo, divergindo da significação afrancezada, que se introduziu por via literária.

BOBIA(R), v. t. — enganar, empulhar: "O Ferm'no cunsiuiu levá os inleito do ôtro lado, porque *bobiô* êles" || Em Port., *bobear* é fazer ou dizer bobices.

BOBÍCIA, *bobice*, s. f.

BOBICIADA, s. f. — quantidade de bobices: "Quá o quê!... Ocêis são bobo... Aquerditá nessa *bobiciada!* (C. P.).

BOBÓ, q. — palerma: "Parece coisa que inda tô vendo o Tibúrcio, aquêlê negrão meio *bobó*, que andava esfarrapado pro meio dessas rua... ' (V. S.).

BOCAGE(M), s. f. — palavrada, expressões baixas e indecentes.

BOCAINA, s. f. — depressão numa serra, que dá passagem. || Cf. "boqueirão". Tem noutros pontos do país significações um tanto diversas — boca de rio, foz, entrada de canal, etc.

BOCÓ 1, q. — palerma. || Também se diz *bocô de móla*. — De *boca*. Cp. a frase "andar de *boca aberta*", pasmado, apalermado.

BOCÓ 2, s. m. — saco (geralmente, de lona) que se trás tiracolo na caça. || No Norte, "bogó" designa coisa semelbante.

BOCUVA, s. f. — árvore que dá um fruto oleoso.

BÓDE, s. m. — mulato, "cabra". Aument., *bôdarrão*, mulato cor-polento, ou de ar imponente; fem. *bôdarrona*. Deminut., *bôdinho*, *bôdête*.

BODÓQUE, s. m. — arco, quase idêntico ao com que os índios atiram frechas, mas de pequenas proporções (cinco, seis, oito palmos), usado para arremessar pelotas de barro, à caça de passarinhos: "E o caboclo perdeu meio dia de serviço para fazer o *bodoque*, bem raspado com um caco de vidro que levou da cidade, encordoando-o com corda de linha "clark" encerada a capricbo, rematando com gosto de artista a obra, desde o cabo até a malba." (C. P.) || O "Novo Dic." dá como ant., significando "bola de barro, que se atirava com *bêsta*" e aponta-lhe o étimo no ar. "bandoque". — V. **PELÓTE**.

BODOCADA, s. f. — tiro de bodoque. Figuradamente, alusão rá-pida áspera, remoque, dito ferino.

BOIADO, q. — diz-se do anzol empatado (encastoad) em linba comprida. || De *boia*?

BOICORA, s. m. — cobra-coral. || Af. Taun. regista a corrupt. *corá*; lembramo-nos, porém, de ter ouvido também *boicordá*. — *Mboi*, cobra.

BOITATA, *βιτάτα, πατάτα*, s. m. — fogo fátuo. || C. P. colheu *katá* ("Quem conta", p. 30), que é corrupt. Rub. regista "boi-tatá"; -R. dá "batatão", da Par. do N., e "biatata" da Baía. — Dão-lhe is, baseados em Anchieta, o étimo "mbacé-tatá", que significaria oisa de fogo". Outros apontam "mboi-tatá", cobra de fogo, e, nto morfológicamente, como pela analogia da imagem com o objeto, parece que acertam. Parece, porque, enfim, a lingua geral dá ra tudo...

BOI-VIVO, s. m. — guizado de test. de boi.

BOLIA(R), v. t. e i. — derrubar súbitamente (pessoa ou animal) em sentido figurado, prostrar, falando-se de moléstia; cair para is (o animal) depois de empinar.

BONECA, s. f. — espiga de milho nova: "Vieram as chuvas a mpo, de modo que em Janeiro o milho desembrolhava pendão, muito rdrado de espigas. Nunes não cabia em si. Percorria as roças contente da vida, umbando os caules polpudos já em pleno arreganhamento da dentuça vermelha e palpando as *bonecas* tenrinhas a maxixarem-se duma cabelugem louro-translúcida" (M. L.)

BORÁ, s. f. — certa abelha silvestre.

BORRA, s. m. — usado para indicar indivíduo antipático, desagradável, de trato difícil. Não tem significação precisa; exprime tes o estado de alma de quem fala, o despeito ou irritação. "Furo? Aquilo é um *bôrra*. — "Pidi pro Tónico u'na ajuda na roça o *bôrra* não apareceu". Equivale, como se vê, a "bolas", "tipo", oisa". || Parece deduzido da loc. adj. de *bôrra* ("doutor de rra", etc.), corrente na linguagem culta.

BORRACHUDO, s. m. — mosquito do género "Simulium", cuja cada é dolorosa. || Parece ser o "pium" do Norte.

BOSSORÓCA, s. f. — fenda profunda, rasgada no solo pelas exrradas:

E mortas, em completa solidão,
jazem as ruas desta pobre aldeia,
Que as *bossorocas* engulindo vão.

(Ag. Silv.)

|| Acreditamos que tambem corre a forma *soróca*. Cf. Sorocaba n. p.

BOSTIA, *bostear*, v. i. — defecar. Refere-se mais aos animais, mas applica-se ao homem por jocosidade. Na frase *vá bostiá*, equivale a “pentear macacos”. || A fórma port. é *bostar*. Na Índia existe “bostear”, mas significa revestir de bosta as paredes e pavimentos das casas, conforme usança da terra (Mons. Dalg.).

BÓTA, s. f. — na loc. “de bóta e espora”. Exemplo goiano, perfeitamente applicável aqui: “E, se não mostramos energia, montamos em pêlo, *de bota esporas...*” (C. Ramos).

BOTA(R), v. t. — Sinon. de *pôr*, de uso preponderante em todas as acepções: botar a mão, botar o feijão no fogo, botar ovo (a ave), botar as tripas pela bôca, botar dinheiro no banco.

BOTA(R)-SE, v. pron. — lançar-se, pôr-se: “O home ficô desesperado ca demora de noticia, i *botô-se* por essas estrada”. || Na “Inoc.” de Taun. depara-se a expressão “botar-se a caminho”, entre centos de outras vulgaríssimas em S. P.

BOTINA, s. f. — calçado fechado até á extremidade do cano, com elásticos neste.

BRABEZA, qualidade do que é *brabo*. (V. esta pal.) || Os dicion. registam *braveza*.

BRABO, q. — zangado, zangadiço, colérico; bravo (animal); denso, selvagem (mato). || Mais ou menos corrente no Bras. todo. Diz S. Lopes, no conto “Trezentas onças” (R. G. do S.): ... sujeito de contas mui limpas e *brabo* como uma manga de pedras... — Esta forma não parece mera variante de “bravo”, que é de importação franceza por um lado, e italiana por outro. Tirou-a talvez a língua, directamente, de *bárbaro*, através da forma *bárboro*, com dissimilação do segundo *u*, que facilitou o encurtamento do vocáb. *Bárboro* encontra-se nos antigos; por ex., em D. João de Castro: “E así me sertifiquei da longura que ha do brazil ao cabo da boa esperanza e nisto estou tão costamte que me atrevey o fazer confesar a omens *barboros* e a outros de grande enjenho.” (Carta ao Rei, em “Dom J. de C.” por M. de S. Pinto). A própria fórma *brabo*, tal qual, se encontra na “Eufros. , p. 147.

BRACUÍ, s. m. — árvore de grande porte, comum no vale do Paraíba.

BRANCO MELADO, q. — diz-se do animal equino de côr branca, mas com um tom particular.

BRÉCA, s. f. — usado nas frases: *levado da bréca*, terrível, endemoniado, ingovernável, desobediente; *levar a bréca* (isto é, “levá-lo a bréca”), desmanchar-se, desfazer-se: “levò a bréca o negócio”, “o casamento do Chico ainda leva a bréca”.

BREGANHA, *berganha*, s. f.

BREGANHA(R), *berganhar*, v. t.

BREJAÕVA, s. f. — certa palmeira.

BREVIDADE, s. f. — espécie de bolo doce, de farinha de trigo.

|| Encontra-se em “Inoc.”, colhido em M. Grosso.

BRIQUITA(R), v. i. — lidar (com algum serviço). || Af. Taun. dá-o como corrente no Sul de S. P. — Encontra-se em C. Ramos (Goíás): “E é um espectáculo que corta o coração, ouvir o bramido que solta a rez retida no atascal, onde embalde *briquitaram* em roda com o laço os campeiros para livrá-la... (“Tropas”, p. 155.) — De perielitar?

BRÓCA, s. f. — larva de um insecto, que, desenvolvendo-se na casca das laranjeiras e outras árvores, penetra profundamente no lenho assim danifica as plantas.

BRÓCHA, s. f. — tira de conro que prende as extremidades dos canzís por baixo do pescoço do boi de carro.

BRUACA, s. f. — surrão, saco de couro trazido por viajantes a cavalo. Também se aplica, insultuosamente, a mulheres. || Rub. dá “buraca”, “pequeno saco de couro que usam os tropeiros de Minas”. Lass. colheu no R. G. do S. fôrma idêntica à paulista, definindo-a “alforge de couro para condução de diversos objectos em calçaduras”. — O “Novo Dic.” regista o port. *burjaca*, saco de couro de caldeiros ambulantes, t. de origem cast. E’ claro que forma brasil. se relaciona com essa; mas como explicar o desaparecimento de j?

BUAVA, q. — designa o indivíduo português, nem sempre com intuito depreciativo. || Há também *imbuáva*, no Norte do Estado. — A fôrma literária “emboaba”, grafia antiga do voc. indig., é ignorada do vulgo.

BUÇÁ(L), s. m. — cabresto forte com focinheira. || E’ t. vulgar no R. G. do S. Tem-se-lhe atribuído origem em buço, o que, evidentemente, é um pouco ousado. Deve ser comezinha alter. de boçal, que, no Aleutejo, seg. o “Novo Dic.”, significa “rede de corda, que se adapta ao focinho dos animais para que não comam

as searas”, e que nada impede tivesse outros significados correlatos.

— De bursa ?

BUÇALÁ(R), v. t. — colocar o buçal (no animal).

BUÇALÊTE, s. m. — espécie de buçal pequeno.

BUCHA ¹, s. f. — arbusto que produz um fruto alongado, semelhante a um pepino e cheio de um tecido reticular resistente.

BUCHA ², s. f. — lôgro, *espiga*: “leve *bucha* nesta compra”.

BUGRADA, s. f. — quantidade de bugres.

BUGRE, s. m. — índio. || Rub. define — “tribu de aborígenes que dominava na prov. de S. P.”, o que parece engano, pois o nome, hoje, se aplica indiferentemente a quaisquer indígenas. O vocábulo, sim, é que criou raízes em S. P., onde é popularíssimo, embora não seja desusado em outras partes do país. — B. - R. julga que o t. não seja senão o francês *bougre*, introduzido pela gente de Ville-gagnon.

BULANTIM, s. m. — companhia de cavalinhos: “Naquêles tempos os cinemas não haviam ainda dominado as praças, e os *bulantims* eram esperados com ansiedade nas povoações” (C. P.) — A forma port. é *volantim*, registada por F. J. Freire, que rectifica a pronúncia vulgar de seu tempo. Cp. cast. *bolantim*, corda delgada.

BURAQUÊ(I)RA, s. f. — quantidade de buracos.

BURÉ, s. m. — papas de milho verde. || Do fr. *puré* ?

BURITI, s. m. — certa palmeira.

BURRAGE(M), s. f. — burrice.

BURRÊGO, q. — estúpido, toleirão: “E’ tão *burrego* o Galeno... gemeu o doente com cara desconsolada” (M. L.).

BURRO, s. m. — aparelho usado para torcer o fumo em cordas.

BUTIÁ, s. m. — palmeira que produz uns côcos cuja polpa é muito apreciada. || Seg. B. R. há duas espécies com esse nome.

BÚZO, *búzio*, s. m. — jogo de asar, em que fazem as vezes de dados pequenas conchas ou grãos de milho.

CABEÇÃO, s. m. — a parte da camisa de mulher que fica sobre o peito e onde geralmente se fazem ou se aplicam bordados.

CABEÇA-SÊCO, s. m. — soldado de polícia: “Olharam-se de banda, depois granaram os olhos de frente. O soldado estava com os olhos estanhados no adversário... — “Nunca me viu, siô?” — “Num dó sastifa pra *cabeça-sêco*... (C. P.) || O adj. “sêco”, em vez de “sêca” está determinando o género do nome, por *análogia*.

CABEÇA DE PREGO, s. f. — furúnculo.

CABOCRADA, s. f. — quantidade de cabôculos; a gente cabôcla.

CABOCRINHO, s. m. — pequeno pássaro do géu. “*Sporophila*”.
apa-capim.

CABÓCRO, s. m. — mestiço de brauco e índio. || Os vocabulistas registam outras fôrmas, estranhas a S. P.: “cabôco”, “cabôclo”, “cabouculo”, etc. De “curiboca”? De cabouco?

CABÓRGE, s. m. — feitiço, encantamento; saquinho com uma ração escrita, que se dependura ao pescoço: “As tres horas da manhã, desaportado, humilhado, coberto de vergonha, batia o Mauinga desesperado na porta do casarão. “Tirô o *cabôrge*?” “Credo a crúiz!” (C. P.) || Esta palavra evidentemente se liga a “caborteiro”, corrente em S. P. e outras zonas. Taunay, “Inoc.”, escreve mesmo “caborgeiro”. — Em Pernamb., seg. Garc., há “cabôge”, certa parte dos gômos da cana de açúcar. “Cabôrge” é nome de um eixe do rio Paraíba, Alag. (R. v. I.)

CABORTEA(R), **CAVORTEÁ(ã)**, v. i. — fazer acção de caborteiro; star com artes, ou manhas (o animal).

CABORTE(I)RICE, **CAVORTE(I)RICE**, s. f. — acção de caborteiro.

CABORTÊ(I)RO, **CAVORTÊ(I)RO**, q. — velhaco, arteiro. || Liga-se sem dúvida a *cabôrge*, feitiço. Em Taunay, “Inoc.”, acha-se “caborgeiro”, feiticheiro, que tanto pela fôrma como pelo sentido mais clara torna aquella relação. — C. Ramos emprega “comborgueira”, figuradamente, por “feiticheira”, num dos seus contos goianos: “... vivia penar enredado nos embelecros traidores da comborgueira... talvez haja aí confusão com “candongueira”.

CABRA, s. m. — mulato ou mulata. || No Nord. do país êste é de uso mais corrente, com ligeiras variantes.

CABRITO, s. m. — mulato moço, ou criança.

CABRIÓVA, s. f. — árvore leguminosa; a sua madeira: ... eu ida tenho a Santa Luzia do tempo da escola, que meu paj mandô azê, i é de *cabrióva*...” (C. P.) || A fôrma literária é “cabióva”, com *e*, e por influência desta haverá quem assim pronuncie; mas o povo da roça, salvo o de alguma zona que não conhecemos, diz como vai aqui registado. — Contração de “caboré-uba”, arvore da pruja?

CABRÓCHA, s. m. — mulato ou mulata jóvem.

CACHAÇA, s. f. — aguardente de cana.

CACHACERO, q. — hehedor habitual de cachaça. T. injurioso. “Você fica com pau, *cachaceiro*, — concluía Pedro, — mas deixa estar que ha de chorar muita lagrima p’r amor disso”. (M. L.).

CACHAÇO, s. m. — varrão.

CACHORRADA, s. f. — quantidade de cães; grupo de cães de caça; ação má haixa, esperteza réles, cachorrice.

CACHORRÊRO, s. m. — homem que trata e conduz cães de caça.

CACHORRO, s. m. — cão.

CACHORRO DO MATO, s. m. — abrange tres espécies indígenas de “Canis” e tambem as duas do gen. “*Specthos*”. Guarachaim.

CACHUMBA, s. f. — parotite.

CACUÉRA, s. f. — certa árvore comum na zona do Norte de S. P.: “Quando Moreira, nos trechos mystificados, apontou os padrões, o moço emhashacou. — “*Cacuéra!* mas isto é raro!” (M. L.) || A grafia comum é “caquéra” — Do tupi.

CAÇUISTA, q. — caçoador.

CAÇULA, s. m. — filho mais novo. || B. R. regista “cassula” “cassulé”. Citando Capello Ivens, atribui ao t. origem africana.

CACULA(R), v. t. — encher transbordar (a medida). || Em Pernamb. há “cucular”, com mesmo sentido, e “cucúlo” — o que ultrapassa os hordos do vaso. (Garcia). — De *c o g u l a r*.

CACUNDA, s. f. — costas: ... e ela se ponzhou outra vez de *cacunda*, que é como dormia quase que a noite inteirinha”. (V. S.). — “Para dôr de peito que responde na *cacunda*, cataplasma de jasmim de cachorro é porrete. (M. L.) || Orig. afric., como querem alguns, ou simples corrupt. de *c o r c u n d a*, passando por *c a r c u n d a*, como querem outros?

CAÇUNUNGA, s. f. — vespa social, “*Polyhia vicina*”, cuja picada é muito dolorosa; mulher de génio irritável e violento.

CADE(I)RINHA, s. f. — brinquedo que consiste em se agarrarem duas pessoas pelos pulsos, para que aí se assente uma criarça.

CADE(I)RUDA, q. — que tem as cadeiras ou qudris largos (mulher).

CADÓRNA, s. f. — codorniz.

CAËTÊ, CAËRÉ, s. m. — certa árvore que é considerada *padrão* de boa terra. || Grafia usual, “caheté”.

CAFUNDÓ, s. m. — lugar muito retirado deserto. || Usa-se tambem na linguag. das pessoas cultas, com mesma significação,

mas no plural. — Em Port. há “fundo”, significando abarracamento, arraial, cujo radical entende G. Viana que há de ser banto, talvez “cufánu”, cravar, enterrar. (“Pal.”, p. 238-9.).

CAGACÉBO, s. m. — nome de vários pássaros da fam. “Tyramnidae”.

CAGAFOGO, s. m. — certa vespa cuja picada é muito dolorosa.

CAGALUME, s. m. — vagalume, pirilampo. || E’ port. A propósito do insecto, escrevia Leitão Ferreira na sua “Nova Arte de Conceitos”: ... vocábulo com que o nomeamos, se lhe não escurece a propriedade natural, deslustra-lhe o resplendor civil...

CAGUDO, **CÁUGDO**, **CAGO**. *cágado*, s. m. || Cp. *sábudo* por *sá b a d o*, *bêbudo* por *bê b a d o*.

CAIANA, q. — certa espécie de cana de açúcar. || Sempre ouvimos pronunciar *caisna*; entretanto, M. Lobato, observar atento destas coisas, escreveu no seu conto “O Comprador de Fazendas”, *cayena*. E’ possível que na zona do Norte assim se diga. — De *C a y e n n e*.

CAIPIA, s. m. — vegetal medicinal e que dá umas sementes de que se fazem rosários.

CAIBRA DE SANGUE, *câmaras de sangue*, s. f. —

CAIÇARA, s. m. — vagabundo, malandro, desbriado: “Carancho, subjugando o Mingo, tirou o facão, jogou-o para um lado e, com a bainha, deu uma surra no *caçarinha* desarmado...”

CAIÇARADA, s. m. — quantidade de *caçararas*.

CAÍDO(S), s. m. — afagos, carinhos: “Andava c’uns caídos co’ a noiva, que inté injuava”. || De *c a i r*.

CAÍDO, q. — rendido, namorado: “... Mal cortejava as mocinhas curiosas, que julgava caídas por êle”. (C. P.).

CAIEIRA, s. f. — fogueira de grandes paus arranjados em quadrilátero, nas festas populares: “A’ noite, após a reza, acende-se a *caieira*...” (C. P.). || Em Pernamb., segundo Garcia, significa “fôrno constituído pelos próprios tijolos a queimar”. — O port. *caieira* designa fábrica de cal.

CAIMENTO, s. m. — fôrte inclinação amorosa; no plur., o mesmo que *caídos*.

CAINHA, *caínho*, q. — diz-se do indivíduo mesquinho, que não gosta de dar nada do que é seu. ||

O’ ano triste e *caínho*,
Porque nos fazes pagãos ?

exclama Maria Parda no seu “Pranto” (Gil V.), referindo-se à falta de vinho.

CAINHÁ(R), v. t. — fazer mesquinhas, negar-se a ceder a outrem qualquer coisa sem importancia: “Muiézinha miseráve como esta nunca vi: magine que *cainhô* uas laranja pras criançã!”

CAÍPIRA, s. m. — habitante da roça, rústico. — q. — próprio de matuto, digno de gente rústica: “Você é um menino *caipira*”. — “Que vestido tão *caipira*, êsse que mandou fazer!” || Este voc. é usado em Portugal, pelo menos, há cerca de um século. Em 1828-1834 designava os constitucionais em luta com os realistas. No Minho, homem sovina, avarento, seg. o “Novo Dic.” Em Ponte do Lima, já L. de Vasc. colhera significados semelhantes. Camilo empregou-o na “Brasil. de Prazins”, em acepção que não se depreende bem do contexto: “Aglomeravam-se aí duas Bragas — a fiel, a *caipira*, pletórica de fidalgos. . .” Em Pernamb., é nome de um jogo popular, que se joga com um dado único (Garcia). — Qual a origem? Como todas as palavras de aspecto indígena, real ou aparente, tem fornecido largo pasto à imaginação dos etimologistas. Uns derivam-na de “currupira”, sem se dar o trabalho de explicar a transformação; outros, de “caapora”, o que é ainda mais extravagante, se é possível. C. de Mag. entendia que era ligeira alteração de “caa-pira”, mondador de mato.

CAIPÓRA ¹, s. m. — certo gênio habitador do mato: “Nas noite de vento, do arto do Samambaiá, a gente óve uns grito à meia noite. . . E’ o *Caipora*. . . Deus te livre!” (C. P.). || Superstição pouco espalhada hoje, em S. P., e comum a quase todas as outras regiões do Brasil, onde também dizem “caapora”, mais de acôrdo com a etimologia. Acreditamos que já não corresponde, aqui, pelo menos, qualquer entidade definida. Os *caipiras* fazem uma grande confusão entre os seus demonios, o *caipora*, o *currupira*, o *saci*, o *bitatá*, os quais vivem no vago e na incerteza, tomando e deixando fórmãs, atributos e marhas uns dos outros.

CAIPÓRA ², s. f. q. — Infelicidade, má sorte, desastre; o que é victima da desdita. || O “caapora”, gênio silvestre, tinha a particularidade de fazer infeliz quem o encontrasse, montado no seu porco, a correr pelo mato. Daí o novo sentido que o t. adquirir.

CAIPORISMO, s. m. — o mesmo que “caipora” ², dando, porém, às vezes, ideia de má sôrte continuada, teimosa.

CAITITÚ, CATÊTO, TATÊTO, s. m. — espécie de porco do mato, "Dicotyles torquatus". — Tupi.

CAJUZINHO, s. m. — arbusto do campo.

CALOMBO, s. m. — inchação, tumor, protuberância.

CAMARADA, s. m. — indivíduo que, nas fazendas, está encarregado de vários serviços; trabalhador de roça.

CAMARINHA, s. f. — aposento, quarto de dormir (?). || Seg. Mac. Soares é usado com esta aceção no Norte do Br. Em S. P., só nos recordamos de o ter ouvido uma vez, há muitos anos, com estes versos:

O' senhora Miquelina,
em le peço por favor,
me tirai da *camarinha*,
me ponhai no corredor.

CAMBARA, s. m. — árvore da fam. das Compositas.

CAMBARA-PÓCA, s. m. — árvore semelhante ao camarará, de madeira frágil ("póca").

CAMBAU, s. m. — pedaço de pau com correias nas extremidades, para jungir dois cães, cavalos, etc. || Em Port. há e a m b ã o designando a mesma coisa.

CAMBETEA(R), v. i. — andar aos pulos, como a perder o equilíbrio. || V. **CAMBITO**.

CAMBITO, s. m. — aparelho para echar o tabaco de corda; pau com que se torcem as correias sobre a carga de um animal, para fixá-la; pernil de porco; perna fina. || Na Amaz. designa um pau delgado que se suspende ao tecto para rêle pendurar esteiras, cordas, etc. (Cherm.); em Pernamb., forquilha que se põe sobre o lombo de um animal para segurar a carga de canas, lenha etc. (Garcia). — Cherm. deriva-o do tupi "acambi", forquilha, galho; mas parece, mais simplesmente, ligar-se a *cambau*, c a m b ã o, *cabota*, *cabtear*, etc., vocs. nos quais há uma ideia comum e persistente de curvatura, volta, etc.

CAMBÓTA, s. f. — cada uma das duas peças, em figura de segmento de círculo, que, com o meão, formam a roda do carro de bois.

CAMBÓTE, s. m. — brinquedo que consiste em pôr a cabeça no chão e virar o corpo até que os pés toquem novamente o solo: "virá(r) *cabote*".

CAMBRA, *câmara*, s. f. — (C. municipal).

CAMBUCCI, s. m. — árvore do gén. “Eugenia”, fam. das Mirtáceas.

CAMBUÍ, s. m. — designa várias plantas do gén. “Eugenia”, Mirtáceas; a fruta dessas árvores.

CAMBUISEIRO, s. m. — árvore também chamada *cambuí*.

CAMBUQUIRA, s. f. — grelos de abóbora: “Chegava a hora da ceia. Caldo de *cambuquira*, um feijão virado alumiando de gordura...” (C. P.) — Tupi.

CAMERA, *câmara*, s. f. — (C. municipal).

CAMPEA(R), v. t. — procurar: “Virei pra trás de supetão, *campeei* um cacete, voei na dita galinha...” (V. S.)

CAMPÊRO ¹, s. m. — homem que lida com gado, nas fazendas.

CAMPÊRO, ², q. — designa certa espécie de veado que vive nos campos.

CANA-FRISTA, *cana-fistula*, s. f. — árvore da fam. das Leguminosas.

CANASTRA ¹, s. f. — caixa revestida de couro, na qual se guardam roupas brancas e outros objectos. || Em Port., cesta tecida de vêrga ou material emelhante.

CANASTRA ², q. — Ver TATÚ-CANASTRA.

CANA-TACUARA, s. f. — espécie de cana de açúcar muito dura, que se dá aos animais.

CANDEIA, s. f. — árvore da fam. das Lir. antéias. Há *grande e mirim*. || O nome provém de que pau é facilmente combustível, dando uma luz viva.

CANDIEIRO ¹, s. m. — lamparina de lata, com torcida, e que se alimenta com azeite ou querozene.

CANDIEIRO ², s. m. — indivíduo, geralmente menino, que vai adiante do carro, com uma agulhada, servir de guia, que também lida com os bois: “Enquanto o *candieiro* ajouja os bois, o carreiro *verifica* as arriatas a vêr se não falta alguma peça”. (A. S.) || Talvez altr. de “cangueiro”. Ou simples metáfora ?

CANDIMBA, s. f. — espécie de lebre.

CANDONGA, s. f. — arteirice. || T. pouco usado em S. P. onde, como aliás pelo resto do país, não parece ter significação definida. Oscila entre as ideias de feitiçaria, intriga, manha, tentação. || E' cast.

CANDONGUEIRO, q. — intrigante, arteiro. Nesta última acepção empregou-o S. Lopes no Rio G. do S. “A Tudinha era a chinoca

mais *condoneiros* que havia por aqueles pagos". || Cast. "condon-guero".

CANELA, s. f. — designa muitas espécies de árvores pertencentes diversas famílias, e isto com ou sem os determinantes *sassafras*, *amarela*, *antã*, *ameixa*, e mais dezenas dêles.

CANELERA, s. f. — o mesmo que *canela*: "... a um lado a mata distante uivava e os jequitibás, as perobeiras e *caneleiras* se balouçavam num acenar desesperado para o levante." (C. P.)

CANFRÔ, *alcanfôr*, s. f. — cânfora: "... fomentação de querozene ou de pinga com *canfrô*..." (C. P.).

CANGAPÉ, *combapé*, s. m.

CANGICA¹, s. f. — milho quebrado, para se comer cozido; o mesmo, já preparado. || Tem outras acepções, no Brasil. — Dão-lhe alguns procedência indígena; outros o derivam de *c a n j a*, voc. êste de orig. oriental (Mons. Dalg.) com a signif. primitiva de "caldo de arroz".

CANGICA², q. — diz-se do trôte duro e martelado das cavalgaduras: "Não pude até hoje saber de quem era aquêlê bragado tão exquisito, de tábua do pescoço tão fina, de cola tão rala, que seguia o homem num trote *cangica*..." (V. S.)

CANGÓTE, s. m. — a região occipital. || Cruzamento de *cogóte* e *canga*.

CANHAMBORA, *CANHEMBORA*, *CANHIMBORA*, s. m. — escravo fugido, que geralmente vivia em quilombos ou malocas pelos matos. || B.-R. regista as variantes "caiambola, calhambola, canhambola, canhambora, canhembara, caiambora". Segundo Anchieta, citado pelo mesmo, o tupi "canhembara" significava fugido e fugitivo. — Houve talvez alguma confusão com "quilombola", determinando todas as variantes em *ola*, *ora*, que ficam consignadas.

CANIÇO, s. m. — cobertura de tacuaras sobre a mesa do carro de bois.

CANINANA, s. f. — cobra sem peçonha da fam. "Colubridae"; mulher má: "A *caninana* envolvia no mesmo insulto a inocência ignorante e a nobreza de um sentimento purissimo, recalçado no fundo do meu ser". (M. L.).

CANINHA, s. f. — espécie de cana de açúcar, muito boa para aguardente; a aguardente que dela se faz.

CANIVETE, s. m. — cavalo pequenô. || Taunay colheu-o, em Mato Grosso ("Inoc.") — F. J. Freire regista "faca", cavalo pe-

queno de corpo. Em Gil V. acha-se “faca” e “facanea”, êste correspondendo ao cast. “hacanea”.

CANJARANA, CANJERANA, CAJARANA, s. f. — árvore da fam. das Meliáceas: ‘... tomar da foice, subir ao morro, cortar a *canjerana*, atorá-la, baldeá-la às costas e especar a parede...’ (M. L.) || H. P. regista ainda o sinon. “pau de santo”. A árvore dá um fruto em forma de *cajá*, o que torna aceito o étimo “acajá” “rana”, falso, parecido. Nêste caso, a forma exacta será *cajarana*, podendo explicar-se a nasalidade do primeiro *a* por influênoia do terceiro, acentuado, ou por influência de *c a n j a*.

CANTO CHORADO — expressão usada na frase “trazer de canto chorado”, isto é, debaixo de rigorosa vigilância, de exigências despidadas.

CANUDO, s. m. árvore de pau ôco, da fam. das Flacourtiáceas, comum no vale do Paraiba. || H. P. regista, além desse nome, *pau canudo* e *canudeiro*.

CANUDO DE PITO, s. m. — árvore de pau mole e ôco. O mesmo que *canudo* ?

CAPAÇÃO, s. f. — acto e efeito de castrar.

CAPADÊTE, s. m. — porco castrado, antes de entrar para a ceva: “Teve égua, mas barganhou-a por um *capadete* e uma espingarda velha”. (M. L.).

CAPADO, s. m. — porco castrado.

CAPANGA, s. m. — indivíduo assalariado para guarda e defesa de alguém; “guarda-costas”. || Em bundo, “kapanga” é uma loc. adv.: no sovaco. Talvez se dissesse, rêsse idioma, do indivíduo forte e valente, que “tinha cabêlo no sovaco”, como se diz ainda hoje, na roça, que “tem cabêlo *no apá*”, isto é, na pá, que é justamente a parte do ombro correspondente à axila.

CAPAO, s. m. — mato pequeno e isolado. || Tupi “caapuan”.

CAPÉLA, s. f. — bando de bugios.

CAPENGA, q. — cambaio, de perna torta. || Talvez de orig. afric. Cp. os brasileirismos *pengó*, *capiangar*, *caxingó*.

CAPIM, s. m. — designa, especial ou colectivamente, quaisquer gramíneas rasteiras, ou até certa altura, mas ainda tenras. Muitas espécies: *c. angola*, *branco*, *catingueiro*, *fino*, *gordura*, *guassú*, *jaraguá*, *melado*, *membra*, *mimoso*, *paupan*, etc. || T. usado em todo o Brasil não desconhecido mesmo em Portugal, Dão-lhe orig. tupi.

CAPINA, *capinação*, s. f. — limpa, mondadura com enxada. || De *capinar*.

CAPINADOR, s. m. — homem que *capina*.

CAPINÁ(R), v. t. e i. — mondar, limpar de ervas e mato (o solo, as plantações).

CAPINZÁ(L), s. m. — lugar onde há muito capim.

CAPITÃO, s. m. — bocado de feijão com farinha, que se prepara entre os dedos, dando-lhe uma fôrma alngada. || C. Ramos colheu em Goiás "capetão". Talvez seja fôrma mais próxima da orig.

CAPITUBA, s. f. — caniço de beira de água, graminea alta de beira de rios e lagôas. || Do tupi "caapituba", muito capim, capinzal.

CAPIVARA, s. f. — grande roedor da fam. "Caviidae" || Tupi.

CAPIXINGUI, s. m. — árvore da fam. das "Euforbiáceas".

CAPUAVA, s. f. — parte de um sítio, ou fazenda, onde se fazem anualmente plantações de cereais e outras. || E' provável que outrora tivesse significação um tanto diversa. B.-R., citando Paula Sousa, diz que em S. P. designa qualquer estabelecimento agric. para cultura de cereais, feijões, mandioca e outros mantimentos. — Na Par. do N. e R. G. do N., pronuncia-se *capuaba*, e o t. designa cabana, casa mal construída e arruinada. No Esp. Santo, *capixaba* é o mesmo que a *capuava* paulista. (B.-R.).

CAPUÊRA, s. f. — mato que rasceu em lugar de outro derrubado ou queimado. || De "caapuan-uera", mato isolado que foi, antigo mato virgem. — A fôrma culta é *capoeira*, assimilada a palavra já existente na língua.

CAPUERÃO, s. m. — capuêra alta e densa.

CAPUERINHA, s. f. — capuêra baixa.

CARA, s. m. — nome de várias plantas rasteiras e trepadoras que dão um tubérculo comestível. Há quem identifique *cará* com *inhame*, o que não é exacto, ao menos em S. P.

CARACACHA, s. m. — chocalho de lata. || E' o "maracá" do Norte, o "ganzá" ou "canzá" do Nordeste.

CARACARA, s. m. — ave de rapina da fam. dos Falconidas: "Só um *carácará* resiste à soalheira num esgalho de peroba: está de tocaia aos pintos do Urunduva, o rapinante". (M. L.).

CARAGUATA, *CRAUATÁ*, *GRAVATÁ*, s. m. — bromeliácea vulgar.

CARANGUEJERA, q. que se junta a *aranha*, para designar certas espécies grandes e escuras, cobertas de pêlos.

CARAPINA, s. m. — carpinteiro ordinário: ... o Teixeirainha Maneta era um *carapina* ruim inteirado, que vivia de biscates e remendos". (M. L.)

CARAPINHÉ¹, s. m. — certa espécie de gavião. || Voc. onomatopaico.

CARAPINHÉ², s. m. — brinquedo infantil que consiste em pegar uma pessoa, com dois dedos de uma das mãos, a pele das costas de outra mão, puxando-a, ao mesmo tempo que eleva e abaixa repetidamente os braços, dizendo: *cará... cará... carapinhééé!*... || E' evidentemente, um arremedo dos movimentos do gavião a arrebatrar a vítima no bico. Este brinco, popularíssimo em todo o Estado, fazem-no os adultos, ou crianças maiores, para divertir as pequeninas.

CARAQUENTO, q. — que tem grânulos, escamas ou películas rebentadas (pêlo, fruto, qualquer superfície). || Cp. cast. "carachento", sarnoso.

CARCAMANO, s. m. — nome jocoso que se dá ao individuo de nacionalidade italiana. || Existe, ou existiu, êsse termo na costa da Galiza, sob a fórma "carcaman", servindo para designar os contrabandistas; tem ainda, no cast., significação de "navio grande, mau pesado". Cap. o port. *c a r r a c a*, grande embarcação antiga, mencionada na "Cron. de D. Duarte", de Rui de Pina.

CARÉPA, s. f. — usado na frase "levado da carépa", equivalente de "levado da bréca", ou "do diabo".

CARÉSTIA, *carestia*, s. f.

CARIMÁ, s. m. — doença que ataca as maçãs do algodão. || Tupi.

CARNE-DE-VACA, s. f. — árvore da fam. das Protáceas.

CARNEA(R), v. t. — esfolar espostejar uma rez. || Romag. consigna como "esfolar" apenas dá como voc. sul-americano.

CARNEGAO, s. m. — matéria endurecida que se forma na raiz de um furúnculo. || De *c a r n i c ã o* ?

CARONA, s. f. — peça composta geralmente de dois couros quadrangulares iguais, e que se coloca embaixo do lombilho, nas cavalgadas. || E' usado, com variantes, em quase todo o Brasil, e nas repúblicas do Prata.

La carona, en que mil flores
Bordò un paisano ladino —

(Granada).

ANDÁ PRAS CARONA, *andar pelas coronas* — achar-se em estado de saúde extremamente precário, estar morre não morre. || Frase usada também no R. G. do S.

CARPA, CARPIÇÃO, s. f. — acto ou efeito de *carpir*.

CARPI(R), v. t. e i. — o mesmo que *capinar*, com a diferença, porém, que se emprega mais *carpir* quando se trata de plantações (ex., "carpir o café", isto é, o cafetal: limpá-lo do mato que nasce entre os arbustos) e *capinar* quando se trata de um terreno qualquer (*capina-se* o solo para plantar). || B.-R. aponta a possibilidade de um étimo latino, hipótese reforçada, ultimamente, por Ot. Motta, na "Rev. da Ling. Port.", n. 3. Também há quem descubra procedência indígena de vários feitio.

CARRAPICHO, s. m. — semente espinhosa de varias plantas; essas próprias plantas.

CARREADÓ(R), s. m. — caminho entre plantações.

CARRERA ¹, s. f. — corrida de cavalos.

CARRERA ², s. f. — acto de correr.

DE —: a cotter.

CARRERO, CARRERINHO, s. m. — caminho estreito, trilho.

CARTUCHE, *cartucho*, s. m. — "Compro uma espingarda que nem aquela de seu padrinho: de hotá *cartuche*... (C. P.) || Cp. *guspe* por *cusp* o, *aspre* por *áspero*, *fixe* por *fixo*."

CARURÚ ¹, s. m. — nome de várias espécies de erva, algumas comestíveis. || Na Baía, mistura de ervas, quiabos, camarões ou peixe, etc. || Tupi? Africano?

CASAMENEA(R), v. t. relat. — animar, excitar (alguem) a casar-se com determinada pessoa: "O Pedro anda *casamenteando* a Maria co Rocha" — "O Juão e a Tudica foram *casamenteado(s)* um cum ôtro, desde piqnenos, pros parente(s)".

CASCA DE ANTA, s. f. — pequena árvore da fam. das Magnoliáceas.

CASIÃO, *ocasião*, s. f. — oportunidade, momento: "Certa *casião*, no tempo das guerra c'os casteiano paraguáio, eu percisei i tirá cipó..." (C. P.). || Encontra-se em Gil V. ao lado de *cagião* (em *escriptores* mais antigos, *c a j o m*):

Mas que sei eu s'ella mesma
Deu *casião* para isso ?

CASTEIANO, *castelhano*, q. — filho das repúblicas do Prata. || Também no R. G. do S., com a mesma acepção.

CATAGUÁ, s. m. — árvore de campo, da fam. das Rutáceas. Há *branco* e *vajado*. (H. P.).

CATAPÓRA, TATAPÓRA, s. f. — varicela. || Tupi.

CATATAU, s. m. — pequeno, baixo (homem). || Paiva consignava-o entre os termos condenados, sem o definir. Em Goiás designa carta de baralho, no jogo do truque: “Cuidado, minha gente, avisou alguém; temos aí cabra que truca sem zape nem catatau”. (C. R., “Gente da gleba”). Em Pernamb., “falatório, discussão, mexerico”. (Garcia). Em Tras-os-Montes, segundo o “Novo Dic.,” “besta grande e velha; pessoa velha e magra; castigo. pancada”.

CATERETÊ, s. m. — dança de roceiros. || ... a (dança) brasileira, essencialmente paulista, mineira e fluminense, é o *cateretê*, — tão profundamente honesta (era dança religiosa entre os tupi) que o padre José de Anchieta a introduziu nas festas de Santa Cruz, S. Gonçalg, Espirito Santo, S. João e Senhora da Conceição, compondo para elas versos em tupi, que existem até hoje...” (C. Mag., Conf.) — De “catira-etê” ?

CATÊTO, q. — diz-se de certa espécie de arroz, e de certa espécie de milho.

CATIGUÁ, s. m. — árvore da fam. das Meliáceas. Há *gráudo miúdo*. (H. P.).

CATINGA, s. f. — mau cheiro de gente, de animais, de roupa suja, etc.

CATINGA(R), v. i. — cheirar mal (a suor, a roupa suja, a sarro, etc.).

CATINGUDO, q. — que tem catinga, que cheira mal.

CATINGUENTO, q. — c mesmo que catingudo.

CATINGUÊRO, q. — serve de designar certa espécie de veado pequeno do campo, certa espécie de capim.

CATIRA, s. f. — dança caipira: “João Penso levava pau no piolho... por amor dela, e, ainda mês tanto atrás, saíra cinza num *catira*, num despique entre o Biscoito Tacuara” (C. P.).

CATIRINA, *Catarina*, n. p. || Forma antiq., *Caterina*.

CATUCA(R), CUTUCÁ(R), TATUCÁ(R), TUTUCÁ(R), v. t. — tocar (com dedo, com cotovêlo); ferir de leve (com uma agulha, um espinhc, uma faca): ... o Astolfo *cutucou* Manêzinho com o cotovêlo... (V. S.) — Figuradamente, insinuar, sondar, excitar:

“*Cutuquei* o hóme sôbre aquela proposta, mais o diacho se fêiz de desintendido...” || *Cat.* emprega êste verbo, no seu poemeto nor-tista — “*Quinca Micná*”, com uma acepção corrente em S. P.: “... me *cutucô* pra fugi...”, isto é, “me insinua que fignossemos, me den a entender que fugiria comigo”. — Dá-se-lhe origem no tupi, onde há o verbo “*cutuca*” (B.-R.) com identico ou semelhante sentido; mas tambem já descobriram, no bundo, “*cutuca*”, esvoaçar, adejar...

CATUCAO, **CUTUCÃO**, **CATUCADA**, **CUTUCADA**, s. f. — acto ou efeito de *cutucar*: “Nha Veva quieta, repuxando a boca. Uma pedra. Não disse nada. Cai em cima da menina, beije, chorei. Nisto, uma *cutucada* — era o Zico, aquêlê negrinho. sabe? Olhei pra êle; fez geito de me falar lá fca, longe da tatorana”. (M. L.). || Escreve-se, geralmente, “*cutucar*”, “*cutucão*”, etc. Esta grafia não corresponde à pronúncia, mas ao vazo, aliás natural e explicável, de reduzir as fórmãs estranhas aos tipos correntes da língua.

CATUERO, q. — diz-se do anzol encastoado (ou *empatado*) que se coloca numa vara, deixando-o quase na superfície da água, com a isca.

CATUNDUVA, **CATANDUVA**, s. f. — mato baixo e áspero, em terra inferior. || De “*caatdyba*” (T. Sampaio).

CATUZADO, *alcatruzado*, part. de *alcatruzar-se* — encurvado, alquebrado (pela magreza): “Esse boi está *catuzado* e bambo”. || “O port. *alcatruzado* emprega-se freqüentemente, sobretudo no Algarve, com a significação de “*corcovado*”, diz J. Mor. (“*Estudos*”, 2.º vol., p. 209).

CAUSO, *caso*, s. m. — factó, ocorrência, aneodota: “Vô le contá um *caso*”. || Encontra-se em Gil V., mnitas vezes, *caiso*, como se encontra a ito por a nto. Terá a nossa fórmula dialectal relação com a vicentina, ao tratar-se há de mera influência de *causa*? Cp. a loc. *por caso de* = *por causa de*.

CAVADERA, s. f. — peça de ferro, com gume, que se adapta à ponta de um pau, afim de abrir buracos no chão, para sementes.

CAVALO-SEM-CABEÇA, s. m. — duende tambem cbamado *mula-sem-cabeça*: “Num sei quem foi que viu um *cavalo-sem-cabeça* pino-tiando co demônio im riba no meio dos bitatá e sortano fogo pras venta...” (C. P.).

CAVAQUEA(R), v. i. — irritar-se, abespinhar-se (com alguma desatenção, ou brincadeira). || “Dar o cavaco” tem, em S. P., e

não só entre os calpiras, significação diferente da que lhe dão os portugueses: vale o mesmo que *cavaquear*.

CAVAQUISTA, q. — que se irrita facilmente; que não tolera brincadeiras; que *cavaqueia* sem grande motivo.

CAVIRITA, q. — dizem, ou diziam outrora os mezinhas do pinhão menor que os outros, com que jogavam.

CAVIÚNA, CABIÚNA, s. f. — designa várteis árvores da fam. das Leguminosas, de madeira muito forte.

CAVODA, s. m. — orifício que fica nos muros de taipa depois de retirados os andaimes. || Do cast. *cavidad*?

CAXERENGUE, s. m. — faca velha sem cabo. || De S. P. para o sul é usual esta forma; pelo resto do Brasil, “caxiri, caxirengue, caxirenga, cacerenga, quicê, quicê-acica, cicica”, designando, geralmente, velha faca empregada na raspagem da mandioca. “Caxiri”, no Pará, é uma espécie de alimento preparado com beijú diluído em água. (B.-R.).

CAXÊTA, s. f. — árvore bignonácea.

CÊDRO, s. m. — nome de várias espécies de meliáceas.

CEREJA, s. f. — designa o grão de café com sua casca, na expressão — “café em cereja”, mesmo que “em côco”.

CERRADO, s. m. — mato baixo e denso. || B.-R. regista-o como t. matogrossense e goiano.

CERTO, q. — diz-se do animal adestrado, que obedece à rédea; *Certo de bôca*: “Adonde já se viu um cavalo que num tá nem certo de bôca, inda co essa manquêra de má feição, por nõventa!” (C. P.).

CÊVA, s. f. — lugar onde se põem grãos ou outros engodos para a caça.

CEVÊRO, s. m. — lugar onde se faz *ceva* para habituar a caça a frequentá-lo: “O tar crube é um bão *cevêro*...” (C. P.).

CHACRA, s. f. — propriedade rural próxima de povoado; terreno cultivado nos arredores de uma povoação; residência de arrabalde, com quintal grande plantado. || Corre em todo sul do Brasil. A forma “chácara” só é usada pela gente culta. E’ voc. sul-americano, c, segundo Zorob. Rodr., de procedência quechua.

CHACRÊRO, s. m. — homem que tem a seu cargo uma *chacra*, que planta zela.

CHACOAIÁ(R), v. t. e i. — revolver, bater como chocalho: “O supliciado... com figado mais víceras fóra do lugar, por via de

muito que *chacoalhavam*... (M. L.) || E' t. usado a todo o momento e por toda a gente. Apenas os mais "civilizados" preferem dizer "chacoalhar". — Alter. de *ch o c a l h a r*.

CHALO, s. m. — cama de varas, armada sobre estacas fincadas no chão.

CHAMA, s. m. — pássaro que se coloca perto de um alçapão armado, para com o seu canto atrair outro da sua espécie. || De *ch a m a r*.

CHAMBALÊ, CHUMBALÊ, s. m. — certo vestido de criança, espécie de camisola.

CHAMPUNHA, s. f. — giro do corpo, no ar, sobre as mãos postas no solo, como fazem os ginastas. || Cp. c italiano *z a m p o g n a*.

CHARA, s. m. — qualquer individuo, em relação a outro de igual nome. || No extremo Sul, "tocaio"; no Amaz., "chêro". — Segundo Cherm., do tupi "che rêra", seu nome.

CHAROTO, *charuto*, s. m. || Segundo Moz. Dalg., os portuguezes receberam êste t. dos ingleses que, na India, diziam "cheroot", reproduzindo o tamul-malaiala "charuttu". Só aparece em literatura nos fins do sec. passado, sob a forma *cherut* e *charuto*.

CHARQUE, s. m. — carne seca salgada. || E' t. corrente em todo sul do Brasil. Do araucano, ou do quechua, seg. Zorob. Rodrig., citado em Romag.

CHARQUEADA, s. f. — lugar ou estabelecimento onde se prepara a carne de vaca, salgando-a e secando-a ao ar livre.

CHARROA, s. f. — remate, nas extremidades de uma rédea de couro: "... o velhinho pai do Jéca, junto ao palanque, trançava um laço ou fazia *charrôa* de um par de rédeas, manejava a sovela e os tentos finos..." (C. P.).

CHASCO, s. m. — o acto de puxar súbitamente, num gesto de arrancar (a rédea de um cavallo, para obrigá-lo a parar; uma corda presa, um pano pendente, etc.) || No R. G. do S. chama-se "chasqueiro" a certo trote largo e duro (Romag).

CHATEA(R), v. t. e i. — achatar, esmagar, comprimir; tornar-se chato; pôr-se rente com o solo: "Quano nu"ta vorta do caminho — veja só que faro de alimá! — o Bismarque (cão) *chateô* no chão, amarrano, que era uã bunitiza..." (C. P.).

CHAVÊTA, s. f. — peça de madeira que prende a canga á tiradeira.

CHAVIÊ, q. (burlesco) — desapontado, envergonhado;

Responde Pedro, bravo, e já *chavié*:
 “Pampa perdeu, foi porque estava aguado”.

(C. P.)

|| Parece tirado de *desinxavido*, por um processo muito grato ao povo, processo às vezes motivado por “derivação regressiva” (*paixa*, de *paixão*), às vezes por simples divertimento momentâneo. *Desinxavido*, entre os povos, se diz daquêl que está corrido ou maguado por alguma contrariedade, ou calado e triste por timidez; e ouve-se, não raro, dizerem por hrinco — *desinxá, xavi*, etc. Entretanto, há também *javeva* e *javevó*, que tem parentesco de sentido, e talvez de forma, com *chavié*.

CHÉI, intj. de dúvida mais ou menos equivalente a *quali*, assumindo ligeiras modalidades conforme se pronuncia mais rápida ou mais longamente, com maior ou menor energia: “*Ché!* nho Jacuim, mecê nêsse tranquinho num chega hoje ra vila”. Frequentemente, juntam-lhe outra exclamação, *que esperança!*: “— Sarou bem? — *Ché, que esperança!* Melhorzinho. Panarício é uma festa!” (M. L.).

CHÊO, *cheio*, q. || Cp. *arêa, cêa, sêo, vêa*, formas que também subsistem no Algarve, seg. J. J. Nunes.

CHERATA, q. — metedição, intrusc. || De *cheirar*.

CHERO, s. m. — erva com que se condimenta a comida. ||

Vinha ao vosso hortelão
 Por *cheiros* para a panela.

(Gil V., “O Velho da horta”).

CHIBA! intj. jocosa que se usa à guiza de “viva!” quando alguém espirra. Envolve alusão ao espirro da cabra.

CHIBARRO, s. m. — hode; homem mestiço de sangue negro. || Em port. há *chibatc*, diminutivo de *chibo*.

CHICOLATE, *chocolate*, s. m. — ovos batidos com leite. || Taun., “Inoc.”, colheu-o em M. Grosso com significação semelhante: café com leite e ovos batidos.

CHICOLATÊRA, *chocolateira*, s. f. — vasilha de lata, geralmente usada para aquecer café, chá ou leite.

CHIFRADA, s. f. — marrada, golpe de chifre.

CHIFRADE(I)RA, s. f. — correia que prende um a outro, pelas pontas dos chifres, os béis de uma junta,

CHIFRA(R), v. t. — dar com os chifres, marrar, escornar.

CHIFRUDO, q. — que tem grandes chifres.

CHILENA, s. f. — espora de grande roseta:

Laço nos tentos, a *chilena* ao pé,
o ponche na garupa pendurado —

(C. P.).

|| Também usado no R. G. do S. e outros Estados meridionais.

CHIMBÉVA, q. — que tem o nariz chato. || No R. G. do S. dizem “chimbé”. Segundo B.-R., a primeira forma é tupi, a outra guarani (“timbéva” e “timbé”).

CHIMBICA, s. m. — certo jogo de cartas.

CHIMBURÉ, s. m. — certo peixe de rio.

CHINA, q. — diz-se de certa raça bovina, dos respectivos indivíduos.

CHINCHA, *cincha*, s. f. —

CHINCHA(R), *cinchar*, v. t. —

CHINFRIM, q. — sem graça, mal arranjado, ordinário, chué (um vestido, um bañe, uma casa).

CHIQUERO, s. m. — um dos compartimentos do curral de peixe.

CHIQUERADO(R), s. m. — relho composto de um pan com uma tira de conro ligada a uma das extremidades. || No E. do Rio, seg. B.-R., “chiqueirá”. — Subst. derivado de *enchiqueirar* = “meter no chiqueiro”, e portanto alteração de “enchiqueirador”. Tanto “enchiqueirar” como “enchiqueirador” são usados no R. G. do S., este último, porém, referido a pessoa — aquêlê que recolhe ao chiqueiro os animais.

CHIRINGA, *seringa*, s. f. || E’ curioso notar a casualidade de ser esta forma pop. paulista idêntica, na pronúncia, à italiana — *sciringa*. Etimo: *syringa*.

CHOCA(R), v. t. — contemplar demcadamente, com desejo ou inveja; pensar muito em alguma coisa que se deseja.

CHORORÓ, s. m. — certo pássaro.

CHUAN, s. m. — pequeno cesto cônico, de cipó, para carregar frutas.

CHUCRO, q. — não domado (animal cavalari ou muar). || Segundo Romag., no R. G. do S., aplica-se de preferência ao gado vacum. — T. usado na América espanhola sob a forma “chúcaro”. Dão-no como de origem pernana,

CHUÊ, q. — ordinário, desgracioso, chôcho: festa *chuê*, casa *chuê*, pessoa *chuê*. || Cp. *chaviê*.

CHUMAÇO, s. m. — pedaço de madeira mole metido entre os cocões do carro de bois.

CHUMBADA, s. f. — peso de chumbo que se põe nas linhas de pesca.

CHUMBEA(R), v. t. — ferir com tiro de chumbo.

CHUMBEADO, q. — atingido por tiro de espingarda; namorado; ligeiramente embriagado.

CHUPÊTA, s. f. — bico de borracha, ou de pano, que se dá às crianças novas para chupar.

CHUPIM, s. m. — nome de vários pássaros da fam. "Icteridae". || Segundo B.-R., "chico-preto" no Piauí, "caraúna" em Pernamb., "vira-bosta" no Rio. — Do tupi "japii". (R. v. I.).

CILADA, s. f. — lugar onde a caça atravessa habitualmente um caminho.

CINCERRO, s. m. — campana que se coloca ao pescoço das *madrinhas* de tropa, das vacas leiteiras, etc. || Usado em todo o sul do Bras. — Do cast. *cencerro*.

CINCHA, s. f. — cinto ou cilha com que se fixa o lombilho sobre a cavalgadura. || Cast.

CINCHÁ(R), v. t. — pôr a *cincha*; trazer preso (um animal) por corda ligada à *cincha*; figurad., puxar com força por um laço ou corda.

CINISMO, s. m. — monotonia, tédio, sensoria: "Meu Deus, que dia estúpido! Que *cinismo!*" || Parece ter sido, primitivamente, termo de gíria de estudantes.

CINZA, s. f. — na frase "sair cinza" que significa haver conflito, barulho, sarilho: "... ainda mês e tanto atrás *saira cinza* num catira, num despique entre o Biscoito e o Tacuara..." (C. P.)

CIPÓ, s. m. — designa muitas espécies de vegetais sarmentosos e de trepadeiras delgadas e flexíveis. || Do tupi "ycipó" (B.-R.)

TIRÁ(R) — refugiar-se no mato.

CIPOADA, s. f. — quantidade de cipós; chicotada com cipó.

CIPOA(L), s. m. — lugar onde há grande quantidade de cipós; figur., assunto emaranhado, negócio cheio de complicações.

CISCA(R), v. i. — remexer o cisco; arrANHAR o chão, espalhando poeira detricos (a galinha),

CISMA, s. f. — presunção; prevenção, desconfiança: “O Juca tem *cisma* de valente”. — “Não sei porquê, o home anda de *cisma* comigo”. || E’ port. com a significação de mania, preocupação, devaneio. Escreve-se, em geral, “scisma”, identificando-o assim pela fôrma com outro t. que designa separação, dissidência religiosa, etc., e que vem do grego *skisma*.

CISMA(R), v. t. e i. — desconfiar, presumir.

CISMADO, q. — desconfiado, prevenido.

COARA(R), *côrar*, v. t. || Esta fôrma só se refere à roupa lavada posta ao sol. Diz-se também *corá(r)*, mas com referência à vermelhidão das faces. — *Corsá* apresenta evidentemente um caso de desdobramento de uma vogal aberta: *c o r a r*, em boca de portugueses, sôa “côrar”. E’ curioso, contudo, que esse fenómeno só se tenha dado com uma das acepções do voc., e mais curioso ainda quando se sabe que o mesmo facto se observa no extremo Norte do Brasil. (Cherm., art. “Coradouro”).

COARADÔ, *coradouro*, s. m.

COBRA-CIPÓ, s. m. — nome de várias espécies da fam. “Colubridae”: cobras compridas, delgadas e ágeis.

CÓBRA D’AUA, — D’AGUA, s. f. — nome de várias espécies da fam. “Colubridae”.

COBRÊRO, *cobrêlo*, s. m.

COCADA, s. f. — doce de côco em tijolinhos.

CÓCHA, s. f. — acto de cochar, possibilidade de cochar: “não dá *cocha*”.

COCHA(R), v. t. — torcer e apertar como corda (o tabacc, ou, à brasileira, *o fumo*). || A definição acima, sem a restricção que lhe assinalamos em parêntese, parece convir à acepção lusitana do t.

COCHIMPIM, s. m. — aparelho compostc de um pau que gira horizontalmente sôbre o topo de outro especado no chão, e em cujas extremidades se sentam meninos, fazendo-o rodar com os pés.

COCHÓ, q. — chôcho.

COCHONI(LH)O, s. m. — fôrro de linho felpudo, ou coisa semelhante, que se coloca sôbre a sela. || Dc cast. *cojinillo*:

El cojinillo, más fino
Que de una mujer el pelo —

(Granada, “El Recao”).

CÓCRE, s. m. — pequena pancada na cabeça, com o nó do dedo médio; carolo. || Usado em Port. com a significação de “pequena pancada na cabeça, com vara ou cana”. B. R., regista “cocorote”, com a mesma significação do t. paulista. Deve haver aí influência de “cocoruto”. — *Cócre* deve ser simples alter. de *croque*, do fr. *croc*, vara com gancho.

COICÊRO, q. — que costuma escoucear.

COIRAÇÃO, *CURAZÃO*, *coração*, s. m. || Nunca ouvimos a primeira pronúncia; há, porém, quem ateste conhecê-la, e não como simples lapso individual, mas como forma aceite e corrente. Entre outros, merece toda fé o testemunho de Valdomiro Silveira, através de seus contos regionais, e de Corrêic Pires, no conto “O que é de raça...”:

Viro terra, viro mundo,
afundo na sertania,
mais meu *coiração* tá preso
neste bairro do Garcia —.

O que é mais interessante é que essa mesma forma, tal qual, foi empregada por Faria e Sousa nas suas églogas de estilo rústico, que têm por título “A Montanha”. Devia ser, porém, bastante rara em Port., pois o erudito sr. L. de Vasc., não a conhecendo, nem lhe achando jeito de coisa real, a atribuía à fantasia de poeta. Entretanto, nada se nos afigura mais explicável do que essa forma pop., por influência de *coiro* ou *coiraça*.

COISA-FEITO, — *FEITA*, s. f. — feitiço; mal praticado às ocultas, como, por ex., um envenenamento: ... o afamado Benedito Macaia, curador às direitas, que não punha, mas sabia desmanchar feitiço e *as coisa feito*. || A expressão parece mais ou menos generalizada pelo Brasil. Garcia recolheu-a em Pernamb. — Já nas “Memórias de um Sarg. de Mil.”, 2.ª parte, cap. XVIII, se encontra isto: “Aquêl rapaz nasceu em mau dia, disse ela, ou então aquêl é *cousa* que *lhe fizeram*: do contrario não pode ser”.

COISA-MÁ, *CUISA-MÁ*, s. m. — o diabo; indivíduo malvado, ordinário; criança traquinas. || Diz Garcia de Rez., na “Cron. de D. João II”, descrevendo uma scena de assombramento, ou coisa parecida: “... e mais havendo ahi suspeita que alli sentia *cousa má*.”

COISA-RÚIN, *CUSA-RÚIN*, s. m. — o diabo: “Já, nhor sim, o diabo

do Barão inté parece que tirha o *coisa ruim* no corpo!" (A. S.) || Pronuncia-se *ruim*, com acento no u.

COIVARA, s. f. — paus meio carbonizados que restam de uma queimada: "Assaltava, aqui, um monte de *coivara* velha; além, o sapé... (C. P.). || Do tupi "co-ybá", mato seco, gravetos?

CÓLA, s. f. — cauda (de animal cavalari ou muar): "Não pude até hoje saber de quem era aquêlê bragado tão exquisito, de táboa do pescoço tão fina, de *cola* tão rala..." (V. S.).

COLA E LÚZ, c. e luz, — expressão usada nas *carreiras* de cavalos para designar certa vantagem que se concede, na saída, ao animal contrário. Luz é geralmente usado na linguagem do "turf" para designar o espaço que fica entre um cavalo e outro que corre atrás:

— "Eu dô lambuja"! — Trata-se a carreira.

— *Cola e lúis* nas três quadra! Quem mais qué?

— "Déis por cinco, e é no Pampa!" — "Quem iteira?"

(C. P., "A Raia").

COLERADO, ENCOLERIZADO, q. — "E eu fiquei *colerado*, passei a mão na espingarda..." (V. S.).

COMÓA, COMÚA, s. f. — latrina. || *Comúa*, neste sentido, ainda é usado em Port. Antiga forma femin. de *comum*.

CONCHEGADO, q. — diz-se da pessoa ou animal de membros curtos, grosso e forte.

CONGADA, s. f. — certa festa de negros, espécie de auto, já quase inteiramente em desuso.

CONGADO, s. m. — o mesmo que *congada*.

CONTIA, *quantia*, s. f. — quantidade qualquer. || Arcaísmo de forma e de sentido. Quanto à forma, era esta a que F. J. Freire preferia, de acordo com o uso clássico. Quanto ao sentido, mais geral que o que tem hoje, também se observa nos clássicos. E' de F. Elísio, na "Arte Poét.":

Que *quantia*

de cavalos que passa!

COPAÍBA, s. f. — árvore da fam. das Leguminosas. || H. P. regista diversas variantes: *copaúva*, *copaúba*, etc.

CORENTA, *quarenta*, adj. num. || "E auendo este recado: o

meestre mandou logo a Almada a Nunalurez com quorenta". (Cr. do Cond., XXVI). O *qu* em vez de obedece a preocupação etimológica. — "... mil e corenta e sinco corpos d'armas brancas..." (De uma "Relação" do tempo de D. João III, no "Dom J. de Castro" de M. de S. Pinto, p. 13-14, nota).

CORESMA, *quaresma*, s. f. || Forma arc. e pop.

CÓRGO, *córrego*, s. m. — riacho. || F. J. Freire dá o t. como antiq. e equivalente a "regueiro". Ad. Coelho, na "Ling.", dá esta palavra entre as que "estão realmente caídas em desuso ou vivem só como termos provinciais".

CÓRO, *couro*, s. m. — chicote, relho: "Preguei o *côro* e cbeguei a espora no bicho, que êle veiu que veiu avoano!"

CÓRO DE ARRASTO, s. m. — couro largo, em que se conduz bagaçõ, arrastando: "Forã era o bagaceirc, com seus montes brancos trazidos pelo *couro de arrasto*, em que os crioulinhos se equilibravam sôbre o bagaçõ..." (C. P.).

CORÓ, s. m. — bichc de pau pôdre: "Um galho grosso, roído pelos *corós*, se desprendêra da árvore morta..." (C. P.).

COROA(R), v. t. — fazer um círculo de pedras, terra e detricos vegetais em roda do cafeeiro.

COROAÇÃO, s. f. — acto de *coroar* (o cafeeiro).

COROANHA, *coronha*, s. f. — semente dura e lisa, que se extrai de uma vagem silvestre. Parece ter applicações de medicina caseira. Brincam com ela os meninos, geralmente aquecendo-a por atricto, sôbre a manga, e pondo-a de surpresa sôbre a péle de outra pessoa.

CORÓCA, q. — muito idosa, encurvada, caduca (mulher); geralmente junto "velha": "Era uma véia *coroca*..." Também se usa substantivamente: "uma *coroca*". || No Maranhão ("Dic. da ling. Tupi", G. Dias) o povo diz dos velhos adoentados, sem distinguir sexo. Também se usa no Amaz. com sigrific. idêntica (Cberm., que grafa "córóca"). Dá-se-lhe étimo tupi: "curóca", caduco.

CORRE-CORRE, s. m. — agitação de pessoas que correm em várias direcções; acto de crrer muito repetidamente. || Cp. *péga-péga*, *agarra-agarra*.

CORREDÊRA, s. f. — lugar onde as águas de um rio precipitam a marcha, devido a uma diferença mais fórte de nível:

Poitei na *corredêra* do Zé Bento —

(C. P.)

CORREIÇÃO ¹, s. f. — desfilada de formigas em trabalho. || “Do terreiro, como uma *correção* (sic) de formigas, gente vinha e ta, para ouvi-las.” (A Delf.) —

A viúva autorizada
Que não possui vintem
Porque o marido de bem
Deixou a casa empenhada;
Ali entra a fradalhada
Qual formiga em *correção*
Dizendo que à casa vão
Manter a honra da casa.

(Greg. de M., “Justiça”)

CORREIÇÃO ², *correção*, s. f. || Forma arc.: “He a honja manjar doce, & detem-se com gosto, & daqui vem q. corrompe o juizo, & empede a correição.” (Arrais, prcl. dos “Dial.”)

CORRIQUÊRO, *CURRIQUERO*, q. — presumido, afectado.

CORRIQUERISMO, *CURRIQUERISMO*, s. m. — qualidade, ou acto de pessoa presumida, afectada.

CORTADO, s. m. — na frase “trazer algem num cortado”, isto é, persegui-lo, apoquentá-lo.

COSQUENTO, q. — que é muito sensível a ecóegas. || “Coç’guento”, “coç’quento”.

COSTEA(R), v. t. — castigar, fazer sofrer (alguem), com desprizes, metendo inveja, etc.; “quebrar o topete”. || No R. G. do S. tem signif. semelhante e mais o de “arrebancar” (o gado).

COSTEA(R), *custear*, v. t. —

COSTEIO, *custeio*, s. m. —

COTÓ ¹, q. — que tem o rabo cortado (animal); que tem falta de um pedaço (membro).

COTÓ ², s. m. — fragmento, pedaço; peça pequenina e insignificante.

COVANCA, s. f. — grotta descoberta.

CÓVO, s. m. — espécie de cesto de tacuara para apanhar peixes, com um estreitamento no terço mais proximo à boca. || Em Port. designa também “cesto comprido de vime para pesca”.

CRAVINA, *clavina*, s. f. — carabina. || E' alteração de carahina, que já F. J. Freire emendava, em Port.

CRAVINÓTE, *clavinóte*, s. m. — certa espécie de carabina pequena.

CREÇUDO, q. — crescido, que cresce muito: “Esse minino é tão creçudo que daqui pôco tá igualano o pai”. ||

Foram ambos a mandar,
E o trigo era creçudo
E foi-se a ella.

(Gil V., “O Juiz da Beira”).

“Moysés sendo já *creçudo* de ydade, aconteceu que os da Etyopia destruírom huma parte do Egito...’ (“Hist. d'abreviado Test. Velho”). — Nos primeiros tempos da lingua, *udo* era a terminação regular do part. pass.

CRÉDO!, intj. de espanto, muito usada isoladamente, e junto com outras palavras: *Maria, credol* — *Jisúis, credol* — *Credo im crúis!* — *Ah, ah! credol*

CREMDOSPADRE, s. m. — a oração que começa: “Creio em Deus Padre...”: “Naquela hora, rezei um *cremdospadre*, e a mó que já miorei”. — Intj. de espanto.

CRIADÊRA, q. — diz-se da chuva prolongada e mansa, que rega profundamente o solo: “Pela madrugada um ventinho frio começou a entrar pelas frestas da parede e uma chuvinha *criadeira*, de semana, caiu lenta, monótona, sem um trovão ou corisco...” (C. P.). || Em Port. há a expr. equíval. “chuva criadora”; mas o nosso povo não gosta da desinência *dora*: *criadêra*, *abridêra*, *trabaiadêra*, *cantadêra*, *faladêra*, etc.

CRIO(U)LO, s. m. — designava os pretos criados em determinada fazenda, localidade, etc.

CRISO, *eclipse*, s. m. || Em Rui de Pina, “Cron. de D. Duarte”, *c r y s* = eclipsado.

CRUZADO, s. m. — a quantia de 400 réis. || E' port.

CUATI, s. m. — carnívoro da fam. “Procyndae”. || Escreve-se geralmente *coati* ou *quati*. Do tupi.

— MUNDEU, s. m. — cuati macho, que vive solitário.

CUCA, s. f. — entidade fantástica, com que se mete medo às criancinhas:

Durma, meu bemzinho,
que a *cuca* j'ei vem —

diz uma cantiga de adormecer. Por ext., entre adultos, ameaça, actos destinados a atemorizar: "Eu cá não tenho medo de *cucas!*" || A palavra e a superstição, esta quase de todo delída já em S. P., existem espalhadas pelo Brasil. Num dos seus contos goianos, escreveu C. R.: "Ah, sim, a bruxa... Essa, de certo, levou-a o "Cuca", num pé de verto, à hora da meia noite.." Em Pernamb., significa mulher velha e feia, espécie de feiticeira, e é também o mesmo que "quicuca", "tixuca", rôlo de mato (Garc.). B.-R. regista as variantes "corica", "caruca", "curumba", das terras do Norte. — A *cuca* paulista é em tudo semelhante ao vago "papão" luso-brasil., ao "bicho" e ao "tutú" de vários Estados, ao "negro velho" de Minas. Diz uma quadrinha pop. port. citada por G. Viana ("Pal."):

Vai-te "papão", vai-te embora
de cima dêsse telhado,
deixa dormir o menino
um soninho descansado.

Diz uma quadrinha mineira, visivelmente aparentada com a precedente:

Olha o "negro velho"
em cima do telhado.
Ele está dizendo,
quer o menino assado.

Outra, ainda mais próxima da port., também de Minas (citada, como a primeira, por L. Gomes):

Vai-te, "Cóca", sai daqui
para cima do telhado;
deixa dormir o menino
o seu sono sossegado.

Vê-se dêsse exemplo que em Minas se diz "côca". As fórmulas port. são "côca" e "côco". Na procissão de Passos, em Portimão, havia um indivíduo vestido de túnica cinzenta e coberto com um capuz, a quem

chamavam “côca” (L. de Vasc., seg. L. Gomes). A essa figura correspondia, nas antigas procissões do Enterro, em Minas (L. Gomes), e na dos Passos, em S. P., o “farricôco”. Lê-se no “S. Paulo ant.”: “Adeante d’essa solenissima procissão era costume, parece que até o ano de 1856, ir o pregoeiro, chamado *Farricôco* ou a *Morte* — vestido de uma camisola de pano de côr preta, tendo na cabeça um capuz do mesmo pano, que lhe cobria o rosto, com dois buracos nos olhos, e lhe caía sôbre o peito... sendo que as crianças, ao avistarem êsse feio personagem, ficavam apavoradas, pois umas choravam e outras tapavam com as mãos os seus olhos”. — Em Espanha há “coca”, serpente de papelão que, na Galiza e outras provincias, sai no dia de “Corpus Christi”; há tambem “mala cuca”, malicioso, de má índole. G. Viana (“Pal.”) refere-se ainda a uma pal. cast. “côco”, entidade fantástica, que se julga habituada a devorar criaturas humanas, como o “papão”. — A sinonímia entre “papão” e “côco” ou “côca” está estabelecida no seguinte dístico das “Orações académicas” de frei Simão, citado por G. Viana:

O melhor poeta um “côco”,
o melhor vate um “papão”

“Côco” encontra-se ainda em Gil V., no “Auto da Barca do Purg.,” onde parece indicar o diabo:

Mãe, e o “côco” está ali.

— Rub. parece que dava a “côco” significação geral de entidade fantástica; definindo “bitu”, chama-lhe — “côco para meter medo às crianças”, e define idênticamente “boitató”.

ÇUCRE, *açúcar*, s. m.: “Ói que toicinho tá caro e o çucre não tá barato” (C. P.).

CUËRA, q. de ordinário substantivado — valente, forte, ágil, *destorcido, destabocado, turuna*:

quebra o chapéu na testa o tal Faé,
que é o pião mais *cuera* e mais *desempenado*.

(C. P.).

|| No R. G. do S. (Romag.) há “cuêra”, ferida produzida por maus lommbilhos, há “cuerudo”, o que tem “cuêra”, duro, forte,

respeitado, temido. Ai está, provávelmente, a origem do nosso t. — “Cuéra” deve ser forma abasileirada de *cueira*, derivado de *cu*, — E’ possível que tenha contribuído para a abertura do *e*, em S. P., a semelhança com *cuéba*. Os vocábs. flutuam, cruzam-se, desmembram-se, contaminam-se, constantemente, na boca do povo. Veja-se esta série de sinónimos, onde se vislumbra um curioso entrançamento de fórmãs: *cuéra*, *cuéba*, *cuéba*, *québra*, *caibra*, *cabra*, *cumba*, *tutum-cuéba*, *cutuáda*...

CUIA, s. f. — metade de um fruto de cabaceira, ou *cuieté*, limpo, usado como vasilha, principalmente como farinha. || T. corrente em todo o Brasil com ligeiras variações de sentido. — Dão-lhe orig. tupi-guar.: “iacuí”, — o que faz pensar no célebre epigrama:

“Il a bien echangé sur la route”...

CUÍÉ-TORTA, *colhér-torta*, s. f. — na frase “botá *cuié torta*”, intrrometer-se (alguem) em conversa ou negócio onde nada tem que ver: “Pr as muié não botá a *cuié torta*, bamo levá êle no arrosá...” (C. P.).

CUIETÊ, s. m. — árvore que produz um fruto grande, de casca rija, utilisado para vasilhas; êsse mesmo fruto. || De S. P. para Norte dizem “*cuité*” para designar o fruto, “*cuitézeira*” e “*cuieira*”. para designar a árvore. — Do tupi.

CUITÉLO, s. m. — beija-flor. || E’ forma antiga de *cutelo* do lat. *cultellu* (m): “Oo piedade do muy alto Deos, se emtom fora tua mercee de botares aquel cruel *cuytelio* que nom dampnara o seu alvo corpo, inocente de tam torpe culpa.” (Fern. Lop., episódio de D. Maria do inf. D. João).

CULIDADE, *qualidade*, s. f. — “Eu vou simboral Sombração de ótra *culidade* eu pego”. (C. P.).

CUMARI, **CUMBARI**, s. f. — designa certa espécie conhecida de pimenta, do gen. “*Capsicum*”, fam. das Solaneas. || B.-R. regista “*cumarim*”.

CUMBA, q., ordinariamente substantivado — dextro, forte, valente.

CUMBÉ, s. m. — certo bicharoco mole, como sanguessuga.

CUMBÚCA, s. f. — cabaça esvasiada, que serve a vários fins, entre os quais o de armadilha para apanhar macacos. Nêste caso, é um vaso grande, de boca muito pequena, onde se põe milho, e que se

coloca em lugar conveniente, no mato. O macaco mete a mão pelo orifício e agarra um punhado de grãos, mas não pode retirar a mão cheia, e debate-se preso á cumbuca, sem se lembrar de largar o milho. Isto se conta geralmente, mas não conhecemos ninguém que o houvesse testemunhado em pessoa. Cp. o provérbio — “macaco velho não mete a mão em cumbuca”. || B.-R. regista “cuiambuca”, forma bastante semelhante ao cast. *callambuco* e à ant. port. *callambuco*, certa substância vegetal aromática do Oriente.

CUMITÉRIO, *cemitério*, s. m.

CUPIM, s. m. — designa várias espécies de termitas, que constroem grandes “casas” de terra; habitação dos cupins, a que se dá também o nome de *cupinsê(i)ro*.

CURANCHIM, *MUCURANCHIM*, s. m. — a extremidade da espinha dorsal das aves; por ext., e em linguag. familiar ou jocosa, a mesma região nos individuos humanos: “Mal apeia-se, derreado com o *curanchim* em fogo, ao fim dos trinta e seis mil metros de caminhada... (M. L.).

CURAU, s. m. — papas de milho verde.

CURIANGO, *CURIANGÚ*, s. m. — ave nocturna do gen. “Caprimulgus”: “A noite caía de vagarinho os *curiangos* começavam a cantar pelas estradas”. (C. P.). — “Triste arrotecer o daquêlê dia, picado a espaços pelo revôo surdo dos *curiangos*... (M. L.) — C. da F. dá “curiangó”, no seu conto “Assombração”. B.-R. regista “curiangú” como paulista.

CURINGA, s. m. — a carta mais forte em certos jogos. || Cherm. dá como o dois de paus em alguns jogos.

CURIÓ, s. m. certo pássaro (avinhado):

E lá no brejo o canto do *curió*
e as jassanãs avivam-me a lembrança...

(C. P.)

CURRUÇÃO, s. f. — preguiça extrema. || Deu-se êste nome, muitos anos atrás, a certa moléstia, vulgar no interior do país, também chamada “maculo”, a qual se caracterizava por vários efeitos, entre os quais um desânimo e abatimento profundos. — Há um voc. arc., “curreça”, que significava “diarreja”, e está em Gil V., “Barca do Inf.”:

Caganeira que te venha,
Má currença que t'acuda.

Convem notar que o povo pronuncia *currução*, com u ua primeira sílaba, ao passo que pronuncia *correição*, *corrê(r)*, *corrida*, com o. Também Gil V. escreveu "currença". — Contudo, cremos indubitável que *currução* nada tem que vêr com *corrupção*, mas deriva, como "currença", "corrimaça", etc., de *corrêr*. Cp. *curso*, diarreia.

CURRUÍRA, *curruíla*, s. f. — certo pássaro. || M. Lobato escreve "*corruila* (do brejo)" em "Bôca-torta". — Em Miuas dá-se a este pássaro o nome de "cambaxírra" (L. Gomes).

CURRUÍRA D'AUA, *d'agua*, s. f. — certo pássaro: ... guapés tranquilos e verdes que rodam nas choias, carregando uinhos de *curruíra d'agua*, avezinha que, não abandonado o ninho, lá se vai rio abaixo..." (C. P.).

CURRUÍRA DO BREJO, s. f. — certo pássaro. O mesmo que o precedente?

CURRUPIRA, s. m. — Duende ou trasgo da mata. || E' superstição mais do Norte do país, que do Sul, mas ajuda se lhe uotam traços em S. P. Como todas as entidades da mitologia indígena em dissolução, é figura amorfa e vaga, confundindo-se com outras. C. P. cita-o uuma lista de entidades irmãs, lo conto "As Cruzes do Mato-dentro". C. Mag. escreve *currupira*, com um só r no principio. O mesmo escritor cita um morro, nas proximidades de Sorocaba, que conserva êsse nome, e diz que o duende "é descrito como um pequeno índio, com os calcanhares virados para diaute, que faz perder o caminho aos que viajam". (Conf. Anch.).

CURSO, s. m. — diarreia: "Andei meio vexado uns pares de dias, com perdão da palavra, com um *curso* dauado" (L. de O.). || *Curso* e *curсар* são "muito usados dos clássicos", diz o sr. J. Rib. no "Fabordão". — Na poesia "Verdades", de Greg. de M., há esta, entre muitas outras que êle desfia:

O fazer "curso" é purgar —.

CURUCA, s. f. — agitação de peixes à flor d'água, na época da desova. || Do tupi?

CURUQUERÊ, *cruruquerê*, s. m. — insecto que ataca as maçãs do algodoeiro.

ÇURURÚ 1, s. m. — uma espécie de sapo.

CURURÚ², s. m. — certa dança “em que tomam parte os poetas sertanejos (diz C. P.), formando roda e cantando cada um por sua vez, atirando os seus desafios mútuos”. (“Musa Calp.”).

CUSCUZ, s. m. — espécie de bolo de farinha, cozinhado em fôrma ao bafo da água quente. Freqüentemente se adicionam à farinha camarões, peixe ou galinha, palmito e vários temperos. O *cuscús* simples, só de farinha, vai caindo em desuso. Fazia outrora as vezes de pão. || Encontra-se em Gil V. (“Juiz da Beira”):

. dae-me outro cruzado,
Que, prazendo a Madanela,
Logo sereis aviado,
Deus querendo, muito prestes,
Porque aquelle que me destes
Em cuz - cuz o comeo ella.

— C o s c u s , c u z c u z , c u s c u s , a l c u z c u z , a l c u z c u z u , são fôrmas que se acham nos antigos escritores da lingua (“Cron. do Inf. Santo”, gloss.). A origem da palavra e da coisa é árabe. Ianguas define: “genero de hormiguillo que hacen los moros de massa deshecha em granos redondos”.

CUSCUZÉRO, s. m. — fôrma de lata, para se fazer *cuscus*. Mede cêrca de um palmo ou pouco menos de altura, vinte centímetros de bôca e um terço meos no fundo, tendo portanto a fôrma de cone truncado. || F. J. Freire regista o t. como significando “chapeu de copa alta e aguda”, denominação tirada, naturalmente, da fôrma acima descrita.

CUTUBA, q. — fortíssimo, valentíssimo, excelente.

CUXILA(R), v. i. — cabecear com sono; “passar pelo sono”, dormir um pouco e de leve; descuidar-se. || Costuma-se escrever, aporuguesadamente, “cochilar” e “cochilo”, mas o povo desconhece em absoluto essa pronúncia. — Orig. afric.? Ou simples alter. de *a c u t i l a r*, por alusão aos movimentos bruscos de cabeça, feitos por quem *cuxila* sentado? Com mesmo sentido de “cabecear com sono” se emprega às vezes, por graça, *pescar*.

CUXILO, s. m. — o acto de *cuxilar*; descuido.

DADA, s. f. — assalto (por bando armado de *bugreiros*) a um aldeamento de índios,

DANADO, q. — zangado, furioso; duro, malvado; teimoso; ágil, forte, experto; bábil, finório. Acrescenta-se frequentemente um modificador: “*danado* de bão, de brabo, de experto, de teimoso”

DANINHÁ(R), v. i. — fazer diabruras (a criança); fazer estragos (animal): “Este mimino só sabe *daninhá* dia extêro!”

DANINHEZA, s. f. — qualidade do que é daninho; acto próprio do daninho.

DANINHO, q. — diz-se da criança que gosta de brinquedos em que há perigo ou que resultam em estragos.

DANISCO, q. — o mesmo que *danado*, mas com um valor irónico. || Registado também em Pernamb. por Garc.

DECUMENTO, DICUMENTO, *documento*, s. m.

DE-CUMÊ(R), s. m. — comida, provisão de comida: “Eu ganho dois mi-réis i mais o *de-cumê*”. || Af. Taun. regista “*dêcomer*”, farnel, como t. cearense, aboxado com o romance “Luzia Homem”; mas é também paulista. — Muito compreensível esta substantivação de uma locução que, em certas frases, devia soar a ouvidos rudes como um apelativo: “Dar de comer a alguém”, etc.

DEFERENÇA, *diferença*, s. f. — desacôrdo, estremecimento. || ... o que faz muito ao caso para as *deferências* que ouve entre Vossa Alteza emperador... (Carta de D. João de Castro, em “D. J. de Castro”, p. 21).

DEFERENTE, *diferente*, q. — inimizado, estremecido com: “Vacê parece que anda meio *deferente* com seu Pedro?” || Ver DEFERENÇA.

DEFINIÇÃO, s. f. — descobrir, encontrar, entregar, na loc. “dar *definição*” (de alguma coisa): “O Juca, que levô daqui minha faca, há de me dá *definição* dela hoje mesmo”.

DELÚVIO, DILÚVIO, s. m. — grande quantidade: “Lá em casa tem um *delúvio* de laranja madura”.

DERDE, *desde*, prep.: “*Derd’ái* num tive mais alívio!” (C. P.) || No Nord. do país, seg. se vê dos versos de Cat., há forma “*dende*”.

DEREITO, *direito*, q. || Diz L. de Vasc. nas suas “Lições”, referindo-se à linguag. arcaica: “A fôrma corrente era *dereito*, representada boje na voz do povo em algumas regiões por “*dreito*”; cf. esp. *derecho*.” E diz J. J. Nunes, referindo-se a *íátono* proveniente de *i* breve latino: “na linguagem desafectada, embora se escreva *i*, há tendência para pronunciar *e*: assim se diz *impeador*

e e m p e r a d o r, i m b i g o e e m b i g o, i n f u s a e e n f u s a, e t c. E' de crer que a influencia erudita tenha tido parte na transformação do *e* em *i*, a julgar pela pronúncia actual de direito, v. g. e a arcaica *dereito*. — Cp. *dereitura*, *endereitá(r)*, *desposto*, etc.

DEREITURA, *direitura*, s. f.

DERMENTf(R), *desmentir*, v. t. || Esta troca de *s* por *r* resulta da influencia da labial *m*; cp. *mermo*, *fantarma*, *num far má* ("faz mal"), etc.

DERRAME, s. m. — vertente, declive (de morro). || Af. Taun. regista *derrama*, como t. paulista.

DESABOTINADO, q. — diz-se do individuo meio doido, espalhafatoso, insubordinado, *destabocado*, *arreminado*.

DESACOCCHA(R), v. t. — perder (alguem) a compostura altiva, ou presunçosa; ficar desorientado e envergonhado. || T. admiravelmente expressivo. Envolve em metáfora a ideia da corda cujas pernas se afrouxam e desenrolam, que se *desacocham*, ou, em port. de Port., *d e s c o c h a m*. — Ver ACOCHA(R).

DESACOCHADO, q. — envergonhado, desorientado, desmoralizado.

DESAGUAXA(R), v. t. — fazer correr, por exercício (um cavalo que esteve por muito tempo desocupado e porisso ergordou ou tornou-se preguiçoso). || Ver AGUAXAR.

DESAGUAXADO, q. — que está de novo exercitado ágil (o cavalo) depois de longo descanso.

DESBOCADO, q. — que usa de linguagem torpe. || Ocorre em Camilo (J. Mor., "Estudos", 2.^o v., p. 221) e é popular em Port.

DESCABEÇA(R), v. t. — limpar de touceiras tocos (um terreno).

DESCANHOTA(R), v. t. — quebrar a força do braço, *desmnhocar*.

DESCOIVARA(R), v. t. — limpar (um terreno) da *coivara* resultante de uma queimada.

DESEMPARA(R), *dcsamparar*, v. t. || Arc. na ling. liter., mas ainda popular tambem na Europa. Assim os seus derivados

DESEMPARADO, *desamparado*, part.

DESEMPARO, s. verbal de *desempará(r)*.

DESENCABEÇA(R), v. t. — induzir (alguem) a proceder mal.

DESGUARITA(R), — perder-se, extraviar-se: "Fazia u^{na} proção de dia que u^{na} perdiz andava *desguaritada*, piano no pasto" (C. P.).

|| Romag. regista no R. G. do S. “desguaritar-se” — desgarrar-se do rebanho ou tropa (um animal); separar-se dos companheiros (pessoa) etc. E', com pequena diferença, ou mesmo nenhuma, como se entende em S. P.; apenas, não se usa aqui pronominalmente. || De guarita.

DESIMBRAMA(R), v. t. — desembaraçar, desenredar.

DESIMPENADO, q. — forte, galhardo, destemido: “...o pião mais enéra e mais desimpinado”. (C. P.). || Em port. ha *dese mpeno* = vigor, galhardia, etc. *Dese mpenado* parece que só se applica em sentido material.

DESINCAIPORA(R), v. t. e i. — tirar a *caipora*, a má sorte; perder a *caipora*: “Num hai geito *de desincaiporá* este jogo”.

DESINSARADO, q. — que ainda está mal restabelecido de qualquer moléstia. || Deve ser corr. de “recensarado”. E' de notar-se que em Rui de Pina, “Cron. de D. Duarte”, se acha *re zente* = recente.

DESINXAVIDO, *desensabido*, q. — inspido, desgracioso, sem atrativo; corrido, envergonhado: “*Disinxavido*... Num dô cunfiança...” (C. P.) diz uma roceirinha agastada a um importuno que a corteja. || Cp. *xavi*, *xavié*, *javevó*, etc.

DESMORALIZA(R), v. t. — tirar a energia moral; desfazer o entusiasmo, a confiança: “O Antonico não quiz mais trabaiá prá festa: ficou *desmoralizado* co a farta de corage dos cumpanhêro”.

DESPACHADO, q. — franco, aberto; *disedor*, *destabocado*.

DESPENCA(R), v. t. e i. — separar do cacho (bananas, ou outra fruta); cair, saltar do alto: “Quano o diaho me viu lá de cima da teipa, *despencô!*” || De penca.

DESPOIS, adv. || Freqüentemente se apocópa: *despoi*; tambem não é raro aferesar-se: *espois*; e às vezes dão-se os dois factos conjuntamente: *espois*; tudo depende, como em tantos outros casos, da pressa com que se fala, e da posição do voc. na frase: “Inté *despois*” — “*Espoi* mais vô lá”. || *Despois* é forma arcaica, que se encontra em Camões, entre outros clássicos, já em concorrência com que veiu a prevalecer.

DESPOSIÇÃO, *disposição*, s. f. || ... asy de ventos prosperos mares bonançosos como de saúde e boas desposyções que lloso Senhor deu a todollos soldados que o ymos servir...’ (Carta de Dom J. de Castro ao rei, em M. de S. Pinto, p. 21).

DESPOSTO, *disposto*, q. || ... eu som desposto pera ficar na terra... ("Cron. do Cond.", cap. XX).

DESPOTISMO, s. m. — grande quantidade: "nuvens que depois o vento toca para cá, dando em resultado êsse *despotismo de águas*". (G. Rangel, "O Oráculo", "Rev. do Br.", n. 41). || Esse exemplo, de um escritor mineiro, mostra que o brasilicrismo é também do seu Estado, como é ainda de Mato Grosso, onde Taunay o colheu ("Inoc.").

DESPREPÓSITO, DESPERPÓSITO, DESPERPÓITO, *despropósito*, s. m. — grande quantidade: "E' esperá que os ôtro já vem. Aqui é ponto de reunião. Ante do sôr cabá de entrá na bôca da noite, é *desperpósito!* — ... lhe inflamara o braço, pondo-lhe a cabeça a zunir, após o *despropósito* de sulfato que ingerira." (C. P.).

DESPREPOSITA(R), DESPROPOSITAR, v. i. — perder a cabeça; irar-se dizer palavradas: : "Não pude levá o causo im paciência, *desprepositei* co diabo do home"

DESTABOCADO, q. — desempenado, falador, brincalhão, *destorcido*: "O pai, já viuvo por essa época, esse bahava-se d'orgulho. Filho médico, e ainda por cima *destabocado* bem falante como aquê... (M. L.). || B.-R. dá como t. cearense. De facto, encontra-se em Cat., "A Promessa":

Um tropêro acachimbado,
cum as barba cô de timhó,
um cabra *distabocado* —

DÊSTÃO, *dez-tostões*, s. m. — haploglia e despluralização.

Mexa, mexa, cabocrada,
que eu num respeito truquêro:
jogo *dêstão* a parada,
tô misturano dinhêro.

(C. P.).

DESTORCIDO, DISTROCIDO, q. — lépido, decidido, pronto, *destabocado*, *sacudido*: "Aquê negro tem sorte, dizia Joaquim da Tapera; caíndo no mundo, ninguem mais lhe bota a vista em riha. Cabra *destorcido!*" (C. R.). || O exemplo é de Goiás, mas representa justamente a acepção paulista.

DESTRATA(R), v. t. — descompor, maltratar com palavras.

DESTRO, ua loc. adv. *a destro*, — expressão que se usa exclusivamente falando do animal de sela, que em viagem se traz de sobre-alante: "... o macho crioulo que viuva *a destro* não duvidou em meter-se naquela perdição..." (C. R.). || E' expressão antiquíssima, com o mesmo valor: "E foy entregue a quarta feira xvj dias doutubro ya bem tarde a Çala-bem-çala que recebeu em erc.ima de huu cavallo, que trazia consigo a *d'estro*. ("Cron. do Inf. Santo", cap. 12). Nota de M. dos Rem.: — de dextra, direita, fórma analógica *seestro*, *sestro*, esquerdo, empregados um e juro por D. Duarte no "Leal Cons."

DESUNHÁ(R), v. i. — fugir velozmente, abalar.

DEZANÓVE, adj. numer.

DEZASSEIS, adj. num. || L. de Vasc. ("Lições") sustenta que o certo é com *a*; que essa "é a pronúncia vulgar de todo o país"; que existe em galego, co-dialecto do port.; além de que aparece em numerosos documentos antigos. Não é alter. de *dezeseis*; op. o *ft. diciaseie*, *diciasette*, *dicianove*; considere-se também a pronúncia "dezóito", (que é a de Lisboa e a de S. P.), a qual só se explica bem por contracção de *deza o ito*, como *mór* proveiu do arc. *ma ô r*. (L. de Vasc.) — Contudo, cumpre notar que M. dos Rem. encontram *dez e seis* na "Cron. do Inf. Santo". — Em S. P., o povo da roça diz *dezasseis*, *dezassête*, etc., ao passo que a gente culta, ou que tal se presume, evita cuidadosamente êsse "erro".

DEZASSÊTE, adj. num.

DEZÓITO, adj. num.

DIABA, s. f. — mulher má. || Fóрма antiga — *diá b o a*.

DIABADA, s. f. — quantidade de *diabos*, isto é, de pessoas ordinárias, malvadas, antipáticas: "Deixa está, *diabada!* um dia vacêis me paga!"

DIACHO, s. m. — fóрма supersticiosa de *diabo*, palavra cuja pronúncia perfeita, ou mesma imperfeita, se evita. || Cp. *dianho*, *demo*, *tinhoso*, *sujo*, *rabudo*, etc. — Parece que é corrente também em Port., onde houve ainda uma fóрма, *d e c h o*, que se encontra em Gil V., "Barca do Purg":

Esta noite é dos pastores

E tu, *d e c h o*, estás em seco —

DIZ-QUE-DIZ-QUE, s. m. — mexerico, intriga: “Óia, seu bórra: eu num quero sabê de *dis-que-dis-que* aqui cumigo, tá uvino?” || E’ freqüentíssimo começarem-se os contos e narrações que correm à boca pequena, com a fórmula consagrada: *Diz que...*, contração de *dizem que*. Isto vem de longe, na língua, e também existe em cast.: dice que... Gil V. escreveu, apertuguesadamente, numa das suas tiradas espanholas (“Com. de Rub.”):

Quieroos decir un cuento.
Diz que era un escudero —.

O nosso *diz-que-dis-que* é, pois, uma substantivação semelhante ao *o-n-d-i-t* dos franceses, apenas com uma reduplicação mais.

DOBRAR, v. t. — cantar (o passaro); soar (o sino). || Firmino Costa cita, no seu “Vocabulário analog.” (“Rev. do Br.”) um exemplo da primeira acepção, tirado de Virgílio Várzea, escritor catarinense; por onde se vê que o t. está generalizado mesmo fóra de S. P. — Em Port., diz-se “dobrar o sino” por — fazê-lo dar volta, girar (V. “Novo Dic.”); daí se originou, de certo, a acepção que o t. tomou aqui, primeiro aplicada aos próprios sinos, depois aos pássaros.

DÓBRE, s. m. — o acto de dobrar (soar, cantar). || Este subst. verbal existe em Port., significando volta, giro do sino (V. “Novo Dic.”).

DONA, s. f. — mulher, senhora: “Sentei numa volta de cipó, maginando coizas exquísitas respeito daquela *dona* tão estúrdia... (V. S.) || Este arcaísmo se acha igualmente em M. Grosso (“Inoc.”) e, provávelmente, em todo o Brasil. Um exemplo do poeta Paay Soares, do séc. XII, citado por L. de Vasc. (“Lições):

Como morreu quen amou tal
d o n a, que lhe nunca fez ben —.

DO(U)RADI(LH)O, q. — animal cavalariço ou muar de certa cor acastanhada. || E’ t. corrente no R. G. do S.

DO(U)RADO, s. m. — grande peixe de rio, abundante no Piracicaba.

DORDÓIO, *dór d’olhos*, s. m. — inflamação nas pálpebras.

DÚVIDA, s. f. — disputa, questão, discordância.

BOA — l, intj. usadíssima em S. P. com valor aproximado ao de um “sem dúvida!” enfático.

QUEZ — l, ontra intj. corrente.

DUVIDÁ(R), v. i. — questionar; abusar: “Os home *duvidórum*, *duvidórum*, mnnto tempo, mais afinar amarrárum o negoço”. — “Escuítte, sen moço: vacê não *duvide*, que eu le deço o cacete!” — “I sabe o que mais? Não *me duvide* muito, que senão sai cinza!” || O último exemplo pode traduzir-se por: rão abuse de mim, não brinque comigo. — Diz uma quadrinha pop. do R. G. do S., citada no “Vocabulário” de Romag.:

Eu son um quebra largado,
Por Deus! e nm patacão!
E, *se me duvidam*,
Descasco logo o facão.

EAH! intj. de admiração, espanto: “*Eah!* nho Chico, pois vacê inda está aqui?” — “*Eah*, gente! nnm é que m’esqnici do recado?” Como se vê dêses exemplos, corresponde mais ou menos a “ora, esta!”

EIGREJA, s. f. || Em antigos documentos encontram-se as fôrmas *eigreya*, *eigleyga*, e outras de mais ou menos hesitante grafia, mostrando a ditongação da primeira sílaba de *ecclesia*. E’ verdade que tambem se acham fôrmas nas quais rão aparece o ditongo, como *egreya*, *egreia*, na “Cron. do Inf. Santo”. Isto, porém, indicará apenas que já em época afastada começara a luta pela fixação de uma fôrma definitiva. A pronunciação pop. paulista é interessante, e faz dnvidar se representará uma persistência arcaica, se mera coincidência.

EINÉS, *inês*, n. p. || Encontra-se esta fôrma em antigos documentos da língua. Alter. regular de *Agnes*.

EIRADO, q. — diz-se do porco na idade da engorda. || O mesmo que ERADO?

ENDÊIZ, *endês*, s. m. — ovo que se coloca no lugar onde a galinha deve fazer a postura. || E’ t. de Port., na segunda fôrma, e vem de *indicii*. (L de Vasc., “Lições”.)

ENTREVERA(R), v. i. — alternar, entremeiar, misturar: “O redomoinho do Moreira, a cabo de coçadelas, sugeriu-lhe uma traça mistificatória: *entreverar* de caetés, cambarás, unhas de vaca e

outros padrões transplantados das vizinhanças a fimbria das capoeiras, e uma ou outra entrada acessível aos visitantes". (M. L.). || E' corrente no R. G. do S., mas como t. de guerrilhas, por "mixturear", aplicado a facções adversas em combate. Também lá se usa e n t r e v e r o, outro castelhanismo.

ERADO, q. — velho, idoso: "boi *erado*". || De era? V. ERADO.

ERMÃ, *irmã*, s. f.

ERMANDADE, s. f. — o conjunto dos irmãos numa família.

ERMÃO, *irmão*, s. m. || E' fôrma arcaica, ou coincide com 1 arc.

ESCANDECÊ(R), v. i. — produzir *escandecência*, i. é. peso de cabeça, prisão de ventre, etc. "Não coma carne de porco nem farinha de mio, que *escandece*". || E' port., mas os dicionários não registam esta acopção, a única que o dñal. conhece e que se prende às ideias da velha medicina, com seus alimentos e bebidas *quentes e frios*, de que ainda muito se fala em S. Paulo.

ESCANDECÊNCIA, s. f. — V. Escandecê(r).

ESCANDECIDO, part. — em estado de *escandecência*: "ando meio *escandecido* êstes dia; de manêras que não quero tomá melado outras coisa *quente*".

ESCOIA, *escolha*, q. — diz-se do café baixo, de que se separaram os grãos milhores.

ESCOMUNGADO, q. — muito usado como insulto. || Encontra-se com o mesmo sentido em Gil V., "Auto da India":

Má nova venha por ti
Perra, e s c o m u n g a d a, torta.

ESCORÁ(R), v. t. — aturar, fazer frente (a um trabalho pesado, uma aggressão, uma prova de força ou de valentia): "vacê qué trabaíá na roça. mais vacê *escóra* o serviço?" — Fazer frente a alguem: "êle veiu pra cima de mim, pensando de certo que eu fugia: *escorei* êle no lugá".

ESCOTÊRO, q. — usado na loc. "de *escotêro*", que quer dizer "sem bagagem". "Duma feita que viajava de *escoteiro* com a *guaiaça* empanzinada de onças de ouro, veiu varar aqui neste mesmo passo..." (S. L.).

ESCUITA(R), *escutar*, v. t. || Fôrma arc. Na “Cron. do Cond. acha-se *escuyta* = espías, sentinelas. — “Filho, *ascuyta* os preceptos do mestre... (“Regra de S. Bento”, sec. XIII-XIV).

ESFRÉGA, s. verbal — surra; trabalho penoso; sofrimento prolongado: “João Lino andava desanimadão, amarelo, meio esverdeado, depois de uma *esfréga* de maleita...” (C. P.).

ESFREGA(R), v. t. — surrar; sujeitar a grandes trabalhos, ou contrariedades.

ESPARRAMÁ(R), v. t. — espargir, dispersar: “A ventania foi tão forte que *esparramô* laranja pro pomá *itêro*” — “Num jogo na lotaria, porque isso é *aindá esparramando* dinhêro à toa” — “Tudo ia munto bem: a purcissão im orde, munta gente, muntas irmandade. De repente, chuva! Aquilo *esparramô* o povo num instantinho” — V. pr.: tombar pesadamente, rolar, espapaçar-se (no sentido material e no figurado): “O diacho do home *se esparramô*”. || Os dicionários registam como brasileiro. Camilo usou-o, numa acepção que apenas se compreenderá, em S. Paulo, mas não é corrente: “Passarei também ás condelarias, quando o brasão subir da tenda ao sport, e derivar dos especieiros *esparramados* ás bestas elegantes” (J. Mor., “Estudos”, 2.º v., p. 227). — Cp. *esparralhar*, *esparrimar*. Do cast. *esparramar*, *desparramar*.

ESPARRAMO, s. m. — acto ou efeito de *esparramar*; desordem. confusão: “Vacêis num me atente, num me atente, que sinão *me faço um esparramo*”.

ESPELOTEADO, q. — maluco, tonto.

ESPICULA(R), *especular*, v. t. e i. — Comerciar: “Ando *espiculando* com fumo na praça, pra vê se ganho uns cobres”; indagar, perguntar insistentemente: “*Espiculei*, mais não pude sabê de nada”; fazer perguntas indiscretas: “Não me *espicule*. Não *espicule* êsse negócio” (i. é, “êsse assunto”). || Esta fôrma é antiga e ainda hoje pop. no Sul de Port. (L. de Vasc., “Emblemas”, introd.) A fôrma culta é *espècular*.

ESPICULA, q. — perguntador, indiscreto: “Nunca vi home tão *espícula*”.

ESPINHÉ(L), s. m. — aparelho de pesca, que consiste num fio ao qual se ligam a espaços diversas linhas com arzoos. || Port. *espinel*.

ESPÓTICO, *despótico*, q. — autoritário, rude: “Aquilo é um *sojeito espótico*; mandão cumo êle só”.

ESFRAIADO, s. m. — ribeirão que corre em leito raso, geralmente de areia.

ESQUIPADO, s. m. — marcha esquipada.

ESQUIPADA, q. — diz-se de certa *marcha* do animal equ., a que se dá também o nome de *guini(lh)a*. Consiste em andar o animal erguendo a um tempo o pé e a mão do mesmo lado || E', seg. B.-R., o furto-passo de Port. e o *amble* francês.

ESTABANADO, *estavanado*, q. — estovado. || “Mordido do tавão” (cp. “alacranado”, mordido de alacrã), segundo J. Mor., “Estudos”, 2.º v., p. 229.

ESTABANAMENTO, s. m. — acto próprio de um estabanado; qualidade do que é estabanado: “Nossa! mecê quage me derrubal Que *estabanamento!*” — “O Mandú, cum aquêlê *estabanamento* dêlê, desagrada tudo o mundo”.

ESTACA, s. f. — cabide pregado na parede, ou dela suspenso:

Entra furioso o Chico, e já da *estaca*
dendpura a espingarda e põe de lado
a aguçada lapeana, a enorme faca —

(C. P.).

ESTADÃO, s. m. — pompa, aparato, modo ostentoso de vida: “Aquele gente sustenta um *estadão*”. || *Estadão*, em port. antigo, significava pompa ou aparato. Cf. D. Nunes, “Orig.”.

ESTALÊRO, s. m. — armação de madeira para plantas que trepam, como abóboras; espécie de jirau.

ESTÂMEGO, ESTÂMAGO, ESTAMO, ESTOMBO, *estômago*, s. m. || ... e os vazios com a barriga *estamego* era da sua propria cor... (Carta de Cam.) — “... cõsonancias de clausulas, em que nunca achei sabor, nem forão do meu *estamago*. (Arraiz, prol. dos “Dialog.”) — *Estâmago* era como F. J. Freire, no seu exaggerado culto pela prática dos clássicos, queria que se dissesse.

ESTAQUEÁ(R), v. t. i. — espichar em estacas (um couro); prender de pés mãos a. estacas (um homem); plantar estacas; parar de repente, imóvel de pé: “No chegá no chapadão do pasto véio, êle *estaqueô*”. (C. P.).

ESTAQUERA, s. f. — série de cabides de madeira, ordinariamente pregados na parede ou nos portais. || De *estaca*.

ESTOPADA, s. f. — grande amofinação, trabalho duro, tarefa penosa.

ESTOPENTO, qual. — aborrecido, importuno. || De estopa? Cp. *estopada*.

ESTÓRIA, *história*, s. f. || "... per seu mandado foy liuro que digo escrito e está no moesteiro de Pera longa; e chama-se *estorea* geral... (Ferr. de Oliv., "Gram.", segundo Ad. Coelho).

ESTREPA(R) (se —), v. pr. — ferir-se com estrepe; ser mal sucedido em questão ou luta, encontrar homem pela frente: "Ele que não continue, porque cnmigo *se estrepa*".

ESTREPE¹, s. m. — lasca ou ponta de pau em que pessoa ou animal se fere, ou pode ferir-se. || A definição é longa, mas necessária para bem limitar a significação especialíssima do voc., que só temos encontrado envolvendo a ideia de ferimento actual ou provável. Esta significação está de acôrdo com o sentido verráculo de púa, abrolho, espinho, porém é menos geral. Quadra perfeitamente ao que lhe dá Lucena na "Vida de S. Francisco Xavier": "... affirmaram todos os presentes que chovera cinza, e foy em tanta quantidade, que além de cobrir entulhar o campo dos *estrepes*, de maneira que sem nenhum perigo se podia correr e saltar por cima d'elles", etc. (J. Mor., "Estudos", 2.º v., p. 274). — Além da signific. geral citada, da signific. especial de arma defensiva, usual no tempo de Lucena, o voc. tem mais as seguintes, em Port., segundo J. Mor. (obra cit.): pedúnculo da abóbora (em Lousada) e cana de milho depois de colhidas as espigas (no Minho). Em italiano, "sterpe" tem sentido parecido: "rebento de uma raiz ou tóco de árvore cortada ou partida pelo vento." Sobre isto e mais sobre a etimologia, vêr J. Mor., "Estudos", 2.º v., 273-5).

ESTREPE², s. m. — menino importuno; diabrete: "Sai daqui, *estrépe!*" || Simples desenvolvimento do sentido material de *estrepe*¹? Ou haverá apenas contaminação dêsse termo, desfigurando um ontro cuja fórmula própria se ignora? Cf. **ESTREPULIA**.

ESTREPULIA, s. f. — travessura, desordem: "O dianho do macaco escapnlin e fêiz *estrepulia* na casa".

ESTUMAR, v. t. — activar os cães na caça com ruídos, assovios, etc. ||

Sinão quando na horta do Duque
Andando de ronda um certo malsin,
E s t u m a n d o - l h e um cão pecheíngue
O demo do gato botou ceutil.

(Greg. de M., "Marinícolas".)

— De estimular ?

ESTÚRDIO, q. — exquisito, estapafúrdio: "Sentei numa volta de cipó, maginando coisas exquisitas a respeito daquela dona tão *estúrdia*..." (V. S.).

FACE, s. f. — cada um dos lados de uma casa, em relação aos pontos cardeais: "*face de nascente*", "*face de sur*".

FACEA(R), v. t. — orientar (uma casa, em relação aos pontos cardeais): "Vacê num sôbe *faceá* sua casa: se fosse eu, escoía a face de nascente".

FACERA(R), v. j. — exhibir boas roupas; ostentar elegâncias. || Temos visto definições mais amplas, abrangendo outras acepções. Em S. P., ao que sabemos, o verbo não se refere senão aos indumentos. Assemelha-se muito ao *lucir* cast. — De *facê(i)ro*.

FACERICE, s. f. — garridice, ostentação de vestidos.

FACERO, q. — taful; que gosta de se vestir bem, que ostenta elegancia e luxo. || Usa-se mais no feminino. *Facero* é t. port., mesmo na Europa tem acepções que se aproximam da brasileira, mostrando que não seria difícil a evolução realizada.

FACHINA, s. f. — mato delgado, paus esguios. || Sul de S. P.

Estados meridionais, onde tambem se diz "fachinal" — E' t. port., adaptado facilmente um aspecto da nossa natureza. Escreve-se, na chamada "ortografia mixta ou usual", *f a c h i n a e f e i x e*, apesar de se tratar de vocábulo irmãos. Tambem entre nós se escreve *f a c h i n a*, subst. com., e *F a x i r a*, nome de uma cidade paulista.

FAIA, *falha*, s. f. — falta, lacuna, omissão. || Com estas mesmas acepções se usa em Port., mas entre nós parece ser o seu uso muito mais freqüente, além de diferir em algumas aplicações. Aqui se usa cada passo com referência a dias (de viagem, de serviço, etc.): "Vim certo de chegá na semana passada, mais tive dois dia de *fáia* no caminho, por causo de um carguêro que deu de ficá duente" — B.-R. já notara freqüência dèste emprego particular do t., no Brasil.

FAIA, *falhar*, v. i. — faltar. || Além de outras acepções castiças (negar fogo, não acertar, não se realizar, etc.), tem esta de "faltar", que parece paulista (e brasileira), principalmente com a aplicação a "dias" aqui feita a cada passo: "Fáiz oito dias que viajo: saí de casa na tērça-fêra da somana passada; caminhei intê sexta; *faiêi* sábuo e dumingo na vila..."

FALA(R), v. t. — Apresenta a particularidade, que é um arcaísmo, de servir como sinónimo de dizer: “*Falei* pra o home que não contasse cumigo”. || Ad. Coelho cita estes exemplos do uso antigo: “Nós nom podemos estar, que nom falemos o que vimos, e ouvimos”. (Actos dos Apóstolos). — “Dá aos teus a falar a tua palavra com feuzo” (Ibid.) — “Falo palavras de verdade e de mesura”. (Ibid.).

FALADÔ(R), **FALANTE**, q. — maldizente, indiscreto.

FAMI(LI)A, s. f. — filho: “Tenho cinco *famia*, dois home e três muiér”. As vezes empregam-no de preferência com relação às filhas.

FANDANGO, s. m. — festa ruidosa, em que há dansas:

Ai, seu moço, eu só quíria
pra minha filicidade,
nm bão *fandango* por dia
e um pala de qualidade.

(C. P.).

FARRANCHO, s. m. — bando de pessoas; t. usado na expressão “acompanhar *farrancho*”, que quer dizer: ir com os outros, deixar-se levar. || E’ voc. port. e significa rancho divertido, bando deromeiros. Empregou-o nessa acepção M. A. de Alm.: “Levantaram-se então, arrumaram tudo o que tinham levado em cestos e puzeram-se caminho, acompanhando o Leonardo o *farrancho*”.

FARRUMA, s. f. — estardalhaço, farronca, farronfa, farfanteria.

FAVA DE SANTO INÁCIO, s. f. — certa semente a que se atribuem virtudes medicinais; a planta que a produz. || Rub. dá como sinon. de “*guapeva*”.

FÊA, s. f. — fêmea (de pássaro). || Esta curiosa contração do voc. *fêmea* é de uso corrente e vulgaríssimo no Estado, mas, que o saibamos, só com a aplicação restricta, acima indicada.

FEANCHAO, aum. de feio, o mesmo que *feiarraão*. || É antiq. em Port.

FEDEGOSO, s. m. — nome de um arbusto do campo.

FEIÇÃO, s. f. — traço fisionómico; fisionomia. || O uso actual da lingua pede plural, na segura acepção. Um exemplo antigo: “A feiçam deles he serem pardos, maneira d’avermelhados, de boos rostos e boos narizes hem feitos...” (Carta de Cam.).

FEITO, adv. conj. — à maneira de, como: “O home ficou *feito* lóco cum a noticia”. — “Esse minino véve *feito* vagabundo, mexêno mexêno pra rua”.

FEMIA, s. f. — mulher da vida airada.

FERMOSO, *formoso*, q. || Arc.

FERMOSURA, *formosura*, s. f. || Arc.

FESTA(R), v. i. — tomar parte em festa, assistir festa: “E quando nós ia *festá* na cidade, era um estádão...” (C. P.).

FIANÇA, s. f. — corfiança, acto ou efeito de fiar (de algo ou alguém): “Daí a instante está tudo pronto, colocados os bois do coice — o “Dourado” com o “Monarca”, e na guia o “Letrado” com o “Pimpão”, que eram as juntas da fiança...” (A. S.). || E’ t. arc. na língua culta, na acepção acima.

FIAPO, s. m. — pequena quantidade, ínfima porção: “Tomei só um *fiapo* de leite”. Muito usado no deminut. *fiapico*. || É port., na acepção restricta de fio ténue, que tambem se usa aqui.

FIRIDENTO, q. — cheio de chagas. || De ferida.

FITIÇO, *feitiço*, s. m. || Dois étimos são propostos: facticiu(m) (J. J. Nunes, p. LXXXI) e ficticiu(m) (“Novo Dic.”). Convem notar que o calpira pronuncia *fitiço*, *fiticêro*, *fitiçaria*, ao passo que diz claramente *feito*, *feitorizá(r)*, *feição*, etc. Como diz tambem *fitiu* = *feitio*, parece que se pode attribuir o primeiro *i* de *fitiço* alteração do ditongo *ei* sob influência do segundo *i*, acentuado. Por outro lado, compare-se *afito* = mau olhado a expressão “deitar o fito” que se acha em Gil V.

FIUZA, s. f. — confiança: usado na loc. *na fiuza de*, tal como neste passo de G. Dias (“Expos. Univ.”): ... não seria prudente deixar-se este ramo de riqueza pública, e de prosperidade individual, entregue inteiramente nas mãos da ventura, na fiuza de que a grandeza de Deus a bondade do clima farão por nosso amor o que não cuidamos de fazer enquanto é tempo disso”. || E’ arc.: “... esta fiuza ouve eu sempre em vós e ey porque eu pera mais vos tenho...” (“Cron. do Cord.”) No “Leal Conselheiro” há *fe u z a*, com *e*. — L. de Vasc. afirma ser ainda forma pop. na Extremadura. (“Liv. de Esopo.”).

FLÔIS, *flux*, s. m. — certo efeito alcançado no jogo do “poker” e semelhantes, c que consiste em reunir cinco figuras. Costuma-se dizer: “fazer flux com rei”, ou “com valete”, etc., conforme qual seja a carta maior. “Fazer flux”, figuradamente, vale o mesmo que “fazer

bonito”, “brilhar”. || Trata-se de t. e frase arc., como se vê do seguinte passo de Gil V. (“Barca do Purg.”), onde dialogam o diabo e um taful:

- D. O’ meu socio e meu amigo,
 Meu bem e meu cabedal !
 Vós irmão ireis comigo
 Que não temeste o perigo
 Da viagem infernal.
- T. Eis aqui flux dum metal.
- D. Pois sabe que eu te ganhei.
- T. Mostra se tens jogo tal.
- D. Tu perdes o enxoval.
- T. Não é isto flux com rei.

FOGO SARVAGE, *f. selvagem*, s. m. — certa erupção cutânea.

FOLIA, s. f. — grupo de pessoas que, com a “bandeira do Divino” (Div. Esp. Santo), ao som de pandeiros, violas e cantigas, percorre as casas dos povoados e campos, pedindo esmolas para alguma festa em louvor do Espirito Santo. Geralmente se diz “folia do Divino”. || Ainda hoje, no Algarve, costuma haver certo divertimento, por ocasião da festa do Esp. Santo, a que se dá o nome de “foliá” (“Novo Dic.”). No Brasil, o costume é antigo. — Diz F. J. Freire: “Folia não é qualquer dança, mas aquela em que se fazem movimentos extravagantes para causar riso, e que é acompanhada do ruído de vários instrumentos, e composta de diversos dansantes, gente do povo.” (Refl. 1.^a). Esta explicação faria supor que “folia”, primitivamente, fosse apenas uma dança; mas que foi também canto, talvez principalmente canto, e até com intuitos devotos, verifica-se deste relanço do “Auto da Feira”, de Gil V.:

E porque a graça e alegria
 A madre da consolação
 Deu ao mundo neste dia,
 Nós vimos com devação
 A cantar-lhe hua folia.

Outra referência, esta da “Vida” de Nóbrega, por A. Franco (1719): “Em um destes logares lhe aconteceu entrando em uma igreja ver alli uma folia com bailes e musicas malsoantes com que o sa-

grado se profanava. Cheio de zelo reprehendeu tamanho desacato". O próprio Nóbrega escrevia da Baía para Port.: "Houve muitos desposados e fizemos a procissão mui solene, porque veio folia da cidade que Simão da Gama ordenou a Bastião da Ponte, seu cunhado, os meninos cantando na língua, em português, cantigas a seu modo, dando glórias a Nosso Senhor... (Carta XIX).

FÓRA, s. f.

DE — A —: de um lado a outro, de lado a lado: "A mana viu que eu tinha largado mão do serviço, porque a cerca já tava trançadinha de guaimbê, *de fóra a fóra*". (V. S.).

SALA DE —: sala de visitas, que geralmente fica sôbre a rua.

FORGÁ, *folgar*, v. i. — divertir-se com dansas: "Os escravo dèle vivium gordo, bunito, *forgávum* no batuque despois da carpa e da coieita, e na moage tamem" (C. P.)

FORGADÓ(R), q. — que gosta de "folgar" o que toma parte em batuques ou fandangos.

FORNO, s. m. — espécie de taxo, de bordos curtos, que serve para torrar a farinha de milho ou mandioca, e misteres semelhantes. || B.-R. já registou esta acepção. Cherm. colheu-a na Amaz.

FRANQUERA, s. f. — faca de ponta, que outrora se fabricava na cidade da Franca. || E' t. corrente, ainda mais, talvez, em M. Grosso Goiás. C. Ramos aplica-o numerosas vezes nos seus contos.

FRANQUERO, q. — certa variedade de gado bovino, que tirou o nome da terra de sua procedência, cidade da Franca, de onde se espalhou pelo sul do Br. || E' t. corrente no R. G. do S.

FREME, s. m. — instrumento de ferro com que se cortam tumores ou inflamações nos animais. || Em port. há *flame*, do lat. *flame* n. ("Novo Dic.").

FRIA, *frio*, q. || E' a fôrma corrente: "suór *fria*", "café *fria*". Cp. *fula* por *fulo*.

FRUITA, *fruta*, s. f. || Este t. apresenta a curiosa particularidade de poder, sem determinante, referir-se especialmente à jaboaticaba: "Estamos no tempo das *fruta*; daqui póco havemo de í pro mato à percura dela". — A fôrma é arc.: "... os castellãos *sayá* fora da frota colher uvas e *fruyta* porque era entã tempo della". ("Cron. do Cond.")

FUÁ, q. — desconfiado, sensível côcegas, espantadiço (cavalo). || De fuga z? Ou simples onomatopeia? Já quizeram ligar a "apoaba", t. tupi, parece que até a "aruá", da mesma língua.

FUAZADO, q. — o mesmo que *fuá*.

FUBA, s. m. — farinha ^{de} de arrôz ou de milho crú, com que se fazem várias papas, bolos e outras confecções culinárias. || E' t. afric. (B.-R.)

— MIMOSO: fubá fino, que se usa para biscoitos, bolos mais deli-
cados, etc.

FUCHICA(R), v. t. — esmagar entre os dedos (papos, objectos frágeis). || Sob essa e sob a fórma "futicar", "futricar", com significções semelhantes e mais amplas, corre o t. em outras regiões do Br.

FULA, *fulo*, q. || Cp. *fria* por *frio*.

FUNÇÃO, s. f. — dança, fandango. || E' curioso que, no Norte, se conserve esta palavra com idéntica significação, e apenas alterada para "fonção", como se vê de numerosos passos de Cat.; ex.:

Era um dia de *fonção*,
um baptisado, na casa
do Chico da Encarnação.

Em M. Grosso, Taun. colheu "fonçarata", com signif. parecida ("Inoc.").

FUNDAO, s. m. — lugar ermo e longínquo. Também se usa, com idéntica signif., no plural. || Existe em port., com sentido semelhante.

FURRUNDÓ, FURRUNDUM 1, s. m. — doce de cidra com rapadura, ou açúcar mascavo, e gengibre.

FURRUNDÓ, FURRUNDUM 2, s. m. — barulho, confusão: "Não imagina o que foi aquilo. Hôve pancadaria, faniquito, corre-corre, um *furrundu* dos seiscentos diabo!" || Cp. "forrobodó".

FUSO, s. m. — baile de gente baixa e viciosa.

GAIËRO, *galheiro*, q. — que se junta, como determinante, ao subst. *viado*, para designar uma espécie que se caracteriza pelas grandes armas em fórma de galhos.

GAMBA, s. m. — designa vários marsúpios. — Tem estes animais a fama de gostarem extraordinariamente de cachaça. E', porisso, frequente applicar-se êste nome como sinon. de "bêbado", ou empregar-se em locuções como esta: "bêbado como um gambá". — Figura também numa "pêga" infantil e popular: "Sabe de uma cousa?... Filho

de gambá é raposa". ("Péga" é o nome que dão os folcloristas espanhóis a esta espécie de hrinquedos, e que o sr. João Rib. razoavelmente adoptou).

GAMELERA, s. f. — árvore do género "Ficus", cuja madeira é geralmente empregada no fabrico de gamelas, colheres de cozinha, etc.

GANGA, s. f. — série de partidas em diversos jogos.

GANGORRA, s. f. — aparelho conhecido, de que usam meninos para se divertir. Consiste num pau colocado transversalmente no topo de um outro e girando sobre êste, preso por um espigão ou por um prego servindo de eixo. || E' t. espalhado pelo sul do Br. No Piauí, seg. B.-R., designa uma armadilha de caça.

GANJA, s. f. — usado na frase "dar *ganja*", isto é, dar motivo para que alguém se julgue necessário, protegido, etc.: "Cuidado cum êsse minino, não le dê munta *ganja*, que êle fica perdido". || Parece indubitável que é alter. de "cancha", picadeiro, arena, terreiro, etc. "Diz-se que um parrelheiro *está na sua cancha* (escreve Romag., no R. G. do S.) quando êle acha-se no lugar onde está acostumado correr, e, por conseguinte, com mais vantagem que o outro" "*Abrir* ou *dar cancha* (escreve o mesmo Romag.) é dar passagem ou caminho: *Abra cancha* que quero passar" — Seg. Zorob., é voc. quechúa.

GANJENTO, q. — o que tomou *ganja*, está satisfeito por se sentir garantido, necessário, protegido, etc.: "Ói o diaho cumo ficou *gangento* depois que o majó tiró êle da cadeia!" || V. GANJA.

GARAPA, GUARAPA, s. f. — caldo de cana de açúcar. || E' t. tambem corrente no Norte do Br., com ligeiras variantes. Parece que a ideia central é a de bebida melosa. Em Angola, seg. Capelo e Ivens, citados por B.-R., designa uma espécie de cerveja de milho outras gramíneas. O facto de ser o t. conhecido há seculos no Br., tambem na África, parece indicar que é de importação lusitana. Talvez originado do fr. *grappe*, ou do it. *grappa*. Garcia, seguindo a B. Caetano, dá-lhe étimo tupi-guarani.

GARRA(R), *agarrar*, v. t. — principiar; tomar (uma direcção, um caminho); entrar, enveredar: "...*garrei* o mato porque num gosto munto de guerreá... (C. P.) — "I nós ia rezano, e Sinhá, no meio da reza, *garrava* chingá nós... (C. P.) — "I tudo in roda daquêlê *garrava* gritá..." (C. P.) — "*Garrei* magrecê de fome, mais a minha pió agonia era a sodade". (C. P.) — "Se o negro *garrá* cum choradêra, botem pauzinho no uvido pra não uvi, u tam-

pem a boca dêle... (C. P.) — “Num *garre* cum molação cumigo!” (C. P.).

GARRÃO, s. m. — jarrete de animal, especialmente do equino. || E’ usado, com a mesma acepção, no R. G. do S.

MOLÉA(r) o —, afrouxar, desanimar, perder a energia. || Usa-se no R. G. do S. expressão semelhante na forma e com o mesmo sentido: “afrouxar o garrão”.

GARRÓTE, s. m. — bezerro novo.

GARRUCHA, s. f. — espécie de pistola de cano longo: “Cheguei lá, inzaminei a casa, botei a *garrucha* in baxo do travessêro... (C. P.) || E’ t. usual em todo o Br. Existem na lingua *garrucha* a *garruncha*, com outras e várias significações.

GATEADO, q. — diz-se do equídeo de certa côr amarelada.

GAÛCHISMO, s. m. — qualidade ou acto de quem é *gaúcho*, isto é, filante, parasito.

GAÛCHO, q. — filante, parasito: ... tinha uma secção de botica às escondidas do fiscal da Camara, um grande filante de leitões e frangos, *gaúcho* como que...” (C. P.).

GAUDÉRIO, s. m. — vivedor, parasito. || Garc. colheu em Pernamb. “godero”, com a signif. acima, e “goderar”. — “Gaudério” é tambem nome de um pássaro. — De *gaudium*? De *gaudere*?

GAVIAO, s. m. — a parte cortante da foice: ... foices afiadas e brilhantes, *gavião* gasto e “arvado” bem imbutido... (C. P.).

GENIPAPO, s. m. — árvore da fam. das Rubiáceas, que fornece boa madeira, dá bom fruto comestível e tem várias aplicações medicinais.

GENTARADA, s. f. — grande quantidade de pessoas, reunião de gente. || Cp. os colectivos *pe(i)parada*, *bicharada*, *chubarada*, etc.

GIQUI, s. m. — certo aparelho de aparhar peixe. || Tupi.

GIQUITAIA, s. f. — mólho de pimentas. || Tupi.

GIRA, q. — doído.

GOIVERO, q. — vivedor, brincalhão. || Nunca ouvimos empregado este t., que nos foi comunicado, mas registamo-lo, sob reserva, por ser muito curioso, sugerindo proveniência antiga, talvez de *gouvir*, sinónimo arcaico de *gozar*. — Cf. *gaudério*.

GOLOSO, *guloso*, q. || Fôrma arc. Acha-se em D. Nunes: “de cuja carne he mui *golososo*...” (“Orig”, VII.) Em Gil V.:

Era a mor mexeriqueira
 G o l o s a, que d'improviso,
 Se não andavão sobre aviso,
 Lá ía a cepa e a cepeira.

(“Barca do Purg.”).

Nos versos de sóror Maria do Ceu (“Escritoras doutros tempos”, M. dos Rem.) aparece êste qualificativo repetido muitas vezes. *G o l o d i c e* encontra-se em Vieira (F. J. Freire, refl. 7.^o).

GRANÁ(R), v. t. — chegar a ter os grãos formados (o milho); acender (os olhos): “Num sei porquê, aquela moça quano deu cumigo *granô* os óio im riba di mim”.

GRANADO, q. — diz-se do milho cujas espigas estão desenvolvidas.

GRANDÓTE, deminut. de “grande”, muito usado, a par de *grandinho*: “Eu já era miníno *grandote* quano mea mãe morreu”. || Existe em cast.

GROSSERO, s. m. — ligeira erupção cutânea.

GRUMIXABA, GURUMIXAVA, s. f. — árvore da fam. das Mirtáceas. || Tupi.

GRUMIXAMA, s. f. — árvore da fam. das Mirtáceas. || O mesmo que *grumixaba*?

GRUVATA, *gravata*, s. f. || E’ interessante esta fôrma (a única usada pelo povo ir.culto do interior), porque abala a etimología consagrada pelos dicionaristas, que fazem derivar *gravata* do francês *cravate*. Parece mais curial que se houvesse tomado do cast. *corbata* (mais próximo da origem comum, pois êsse voc. não é mais que uma variante do gentílico *croata*.)

GUABIROBA, s. f. — fruto de uma Mirtácea muito comum; a arvoreta que o produz. || Tupi.

GUAIACA, s. f. — cinto com bolsos que se usa em viagem: “Assim falando, o caipira abriu a *guaiaca* da cinta e puxou um massuruca, enleado numa pelega de cem, para pagar a despesa”. (C. P.) || Tambem corre no R. G. do S.: “... viajava de escoteiro, com *guaiaca* empanzinada de onças de ouro...” (S. L.) — Do quech. “huayaca”, seg. Zorob. Rodr.

GUAIARÓVA, s. f. — árvore da fam. das Euforbiáceas.

GUAIAVA, *goiaba*, s. f. — fruto da goiabeira. || A 2.^a fôrma, adoptada na ling. cnlta, é completamente desusada entre os caipiras.

GUAIAVADA, *goiabada*, s. f. — doce de goiabas.

GUAIÁVERA, *goiabeira*, s. f. — nome de várias árvores e arbustos frutíferos, do gen. "Psidium", fam. das Mirtáceas.

GUAINXÔMA, **GUANXIMA**, s. f. — arbusto da fam. das Malváceas, cuja fibra é muito resistente, e do qual usa o povo para fazer umas vassouras grosseiras. || Garc. regista, em Pernamb., "guaxuma". — Tupi.

GUAIUVIRA, s. f. — árvore alta, de madeira resistente e flexível, da fam. das Euforbiáceas. || Tupi.

GUAJIÇARA, s. f. — árvore da fam. das Leguminosas, que se considera padrão de boa terra. || Tupi.

GUAMIRIM, s. m. — certa árvore que se encontra no chamado "Norte" do Estado. || Do tupi "guá" = árvore, "mirim" = pequena.

GUAMPA, s. f. — chifre de boi; o chifre em que os carreiros guardam a graxa, nos carros de bois; espécie de copo feito de chifre:

Laço nos tentos, a chilena ao pé,
o ponche na gampa pendurado,
o pala ao ombro— indispensável é —
o facção, a garrucha e a *gampa* ao lado.

(C. P.).

— "João, mecê ponhô graxa na *gampa?*" (A. S.). || Usado no Sul do Br., até o R. G. do S., de onde provavelmente veio, pois é também das repúblicas espanholas da America do Sul. No Chile, "guámparo".

GUAMPUDO, q. — insulto corriqueiro: "O barbantinho engrossa todo dia... acaba virando tronco de árvore matando a mãe, como este *guampudo*... (M. L.).

GUANDÚ, s. m. — usado em aposição com o t. "feijão" (*feijão-guandú*) para designar um arbusto da fam. das Leguminosas, que produz uma ervilha apreciada. || Parece t. africano. No Rio, seg. B.-R., chama-se "guando" à vagem e "guandeiro" à planta. Em Pernamb., seg. Garc., ao nosso *feijão-guandú* corresponde "cuan-dú", também chamado "ervilha de Angola".

GUAPÊ, s. m. || V. AGUAPÊ.

GUAPERUVÔ, BACURUBÔ, s. m.—grande árvore da fam. das Leguminosas.

GUAPÉVA 1, s. f. — árvore da fam. das Sapotáceas.

GUAPÉVA 2, JAGUAPEVA, q. — baixo, pequeno (cão). || S. L. colheu “guaipéva” no R. G. do S.: “Eu também fiquei-me rindo, olhando para guaiaca e para o “guaipéva” arrodilhado aos meus pés... — E’ voc. tupi e já de si quer dizer “cão baixo, ou pequeno”; registamo-lo, contudo, como qualificativo, porque na realidade como tal é usado geralmente: “um cachorrinho *jaguâpéva*”. — “Jaguá”, cão; “peba”, chato, baixo.

GUAPÔ, *vapor*, s. m. — locomotiva de estrada de ferro. || Sobre a mudança de *v* em *gh*, v. “Fonética” e, aqui adiante, GUMITÁ(R).

GUARÁ, s. m. — ave pernalta, “Ibis rubra”. || Talvez alter. de *g o r a z*, nome port. de uma pernalta. Parece isto mais plausível, à falta de outros elementos de averiguação, do que o fazerem derivar, como já fizeram, do tupi “guyrá-piranga”. O desdobramento de *o* em *ua* tem um exemplo em *cuará(r)*, *coará(r)*; queda do som *s-z*, em final de vocábulos, é uma das características salientes do dialecto.

GUARAIÓVA, s. m. — certa árvore. || Tupi.

GUARAPUAVA, q. — cavalo fraco, de pouco valor. || Tupi.

GUARATAN, s. m. — árvore da fam. das Rutáceas. || Tupi.

GUARECÊ(R), v. i. — sarar. || Nunca ouvimos empregado este termo, que nos foi comunicado. A ser na verdade usado, representa um dos mais curiosos arcaísmos do dial. *Guarnecer*, *guarnição*, são vocs. há muito envelhecidos. Encontra-se segundo na “Demanda do Santo Graal”; “... e aquella fonte será de tam gram virtude, que todo homem que fôr chagado e de lá beber logo seerá são; e por aquella virtude averá nome fonte de *guarnição*”

GUAREROVA, s. f. — palmeira do gen. “Cocos”, cujo palmito, muito apreciado, tem um sabor amargo. || B.-R. registra “guariróba”. Em S. P. poderá, alguma vez, pronunciar-se com *b*, pois quase todos os vocábulos indígenas que terminam em *ava*, *iva*, *ova*, etc., se pronunciam tanto com *v* como com *b*; mas com *i* é que não. — Tupi.

GUARITÁ, s. m. — grande árvore de bela madeira.

GUARÚ-GUARÚ, s. m. — certo bichinho fluvial pequenissimo (“Lebites pæciloides”), que vive aos cardumes. || Dessa circuns-

tância de aparecer em grandes cardumes se originou provavelmente a duplicação, processo corrente no tupi para denotar quantidade ou repetição.

GUASCA, s. f. — tira de couro cru; a fita de couro do reldio: “E o Jéca mediu tres passos para trás, pegou o cabo do reldio com a mão direita, segurou a *guasca* pela ponta com a esquerda, e a açoi-teira nova assobiou no ar...” (C. P.) || E’ t. sul-americano; se-gundo Zorob. Rodr., alter. do quechúa “huasca”.

GUASCADA, s. f. — reldhada; golpe com *guasca*, ou coisa pare-cida: “... era quem pagava quando filho, na venda da estrada, levava umas *guascadas* dos campeiros do bairro”. (C. P.)

GUATAMBÚ, s. m. — árvore da fam. das Apocináceas, muito usada para *porretes*, cabos de enxada, etc.; fig., a enxada: “Eu quero é vê vacê no cabo do *guatambú*, seu prosa!” || Tupi.

GUATAPARA, s. m. — certa espécie de veado. || Tupi.

GUAXATONGA, AÇATONGA, AÇATUNGA, etc., s. f. — árvore da fam. das Flacourtiáceas, cujas folhas e casca são consideradas como po-deroso remédio, em infusão, para feridas e queimaduras. || Tupi.

GUAXE, s. m. — pássaro (“*Cassicus haemorrhous*”). || “Ja-pim”, “japi”, “japu”, “xexeu”, etc., em outros Estados do Br.

GUINI(LH)A, s. f. — andadura rasteira, que rende bastante; o mesmo que *esquipado*.

GUMITA(R), *vomitar*, v. t. || É fôrma pop. também em Port. (J. J. Nunes, p. LXXX). Cp. “goraz”, de vorace (m), “gol-pelha” de vulpecula, “gastar” de vastare; aqui mesmo, em S. P., *guapô*, “vapor”.

GUNGUNA(R), v. t. e i. — rosnar, resmungar. || Africanis-mo?

GUSPE, *cuspo*, s. m. || Cp. *fixe* (fiche) por fixo, *asppe* por áspero, *cartuche* por cartucho.

GUSPI(R), *cuspir*, v. i.

HAME, intj. indicativa de reflexão momentânea, de admiração, de censura: “*Hame*... o meió é a gente disisti disto”. — “*Hame*, cos diábo! não esperei por esta, nbo Jusé!” — Um exemplo de C. P.:

— Mais o potro é novo e vancê curano...

— Se sará...

— ... vai pissuí um alimá de premêra.

— *Hame*, não...

|| Alter. de *homem*.

HASTE, s. f. — o mesmo que “haste”. || Fôrma clássica.

HERVADO, q. — diz-se do animal que adoce por ter ingerido alguma planta venenosa.

HÉTICO, q. — tísico; magro e fraco em excesso. || Não é brasileiroísmo, mas não deixa de ser curiosa a conservação deste voc., quase de todo desusado na língua culta:

Qu'eu quando casei com ella
 Dizião-me — hétega he;
 E eu cuidei pola abofé
 Que mais cedo morresse ella,
 E ella arda ainda em pé.
 E porque era hétega assim
 Foi o que m'a mim danou:
 Avonda qu'ella engordou,
 E fez-me hétego mim.

(Gil V., “Auto da Feira”.)

O facto de ser posto na boca de um rústico por Gil V., e já alterado para “hétego”, mostra que foi voc. pop. também em Port.

HÓME(M), s. m. — Muito usado como intj., para denotar:

— receio: “*Hóme*... as coisa tão ficano rúin, percisa tomá cuidado!”

— espanto: “*Home!*... nunca vi u^a coisa dêsse geito...”

— reflexão súbita: “*Hóme*, ante meió bamo vortá pra casa”

Às vezes o voc. aparece completamente desfigurado, soldando-se com outros. A intj. **UÉI-ME!**, muito vulgar, que denota impaciência, agastamento, parece ser uma condensação de “olhai, homen!”

HÔMIESTA, representa nosso vulgar “homem, esta!” V. **HAME**.

IAPA, *ilhapa*, s. f. — tira de couro na extremidade do laço, presa à argola. || Também usado no R. G. do S., onde Romag. colheu ainda fôrma “ailhapa”. No Rio da Prata, “llapa”. Do quechúa “yapana”, seg. alguns.

IMBAÛVA, s. f. — árvore da fam. das Artocarpáceas.

IMBIGO, s. m. || “Embigo” é fôrma pop. antiga, usada literariamente até que se introduziu “umbigo”, mais chegada à latina.

IMBIRA, s. f. — fibra vegetal que se emprega como corda.

ESTAR NAS —: estar em péssimas condições de vida, em penúria extrema.

IMBIRUÇÚ, s. f. — certa árvore do mato. || De “imbira uçú”.

IMBIRRANCIA, s. f. — teimosia, embirração, acinte.

IMBOLÁ(R), v. t. — deitar por terra; fazer cair inerte, de brusco; matar. “*Imbolei o tar sojeito c’um portapé na barriga*”. — “A febre *imbolô* o coitado do nho Fidêncio!” || Cp. *bolear*.

IMBRAMÁ(R), v. t. — embaraçar, enroscar (fios, cordas).

IMBRAMADO, q. — embaraçado, enroscado: “Esse barbante está muito *imbramado*, não me serve”.

IMBÓIA, s. f. — árvore cuja madeira é preciosa em marcenaria: “*Nectandra speciosa*”.

IMBURUIA(R), *embrulhar*, v. t. || “Acabada a dança e a musica... os seis desembarulhão os envoltorios que traziam...” (“Peregrin.”) — “E os escudeyros q. asy desapouentauã se emborilharom com o corregedor...” (“Cron. do Cond.”, cap. XV).

IMBURUIADA, *embrulhada*, s. f. || “... Apesar das emburilhadas e demandas em que frequentes vezes o mettia D. João de Ornellas”. (Here.) —

Mistura o ceo com cebolas,
E huãs emburilhadas —

(Gil V. “Com. de Rub.”)

IMBURUIADO, *embrulhado*, part. e q. || ... e loguo no seisto tem hum vaso como escudela e nele emborilhado huma oadea de cabeças de merinos e huma cobra...” (D. João de Castro, descrição dos templos de Elefanta; em M. de S. Pinto).

IMBURÓIO, *embrulho*, s. m.

IMITANTE, part. pres. de “imitar”: “uma coisa *imitante* ferro”. || E’ êste um dos poucos exemplos do part. pres. antigo, conservado com a sua força participal. E é curioso que, justamente o mesmo, se conserve também literariamente, como se verifica em Camilo: ... berros clangorosos imitantes a mugidos de bois”.

— ... tendo lido trezentos volumes de novelas, não encontrara caso imitante” (“Brasileira de Prazins”).

IMUNDÍCIA, s. f. — caça miúda. || Acreditamos que a ideia predominante é a de quantidade, e que o t. se aplique a outras coisas abundantes. Assim o colheu Taun. em M. Grosso (“Inoc.”) — E’ possível que se ligue a MUNDO = quantidade. “Imund’cie” soaria ao caipira como uma simples ampliação formal dêsse termo.

IMPACADÓ(R), q. — que costuma empacar (animal de sela).

IMPALAMADO, q. — pálido magro, escaveirado: “Nho Chico, depois que teve sessão, ficô *impalamado* que nem difunto”. || Vacilam muito os dicionaristas vocabularistas na etimologia deste t. Morais tira-o de empelamado, empalemado, e dá-lhe o sentido de emplastado, cheio de emplastos. O “Novo Dic.” descobre-lhe, no uso popular port., êsse mesmo significado e mais êstes: que tem edemas, achacadiço; mas não lhe aponta étimo. — Diz J. Rib. (“Folk-lore”, cap. XIX) que t. no Brasil, mórmente nas regiões do Norte, designa doente de opilação; e, por via de razões que desenvolve longamente, pensa êsse autor que “empalamado” absorveu, aqui, o sentido de outro qualificativo — “empanemado”, de “empanemar”, que por sua vez deflui de “panema”, caipora, desdita. — Também no sertão dos lados de M. Grosso, “empalamado” significa, ou significou outrora, doente de opilação; e “moléstia de empalamado”, essa doença. (Taun., “Iroc.”, cap. XVI). — Não duvidamos que, em S. P., o t. signifique também “opilado” e outras coisas; mas não o conhecemos senão na acepção registada acima.

IMPALIZADO, s. m. — tapume de galhada e folhagem, que se usa em recintos destinados a festas. || Do cast.

IMPIOCAR, v. t. — criar p’pócas, borbulhas, ou coisa parecida: “A parede *impiocô*, de certo porque rebóque foi mar feito”. — “Eu estô com a cara *impiocada* de bertocja”. || V. ПИОЦА(Я).

INAMBÚ, INHAMBÚ, NAMBÚ, s. f. — designa várias aves do gen. “Crypturus”, fam. das Perdicesas. || Tupi.

INCAIPORÁ(R), v. t. e i. — tornar (alguem) caipora, ser-lhe funesto; tornar-se (alguem) caipora, desditoso, perder a “sorte”.

INCAMBOIA(R), v. t. — prender juntamente (dois ou mais indivíduos, veículos, etc.): ... ligariam os batelões um ao outro e assim, unidos os homens restantes, teriam força para levar as embarcações *encamboiadas*”. (C. P.) || De cambau? De comboi?

INCANO(A)(R), v. t. — encurvar no sentido do comprimento; diz-se que uma taboa *incanôa* quando empena de modo a apresentar uma concavidade longitudinal. || De canôa.

INCARANGADO, q. — tolhido, entevado: “O véio ficô *incarangado* co friu”. || Usado de norte a sul do país. Não é brasileirismo, apesar de figurar como tal em diversos vocabulários.

INCOMENDA(R), v. t. — recomendar, incumbir: “*Incomendei* pra meu fio que me truxesse uma bassôra da vila”. || “Encomendouos e mandonos que êste regimento cumpraes e goardeys...” (Regimento expedido a Dom João de Castro quando comandante da expedição contra os piratas, 1542; em M. de S. Pinto).

INCOMPRIDA(R), v. t. — anmentar, acrescentar um pedaço (a uma corda, nma rédea); dar maior comprimento (a uma peça dobrada ou afivelada, como nm loro, uma laçada, etc.).

INCOSTA(R), v. t. — vābrar, bater sôbre alguma coisa (rêlho. pau): “*Incoste* o cacete nêsse disgraciado”.

INDAIA, s. m. — palmeira, “*Attalea indaiá*”. || Tupi.

INDAGUAÇÚ, s. m. — palmeira.

INDAS, *ainda*, adv. || Esta fôrma só aparece quando seguida de *que*, formando conj.: “*Indas* que fosse verdade...”

INDEREITA(R), ENDEREITÁ(R), *indireitar*, v. t. e i. — tornar direito, destorcer, corrigir; emendar-se: “Êste sojeito não *endereita*”. || “... en a e z dereitare y.” (“Eufros.”).

INFERNO, s. m. — Vasadouro onde verte água que passa pelo monjolo: “Destapada a bica, um gorgolar d’enxurro escachouo no cocho, enchen-o, desbordou para o *inferno*”. (M. L.).

INFERNAÇÃO, s. f. — acto de *infernar*, isto é, aborrecer, importunar.

INFICIONADO, q. — sujo; mal cheiroso; atacado de ferida brava. || “Bem o experimentais na força daquelas hervas, com que *inficionados* os poços e lagos, mesma água vos mata...” (Vieira).

INFRENA(R), v. t. — enfrear. || Castellanismo corrente no R. G. do S., de onde veio de certo.

INGA, s. m. — árvore da fam. das Leguminosas; a vagem adocicada e refrigerante que ela produz.

INGAZÊRO, s. m. — árvore do ingá. || Seg. T. Samp., o indígena chamava esta árvore “ingahiva”.

INGAMBELA(R), v. t. — enganar, atrair com engodos. || E' t. de todo o Brasil, ou quase todo. — Alter. de *engavelar*, isto é, enfeixar, como a gavelas. Cp. *empacotar*, *embrulhar*, sinons. de “lograr”.

INGIRIZA(R), v. t. — encolerizar, aborrecer. || Alter. de *ogerizar*?

INGÜENTO, s. m. || Encontra-se nos antigos, notadamente em Gil V. “... a paciencia que he melhor ingoento que ha hi para as chagas da paixam”. (D. Joana da Gama).

INHAME, s. m. — designa plantas semelhantes à taióva, e a própria taióva. || Há quem o pretenda identificar com *café*, mas, em S. P., são coisas bem distintas. Encontra-se na carta de Caminha: ... e que lhes davam de comer daquela vianda que elles tijnham, saber mujto jnhame, e outras sementes que na terra ha, que eles comem”. — Africanismo?

INHATO, q. — o que tem o maxilar inferior saliente. || Romag. registou no R. G. do S. como sinon. de *chimbé*, o que tem nariz arrebitado curto, dá-lhe étimol. hispano-americana. Em S. P., tem signif. apontada. Não será alter. de *prognata*?

INJUA, *enjoar*, v. i. — aborrecer-se, sentir-se farto: “Cumi tanta jabuticaba, que injuei (delas)”

INJUADO, *enjoado*, part. — saciado, aborrecido: “Tô injuado desta terra” Assume signif. activa de impertinente, cerimonioso, antipático: “Aquilo é sojeito injuado, que ninguém agüenta”.

INJUAMENTO, *enjoamento*, s. m. — qualidade ou acto de quem é injuado, isto é, cerimonioso, melindroso, arredio: “A Maruca, depois que tratô casamento co Jovino, anda num injuamento insopor-tave”.

INLEIÇÃO, *eleição*, s. f. || “E rreteue pera sy pera todos seus sobcessores, consetimento da inleição que fezesem das abadesas quando alguã ouessesem d'enleger em abadesa d'esse mosteiro”. (“Chronica breve”, sec. XIV).

INORA, *ignorar*, v. t. — extranhar, censurar: “Elc inorô muito de eu ir bater na sua porta àquelas horas”. (V. S.) || A fórmula é antiga: ... tome Vossa Alteza minha inorancia por boa vontade... (Cam.).

INQUIZILA(R), v. t. — encolerizar, aborrecer: “Aquêlê negócio me inquizilô de tar geito, que nem quero que me falem nélê. ||

De *quizilia*, ou, melhor, *quizila*, do afr. “*quigila*” = repugnância, antipatia. — Em Port. há *quizilar*, que é absolutamente desconhecido do nosso povo.

INREDERO, q. — enredador, mexeriqueiro.

INREDERA, q. — que faz enredos, mexeriqueira.

INSIÁ, *ensilhar*, v. t. — selar. || Escreve-se também “*encilhar*”, como se derivado de *eilha*; acreditamo-lo antes derivado de *silha* (*sedicula*), talvez pelo cast. “*ensilhar*”.

INTÉ, *até*, prep. e adv.

INTERO, ENTERO, *inteiro*, q.

INTERADO, q. — completo, acabado (falando-se do malandro, do sujeito ordizário): “E’ ruim *inteirado*, dizia o povo” (M. L.).

INTICA(R), v. i. — “*implicar*”, mostrar má vontade ou birra: “Aquêlê sojeito anda *intcando* cumigo”. || O “Novo Dic. regista “*inticar*” como t. açoriano e brasileiro, mas dá “*enticar-se*” como transmontano. Cp. “*impeticar*”, com sentido muito aproximado, neste passo de Camilo: “Marta ia nos quatorze, quando o pai a quiz tr’rar da mestra. Chegara-lhe aos ouvidos que os estudantes, má canalba, lhe *impeticavam* com a filha” (J. Mor., “Estudos”, 2.º v., 238).

INTIJUCA(R), v. t. — fazer tijuco em; erlamear.

INTIJUCADO, q. — sujo de lama.

INTIMA(R), v. i. — proceder com espectacular arrogância, com soberba, com exibicionismo e aparato: “A Ginoveva bota vestido de seda na cidade. Só pra *intimá!*” || E’ verbo trans. e intr. na lingua culta, tendo, entre outros, a acepção de falar com intimativa, com energia, com autoridade. Daqui, naturalmente, evolução de sentido no dialecto.

INTIMAÇÃO, s. f. — acção de INTIMAR.

INTIMADERA, q. — fem. de INTIMADÓ(R).

INTIMADÓ(R), q. — o que INTIMA (vêr êste verbo), o que gosta de exhibir a sua autoridade, a sua força, a sua riqueza: “Nunca vi sojeito mais *intimadô* do que seu coroné Perêra”.

INVEREDA(R), v. i. — entrar com ímpeto, caminhar apressada mente (*através* de uma casa; *entre* um grupo de pessoas; *para* determinado ponto): “Ele foi chegando e *inveredando* lá pra a cozinha”.

— “Mar me viu, *inveredô* pro meu lado”. || T. port., com acepções diversas.

INZEMPRO, *exemplo*, s. m. || “E porque he cousa muy pro veitosa seguir o enxemplo desta honrrada senhora... (“Castello Perigoso”, sec. XIV).

INZERCICIO, *exercício*, s. m. || “E tãobem foi per mym muito en xercitada a levação do polo... (Carta de D. João de Castro, em M. de S. Pinto).

INXUITO, q. || Fôrma antiga do partic. irreg. de enxugar.

Nos saudosos campos do Mondego
De teus fermosos olhos nunca enxuito

(“Lus.”)

INVERNADA, s. f. — pastagem onde se deixam descansar e refazer os animais equinos e bovinos, após viagem extensa ou longo tempo de serviço.

IPÊ, s. m. — Designa várias especies de uma bignonácea do gen “Tecoma”: ipê amarello, cascudo, rôxo, jabotιά, etc. (H. P.) || Tupi.

IRARA, s. f. — mamífero do gen. “Galictis” || Do tupi: comedor de mel (?).

ISCA(R) ¹, v. t. — prover de isca (o anzol): ... *isquei* o anzol, *lavei* a tripaiada”. (C. P.).

ISCA(R) ², v. t. — aticar (o cão): “Se contá prosa, *isco* Fidargo im riba dêle.” || Quando se estimulam cães, pronuncia-se, entre cliques e estalos de língua de beiços: “busca! busca!” Este verbo, frequentemente, se reduz a “’scal ’scal”, que sôa quase como “isca! isca!”, quando devêras não sôa assim. Daí *iscar* aqui registado.

ISQUÊRO, s. m. — pequena caixa de chifre ou de metal, onde se guarda isca de algodão para fazer fogo: usam-na os fumantes, trazem com ela *pedra de fogo* e o *fuzil*, com que acendem a isca; fig., o anus.

ISSA, s. m. — Formiga saúva do sexo femin., tanajura. || As saúvas fêmeas chamavam os tupinambás “issá”, e ás masculinas “sabitú” (B.-R.).

ISTO, pron. substantivado: — “Eu escutei tudo quieto, num disse um *isto*”.

ITAIMBÊ, ITAMBÊ, s. m. — morro cortado a pique, despernhadeiro.
|| Tupi.

ITÊ, ITÊ, q. — adstringente, ácido: ... arredia e *itê* como a fruta do gravatá". (M. L.). || B.-R. regista como "insípido, sem gosto", e dá como exemplos: "uma comida *itê*, uma fruta *itê*". Não conhecemos a palavra com tal aceção. || Tupi?

IXEI, intj. de desprezo ou desdem: "Você é que há de bardéa essa trezama, cum êsses bracinho? *Ixe!*... || E' mais ou menos geral no Brasil.

INZEMPRA(R), v. t. — castigar: "Ele tava *insemprando* o fio quando eu cheguei". || De *insempro* = exemplo.

INZEMPRO, *exemplo*, s. m. || Em Rui de Pina, como em outros escritores antigos, encontra-se *enxempro*, forma regular. Cp. *enxuto*, *enxada*, *exame*, *enxaguar*, *enleger*, e outros vocs. nos quais o *e* inicial, constituindo sílaba, se nasalou.

JABORANDf, s. m. — arbusto medicinal, "*Pilocarpus sennatifolius*". || Tupi.

JABURÚ 1, s. m. — certa ave pernalta, "*Micteria americana*".
|| Tupi.

JABURÚ 2, s. m. — certo jogo de cartas.

JABUTICAVA, s. f. — fruto da *jabuticavêra*. || Tupi: "yabuti-guaba", comida de cágado. Forma literária: "jaboticaba".

JABUTICAVÊRA, s. f. — mirtácea cujo fruto é muito apreciado. Há várias espécies domésticas e *do mato*, muito semelhantes umas às outras. || Alt. de "jabuticabeira", que geralmente se escreve "jaboticabeira".

JACA, s. m. — cesto de tacuara. — Há-os de diferentes dimensões e formas, para vários usos. Dá-se, notadamente, êsse nome um cesto estreito e comprido de metro e meio a dois metros, usado para o transporte de galinhas e frangos. || Do tupi "aijacá".

JAÇANA, NHAÇANĀ, s. f. — ave ribeirinha, do gén. "Parra". || Tupi.

JACARANDA, s. m. — designa várias árvores da fam. das Leguminosas: *j. branco*, *preto*, *rosa*, *roxo*, etc. Há ainda uma espécie denominada *jacarandãzinho*. || Tupi.

JACARÉ, s. m. — espécie de crocodilo ("*Crocodilus sclerops*").
|| Tupi.

JACATIRÃO, JACUATIRÃO, s. m. — arvore de capoeirão, melastomácea. || Tupi.

JACÓ, s. m. — designa várias espécies do gén. "Penelope". || Tupi.

JACUBA, s. f. — mistura de açúcar, ou rapadura com farinha água. || Com variantes de sentido, é t. usado em quase todo o Br., até no extremo norte.

JACÖTINGA, s. f. — galináceo do gén. "Penelope". || Tupi "yacú-tinga", jacú branco.

JAGUANÉ, q. — diz-se do boi malhado de certa maneira. || Romag. (R. G. do S.) descreve — fio do lombo branco, os lados das costelas preto ou vermelho, e, geralmente, barriga branca. Seg. o Barão Homem de Mello, citado por B.-R., dir-se hia tambem por aqui *jaguanés*, que está mais de acôrdo com a fôrma chilena "aguanés". Contudo, Firmíno Costa ("Rev. do Br.") escreve "jaguaney" — Há em tupi "jaguanê", significando "fétido de onça" (T. Sampaio), mas provávelmente sem relação alguma com t. em questão.

JAGUATIRÍCA, s. f. — espécie de onça pequena ("Felis mitis"). || Tupi.

JALEIA, *geleia*, s. f. || Fôrma registada já por F. J. Freire. que a condenava.

JANGADA, s. f. — espécie de balsa feita com paus amarrados entre si.

JANTA, s. f. — jantar. || E' fôrma pop. tambem em Port.

JANTÁ, s. m. — árvore frondosa, de madeira vermelha.

JAÓ, s. f. — espécie de pombo selvagem, "Crypturus noctivagus" || Voz onomatopaica. "Zabelé" de outros Estados.

JAPONA, s. f. — espécie de capa de baêta.

JARACATIA, s. m. — árvore leitosa, de lenho mole. || Seg. B.-R. há no Br. duas ou mais espécies com êste nome, todas do gen. "Caryca" e fam. das Papaiáceas. — O leite de jaracatiá é empregado pelos curandeiros da roça. — Tupi.

JARAGUA, s. m. — capim muito estimado para pasto. || Parece provir de nome próprio de lugar.

JARARACA, s. f. — designa diversas espécies de serpentes ("Bo throps"); pessoa colérica. || Seg. Gabriel Soares, os indigenas diziam "gereraca" (B.-R.). T. Sampaio dá "yará-raca".

JARARACUÇÓ, s. f. — jararaca grande.

JARIVA, JERIVÁ, s. m. — palmeira do gen. "Cocos".

JATAÍ¹, JATAÍ, JUTAÍ, s. m. — leguminosa das nossas matas, "*Hymenaea stigonocarpa*", Mart. Há ainda *jataí-peba* e *j. vermelho*.

JATAÍ², JATAÍ, s. f. — abelha selvagem, "Mellipona", cujo mel é muito apreciado. || Segundo T. Sampaio, o nome dessa abelha vem da sua predilecção pela árvore assim chamada.

JATOBA, s. m. — leguminosa muito semelhante ao JATAÍ¹. || Seg. H. P. chamam-lhe também, em S. P., *óleo de jataí*. Diz T. Sampaio que, em tupi, *jatobá* designa apenas o fruto do *jataí*, sendo aliter. de "yataybá".

JAÚ, s. m. — grande peixe de rio. || Tupi.

JAVEVÓ, q. — desengraçado, insulso, corrido (falando-se de pessoa).

JERERÊ, s. m. — erupção cutânea, como bertoejas.

JIBOIA, s. f. — ofídio do gen. "Boa".

JINÉLA, *jenela*, s. f. || Esta forma veio por "jenela", antiga em Port., já registada por F. J. Freire.

JIQUITAIA, s. f. — pimenta em pó. || Do tupi "juquitaiá", sal ardente, seg. B.-R.

JIQUITIBA, s. m. — mirtácea de grande altura. Há *j. amarelo*, *branco* e *vermelho*. || E' a maior árvore da flora paulista e das maiores do mundo (B.-R). — Costuma-se escrever "jequitibá". — Tupi.

JIQUITIRANABÓIA, JAQUIRANABÓIA, JITIRANABÓIA, s. f. — insecto de feio aspecto, tido por terrivelmente venenoso. || Tupi "jaquirana-boy", cigarra-cobra, "alusão à forma e manchas do insecto, e não ao veneno, que não tem" (T. Sampaio). A lenda ter-se-hia pois originado de uma interpretação errada do nome.

JIRAU, s. m. — estrado de varas ou táboas, colocado sobre esteios, ou na parte superior de uma parede, para nêle se depositarem objectos quaisquer, ou para se fazer algum serviço, como de serra, que demande altura para o competente manejo.

JISSARA, s. f. — palmácea cujo côco é comestível.

JOÇÁ, s. m. — os pêlos da cana de açúcar.

JUÃO-DE-BARRO, s. m. — pássaro que constroi uma casa de barro com repartições internas, dependurada a um galho de árvore.

JUA, s. m. — fruto de um arbusto espinhoso da fam. das Solanáceas; êsse mesmo arb. Há uma esp. comestível, de sabor doce e agradável, e há outras que são tidas por nocivas — *j. bravo* e *j. de cobra*. || Na Baía e outros Estados do Norte “juá” é coisa diversa, é o fruto do “juáseiro”, árvore do gen. “Zizyphus”. — Tupi “yú-á”, fruto de espinho (T. Sampaio).

JUDA(S), s. m. — boneco de grandes dimensões, feito geralmente com velhas roupas de homem ou mulher, cheias de palhas ou de trapos. Costumavam colocar-se vários exemplares no alto de postes, pelas esquinas, em sábado de alelúia, para que o rapazão, após a cerimónia da resurreição, os descesse, arrastasse destruisse debaixo de grande alarido. || Diz Mons. Dalg.: “Em Goa *judeu* é, em sentido restricto, a figura humana que os rapazes fazem de palha nas vésperas de S. João Batista, vestem grotescamente, escarnecem por algumas horas, e ao sol pôsto queimam batem com paus, clamando: judeu! judeu!”

JUDIAÇÃO, s. f. — judiaria.

JUQUIA, s. m. — espécie de cesto para apanhar peixes. || Tupi.

JURUPÓCA, s. m. — certo peixe fluvial. || Tupi.

JURURÚ, q. — encolbido, indisposto, triste (falando-se de quaisquer viventes, mas com especialidade de aves). || Tupi.

JURUTÍ, JURITÍ, s. f. — galináceo do gen. “Columba”, espécie de rôla.

LADINEZA, s. f. — ladinice.

LAMBADA, s. f. — golpe de chicote, ou coisa semelhante. || O “Novo Dic.” dá-o como sinon. de “paulada”, que diverge da signif. brasileira, que parece envolver ideia de flexibilidade do instrumento. Em Pernamb., segundo Garc., o sentido é idêntico ao que tem em S. P.

LAMBANÇA, s. f. — farrroma, jatância, conversa fiada. || Do cast. a l a b a n z a, provavelmente.

LAMBANCERO, q. — o que faz lambança: jatancioso, roncador, palreiro: “Voceis são tudo *lambancêro*... Inganum a gente, despois pinxum pr u^a banda que nem tareco véio...” (C. P.).

LAMBUJA, *lambugem*, s. f. — aquilo que se dá, como vantagem, r.uma aposta ;

— Eu dô *lambuja!* — Trata-se a carreira.

— Cola ô lúiz nas três queda! — Quem mais qué?

(C. P.).

|| *Lambugem* pertence à lingua, com significações essencialmente idênticas.

LAPIANA, s. f. — faca de ponta:

Entra furioso o Chico, e já da estaca
despendura a espingarda e põe de lado
a aguçada *lapeana*, a enorme faca,
e sai de alcance atrás do “amardiçoado”.

(C. P.).

LAPO, s. m. — lanho, córte de faca.

LANÇÓ(R), *lençol*, s. m. || “... come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lançol mais velho da casa... (Vieira, “Serm. de Sto. Ant.”, IV).

LARANJINHA, s. f. — bola de cêra ôca, do feitio de uma pequena laranja e cheia de água, com que se fazia outrora o jogo do entrudo. || B.-R. regista-o como t. do Norte, e sem dúvida o é, sendo também paulista: o que apenas mostra a extensão que teve no país o uso dêsse e quejandos brincos carnavalescos.

LÁTICO, s. m. — correia que prende barrigueira à argola do travessão. || Alter. de *látigo*; cp. *cócica*, *náfico*.

LAZARINA, s. f. — espingarda de cano comprido. || Ainda não ouvimos usado êste t., mas foi-nos comunicado por pessoa conhecida dos nossos sertões. Segundo o “Novo Dic.”, vem do nome de um antigo armeiro de Braga, Lázaro, e ainda se aplica a uma contrafação fabricada na Bélgica e exportada de lá para os pretos da África.

LERDIA(R), v. i. — tornar-se momentâneamente lerdo; apatetar-se; afrouxar a actividade, a energia, em meio de alguma occupação: “*Lerdião* tanto qu’ia perdêno o trem”.

LIBURNO, q. — diz-se do animal equino côr de chocolate. || No R. G. do S. regista-se “lobuno”, de orig. cast., provindo de “lobo”.

LIGA(R), s. m. — couro de boi com que cobrem cargas levadas por animais,

LIVÊ(L), *nível*, s. m. || Em Port. corre também esta fôrma pop. e arc., “mais fiel ao seu étimo, de libelum.” (M. dos Rem., Obras de Gil V., gloss.). Em Gil V. encontra-se *nivél*; em F. M. Pinto, *livél*: “Deste muro para dentro tem um terrapleno que vem ao nível com as ameias...” (CLIX). — F. J. Freire preferia a fôrma com *n* (sem dizer nada da acentuação) por mais conforme ao francês “niveau”, de onde julgava oriunda. Herculanou usou *livél*, tendo a outra variante por deturpação.

LIVIANO, q. — leve: “Carregue esse pacote, que é *livianinho*.” || Em cast., “liviano”, fôrma e sentido idênticos.

LOJA, s. f. — casa comercial onde se vendem fazendas a retalho. Também se diz *loja de armarinho*, *loja de ferragem*. || O t. em port., refere-se ao edifício, ou à parte dêle que fica ao rés do chão; aqui tomou-se o conteúdo pelo continente. — Do it. “loggia”.

LOJISTA, s. m. — negociante estabelecido com LOJA.

LOMBÊRA, s. f. — derreamento, preguiça: “... era só *lombeira* pr amor da calma do dia...” (V. S.).

LONCA, s. f. — couro cujos pêlos foram raspados a frio: “Manheceu duro no pasto e eu num quiz nem proveitá o côro pra tirá *lonca*...” (C. P.) || Cast. lonja.

LONQUEA(R), v. t. — raspar (um couro).

LUNA, *lua*, s. f. || Fôrma arc. intermediária: luna (m) ➡ luⁿa ➡ lua.

Os cornos ajuntou da eburnea luⁿa
Com força o moço índomito excessiva.

(Camões).

LUITA, *luta*, s. f. || Fôrma arc. em que o *i* representa o c primitivo: lueta (m). — Temos uma vaga reminiscência de haver também ouvido, há muitos anos, *loita*, que é outra fôrma arc.

LUITÁ(R), ALUITÁ(R), *lutar*, v. i. || Fôrma arc.: ... que nos ajudavam deles a acaretar lenha e meter nos batees e *lujtavam* com os nosos...” (Caminha).

LUMBIO, *lombilho*, s. m. — espécie de basto ou selim.

LUNANCO, q. — diz-se do equideo que tem um quarto mais baixo. || Do cast. lunanjo.

MANGUËRA, **MANGUËRO**, *mangueiro*, s. f. e s. m. — recinto fechado onde se recolhe gado.

MANHA, s. f. — chôro sem motivo (especialmente de criança).

MANHÊRA, s. f. — pranto prolongado e sem motivo.

MANJUBA, s. f. — comida boa, quitute. || No Rio de J. e algures, designa um peixe miúdo; na Baía, uma comida. Em antigos escritores encontra-se *manja* e *manjua*:

Não é aquela a tua granja,

Pois se lá fala de siso

E não é terra de manja.

(Sá de Mir., "Estrangeiros").

MACAIA, q. ? — diz-se do *fumo*, ou tabaco ordinário: "Fumo *macois* não é cumigo". || Não se encontra nos vocabulários de brasileirismo que consultámos. Empregou-o, porém, há muito, Greg. de M., na poesia "Verdades":

Tabaco pobre é *macaya*.

MAÇARANDUBA, s. f. — árvore sapotácea, de que há tres espécies — a *amarela*, a *vermelha* e a *de leite*.

MACEGA, s. f. — capinzal do campo. || E' t. port., com variantes de sentido.

MACÓTA, q. — grande, forte, excelente, importante: "Seu coroné Timco é *macóta* aqui na terra". —

Na sala o cururu e, no terreiro,
o samba ferverá, samba *macóta*,
entre os sons da viola e do pandeiro.

(C. P.).

T. bundo, com que os pretos designam o conselheiro do soba.

MACUCO, s. m. — designa várias espécies da fam. "Tinamidae".

MADAMA, s. f. — mulher estrangeira; costureira; parteira.

MADÓRNA, s. f. — modorra, sonolência. || Fôrma registada por F. J. Freire como autorizada e como preferida dos autores.

MADRINHA, s. f. — égua que vai à frente de uma *troça*, levando *cabeçada* e guizos, a servir de guia aos outros animais.

MÃE D'AUA, — *d'água*, s. f. — ente fantástico: superstição aborígene, geral em todo o país.

MÃE DE ORO, — *de ouro*, s. f. — ente fantástico, vago e informe como todos os que restam da mitologia aborígene, de caboclos e sertanejos; como o t. indica, atribui-se-lhe o papel de geradora do ouro: “Os véio dizíum que a *Mãe de Oro* morava ali no poço...” (C. P.).

MAGINA, *imaginar*, v. t. e i. — meditar, pensar insistentemente. || Fôrma e sentido são de época recuada do idioma: ... até ora nem foi sabido nem maginado algum segredo que nesta parte alcancei...” (Carta de D. João de Castro, em M. de S. Pinto, p. 21).

MAGRUÇO, q. — um tanto magro: “Rapáiz, vacê tá *magruço*, percisa tomá remédio” As vezes se usa o aumentat.: “um sojeito *magrução*”, isto é, meio magro, mais magro que gordo.

MALIMPREGA(R), *mal-empregar*, v. t. — lamentar o destino que teve alguma dádiva, ou coisa considerada valiosa: “Eu *mal-imprego* o tempo que gasto cum êste servicinho atôa”. — “Nha Chica vive *malimpregando* o dinhêro que deu pras fia”.

MALACARA, q. — diz-se do animal que tem mancha branca na cara, da testa abaixo. || De malha = mancha e cara, ou do cast. mala cara?

MALACAXETA, s. f. — mica.

MALUNGO, s. m. — amigo, camarada: “O preto Tibúrcio era *malungo* dos Pereiras”. || Seg. B.-R., era o nome que os escravos africanos davam aos que tinbam vindo com êles na mesma embarcação.

MAMÃ, s. f. — nome com que outrora se designava a preta que servia de ama de leite.

MANDIOCA, s. f. — “Manihot utilissima”.

— *puba*, polvilho fermentado.

MANDIÔQUINHA, s. f. — planta que dá umas raízes semelhantes às da mandioca.

MAMANGAVA, s. f. — vespídeo zumbidor, cuja ferretuada é dolorosa. || Será o “mangangá” do Norte?

MAMINHA DE PÓRCA, *MAMICA DE* —, s. f. — árvore da fam. das Rutáceas.

MAMONA, s. f. — rícino, especialmente respectiva baga.

MAMONÊRO, s. m. — a planta do rícino.

MAMÓTE, s. m. — bezerro que ainda mama.

MAMPÁ(R), v. t. — comer.

MAMPARRA, s. f. — vadição, delonga injustificada, suhterfúgio.

|| Existe em cast. “máncarras”, “châncarras”, que significa “rodeios, pretextos para deixar de fazer alguma coisa”. É, evidentemente, por aí que se deve rastrear o étimo do nosso t, e não na esquipática formação “mão + parar”, algures proposta.

MAMPARREA(R), v. i. — vadiar, estar com delongas sob falsos pretextos.

MANCA(R), v. i. — manquejar.

MANDAÇAIA, s. f. — certa casta de abelha.

MANDAGUARÍ, s. f. — certa abelha silvestre.

MANDÍ, s. m. — certo peixe de rio.

MANDINGA, s. f. — feitiçaria: “Foi êle que botô *mandinga* na sua casa por orde do vendêro novo da incruziada do Sapupema...” (C. P.) || *Mandinga* designava a região da África ocidental que comprende os povos das margens do Niger, Senegal e Gambia. Acha-se em Camões.

MANDINGUÊRO, q. — fazedor de mandingas, feiticheiro.

MANDOROVÁ, s. m. — designa várias lagartas peludas, cujo contacto produz dôres vivas. || Af. Taun. regista “marandová”, que nunca ouvimos; Romag. colheu, no R. G. do S., “maranduvá”. Do guar. “marandobá” (B. R.).

MANDUCA, deminut. carinhoso de Manuel. Outros: Mandú, Mané, Maneco. Todos admitem nova desinência deminutiva: Manduquinha, Manequinho, etc.

MANEIA, s. f. — correia com que se “manietam” animais equinos; espécie de peia.

MANERA, s. f. — abertura na saia, contígua perpendicular ao cós, para facilitar a passagem pelo corpo no acto de vestir ou despir.

MANGABA, **MANGAVA**, s. f. — fruto da mangabeira. || Do tupi.

MANGABÊRA, **MANGAVÊRA**, s. f. — árvore da fam. das Apocináceas.

MANGAÇÃO, s. f. — acto de MANGAR.

MANGA(R), v. i. — vadiar, estar com delongas evasivas em algum serviço: “Se não tivesse *mangado* tanto, já estava pronta róça”.

MANGARITO, s. m. — planta da fam. das Aroideas, que dá uns tubérculos comestíveis; o tubérculo por ela produzido. || Demin. de “mangará”. Primitivamente se lhe chamava “mangará-mirim”, seg. B.-R.

MANGUARI, s. m. — indivíduo alto e corpulento: “O João, que parecia tão fraquinho, agora está um *manguari*”. || Também usado no R. G. do S. Do guar. “moaguari”, garça, ave pernalta (Romag.).

MANQUÊRA ¹, s. f. — epizootia dos bovidos, carbúnculo sintomático.

MANQUÊRA ², s. f. — acção de mancar, estado do que é manco.

MANTA, s. f. — usado na expressão “passar a manta”, lograr, empulhar (em negócio). || Cp. “capóte”, t. de jogo.

MANTEÁ(R), v. t. — enganar (alguem) em alguma venda ou aposta. || De MANTA.

MANTEÚDO, q. — diz-se do animal eqüino bem conservado:

Montado no *manteúdo* pangaré —

(C. P.).

|| Garc. colheu-o em Pernamb. — É fôrma arc. do particípio passado de *m a n t e r*.

MÃOZINHA PRETA, s. f. — ente fantástico em que acredita a gente da roça.

MARACUJÁ, s. m. — designa muitas espécies do gén. “Passiflora”. || Do tupi “murucujá” (B.-R).

MARCHA, s. f. — andar suave ou *macio* da cavalgada.

— BATIDA, quando a passos curtos, levantando o animal as mãos;

— VIAJÊRA, também a passos curtos, própria para longas caminhadas;

— TROTEADA, mais áspera que as precedentes.

MARCHADÊRA, q. — V. MARCHADÔR.

MARCHADÔ(R), q. — diz-se do cavalo que *marcha* bem.

MARDADE, s. f. — pús, matéria: “Rangei um talo de fôia de bananêra, ingraxei co azeite i destampeí garganta: foi um mundo de *mardade*”. (C. P.).

MARIA-CONDÊ, s. f. — designa um brinquedo de crianças. || No R. G. do S., “Maria-mucumbé”; no Rio, “M.-mocangué”. Em

Goias, C. Ramos colheu “Maria-longuê” num estribilho de “congado”. E’ muito possível que, se não o brinquedo, ao menos a palavra tenha ligação com êsse divertimento de pretos.

MARINHÊRO, s. m. — grão de arrôz com casca ou com pelouca, que escapou ao “beneficiamento”.

MARTÉLO, s. m. — certa medida de vinho ou aguardente, para consumo: cálice grande, dos usuais.

MASCATE, s. m. — vendedor ambulante de fazendas ou quinilherias.

MASCATEA(R), v. i. — levar vida de mascate, vender quaisquer coisas de porta em porta.

MAIS PORÉM, *mas porém*, loc. conj.: “*Mais porém é preciso vacê sabê que o potro tá cum manquêra...* (C. P.). || Ê de uso clássico.

MASSAPÊ, **MASSAPÊ**, s. f. — argila que resulta da decomposição de rochas graníticas, e muito boa para a cultura do café.

MASSURUCA, s. f. — masso, pacote, manolho (de papeis, de dinheiro-papel, de fios, etc.). || Cp. *massaroca*.

MATALOTAGE(M), s. f. — apetrechos de viagem, farnel, bateria de cozinha, etc. || Liga-se evidentemente a “matelot”; mas como?

MATAPASTO, s. m. — gramínea considerada como praga.

MATAPAU, s. m. — vegetal que se desenvolve agarrado uma árvore, chegando a snfocá-la completamente.

MATÉRIA, s. f. — pús. || “... um cancro fervendo em bichos, manando podridão, e matéria ” (Vieira).

MATINADA, s. f. — bulha, grita, tropel. || “Com grande *matinada* de atabaques e buzinas...” (J. de Barros, “Década” III). — “Tudo isto que produzira a *matinada* e revolta que soava do lado da catedral”. (Hercul., “Monge de Cister”, XVIII.).

MATINA(R), v. i. — pensar muito, preocupar-se em excesso: “Tá só *matinando* cum êsse negócio, não fala nôtra coisa”.

MATUNGO, s. m. — cavalo de serviço; cavalo ordinário:

Vai puxando o *matungo*, entusiasmado,
desafiando os outros parelheiros —

(C. P.).

MEA, forma átona próclítica de “minha”: “Ela falô pra *mea* ermã que num fartava”. (C. P.) — “... saiu na *mea* frente o diabo

de um sacizinho preto... (C. P.) || Encontra-se em documentos arcs. sob a fôrma "mha", que, segundo L. de Vasc., equivale a "mia". A pronúnciação caipira é a que deixámos acima indicada: com *e*. um - brando, ou surdo. — Dá-se aqui que se deu no francês: *mea* corresponde a "ma", adj., *minha* a "mienne", pron.

MECÊ, pron. de tratamento da 3.^a pess. || De *vossa mercê*, que deu toda uma série de fôrmas, nem sempre usadas, indiferentemente, umas pelas outras: *vossuncê*, *vassuncê*, *vamicê*, *vancê*, *vacê*, *ocê*, *mecê*. Este último é mais respeitoso do que *vacê* ou *vancê*, e estes o são mais do que *ocê*, que se reserva para crianças e íntimos, sendo, porém, mais usado pelos pretos que por outra qualquer gente.

MEIA JÓRNA, loc. usada com referência a cavalgadas cansadas, ou fracas: "um cavalinho de *meia jorna*".

MEIÓ, *mió*, *melhor*, comparat. || Existem na língua antiga as duas fôrmas *melhor* *milhor* L. de Vasc. considera normal segunda, primeira atribui-a a influência do lat. *melior*. Temos aqui *meió* e *mió* entre caipiras. A gente educada diz, invariavelmente, "melhor".

MEIO 1, s. m. — na expressão *nêste meio*, isto é, entretentes, nesta ou nessa ocasião. || "E elle pagou bem o corrigimeto da espada como se adiante dira em seu lugar. Em esto meeo chegarom novas Santarem de como o meestre matara o conde Johã Fernández..." ("Cror. do Cond.", XVII).

MEIO 2, usado com uma sintaxe especial em frases como esta: "Ele vinha vindo pro nosso lado; de repente, *meio que parô*, oiô im roda, i cuntinuô". "Meio que parô" vale, mais ou menos, "como que parou", "entreprou", "deu mostra de querer parar". — "Eu não intendo nho Jusé: a gente fala nêsse negócio, *êle meio* que não gosta...", isto é, "a modo que não gosta", "parece não gostar muito". Tais proposições se ligam, pelo sentido, às expressões "ficar *meio* parado", "*meio* desgostoso", e, pela fôrma, ao tipo das construídas com a loc. "a modo que" (loc. reduzida, no dialecto, a *mod'que*, *mó que*).

MEIZINHA, *mèzinha*, s. f. || Releva notar que a 1.^a fôrma, que é a caipira, está mais próxima ao étimo (*medicina* (m)), representando, possivelmente, a geral pronúnciação antiga.

MELADO, q. — que tem mancha na cabeça abrangendo os olhos, em geral avermelhados, nêsse caso (o animal equíno).

BRANCO —, albino, açá.

MELADO, s. m. — caldo de cana engrossado, uo engenho; por ext., sangue que se derrama: “Tomô uma paucada ua cabeça; foi só melado...”

MELA(R), v. i — tirar mel.

MÉR DE PAU, MÊ DE PAU, *mel de pau*, s. m. — mel de abelhas que vivem nos troncos das árvores.

MÉR DE CACHORRO, s. m. — mel de uma casta de abelha que o fabrica dentro da terra; também designa a própria abelha.

MEMBÊCA, q. — designa, apôsto a *capim*, uma gramínea que se usa para enchimento de cangalhas, além de outras aplicações. || Tupi “membêca”, mole.

MEMÓRIA, s. f. — anel. || Teria sido de uso geral na língua, pois que o empregaram, há muito, no Norte, como se vê do livro “O Ceará”, de J. Brigido, e usa-se no R. G. do S., onde o vemos empregado por S. Lopes.

MISERAVE(L), q. — humilde, inofensivo.

MITRA, q. — avaro.

MIUDEZA, s. f. — objecto pequeno; uegócio infimo. Usa-se, frequentemente, no plural.

MIUDINHO, s. m. — certa dança que se costuma encantar uuma “quadrilha”, como uma das suas “marcas”.

MINDUÍM, *amendoim*, — leguminosa conhecida, “*Arachis hypogaea*”. || São correntes no Br., além da registada, que é a legitimamente paulista, as fórmias “mendobi”, “manduhi”, “muduhim”, etc. Do tupi. — Já Gabriel Soares escrevia “amendoí”, afeiçãoando o voc. uma fórmula que lhe era familiar.

MINGAU, s. m. — espécie de papas de farinha. || Da líng. ger., segundo B. Rodr.

MINGO, demin. carinhoso de Domingos. Admite desin. deminutiva: Minguinho, Míngóte.

MIQUEADO, q. — diz-se de quem perdeu ou gastou todo dinheiro que trazia, ou que possuía: “F. rão acaha aquela ohra; anda miqueado”.

MENHĀ, MINHĀ, *manhã*, s. f. || ... se ajuntem convosco todos os dias pela m e n h Ā... — “...cada dia pela m e n h Ā vos sa-luem...” (Regimento real a Dom J. de Castro, em M. de S. Pinto, p. 381, nota).

MERMO, *mcsmo*, adj. det.: “Conto *mermo* pra nho pai... — “Cumia um fiapico só, isso *mermo* a força...” (C. P.) || Dissimil.; cp. *far má* = “faz mal”. No R. G. do S. corre o verbo “mermar” = “mesmar”: “Isso bavia de cbeigar, folgado; caso *mermasse* a conta... emfim, bavia se ver o geito a dar...” (S. L.).

MICAGE(M), s. f. — momice, visagem: “Sua moeda corrente eram *micagens*, pilherias, aneodotas...” (M. L.).

MICAGERO, q. — que tem o hábito de fazer momices, ou *micagens*.

MOÇA(R), v. i. — fazer-se moça, deixar de ser menina; prostituir-se.

MOÇA, s. f. — prostituta.

MOÇO, s. m. — indivíduo jovem. || O voc. não envolve aqui a mínima ideia de posição social ou de profissão, no que está de acôrdo com uso antigo: “Irei ver da ponte sobre o rio as moças que vem por agoa...” — ...avemolo de fazer muyto galante, & mandálo à terra namorar todas as moças. (“Eufros.”, acto III, sc. II). A palavra podia designar outrora até criança:

Ante tua presença, porém, possam
Estes moços, teus netos, defender-me —

diz Inês, referindo-se aos seus filhos, na “Castro”, acto IV.

MOCOTÓ, s. m. — mão de boi.

MÓDA, s. f. — cantiga, composta geralmente de várias quadras ou estâncias, nas quais poeta rústico exprime os seus sentimentos de amor, ou comenta os acontecimentos.

MODISTA, s. m. — cantador de *modas*.

MOLEÁ(R), v. t. i. — bambear, afrouxar, amolecer: “Trabáia, gente, trabáia, nada de *moleá!*”

— o GARRÃO, desanimar, deixar-se vencer pela preguiça ou pelo temor no meio de uma empresa. A expressão, no sentido próprio, se refere acidente que estão sujeitas as cavalgadas, ou os animais de carga.

MOQUEA(R), v. t. — assar a fogo brando, para se conservar (a carne). || Do tupi “mocaê”, secar, assar.

MORANGA, s. f. — certa espécie de abóbora chata, exteriormente dividida em gomos. || Alter. de “moganga”?

MO(I)RAO, s. m. — cada um dos postes laterais da porteira; poste a que tambem se chama *palanque*.

MORINGUE, s. f. — vaso de barro com gargalo, para água. || A fôrma "moringa" é estranha ao dial.

MÓ(I)RO, q. — diz-se do animal eqüino cujo pêlo é escuro, com as pontas claras.

MORRUDO, q. — grande, volumoso: "Mais dois dourados *morrudos*, uma piracanjuba-ripiada..." (C. P.).

MUCAMA, s. f. — escrava que, antigamente, se empregava em serviços domésticos. || Era vulgar, no país, a fôrma "mucamba"; em Pernamb., seg. B.-R., "mumbanda". Do tupi "mocambuara" = ana de leite? Ou ligado ao bundo "mim'banda" = mulher?

MUCHIRÃO, **MUTIRÃO**, s. m. — reunião de roceiros para auxiliar um vizinho nalgum trabalho agrícola — roçada, plantio, colheita; terminando sempre em festa, com grande jantar ou ceia, dansas e descantes. || No R. G. do S., "pichurum", "puchirão" e "ajutório"; em parte de Minas, "mutirão", e em parte, "bandeira"; na Baía e Sergipe, "batalhão"; em Pernamb., "adjunto"; na Par. do N., "bandeira"; no Pará, "potirom", "potirum", "puxirum", "mutirum". — Do guar. "potyrom" = pôr mãos à obra? (Mont.) Ligar-se há a m u l t i d ã o, ou, como lembrou C. da F., a "muchedumbre"? Ou terá relação com b o t i r ã o = nassa de pesca, de certo feitio, usada em parte de Port.?

MUMBAVA, s. m. ou q. — individuo que vive em casa alheia; agregado, parasito. || Do tupi "mimbaba".

MUNJÓLO, s. m. — engenho rústico, movido por água e destinado pilar milho. || A fôrma corrente entre a gente culta é "monjôlo. — Dava-se outrora êste nome aos pretos de certa nação, importados no Br. ao tempo do tráfico dos africanos. — O sr. Sílvio de Almeida aventou, há tempos, o étimo m u l i n e o l u m. Foneticamente, nada se lhe opõe; resta verificar se há traços reais dessa evolução.

MULA-SEM-CABEÇA, s. f. — ente fantástico da mitologia popular; tambem lhe chamam "cavalo sem cabeça".

MULECADA, s. f. — quantidade de muleques.

MULECAGE(M), s. f. — acto de muleque, ou próprio de muleque.

MULÉQUE, s. m. — negrinho novo; menino vadio e mal educado; rapaz brincalhão.

MULEQUERA, s. f. — o mesmo que MULECAGEM.

MUNDEU, s. m. — armadilha para caça; fojo; precipício; cons-trução que ameaça cair: “Des’que cáí naquêla peste de *mundem* da ponte preta fiquei assim como quebrado por dentro”. (M. L.).

MUNDO, s. m. — grande quantidade: “mundo de gente”, “mundo de dinheiro”, “mundo de frutas”.

MURUNDU, s. m. — montão de coisas. || Alter. do bundo “mulundu”, monte.

MUSGA, *música*, s. f. || Esta alter. é pop. em todo, ou quase todo país.

“Sou musgo!... Musgo gaitêro!...

(Cat.).

MUTUCA, s. f. — mosca cuja picada é dolorosa:

E' caminho da ceva disfarçado
— onde, sentado, um caboclinho enxota
as *mutucas* e toda mosquitada
junto à figueira esplêndida remota.

(C. P.).

MUXIBA, s. f. — arterias, pelancas, “nervos” da carne.

MUXIBENTA, q. — diz-se da carne que tem muita muxiba.

MUXOXO, s, m, —tregeito com os beiços esticados, e quase sempre terminando por um estalido, para exprimir pouco caso, desdem, desprezo.

NAMBI, q. — de orelha cortada. || O t., em guar., diz simplesmente “orelha”.

NAMBIÛVÚ, s. m. — doença dos cães, que se caracteriza por hemorragia nas orelhas.

NAMBÚ, s. f. — mesmo que *inambú*, *inhambú*.

NAPÉVA, q. — de pernas curtas (falando-se, especialmente, de aves ou de cães).

NARIGADA, s. f. — pequena porção (de sal ou outra substância em pó) que se toma entre polegar indicador; pitada: “Deitou duas *narigadas* mais de sal no caldeirão... (C. P.).

NARILÃO, aumentat. de “nariz”, s. m.

NEGRADA, s. f. colect. — quantidade de negros.

NERVOSA, s. f. — nervosismo, “nervoso”; apreensão, receio: “Me dá inté ni *nervosa* quano vejo um moço cumo mecê andá pescano por aqui...” (C. P.).

NHA, INHA, fórmãs prôclíticas de “senhora”: “*nha*-Maria, *nha*-dona”. Apesar de se escreverem geralmente com acento agudo, são átonas. — V. SINHÁ.

NHANÇANÃ, s. f. — espécie de saracura. || Em outras regiões, “jaçaná”.

NHAPINDA, s. m. — arbusto do campo.

NHATO, q. — que tem o maxilar inferior saliente: “Vendo-se, trémulo, a um canto, um cahoclinho *nható* e chimbeva, órfão da vítima e afillado do sitiante”. (C. P.).

NHO, INHO, fórmãs prôclíticas de “senhor” — V. NHA e SINHÔ.

NO MAIS¹, loc. equívale a “não mais”: “Ele nem disse nada, foj empurrando a porta e entrando, *no mais*”. — “Aquilo é que é muiê despachada: hota um chalinho, *no mais*, e vai saindo pra a rua”. || Tendo-se perdido a consciência do valor etimológico da expressão, só se usa de acórdio com os exemplos acima, i. é., com o valor de “simplesmente”, “unicamente”, “sem mais”. Exemplos antigos:

No mais, Musa, no mais, que a lira tenho
Destemperada...

(Camões, canto X).

Esta ave tem seus amores
Co'as flores
Dous meses, n ó mais, no ant.o;
Porem ama sem engano.

(Gil V., “Auto das Fadas”).

De que tempo sois parida?
— De um annosinho, n ó mais.

(Gil V., “Comédia de Rubena”).

Não vedes meu afanar,
E elle folgar, n ó mais?

(Gil V., “Juiz da Beira”).

— Mulheres, vós que me quereis ?

Nesta feira que buscais ?

— Queremo-la ver, n ó mais.

(Gil V., "Auto da Feira").

Poderia estender-se muito esta exemplificação. — No mais, em suma, equívalia, em tudo, a não mais, não sendo aquêlo no serão uma fôrma pop. pròclítica de não.

NO MAIS², loc. equívalente a "quanto ao mais", "de resto": "Nenhum talher. Não é a munheca um talher completo, colher, garfo e faca a um tempo ? *No mais* umas cuias, gamelínhas, uma pote esbeçado, a pichorra e a panela do feijão". (M. L.). || *Este no mais* é, evidentemente, desenvolvimento do primeiro, mercê de um crescente esquecimmto do valor etimológico da expressão.

NOVIÇO, q. — novo, falando-se de entes animados: "Isso é bom pra criança *noviça* pra regro mina". (V. S.).

NUM, fôrma pròclítica de "não". Cp. as frases: "ninguem *num* me disse" e "já respondi que *não*".

OH, intj. equívalente a "óh", aberto, que caipira não usa. || "Óh", fechado, parece ter sido vulgar no tempo de Gil V., em cujas obras é freqüente, sob a grafia "hou". — Na "Farsa de Inês Pereira", ed. de Hamburgo, lê-se:

Todas folgão, eu não,
 Todas vem todas vão
 Onde querem, senão eu.
 Hui ! e que peccado é meu,
 O u que dor do coração ?

J. Mor. ("Estudos", 2.º v.) propõe uma correccão aos dois últimos versos:

Hui ! e que peccado é meu ?
 hou que dor de coração !

Justificando-se, acrescenta: "*Hou* era uma antiga interjeição, que Gil Vicente emprega em outros lugares que ainda hoje se usa na Galiza, em exclamações como "*Hou* dôr !", "*Hou* vergonha!" (cf.

Saco Arce, "Gramática galega", p. 215). Corresponde à interjeição moderna *oh!* — M. dos Rem., no "Glossário" da sua ed. de Gil V., cita numerosos passos nos quais se encontra a intj. "hou", dando razão à conjectura de J. Mor.

ÔH DE CASA! — vocativo usado quando se bate a uma porta.

OGÊNIO, *Eugénio*, z. p. || Como em Port. (J. J. Nunes, LI), ao nosso povo repugna o ditongo *eu* em começo de voc. Cp. *Osébio*, *Orópa*.

ÔLÁ, intj., sempre com *o* fechado. || Em Camões:

Oulá, Veloso amigo, aquêlo outeiro —

Em Gil V., "Mof. Mendes":

Hou de lá, que nos quereis ?

OPINIAO, s. f. — teimosia; firmeza numa ideia. || Cp. opiniático.

OREA, *orêta*, *orelha*, s. f. — pequena travessa na extremidade exterior do cabeçalho do carro de bois. || A forma sem *i* está moldada por outras onde a ausência dessa vogal tem explicação histórica: *orêa*, *vêa*, *chêo*, etc.

OREIA DE ONÇA, s. f. — pé de café muito novo, quando deita as duas primeiras folhas.

OSSAMA, s. colect. f. — quantidade de ossos. || Cp. *gentama*, *dinherama*, etc.

ÔTA, intj. de admiração, quase equivalente *hêta*:

Ota povo! mais que terno!
Tudo era ali bem tratado...

(C. P.).

|| Talvez se grafasse melhor com *h* inicial.

OTUSO, *obtusos*, q. — estupefacto, espantado: "A Ogusta, que nunca me tinha visto de semelhante geito, ficou meia *otusa*". (V. S.).

OVERO, q. — diz-se do animal equino ou bovino que tem pequenas manchas pelo corpo. Usa-se substantivamente: "Estalou uma relhada com a língua e o *oveiro* abalou". (V. S.).

PACA, s. f. — mamífero do ger. “Cœlogenyo,” ordem dos roedores. || Tupi.

PAÇOCA, s. f. — carne pilada com farinha; amendoim pilado com farinha e açúcar; fig., mixturada, confusão de coisas amarfanhadas, como, por ex., fitas, rendas ou panos revolvidos.

PACÓVA, q. — toleirão, pateta: “Tá pensano que eu sô aquêlê bocó, aquêlê *pacova*, aquêlê palerma?” (C. P.) || “Pacova” é t. tupi e significa banana. O nosso voc. talvez seja simples alter. do port. *pacóvio* sob a influência daquêlê. E’ verdade que tambem “banana” é sinor. de “pacóvio”.

PACUËRA, s. f. — fressura de animal, especialmente do boi. || Tupi.

BATER A —. morrer.

PADRÃO, s. m. — espécie vegetal pela qual se conhece a qualidade de uma terra para determinado gênero de cultura: “O pau d’alho é *padrão* de terra boa para café”.

PAGEA(R), v. t. — carregar, vigiar (criança): “Carolina foi quem *pageô* o nosso caçula”. || A fôrma é portuguesa; a restrição de sentido é que é paulista.

PAGE(M), s. m. — criado que acompanha alguém em viagem a cavalo; f. — ama sêca. || E’ t. port., tendo tido, entre outras acepções, a de mancheo que acompanhava rei ou pessoa nobre, levando-lhe as armas, em tempo de guerra. Daqui saiu, provavelmente, a nossa primeira variante.

PAINA, s. f. — fibras finíssimas sedosas, contidas nas capsulas da paineira.

PAINËRA, s. f. — árvore da paina, da fam. das Bombáceas.

PAIÓ(L), s. m. — tulha de milho. || E’ t. port., com outras signifs.

PAIXA, s. f. — paixão amorosa. || Caso de derivação regressiva; cp., no próprio dial., *sastifa*, tirado de “satisfação”.

PALA, s. m. — espécie de capa: consiste numa peça quadrangular com uma abertura ao centro, por onde se enfia a cabeça. E’, em regra, de um tecido especial, com listras brancas e amarelas, estas com vários matizes. || No R. G. do S. chama-se a êste objecto “poncho pala”. — Do cast. “palio”?

PALANQUE, s. m. — mourão sólido, a que se amarram animais

de sela. || Fôrma port. (palanque, palanca), com ligeira especialização de sentido.

PALAVRA, s. f. — frase, dito, expressão: “Mecê disse que hum punha mais os péis na mea casa: eu nunca me esqueci *dessa sua palavra*”. || E’ acepç. castiça.

PALAVRA DE DEUS, loc. intj. — equivalente a “palavra de honra”: “Ela, às vezes, entreparava um pouquinho, preçava os olhos em mim (eu tremia, *palavra de Deus*), e continuava no passeio... (V. S.).

PALETA, s. f. — pá, região do omoplata (em animal):

Barriei de chumbo o bicho na *paleta*!

(C. P.).

PALETÔ, PALETÔR, *paletot*, s. m.

PAMONÃ, s. m. — mistura, feita ao fogo, de farinha com feijão, carne e outras comidas. || Do tupi “aiapamonã”, misturas.

PAMONHA, s. f. — espécie de bolo de milho envolto em folhas de bananeira; fig., palerma. || Em outros Estados o t. designa coisas diversas.

— AZEDA, pessoa inerte, apalermada.

PAMPA, q. — animal eqüino de côr escura com grandes malhas na cabeça.

— TOBIANO, aquêle cujas manchas são azulegas.

PAN, s. m. — empachação. || Tirado, burlescamente, de e m - pan zinar?

PANASIO, s. m. — estrondo de arma de fogo:

“Êle ha de uvi o *panásio* do trabuco...”

(C. P.).

|| E’ t. port., significando pontapé, bofetada, etc. E’ curioso que terha tomado entre nós o sentido acima, e mais curioso ainda que, ao Sul e ao Norte, no Rio Grande e em Pernamb., tenha, igualmente, de “pancada dada de prancha” com espada ou coisa parecida. (B.-R. e Romag.).

PANCA, s. f. — na frase “dar panca” = dar que fazer, dar água pela barba, fazer suar o topete: “Aquela perôbêra deu *panca* pra se botá ela im baxo!” || Em port. há “andar em pancas” = andar muito atarefado, e zonzo. — Contr. de palanca?

PANCADA, q. — maluco, desequilibrado. || Diz-se de um indivíduo adoidado que “tem pancada na bola”; daí, sem duvida, se extraiu o t. aportado, condensando ideia expressa pela frase.

PANDELÓ, *pão-de-ló*, s. m. || L. Gomes registou-o também em Minas. Cf. San-João, mancheia, etc.

PANÉLA, s. f. — casa, ou depósito de larvas, nos formigueiros de saúva, que são subterrâneos.

PANGARÊ, q. — diz-se do cavalo amarelo tirante a côr de café. || E' t. sul-americano, corrente na Argentina, no Uruguay, etc.

PANQUÉCA, s. f. — vadiação regalada, boa vida.

PANTOMINA, *pantomima*, s. f.: “Rematou a festa a *pantomina*, como rezava o programa” (M. L.). || E' forma pop. também em Port.

PANTUFO 1, s. m. — o mesmo que *siviri*, o cupim quando ainda não tem asas, e é branco.

PANTUFO 2, q. — diz-se do indivíduo grosso, gordo, atarracado. || E' port.

PAPACAPIM, s. m. — pássaro canoro, “*Apermophila ornata*”.

PAPAGAIO, q. — diz-se do cavalo que piza com os pés voltados um para o outro.

PAPAI, fôrma infant. e fam. de *pai*. || E' a única usada em todo o Br., onde o port. “papá” é desconhecido do povo.

PAPUAN, s. m. — espécie de capim bom para pasto.

PAQUERADA, s. f. — colecção de cães “paqueiros”, isto é, caçadores de paca.

PAQUERO, q. — cão treinado na caça de pacas.

PARANÁ, *Paraná*, n. p.

PARÁ(R), v. i. — cessar: “Ele *parô* de pitá, e oiô pro meu lado”.

PARARACA, q. — inquieto, falador, leviano. || Cp. FERERÉCA.

PARÉIA, *parelha*, s. f. — corrida de cavalos. || Cast. “pareja”.

PARIADA, *aparelhada*, s. f. — faca com cabo e bainha de prata: “Quelemente enfiou uma porta da fralda da camisa dentro das calças, tirou um rolete de fumo da algibeira, desembainhou a *pareiada* e pediu ao tropeiro que fizesse “passé” o malacara” (C. P.).

PARIEIRO, *parelheiro*, q. — diz-se do cavalo de corridas. || De *parelha*.

PARÉIO 1, *parelho*, q. — igual, semelhante, comparável, que forma ou pode formar um par com outro: ... Tonica, morena sem *pa-*

reis... (C. F.) || O t. não constitui brasileirismo; mas é interessante notar que, como muitos outros, se conserva em sua perfeita aceção castiça, no seio das populações rurais, ao passo que caiu em completo desuso entre as pessoas douradas ou semi-douradas.

PARÉIO ², *parelho*, s. m. — terno de roupa, ou apenas calças e casaco: “Se tem dois *parêlhos*, um trás em uso e outro na barrela”. (M. L.). || E’ de uso corrente em todo o Estado.

PARENTERO, q. — que é amigo dos parentes, que gosta de conhecer os parentes ter com elles relações. || O “Novo Dic.” dá como desus., citando este exemplo do sec. XVI: “... eleitores... o prior escolherá sempre aquelles que forem menos *parenteiros*”.

PARI, s. m. — cerca para pegar peixes. || Tupi.

PARTE ¹, s. f. — qualidade (de um individuo). || Diz o “Novo Dic.” que, no plural, este t. significa qualidades, prendas. E’ essa a lição do bom uso, mesmo entre o nosso povo; mas Vieira emprega o sing.: “... antigamente a primeira parte do prégador era boa voz, e bom peito”. (Serm. da Sexag.) — Lê-se numa carta da Índia, de Dom J. de Castro ao rei: “... era um dos gentis cavalleiros que se podião achar em nosso tempo, e as suas partes e virtudes eram tamanbas, que raramente se poderiam acabar tantas numa só pessoa”. (M. de S. Pizto).

PARTE ², s. f. — manha, artes: “Este malandro tá cum *parte*, mais eu curo êle... || O povo costuma dizer de individuos mal-fazejos que “tem *parte* com o diabo” — frase na qual “parte” parece estar por “pacto”. Dêsse dito deve provir a acepção aqui indicada.

PASSAGUA, s. m. — rede redonda e pequena, fixa num arco, na ponta de um pan, e destinada a tirar da água o peixe preso no anzol.

PASSAMENTO, s. m. — estado de quem se acha numa época de transição (da infância para a meninice, desta para a adolescência): “A Marica, pôbrezinha, não é mais aquela criança linda que você conheceu: está num *passamento* triste...”

PASSA-MULEQUE, s. m. — pelotica; esperteza, que consiste em se apropriar alguém hábilmente de coisa alheia, ou em enganar a outrem, geitosamente, em negócio, questão ou pleito.

PASSA(R), v. t. — nas locuções:

— A MÃO, pegar: “*Passéi* a mão na espingarda, e saí”.

— ESTREITO, sofrer contrariedades, privações: “Masitava andava

passando estreito, sem cigarro, filando da comadre, com quem morava, desde o fósforo até o querozene". (C. P.).

— o GATO, furtar: "Quem foi que me *passô o gato* nas laranjas que deixei aqui?"

— A MANTA: enganar em negócio.

PASSARINHA(R), v. i. — assustar-se, fazer movimentos bruscos (o cavalo).

PASSARINHÊRO, q. — espantadiço (cavalo). || Moraes cita uma obra port. de 1673, em que figura a palavra; mas outros dicion. a dão como brasileira. — Nos países hispânicos da Am. do S., usa-se "pajarero" para significar "fogoso"; no México, êsse mesmo voc. se entende como nós ao nosso "passarinheiro", isto é, valendo "espantadiço".

PASSO, *pássaro*, s. m. —

PATACA, s. f. — 320 réis.

PATATIVO, PATATIVA, s. m. e f. — pássaro caroro, fam. dos Frin gílicas.

PATENTE, s. f. — na loc. DE PATENTE: de primeira ordem, ótimo: "A Ogusta era u^a mulher *de patente*, como vassuncê sabe... (V. S.).

PATETEA(R), v. i. — ficar atônito, pasmado, sem acção em momento em que era necessaria actividade, tino; descuidar-se. || O "Novo Dic." define o port. *patetar* — "fazer ou dizer pateticos". O nosso *patetear* é coisa inteiramente diversa, e não "o mesmo que patetar", como diz aquêlê dic.

PATIFE, q. — pusilânime; moleirão, fracialbão; sensível. || Ge- nuino paulistismo de sentido.

PATÓTA, s. f. — negócio aladroadado. || Alter. de *batota*?

PATOTÊRO, q. — diz-se do indivíduo habituado a patotas, a ne- gociatas. || Alter. de *batoteiro*?

PATRONA, s. f. — maleta de couro que se trás à cintura, na caça, ou em viagem: "... estacas de guarantam sustendo uma viola, uma espingarda de pica-pau a *patrona* de couro de jaguâtirica, um pala, um corote, e roupas velhas". (C. P.) || É t. port. — "pe- quena mala para cartuchos dos soldados de infantaria" ("Novo Dic.").

PATUA, s. m. — bentinho; saquitel que se trás ao pescoço, con- tendo orações, objectos considerados mágicos, etc.. "O Mandinga,

depois de empanturrado, apalpou o *patuá* que lhe saía pela abertura do peito da camisa, enfiou o rosario no pescoço..." (C. P.). || Contr. de "patiguá", t. tupi, significando cesto.

PAU-D'AIO, — *d'alho*, s. m. — grande árvore, fam. das Fitolacraças.

PAU-DE-FUMO, s. m. depreciativo — homem preto: "Fique quieto, *pa-u-de-fumo!*" (C. P.).

PAULA-SÓSA, — *sousa*, s. m. — certo tipo de chumbo grosso de caça, introduzido outrora pelo conselh. Paula Sousa: "Levando as mãos ao peito, caía estatelado o dr. Gastão, varado por seis bagos de chumbo *paula-sousa*..." || O t. subsiste ainda até fora de S. P., pelos Estados vizinhos.

PÉ, s. m. — nas locuções:

DE A —, equivalente à mesma sem *de*: "A egliseja é perto; bamo lá *de apé*". || "Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de a pé não fazem conto; nem d'êles se faz conta)." (Vieira, 3.^a Dom. da Quar., IX). — Também se diz *de a cavallo*.

IM — IM —, andar apatetado, a olhar para o que os outros fazem, ou para as coisas em redor, sem se ocupar em nada e sem tomar uma resolução: "Nho Lau, dês que o fio caiu de cama, anda só *im pé im pé* por drento de casa, abobado que é uma tristeza".

PEDACINHO, s. m. — breve espaço de tempo: "Estive cum êle um *pedacinho*". — "Saíu d'aqui há um *pedacinho*". || V. PEDAÇO.

PEDAÇO, s. m. — fracção de tempo (ou espaço): "Estive à espera dêle um *pedaço*, mais descorçoei e vim-me imhora". || ... e começaram a saltar e dançar, h u u m p e d a ç o ... (Caminba).

UM BÃO —, um bom trecho de tempo (ou espaço): "Estive na casa do cumpadre um *bão pedaço*". || "E logo ambos se ajuntarão, e tornarão a acommetter o gólfão. Sendo entrados b o m p e d a ç o por elle dentro, lbes tornou a dar outro tempo muito rijo..." (Carta de Dom J. de Castro ao rei, em M. de S. Pinto). — "...o qual se foy, e andou la h u u m b o o m p e d a ç o ... (Caminha).

PÉ-DE-MULEQUE, s. m. — pequeno tijolo de açúcar mascavo com amendoim, a que às vezes se junta gengibre. || Tem signifs, diversas em outras regiões do país.

PÉ-D'OVIDO, s. m. — bofetão. || Substantivação da loc. "ao pé do ouvido".

PEDRENTO, q. — pedregoso; semelhante a pedra; com aparência de pedra: “Céu *pedrento*”, isto é, com pequeninas nuvens juntas em larga extensão. || Com referência a céu, corresponde talvez ao *escamento* port., que se encontra neste ditado: “Céu *escamento*, ou chuva ou vento” (G. Viana, “Pal.”, 99), ditado que por aqui se conhece e repete sob a fôrma: “Céu *pedrento*, chuva ou vento”

PEITO-DE-POMBA, s. m. — árvore das matas, que dá boa madeira e cuja casca é utilizável em cortume.

PELÊGO, s. m. — pele de carneiro curtida com a lã, que se usa colocar sobre o lombilho.

PELICHADO, q. — que tem pêlo novo, que está luzidío (o cavallo); fig., pessoa que se puliu em contacto com outras de mülhor educação: “F. parece um figurão, e não passa de um caboclo *pelichado*”. || V. PELICHAR.

PELICHA(R), v. i. — mudar de pêlo (o cavallo). || Alter. de “*pelechar*”, do cast.

PÊLO-DE-RATO, q. — diz-se do animal eqüino ou muar que tem o pêlo parecido com o do rato.

PELOTADA, s. f. — tiro de bodóque; fig., alusão ferina, remoque. || V. PELÓTE.

PELÓTE, s. m. — bola de barro endurecida ao fogo, que se arremessa com uma espécie de bêsta chamada *bodóque*; pequena porção arredondada de qualquer substância mole, como barro, cera, etc.

PENAMBI, s. m. — borboleta em geral (?); certa espécie de borboleta (?) || Af. Taun. define: “pequena mariposa frutivora”.

PENCA, s. f. — cada um dos grupos em que as bananas aparecem dispostas no cacho; conjunto de várias laranjas pendentes do mesmo galho e juntas umas às outras; porção de biscoitos pegados uns aos outros; em geral, qualquer acumulação de objectos que pendem conjuntamente de um mesmo suporte. || O voc. é port., mas tem signifs. muito diferentes.

PENDENGA, s. f. — discussão azeda; rixa; negócio trabalhoso, cheio de incidentes e dificuldades: “Pra botá meu fio na escola, foi uma *pendenga*”. || Paiva registou *pendenga*, como de costume, sem definir; mas trata-se da mesma palavra, a julgar pelo seguinte passo de Filinto, citado pelo “Novo Dic.”: “... no maior calor da

escripta viérão pendangas mais urgentes". Hoje, o t. é brasileiro.

PENGÓ, q. — capenga; moleirão:

Puis aquêlo sojeito é um desgraçado!
Co aquêlo geito ansim, meio pengó,
êle pinta no bairro!

(C. P.).

|| O p. Teschauer colheu no R. G. do S. "pongó" = tolo. — Cp. "capenga", "caxingó".

PENSÃO, s. f. — obrigação séria; preocupação grave: "Des que já acabei minha tarefa, e não tenho mesmo *pensão* nem u'na, vou vêr de perto aquêlo mestiço, que tá percurando a última hora!" (V. S.).

PÊPÊ, q. — diz-se de pessoa que tem os pés tortos ou deformados.

PEPUÍRA, — galinha pequena. || E' geralmente apontado como subst., mas o uso, em S. P., adjectivou-o; aqui só se diz "galo ou galinha *pepuíra*". — Do tupi.

PERERÉCA, q. — saltitante: "Tenho um pião *perereca*". || Cp.

TERERÉCA e PARARACA.

PÊ-RAPADO, q. — que não tem vintem.

PERARTAGE(M), s. f. — travessura.

PERARTEA(R), v. i. — fazer travessuras.

PERARTO, *peralta*, q. — travesso.

PERCISA(R), *precisar*, v. t. i., usado impessoalmente: "Pra viajá por essas estrada *percisa* corage".

PERCURÁ(R), *precurá*(R), *pricurá*(R), *procurar*, v. t.

PERÊRA, s. f. — árvore da fam. das Leguminosas. Há uma esp. *vermelha* e outra *amarela*.

PERERECA(R), v. i. — saltitar; dar saltos e fazer movimentos de quem lnta por conseguir alguma coisa, como livrar-se de um perigo, agarrar um animal, etc.; fig., debater-se em dificuldades para conseguir qualquer fim: "Este pião *perereca* demais" — "*Pererequei* pra agarrá o diabo do cavalo, quando êle se espantô" — "Ando *pererecando* pra arranjá uns cobre, mais tá difíce!" || Seg. B. Rodr., em nheng. e lingua geral, "perereca" é "bater as asas". O valor actual do verbo pode compreender perfeitamente essa noção, desde

que se lhe junte a ideia de movimento ansioso e repetido, como o da ave que se agita para escapar. Seria esta a compreensão do “perereca” aborígene?

PERNADA, s. f. — caminhada fatigante: “Daqui lá é uma boa *pernada*”.

PERÓVA, PERÓBA, s. f. — madeira da perobeira; a própria perobeira; fig., importuno, maçador.

PEROVÊRA, PEROBÊRA, s. f. — peroba, nome de várias árvores da fam. das Apocináceas

PEROVINHA, PERÒBINHA, s. f. — pequena árvore da fam. das Leguminosas.

PERRENGUE, q. — alquebrado, moleirão, imprestável (homem): “O garrafão de pinga dali a pouco era levado por um velho *perrengue*, incumbido do tratamento de porcos e lida de terreiro”. (C. P.). || O voc., tanto em cast. como em port., significa justamente o contrário do que exprime aqui, pois quer dizer “iracível, encanzinado, birrento”. Em Pernamb. tem acepção semelhante. Em S. P., R. G. do S., Goiás, etc., tomou um sentido geral que gira em torno da definição acima. Do R. G. há o testemunho de Romag.; de Goiás, esta passagem de C. Ramos: ... tio Ambrósio recolheu-se tropeçando ao abrigo da varanda, a espertar o corpo *perrengue* no último gargarejo da queimada”. Para esta transformação influiu sem dúvida a palavra “rengo”. Já houve até quem quizesse explicar “perrengue” por “pé + rengo”...

PÊSCO, *pêssego*, s. m. || Cp. *cósca* (← ~~cósca~~ cós(e)ca, cócega).

PESCOCEA(R), v. t. — dar pescoção: “Quelemente *pescoceou* a Mariona”. (C. P.).

PESTE(A)R, v. i. — ser atacado de peste; contrair doença mal definida, que faz definhar: “E’ muito trabalhoso criar perús, porque esse hicho *pesteia* com facilidade espantosa” Emprega-se com referência a animais, e só por extensão, excepcionalmente, a indivíduos humanos.

PETEÁ(R), v. i. — “pregar petas”, mentirolas.

PETÉCA, s. f. — objecto composto de uma rodela de uma a duas polegadas de diâmetro, geralmente feita de palha de milho, e murida, num dos lados, de algumas penas dispostas em corola: serve para jogo entre duas e mais pessoas, que a arremessam ao ar, com a palma da mão. || E’ t. tupi.

PETECA(R), v. i. — jogar a peteca; bater como a peteca; v. t. — encher de adornos, fitas, reudas ou flores (um vestido, um chapéu, etc.).

PETECADO, q. — cheio de adornos acumulados (um vestido, um chapéu, etc.).

PIA, s. m. — menino. || Tupi "piá" = coração.

PIALÁ(R), v. t. — dar PIALO.

PIALO, s. m. — acto de puxar, repentina violentamente, o laço a que um animal vai preso, a correr. | Corrente no R. G. do S., de onde acreditamos que nos veio. — De "pião" ?

PIÃO, s. m. — domador:

quebra o chapéu na testa o tal Faé,
que é o *pião* mais cuéra e mais desempenado.

(C. P.).

|| Alter. de peão, com uma curiosa evolução de sentido, que vem a dizer justamente o contrário do que outrora se entendia, isto é, "homem que anda a pé". — E' monossílabo.

PIAVA, FIABA, s. f. — certo peixe de rio.

PICAÇO¹, q. — diz-se do cavalo escuro com a frente os pés braucos. || Alter. de pigarço.

PICAÇO², s. m. — espécie de carrapato grande.

PICADA, s. f. — passagem aberta através do mato. || E' port., mas o "Novo Dic." o regista como colhido pela primeira vez, o que mostra que não será usual. Entre nós é de emprego comuníssimo.

PICADÃO, s. m. — picada larga.

PICAPAU¹, s. m. — espingarda de um só cano e de carregar pela boca:

Na fresta praticada na parede
que dá para o riacho, e onde ha milho,
picapau de um cano..."

(C. P.)

PICAPAU², s. m. — designa diversas aves da fam. "Picidae; pedaço de papel dobrado de certo modo, que lhe dá a vaga aparência de um pássaro, e que as crianças, segurando com a mão direita, fazem, por meio de pequenos sôpros, bater com o bico na unha do polegar da mão esquerda.

PICHUA, s. m. — fumo forte, feito das faiscas e do mel que se desprendem do fumo em corda comum. || Tupi?

PICUA, s. m. — jogo de dois sacos, geralmente de algodão, ligados um ao outro por uma larga tira do mesmo pano, e que se colocam sobre a cavalgadura à maneira de cangalhas. || O mesmo que SAPICUÁ. — Em Pernamb., cacareus, trastes e utensílios velhos.

PICUMÁ, s. m. — fuligem. || Do tupi “ape + cumã”, seg. B. Caet. Na líng. ger., “tatáticumã”, seg. B. Rodr., fôrma a que corresponde “taticumã”, no Pará.

PIDONA, q. — fem. de PIDONHO. ||

Não ha real em palacio:
Ando baldo; perdi a bolsa,
Que são os modos com que
Se despede uma *pidona*.

(G. de Mat., “A’ Brites”).

PIDONHO, q. — pedinchão. || O “Novo Dic.” regista “pida”, acto de pedir esmola, provincian. alentejano. De “pida” poderia derivar-se facilmente “pidonho”, pelo tipo de *tristonho*, etc. E’ muito provável, porém, que no port. antigo existisse o voc., ao lado de *pedigonho*, registado por F. J. Freire, que o colheu do “Cancion. de Rez.”

PINDUCA 1, demin. carinhoso de Pedro.

PINDUCA 2, s. m. — demin. de pinhão.

PINGUÇO, q. — o mesmo que *pinguê(i)ro*.

PINGUERO, q. — bebedor de *pinga*, aguardente de cana.

PINICÁ(R), v. t. — beliscar, picar de leve. || Como quase todo voc. de orig. incerta, êste tambem já teve quem lhe attribuisse proveniência indiática. B.-Rodr. aponta-lhe o étimo “pinica” = beliscar, do nheng. e da líng. ger. Pode estar certo; mas tambem pode ser, e temos por mais provável, que voc. seja de genuina formação portuguesa. Já temos, há muito, “repinicar”, vernáculo como tudo que mais o seja, e com sentido muito aproximado, senão idêntico, em essência. Tendo o composto “re-pinicar”, que obsta que tivéssemos tambem o simples “pinicar”? O que é possibilissimo, por ser factó ordinário da vida das línguas, é que nós no Br. tenhamos associado a êste t. os sentidos afins de “picar” e “beliscar”.

PINICAO, s. m. — acto de PINICAR.

PINTA(R), v. i. — fazer diabruras, proezas. || Redução da frase “pintar o sete, a manta, o caneco”.

PIÓIO-DE-COBRA, *piolho* —, s. m. — nome com que se designam vários miriápodos.

PIPÓCA, s. f. — milho que se faz estalar ao fogo, para comer; espécie de milho pequeno, bom para comer estalado; borbulha, bo-lha. || T. tupi, usado em todo o Br.

PIPOCA(R), v. i. — estourar, estalejar: “O rojão *pipocô* no ar” — “Quando as moça se encontra, é um *pipocá* de beijoca que deixa um cristão meio zonzo...”

PIQUÊTE, s. m. — pasto pequeno e fechado, onde se conservam por pouco tempo animais em serviço.

PILÃO, s. m. — gral de madeira, em que se pila a cangica, a paçoca, etc. || *Pilão*, t. port., que passou aqui a designar o gral, é propriamente o pau com que se pila. A êste chamam aqui *mão de pilão*.

PILEQUE, s. m. — bebedeira.

PINCHA(R), v. t. — arremessar: “*Pinche* fora êsse cigarro, e pite êste charôto”. — “*Pinchô* ua orêia in riba da cabeça... (um cão)” (C. P.). || Veja-se **APINCHAR**. — “*Pinchar*, em antiga linguagem, valia o mesmo que expulsar com violencia...” (F. J. Freire).

PINDACUÊMA, s. f. — instrumento de pesca, que consiste numa linha amarrada a um pau colocado á margem do rio. || Do tupi.

PINDAÍBA, s. f. — árvore da fam. das Anonáceas.

PIQUINITATE, demin. de *piqueno*, q.

PIQUIRA, q. — pequeno (cavalo). || Cp. *pepúira* e *piqueno*, *piquitito*, etc.

PIQUITITO, demin. de *piqueno*, q.

PIRACAMBUCÚ, s. m. — certo peixe do Tietê. || Tupi.

PIRACANJUBA, **PRACANJUVA**, s. f. — certo peixe fluviátil. || Tupi.

PIRACÊMA, s. f. — época em que o peixe remonta o rio, aos cardumes. || Tupi.

PIRACUARA, s. m. — designa o habitante das margens do Paraíba.

PIRACUAXIARA, s. m. — espécie de peixe do Tietê,

PIRANGUÊRO, q. — pescador adestrado; apaixonado da pesca fluvial.

PIRANHA, s. f. — certo peixe de rio.

PIRÃO, s. m. — papas de farinha de mandioca. || Dão-lhe origem tupi em "ypirô". Mas, seg. Capelo Ivens, citados por B.R., é corrente na Africa ocid.

PIRI, BIRI, s. m. — espécie de junco que se cria em quantidade em lagôas e margens de rios e que dá uma paina delicada. || M. Lobato ("Urupês") escreve "pery". Ignoramos se o *e* da primeira sílaba corresponde a uma outra pronúncia real; acreditamos que se trata de simples identificação, por inadvertência, com a fórmula do nome próprio "Pery". — Nas proximidades de S. Paulo (capital) há uma estação com o nome de "Pirituba" (muito piri).

PIRICICA, q. — buliçoso; inquieto; daninho (falando-se de criança). || Tupi.

PIRICÓTE, s. m. — rôlo de cabelo que as mulheres fazem no alto da cabeça.

PIRIRICA, q. — áspero (falando-se, por ex., de uma superfície cheia de pequenas borbulhas ou escamas). || B.R. dá como t. do vale do Amaz., significando "áspero como lixa", que exprime regularmente significação que t. tem também entre nós. — Do tupi "piriri", tremer. — V. PURURUCA.

PIRIRICA(R), v. i. — encher-se de pequeninas borbulhas ou escamas. || De *PIRIRICA*. — V. PURURUCAR.

PIRUA, s. m. — bago de milho pipoca que não estalou.

PISADÊRA, s. f. — alter. de *pesadelo*.

PISCA-PISCA, q. — que tem sestro de piscar continuamente.

PISSUI, *possuir*, v. t. — adquirir, comprar: ... *sepão* quando u^a galinha já esporuda que eu *piissui* no levantá aquêlê rancho... (V. S.). || Quanto à forma, veio ela, muito provavelmente, de Port.; haja vista ao galego "pessuir" (L. de Vasc., "Textos"). Quanto ao sentido, êsse acreditamos que resultou de evolução realçada aqui. Para exprimir a ideia do nosso "possuir", usa o calpra de "ter" ou de algum circunlóquio. Ao Nordeste, a aceitar-se como documento válido um verso de Cat., o verbo conserva o sentido castiço:

Era rico, depois *piissuia*
uma furtura de gado.

("Quinca Micuá").

PITA(R), v. t. e i. — fumar. || Dir-se hia mera e explicável adaptação de um verbo hispano-português (pitar, apitar, de pito, apito); mas parece assentado que é americanismo. “*Pety* ou *petym* ou *petyma* e tambem *petum*, é nome indígena da Nicotina (tabaco) e o verbo brasiliense *pitar* vem evidentemente de *pety-er* (tomar ou chupar *petym*” diz B. Caet.; e, adiante: “É de notar-se que no chillidugu ha *pithem* tabaco *pithem* pitar, fumar (tomar o tabaco) e *pithen* queimar-se. O *s* do chillidugu creio que é exactamente o *y* do abanceenga”.

PITIÇO, s. m. — cavalo pequeno || De *petiz*?

PITO, s. m. — cachimbo cujo pipo é feito de barro e está munido de um canudo (geralmente de certa planta chamada *canudo de pito*, cujo caule e galhos são ôcos); fig., repreensão. || A primeira acção é de uso vulgar no país; a segunda é usada, talvez entre outras regiões ou Estados, em Pernamb.

PITORRA, s. f. — pião de madeira, preparado de modo a produzir um som agradável quando gira. || Em port., sinon. de “*piórra*”, pião pequeno.

PIÚCA, s. f. — pau podre. Usa-se tambem adjectivado: “pau piúca”. || Tupi.

PIÚVA, s. f. — árvore bignonácea, de madeira dura e resistente; fig., individuo importuno, *cacête*, *porrête*, *pau*, *perôba*.

PIXAIM, q. — enrolado (diz-se do cabelo do negro). || B.-R. dá como pernambucan., e alter. do tupi “*iapixaim*”, crespo. B. Rodr. o dá, tal qual, como t. da ling. ger., significando “amelar”.

PIXÉ, q. — diz-se do leite ou doce esturrado, ou com gosto de fumaça. || Na Amaz., cheiro desagradável: *pixé* de fumaça, *pixé* de sangue (Cherm.). — Seg. B. Rodr., é voc. da ling. ger. significa “bolor”. Cp., porém, o port. *pichel*ar, de que, seg. Af. Taun., há entre nós um correspondente, em *pixerar*, — constatação muito interessante por oferecer talvez um elo evolutivo capital, na hipótese da origem portuguesa. Note-se que a mudança de *l* final em *e* e consequente queda do fonema é facto corriqueiro da fonética brasileira. (“*Pichel*, *picher*, *piché*”).

POAIA, q. — enjoativo, aborrecido.

PODE(R), s. m. — quantidade enorme: “De Minas tem descido um *poder* de capadaria que mete medo”. (M. L.).

POETAGE(M), s. f. — parolagem, fantasias.

POIA(L), s. m. — espécie de sóco de tijolo ou pedra, junto a parede, geralmente um canto, e onde se coloca o póte de água; fogo constituido de tijolos: “Na cozinha ampla, quase sempre ficam, além do *poia*... o forno, a um canto...” (C. P.) || E’ t. port., com signifs. ligeiramente diversas.

POISA(R), v. i. — passar a noite: “Onte não *poisei* em casa”. || E’ port., mas com ligeira especialização de sentido, pois na língua tem também a signif. de hospedar-se, assistir.

POISO, s. m. — pousada; casa que, nas fazendas ou à beira das estradas, se destina a dormitório de viajantes.

POITA(R), v. i. — lançar pôita (falando-se de canôa outras embarcações fluviaes). || Em port. há pôita; o verbo, não o encontramos.

POMBEA(R), v. t. — espisar, espreitar, vigiar de longe. || Usa-se no R. G. do S. e em Pernamb. sob a fórma “bombear”, e assim também corre nas repúblicas espanholas da Amer. do S. — Talvez do bundo “pombe”, mensageiro.

POMBEIRO, s. m. — espia. || Em outras partes, “bombeiro” V. *POMBEAL*(R).

PONCHE, s. m. — espécie de capa de baêta:

Laço nos tentos, cbilena ao pé,
o *ponche* na garupa pendurado.

(C. P.).

|| No R. G. do S. a fórma é “poncho”, da qual julgamos a paulista mera alter. O objecto igualmente difere, pois pelo feittio corresponde milhor ao que aqui chamamos *pala*. — Quanto ao e final, cp. *guspe*, cuspo; *aspre*, áspero; *cartuche*, cartucho; *espiche*, espicho.

PONTA, s. f. — manada, lote (de gado vacum).

PONTEADO, s. m. — acção ou efeito de *pontear* (a viola):

Oh viola véia! Oh mocinbo!
num *ponteado* é destimido!

(C. P.).

PONTEA(R), v. t. — tanger (a viola), tirando sons destacados: opõe-se *rasgar* (talvez alter. de “rascar”), que consiste em passar as pontas dos dedos sobre as cordas, produzindo sons unidos e longos:

pensa na guapa e vai *pontéando* a viola...;

(C. P.).

PORORÓCA, s. m. — borbulha de água, rebojo (de rio). || E' t. geral no Br., ou em quase todo o Br., mas, em S. P., não vale justamente o mesmo que, por ex., no *Apazouas*, orde designa um fenómeno próprio do grande rio.

PORQUÉRA, s. f. — porcaria (em sentido figurado). || E' curioso notar que, no sentido material, se prefere usar "porcaria", e, no fig., *porquê(i)ra*, formado de "porco" como *besteira* de "besta", "sujeira" de sujo, etc. Parece geral no Br. Empregou-o Cat. em "Quinca Micuá" (poema cearense):

... a Cunceição insinava
pra falá tanta *porquêra* —

Paiva registou êste t., ou seu homónimo, sem a sigr.if.

PORRETE, s. m. — cacete, bastão tosco; fig., remédio enérgico, de efeito seguro; sujeito importuno, maçador, *cacete*, *piúva*, *peróba*, *pas*.

PORRETADA, s. f. — pancada com porrete; fig., importunação, *caceteação*, *cacetada*.

PORTAR, v. i. — parar, de passagem (numa casa): "Fui pra o sítio e, de caminho, *portei* no rancho do Garcia".

PORTE, s. m. — altura (falando-se de pessoa, animal ou vegetal): "Eu era mulécote ansinzinho, dêste *porte*, quando fui pra Paranã".

PÓRVA, *polvora*, s. f.:

Pórvva, espingarda e cutia,
um facão fala-verdade —

(C. P.)

PORVADÊRA, *polvadeira*, s. f. — grande poeira. || Usado em todo Sul do Br. Empregou-o Tauray, na sua fórmula culta (a segunda acima registada), em "Céus e Terras": "Passa uma tropa de animais... e logo densa *polvadeira*, rolos de terra pulverizada no chão, se erguem, envolvem os grupos e os vão seguindo na jornada, rúbida nuvem que intercepta e quebra os fulgores do sol ardente".

— Temos por provável que nos viesse do R. G. do S., de onde importámos muitos termos relativos a animais, tropas e viagens; deve ser alter. do cast. “polvareda”.

PORVARINHO, *polvorinho*, s. m.

POTRANCA, fem. de pôtro. || No R. G. do S. também se usa a forma do masculino, “potranco”.

POVARÉU, s. m. — grande quantidade de povo. || O “Novo Dic.” dá como colhido pela primeira vez, fazendo supor que não será vulgar em Port. Entre nós é de uso corrente. Também no R. G. do S.: “Pois à carreira essa tinha acudido um *pvareu* imenso”. (S. L.).

PRAÇA, s. f. — cidade, povoado: “Este ano pertendo fazê casa na *praça*”. || “... quem faz casa na praça huns dizem que é alta, outros que he baixa...” (“Eufros.”).

PRACEANO, q. — que é próprio da praça, isto é, do povoado; que vive na praça: “Esse chapêu tá bão pra mecê, que é *praceano*; pra mim, não”.

PRAGUEJA(R), v. i. — ser atacada de praga (a planta): “Tudo o feijão que prantei este ano *praguejô*”.

PRALIZIA, *paralisia*, s. f.

PRANCHA(R), PRANCHEÁ(R), v. i. — cair para um lado (a cavalgadura, e, por ext., qualquer outro animal, ou mesmo pessoa). || O “Novo Dic.” regista-o como provincialismo extremenho. — De *prancha*.

PRA-POCO, *para-pouco*, loc. adj. — moleirão, incapaz (indivíduo). || Usou-a fr. Luis de Sousa: “... por muito que desejavam acudir ao desamparo espiritual não se atreviam uzar da força que viam ser necessaria, umas vezes desconfiando dos sujeitos vidrentos e para pouco: outras com medo de lhes faltar quem aturasse nos mosteiros que estavam ermos”. — Não foi ainda registada.

PRECURA, PERCURA, PRICURA, *procura*, s. f.

PRECURÁ(R), PERCURÁ(R), PRICURÁ(R), *procurar*, v. t.

PREGUNTA, PROGUNTA, *pergunta*, s. f.

PREGUNTÁ(R), PROGUNTÁ(R), *perguntar*, v. t. || Há grande discussão entre os sabedores sobre a etimologia do port. “perguntar” (como alguns querem) ou “preguntar” (como querem outros). A verdade é que já em remotos tempos da língua se encontram as duas formas. Aliás, sempre houve, e continúa a haver, no falar dos por-

tugueses, uma grande incerteza na pronunção das sílabas *per* e *pre*. Isto não se dá, no Brasil, entre gente culta, que pronuncia sempre de um só modo: “*perguntar, precisar, permitir, pasteuder*”, etc.; mas, entre os roceiros, a confusão é igualmente grande. Os caipiras dizem, como ficou notado acima, *preguntá* e *preguntá*; assim, também, *precurá*, *percurá* e *pricurá*, etc.

PREMEIRO, *primeiro*, det. num. || “... o qual foi traslado em tempo do mui esforçado rey dom Iohão de boa memorea o premeiro deste nome em Portugal...” (Fern. de Oliv., seg. Ad. Coelho).

PRENDA, s. f. — objecto que se entrega, em certos jogos familiares de salão, à pessoa que os chefia, como penhor de que se cumprirá a peza que fôr imposta. A isto se chama “pagar prenda”. || Este valor de penhor ou sinal, que não vemos registado, se encontra no seguinte trecho de Soares Toscano, “Paralceos de Principes”: O padre Fr. Antonio Loureiro... sendo cativo com outras pessoas... e apresentado a el-rei Mamudio... foi enviado por êle Gôa em busca de resgate para êle e seus companheiros, com tal condição, que não o achando se tornaria à sua prisão de Cambaia a certo tempo e dia que lhe assinou el-rei Mamudio; e em sinal e prenda de que assim o faria, lhe deu o seu cordão, que o bárbaro recebeu...” Esta signif. talvez facilite a indagação da etimologia, que provavelmente se liga a “*prævenire*”, se é que não está em “*præda*”. — Diz F. J. Freire: “Os bons antigos quando usavam do dito termo, era para significar os mutuos presentes dos esposos; ainda hoje neste sentido dizemos com toda a propriedade *Prendas*”.

PREPÓSITO, *PERPÓSITO*, *propósito*, s. m. ||

Preposito Frei Soeiro,
diz lá o exemplo velho —

(Gil V., “Auto da Feira”).

— “E eu vos disse que ia era fyndo segundo preposito e tenho primeira que eu ouera er. o começar”. (Inf. D. Pedro). — “... a qual veo muyto a preposito e fez muyta devaçom” (Caminha).

PRETEJA(R), v. i. — eucher-se (de gente, uma praça; de fru-

tas escuras, uma árvore): ... aquelas árvores *pretejavam* de jaticabas”. (T. de A.) — “Quando parô a prucissão, a rua *pretejô*”.

PRÓSA 1, s. f. — conversa; parolagem; pretensão, fumaças: “Houvesse ou não um plano qualquer, o certo é que o engenho ganhou fama de assombrado e tirou a *prosa* de muita gente”. (C. P.).

PRÓSA 2, q. — falador, roncador, paroleiro: “Você é um *prosa*, seu Chico!”

PROSEA(R), v. i. — conversar; falar.

PUBA 1, q. — diz-se da mandioca fermentada. || Tupi.

PUBA 2, s. f. — na frase “estar na —”, isto é, “estar *na trinque*”, estar muito bem vestido e ataviado.

PUITA, s. f. — instrumento músico, constante de um cilindro com uma das bocas fechada por um couro, em cujo centro está fixada uma vareta, que se puxa fricciona com a mão cerrada. || Africanismo.

PULERO, *poleiro*, s. m. — cavalo doente e trôpego:

vão procurar o Tico do Salgado,
que diz que não tem *poleiros*.

(C. P.).

|| Parece originar-se da frase “poleiro de corvo”, com que também se qualifica o cavalo imprestável, sobre o qual até os urubús pousam impuramente.

PUNGA, q. — cavalo ordinário; por ext., individuo moleirão, sem préstimo:

vão procurar Tico do Salgado,
que diz que não tem *pungas* nem *poleiros*.

(C. P.).

PUNHO, s. m. — cada uma das extremidades da rede cascira, feitas de cordões compostos de fios da mesma fazenda e rematados em argola.

PUNI(R), v. i. — lutar em favor de, esforçar-se em defesa: “A mãe *pune* pelo filho”. || Empregou-o M. A. de Almeida: “E’ melhor não se meter nisto... o compadre é seu official (da justiça), ela ha de punir pelos seus” E’, aliás, de uso clássico:

... vós que punis pela pureza
do materno vulgar...

(Filinto "Arte poet").

"Men pae que devia ser o primeiro a punir pela minha honra,
é o primeiro a embaraçar-me". (M. de Figueiredo, "Passaro Bisnao").

— De pgnar e punir, por cruzamento.

PURUNGA, s. f. — o mesmo que PURUNGO.

PURUNGO, s. m. — cabaça; vaso de boca estreita, feito de uma
cabaça óca:

Ergue o *purungo* d'água e vai, sequioso,
matando a sêde...

(C. P.)

|| No R. G. do S. se diz "porongo". No Chile e no Perú dá-se
êsse nome um cântaro de barro, de gargalo comprido (que é o
nosso *moringue*, *moringa*). Do quechua "pnruncca", como pretendem
alguns? Como quer que seja, parece muito provável que haja qual-
quer parentesco entre *purungo*, *porongo*, *purunca* *moringa*, *morin-
gue* (talvez por *boringa*, *borunga*, etc.).

PURURUCA, q. — quebradiço (couro torrado, torrêsmo sêco,
etc.). || E' muito aparentado com *piririca*, mas cumpre distinguir:
piririca se refere de preferênciã às superfícies com aparência de lixa;
pururuca, = coisas de comer, leves, secas e quebradiças, como o couro
torrado, que estala nos dentes. Aqui há, provávelmente, mera ex-
tensão do sentido primitivo, que se referiria de certo ao *aspecto* que
tem o couro torrado e outras coisas de superfície *áspera*. — Tupi.

PUXADO ¹, q. — affectado no falar: "Arre, que mocinha *puxada*
pra falá!" || Part. pass. com signif. activa.

PUXADO ², s. m. — acréscimo feito a uma casa, geralmente do
lado dos fundos.

PUXA(R), v. t. — transportar (coisas em grande quantidade,
como lenha, producto de uma colheita, etc.): "Eu vô *puxá* o café
do majó pra a cidade". — "Ele tinha obrigação de *puxá* a lenha
na bêra da estrada".

PUXA-PUXA, q. e s. f. — calda de açúcar quando começa a
solidificar-se: "A carda já tá *puxa-puxa*". — "A criançada gosta de
puxa-puxa".

QUAGE, *quase*, adv. —

“Pescou muito, nho Antonio?” — “*Quage* nada”.

(C. P.).

QUARESMA, s. f. — árvore da fam. das Melostomáceas, “*Tibouchina mutabilis*”. || A pronúncia mais vulgar é *coresma*.

QUARTA-FÊRA, q. — tonto, atoleimado: “Tambem, o que é que faz um pobre dum *quarta-feira* no meio dos que ter.ham juízo?” (V. S.). || Acreditamos que seja antes um t. de gíria local, sempre instável e caprichosa, do que aquisição definitiva da linguagem geral do povo.

QUATRÓIO, *quatrolhos*, q. — que tem manchas claras acima dos olhos (o cão, principalmente).

QUÉBRA ¹, s. f. — aquilo que se recebe a mais da conta ou medida, numa compra; mesmo que *chôvo*. || O v. “quebrar” é em certos casos sinon. de “diminuir”, tratando-se de peso ou medida, isto é da língua e é do dial. Diz-se, por ex., que o arrô, descascado, *quebra* tanto por litro. A quebra, ou diminuição, certa ou provável, dá lugar, naturalmente, em muitos negócios, a uma compensação prévia ao comprador; daí a expressão *de quebra*, ainda corrente, mas reduzida, também com frequência, ao subst.

QUÉBRA ², s. m. — indivíduo forte, valente; *tuntum-cuéba*, *cuéra*, *caibra*, etc.

QUEIMADO, s. m. — *bala* de açúcar.

QUE(I)XADA, s. f. — porco do mato.

QUENQUEN, s. f. — certa formiga.

QUENTÃO, s. m. — aguardente aquecida com gengibre e açúcar.

QUENTE, q. — diz-se de certas substâncias alimentares que se julga produzirem *escandecência*, prisão de ventre, ou irritação dos “humores”, e serem boas para constipações e resfriamentos: “Mecê anda oum tanta bertoeja, come farinha de mio carne de porco. Num sabe que é *quente*?” || As substâncias *quentes* opõem-se as *frias*: são compreendidas como ta's as “refrigerantes” e outras que se julgam indicadas para certos estados inflamatórios, ou contra-indicadas em casos de constipação ou resfriamento. Quem, por ex., está affecta-

do de bronquite não deve tomar limonada, nem *sangria*, nem comer abacate, porque isso tudo são coisas *frias*.

QUERER(R), v. t. — *A forma da 3.ª p. do sing. junta a um infinitivo* de outro verbo, indica a probabilidade, a quase certeza, o receio de que se dê o facto designado pelo infinitivo: “Ói que já *qué* chovê”, isto é, “olhe que chove”, “oidado, que aí vem chuva”. || J. Mor., “Estudos”, 2.º v., enumera êste entre os muitos processos pelos quais a fraseologia pop. e fam. port. “designa a possibilidade ou probabilidade de que um facto se dê”, e cita êste exemplo: “Parece que *quer* chover”, acrescentando: “Compare-se em inglês o emprego do auxiliar *will* para a formação do futuro” — Como se vê, ainda êste brasileirismo, parecendo original, talvez tenha a sua genealogia transatlântica. E’ de notar-se, porém, que a fórmula mais comum não é a que aí fica registada, mas — *a forma do gerúndio, postposta ao infinitivo “estar”,* que tem o mesmo sentido, e é de uso vulgaríssimo: “Aquela torre parece que *tá querendo* cair”.

QUERÊNCIA, s. f. — lugar que um animal está habituado; por ext., applica-se tambem a pessoa: “... nunca não vi dizer que êle manducasse coisa de peso noutras *querências*... (V. S.). || Em port., *querença*, de onde se derivou *querencoso*: “El Rey Dom Fernando era muy *querencoso* do caça e monte...” (Ferr. Lopes).

QUIBÊBE, s. m. — abóbora pisada e cozida. || Afric.

QUIÇAÇA, s. f. — mato baixo e espinhento, capoeira de paus tortuosos e ásperos.

QUIÇAMBA, s. f. — jacá de tacuara, de fundo estreito, em que se conduz o café em grão do cafestal para a tulha. Pouco us. || Alter. de “caçamba”?

QUILOMBO, s. m. — nome que se dava às habitações de escravos fugidos, situadas em lugares ermos e distantes. || O mesmo que “mocambo”, desusado em S. P. É t. bundo, significando acampamento (Capêlo e Ivens, cit. por B.-R.). — Nas repúblicas hispanicas da América do S., tambem é, ou foi já usado como sinon. de “conventillo”.

QUILOMBÓLA, s. m. — habitante de quilombo, escravo fugido. || É t. literário, de que o povo nunca usou, empregando em seu lugar *canhembora*. É muito possível que êste voc., de orig. tupi, houvesse influido para a forma daquêle derivado de “quilombo”.

QUINGENGUE, s. m. — espécie de tambor grosseiro, que se usa nas festas dansas. || Diz C. P. no gloss. da sua “Musa”: “se-melhante ao *tambu*, tendo interieça a metade do volume”. — Afric.

QUIRÉRA, s. f. — resíduos de milho, arròs ou outro cereal, que ficam na peneira: mistura de cascas quebradas e fragmentos de grãos. || Do tupi “*curuéra*”? É de notar-se que há no nheng. e na líng. ger. (B. Rodr.) “*piera*”, significando “casca”.

QUITANDA, s. f. — designa colectivamente os doces, broas, biscoutos, ou frutas e legumes expostos à venda, geralmente em taboleiros, pelas ruas. || Modernamente, nas cidades, designa também pequenas casas de comércio de frutas e verduras; mas isto já não é dialecto caipira. — O voc. é bundo, seg. G. Viana, e veiu-nos de Port., onde também é corrente com acepção ligeiramente diversa. — E’ curioso observar que há em port. o t. *quirतालदा*, que, em Gil V., parece ter a mesma signif. brasileira de “quitanda”:

Vendo dessa marmelada,
E ás vezes grãos torrados,
Isto não releva nada;
E em todolos mercados
Entra a minha *quirतालदा*.

(“Auto da Feira”)

QUITANDÊRO, s. m. — individuo que vende ou faz *quitanda*.

QUITUTE, s. m. — acepipe, guizado bom.

QUITUTÊRO, q. — que sabe fazer quitutes; que gosta dêles.

RABACUADA, s. f. — gente ordinária. || De *rabo*? Do cast. “rebaja”?

RABEA(R), v. t. — erguer pelo trazeiro (um veículo) para o collocar na direcção desejada, quando se tem de fazer uma curva muito viva.

RABÊRA, s. f. — a parte trazeira de um veículo.

RABI, q. — de rabo cortado. || Formado talvez pelo tipo de *nambi*, sem orelha.

RABO-DE-TATÚ, s. m. — relho cujo cabo é feito do mesmo couro das talas, trançado de modo que se assemelha ligeiramente à coisa que lhe deu nome.

RABUDO, q. — que tem grande rabo; s. m. — o diabo.

RAIA, s. f. — lugar que se adopta como pista para *carreiras* de cavalos.

RANCHO, s. m. — cabana, geralmente de sapé, que se faz nas roças para abrigo de trabalhadores; casa rústica sem compartimentos; telheiro ou cabana para abrigo de viajantes, à beira das estradas; por ext., casa pobre. || T. geral no Br. Usa-se no R. G. do S.: "... dos fogões a que se aqueceu; dos *ranchos* em que cantou, dos povoados que atravesson..." (S. L.). Usa-se no Nordeste:

Na barranca do caminho,
abandonado, um *ranchinho*
entre o mato entonce viu.

(Cat.).

RAPOSA, s. f. — marsupial do gén. "Didelphus", a "sarucê" ou "sarigüê" de outros Estados.

REBENQUE, s. m. — espécie de relho. || Há em port. "rebem", antiq., e em cast. "rebenque".

REBOLERA, s. f. — capão de mato; macisso que se destaca entre a vegetação.

REBORDOSA, s. f. — doença; mau acontecimento: "Está sarando; mas com outra *rebordosa* dessas, vai-se". || B.-R. regista-o com a signif. de "repreensão", que não lhe conhecemos, sem contestar. — De *revoltosa*?

RÉCULA, s. f. — bando, súcia, caterva: "O resto era uma *récula* de famílias mulheres..." (M. L.). || Alter. de *récua*, *récova*.

RÊDE, s. f. — espécie de balanço que se arma dentro das casas, ou nos alpendres. || Em S. P. faz as vezes de espreguiçadeira; é o assento de honra, que se oferece às visitas respeitáveis. No Norte e no Centro do país substitui a cama. Consiste num rectângulo de tecido de malha, ou de pano grosso de algodão, cujos lados maiores são enfeitados com franjas, chamadas *varandas*, de cujos lados interiores partem cordões com cerca de meio metro de comprimento, que se enfeixam nas extremidades, formando uma espécie de argola. Esses cordões constituem os *punhos* da rede. Pela argola formada dos cordões passam-se cordas fortes, que as ligam a outras argolas de ferro, e estas são suspensas a *escápulas* ou ganchos, fixos a portas, janelas, ou moirões.

REDOMÃO, q. — diz-se do animal de sela ainda não domado de

todo, mas que já sofreu alguns *repasses*. || É t. hispano-americano, "redomon".

RÉFE, *réfle*, s. m. — sabre-baioneta. || O "Novo Dic." regista com acepção diversa. — Do ingl. "rifle".

REINA(R), v. i. — fazer travessuras. || "... estevemos sobre isso hum pouco rijnando..." (Caminha). — A fôrma fixada na carta do escrivão da armada deve-se, de certo, a uma das muitas hesitações ortográficas que transparecem dêsse docum. — Liga-se provavelmente a renhir. (Cp. J. Rib., "Fabordão").

REINADO(R), q. — travesso. || De REINAR.

RÉIS, *rei*, s. m. — "Evem vindo o *reis!* exclamou a atalaia". (M. L.). || Corrut. generalizada, por todo ou quase todo o país, entre gente inculta. Deve-se provavelmente a influência de "réis".

RÉIVA, *raiva*, s. f. || Cp. *téipa* por *taipa*.

REJUME, *regime*, s. m. — disciplina; obediência às prescrições do médico.

RELÁ(R), v. t. i. — roçar, deslisar sôbre, tocar de raspão: "O cavalo deu uma arrancada para o mangueiro, *relou* os cascos na ferragem do portão, quase focinhou com o abalo..." (V. S.). — "A bala me *relô* no braço". — "Êle passou *relando* por mim" || De ralar.

RELAMPEA(R), v. i. — aparecerem relâmpagos; brilhar fugazmente. || É port., mas não deixa de ser curioso notar que é esta a única fôrma usada no dial., dentre as diversas que o voc. tem ("relampaguear, relampadar, relampejar"). — De *relampo*, pop. tanto no Br. como em Port.

RELAMPO, *relâmpago*, s. m.

DE —, rápidamente, fugazmente.

RELANCINA, s. f. — na loc.:

DE —, de relance, de revés, de fuga.

REMONTA(R), v. i. — voltar pelo mesmo caminho (a caça).

REPASSO, *repasse*, s. m. — cada uma das vezes que o domador monta um animal chucro. || De *passar*, com pref.

DAR UM —, submeter uma nova corrida (o animal redomão); fig., submeter a uma nova prova.

REPONTA(R), v. t. — cercar pela frente e fazer voltar (o gado).

REPOSTA, s. f. || "E como Nunalurez com elles esto fallou: delles ouue *rreposta* que lhe derõ" ("Cron. do Cond.").

REPRESENTA(R), v. i. — parecer: "... *me representa* escutar uns guinchos finos..." (V. S.). || Este verbo, usadíssimo entre o povo, é o castiço *representar-se* (pronom.) = *a figurar-se*.

RÊQUE-RÊQUE, s. m. — "gomo de bambu, de meio metro, dentado, em que o tocador passa compassadamente uma palheta do mesmo vegetal, sêco..." (C. P., notas finais da "Musa"). || É o "réco-réco" de outras regiões.

REQUIFIFES, s. m. pl. — fanfreluches, adornos complicados. || Provavelmente de *requife*, fita ou cordão. Em todo caso, é t. antigo e muito usado em S. P., e também no Norte do país: com efeito, J. Brigido o apanhou no Ceará, consignando-o como de velho uso, com a signif. de cordões de ouro cheios de emblemas e enfeites.

RESTINGA, s. f. — tira de mato à beira de um rio.

RETACO, q. — baixo e atarracado, curto e forte (indivíduo).

RETOVA(R), v. t. — cobrir de um revestimento ajustado (uma bola, por ex., que se revista de tecido, ou couro). || Muito usado no R. G. do S. — Cast. "retobar".

RETOVADO, q. — recoberto de uma capa que se ajusta à superfície: "... aquilo ficô *retovado* que nem chifre de viado". || Part. de **RETOVAR**.

REÚNA, s. f. — carabina de soldado. || O "Novo Dic. regista com a signif. de "espingarda curta de fusil", hoje desusada, e como alter. de *ra i ú n a*, que nos parece improvável.

REÚNO, q. — sem dono, vagabundo (animal): "... um poldro que a gente larga no campo *reúno* e vêve sem lei nem freio..." (V. S.). || Corrente no R. G. do S. — De *rei*, designando primitivamente o que era do Estado, o que não tinha dono certo e concreto.

REZÃO, *rasão*, s. f.

RINGIDERA, q. — que ringe (botina).

RÓÇA, s. f. — plantação, lavoura: *roça* de milho, *roça* de mantimento. || Tem signifs. aproximadas em port.: lugar onde se roça o mato, sementeira em terreno roçado. — De *roçar*.

ROÇADA, s. f. — acção ou efeito de *roçar*.

ROÇA(R), v. t. — cortar com foice (um mato); limpar de mato com a foice (um terreno).

RODADA ¹, s. f. — queda do cavalo para a frente: “levar *rodada*”.

RODADA ², s. f. — pescaria em canôa, deixando-se esta *rodar* ao sabor da corrente.

RODADO, q. — diz-se do cavalo cujo pêlo é branco e preto, com pequenas *rodas* desta ultima côr.

RODEIO, s. m. — reunião do gado vacum criado em campo, para se marcar, para se fazerem curativos, etc.

ROJÃO, s. m. — foguete. || Em port. registam-se duas acepções: torresmo, vara com choupa para picar os toiros. Em qualquer delas, o voc. vem, naturalmente, de *rojar*. A signif. bras. não é local, mas está espalhada por grande parte do país, o que faz supor uma terceira acepção portuguesa, esquecida em Port. E’ de notar que o nome de *rojão* se applicaria melhor ao que aqui e lá chamamos “busca-pé”. E quem sabe se de facto não se applicou outrora, passando depois designar foguete, que não é mais do que um buscapé ligado a uma cana?

ROMINHÓ(L), s. m. — vasilha de lata na ponta de um pau, para tirar o melado quente da tacha.

RONCA(R), v. t. e i. — bravatear. || E’ port.

RONCA, s. f. — na frase “metê, botá a *ronca*”: falar mal, difamar. || “Diz que sois *ronca*” (“Aulegrafia”), exemplo colhido por F. J. Freire. Usou-o Vieira num sentido material e restrito: “...sois as *roncas* do mar” (Sermão de Sto. António).

RONCADOR, q. — fanfarrão, valentão. || “*Roncador* fanfarrão” chamou Diogo do Couto Dom J. de Castro (M. de S. Pinto, p. 23).

ROQUÊRA, s. f. — tubo cheio de polvora e pedras ou ferros, destinado a salvas, em festividades religiosas populares:

Ressôa pela mata o estrondo da *roqueira*,
Assustando na grota a caça e o passaredo.

(C. P.)

|| Tambem se usa em Pernamb. e no Ceará. — Nome de uma antiga peça de artilheria, que arremessava pedras.

RÚIM, *ruím*, q. || Encontra-se geralmente, nos antigos escritores, *roim*. Gil V., no “Auto da Feira”, escreveu-o com *u* e rimou-o, no plural, com “sentis”:

Hi de homens ruis
 Mais mil vezes que não bõs.
 Como vós muj bem sentis.

SABÃO, s. m. — repreensão. ||

Reparai bem, matula afrancesada
 No sabão que vos vai pelos bigodes —

(F. Elísio, III).

SABERÊTE, s. m. — indivíduo que se presume sabedor, instruído.
 || Deminutivo de sábio. — Em Port., significa pouco saber, conhecimento imperfeito, tomando-se, pois, como demin. de saber.

SABIA, s. m. — designa várias espécies das fams. "Turdidae" e "Mimidae". || Seg. B. Caet., do tupi "haã-pyi-har". — Em Pernambuco e regiões convizinhas, é feminino.

SABIACÍ, s. m. — esp. de papagaio pequeno. || Tupi.

SACI¹, s. m. — pássaro, também chamado *Sem-fim*. | Seg. Couto de M., esse pássaro é considerado como o próprio *Saci pererê*, e, quando canta, diz o povo que é para chamar sol.

SACI², s. m. — entidade fantástica, geralmente apresentada sob a forma de um negrinho com uma perna só, chavelhos olhos de fogo. || É superstição africano-tupi. O voc., como a cousa, está sujeito, em S. P. e no resto do país, a muitas variações flutuações. *Saci, saci-sererê, saci-pererê* em S. P., *saci-taperê, matim-taperê, matinta-perêra*, etc., em outros Estados, designa ao mesmo tempo um pássaro (*saci* ou *sem-fim*) e uma entidade mítica que tem algo do *caipora* e do *currupira*, ligando-se ainda, como é bem de vêr, ao referido pássaro.

SACUDIDO, q. — forte, valente.

SÁGUARAGÍ, s. m. — árvore da fam. das Ramnáceas. || Tupi.

SAÍRA, s. m. — certo pássaro. || Tupi.

SAIDO, q. — desenvólto: "Uma das moças, criaturinha requintada de malícia, muito *saída* e *semostradeira*..." (M. L).

SAFADO, q. — Diz-se de terreno esgotado: ... o viajante respira mais animado, deixando a terra *safada* onde vegeta, *esfiapado* e *ralo*, capinzinho que nem o gado aceita... (M. L).

SALUÇO, *solução*, s. m. — || É forma arcaica: "... e nom se

podiam teer de lagrimas, e s allu ç os, como se fosse madre de cada huum delles... (Fern. Lopes, "Cron. de D. Fern.") Foi usada até Camões (Canto II):

E co seu apertando o rosto amado,
Que os s alu ç os e lagrimas aumenta —

E' popular em todo o Brasil. Encontra-se em Cat. ("A Promessa"):

Minha viola *saluça*
cum tudo o teu coração.

SALMORÃO, *salmourão*, s. m. — qualidade de terra pedregulhosa.

SALVAR, v. t. — cumprimentar com o chapéu. || Arcaísmo.

SAMAMBAIA, s. f. — espécie de feto. || Tupi.

SAMBANGA, q. — tolo, palerma. O mesmo que *saranga*.

SAMBIQUIRA, s. f. — glândula oleosa da galinha, sôbre o muranchim; uropigio. || Tupi.

SAMBURÁ, s. m. — cestinho de tacuara para conduzir frutas, flores ou pássaros. || Tupi.

SAMEA(R), *semea*, v. t.

SAMEADO, *semeado*, q.: ... um pampa grande, um p'caço, um pangaré, outro branco *sameado* de preto... (C. P.) || E' fôrma antiga:

Bolo de trigo alqueivado,
Com dous ratos, no meu lar;
Per minha mão s a m e a d o —

(Gil V., "Auto das Fadas").

SANCRISTÃO, *sacristão*, s. m. || Fôrma arc., pop. em Port. e no Br.; foi de uso clássico, como faz notar F. J. Freire.

SANGRADÓ(R), s. m. — região entre pescoço o peito, onde se fere animal ser morto; rego que se abre nos caminhos para desvio de águas-pluviais.

SANGUE-DE-TATÚ, loc. adj. — diz-se de uma qualidade de terra, de coloração rôxa viva.

SANGÜËRA, *sangueira*, s. f. || A notar a pronúncia, com *u* soante.

SANHAÇO, s. m. — designa várias espécies da fam. “Tanagri-dæ”. || Em outras regiões do país, e talvez mesmo em algum ponto de S. P., se diz *sanhaçá* (“sanhassú”).

SANHARAO, s. m. — certa abelha do mato.

SANZALA, *senzala*, s. f. — habitação dos escravos nas antigas fazendas. || A fôrma pop. é a primeira; a seguuda é preferida pela gente que se preza de bem-falante. — Do buudo, onde significa pequena reunião de casas, aldeiola.

SAO-GONÇALO, s. m. — indivíduo que faz um pedido de casamento para outrem, e de certo modo o patrocina:

Nada de frases: basta o olhar; só resta
buscar pra *São-Gonçalo* algum parente,
e sonhar com os preparos para a festa.

(C. P.)

|| A signif. actual é a que aí fica exarada; mas é provável que outrora tenha tido a, mais geral, de protector de namorados. Até hoje os caipiras celebram a cada passo certas festas especiaes de sabor nitidamente popular, extra-eclésiástico, em honra de S. Gonçalo de Amarante, — visível importação portuguesa. A parte cultual dessas festas cousta de uma espécie de ladainha em que, à guiza de orações, se cantam quadrinhas, e até quadrinhas alegres e picantes, em louvor do milagroso santo. Os cantos são entremeiados e acompanhados de sapateados e palmas.

SAPÉ, s. m. — gramínea do gén. “Saccharum”. || Tupi.

SAPÉCA, s. f. — acção ou efeito de sapecar; fig., descompostura, surra. || A sua fôrma clássica de subst. verbal mostra que é tirado de **SAPECAR**. — Na acepç. de descompostura, é usado nos Açores.

SAPECA(R), v. t. — queimar ligeiramente, chamuscar: “Cheguei tão perto do fogo que a labarêda me *sapecô* a rôpa”. — “Pra pelá o porco, precisa *sapecá* premêro”. || Querem que derive do tupi “sapec”. Não virá simplesmente de *sapé?* Note-se que é costume, na roça, empregar o sapé como combustível, quando se trata de chamuscar, de queimar superficialmente alguma coisa, como porco antes de ser retalhado. Daí se teria formado *sapecar*, mediante a introdução de um *c*, pelo modelo de “pererecar”, “petecar”, etc. —

Na Amaz. se diz “saberecar”, “sabrecar” e “sabererecar”. Influência de “pererê”, “saperê”, ou fôrma mais próxima da origem?

SAPESÁ(L), s. m. — campo de sapé.

SAPIRÓCA, s. f. — inflamação que ataca os bordos das pálpebras. (Blefarite ciliar). || É a “safiranga” (= olhos vermelhos) de outros Estados. Como êsse voc., é de orig. tupi, e traduz-se por “olhos esfolados”.

SAPUVA, s. f. — árvore da fam. das Leguminosas. || Tupi.

SARACUÁ, s. m. — pau espontado numa das extremidades, com que se abrem covas para semear milho. || Tupi.

SARACÚRA, s. f. — designa várias aves pernaltas, do gén. “Gal. linula”. || Tupi.

SARAGOÇO, q. — diz-se do perdigueiro branco com pequenas pintas escuras.

SARAMBÉ, q. — toleirão, simplório: “Eu nunca vi Moreira que não fosse palerma e *sarambé*”. (M. L.) || No Sul se usa uma espécie de fandango a que dão o nome de “saramba”, alter. provável de “sarabanda”. É possível que haja ligação entre “saramba” “sarambé”. Qual processo, quanto ao sentido, não há base para se conjecturar. Quanto à fôrma, pode dever-se a alteração à influência de “sarambeque”, antigo penteado, de que o Cancioneiro de Rezende faz menção. O “Novo Dic. regista essa última palavra com a vaga signif. de “dansa de pretos”. Bem apurado isso, talvez sirva de confirmar hipótese. — Cp. SARANGA, SAMBANGA.

SARANGA, q. — toleirão, simplório, *sarambé*, *sambanga*. || Na língua antiga, *s a r a n g u e* significava piloto guarda de prôa (F. J. Freire).

SASTIFA, *satisfação*, s. f.: “Num dô *sastifa* pra cabeça-sêco... (C. P.) || Cp. *paixa*, deduzido de *paixão*, onde se viu um aumentativo.

SASTIFAÇÃO, *satisfação*, s. f.

SASTIFEITO, *satisfeito*, q.

SÁUVA, s. f. — formiga que constitui terrível praga das lavouras (“*Æcodoma cephalotes*”). || Sinónimos, em outros Estados; “tanajura”, “formiga de roça” “f. carregadeira” — Tupi.

SAVITÚ, s. m. — formiga saúva do sexo masc.: “Por todos os cantos imperava soberano ferrão das saúvas, dia noite entregues á tosa dos capins, para que, em Outubro, se toldasse o céu de nu-

vens de içás em saracoteios amorosos com enamorados *sevitás*". (M. L.) || Tupi.

SE, conj. || Releva notar que o nosso povo rústico desconhece o desagradável "si", inventado por gramáticos e popularizado entre a gente culta, no Brasil, por via literária. Ele diz sempre, e bem claramente, *se*.

SEM-FIM, s. m. — V. SACI 1.

SEM-VERGONHA, q. — diz-se da planta que pega facilmente: "O plantio (da mandioca) se faz com um palmo de rama fincado em qualquer terra. Não pede cuidados. Não a ataca a formiga. É *sem-vergonha*". (M. L.)

SEM-VERGONHICE, SEM-VERGONHISMO, s. f. e s. m. — falta de vergonha, pouca vergonha, acção torpe.

SEQUI(LH)O, s. m. — doce sêco, bolacha doce, de fabricação doméstica. || Também usado no R. G. do S.

SERELÉPE, s. m. — caxinguelê; fig., pessoa esperta, ágil. || Já houve quem o quizesse tirar de *celeris*, e *pespedis*, sem explicar, porém, como ponde uma expressão latina ser adoptada popularmente para designar um animal indígena.

SEÁ, SEA, SIÁ, SIA, fórmulas próclíticas, tónicas e átonas de *senhora*.

SEU, SÊO, SIÔ, fórmulas próclíticas de *senhor*. V. SINHÔ.

SINHARA, SINHÁ, fórmulas enclíticas e pronominais de *Senhora*. V. SINHÔR.

SINHARINHA, demin. de SINHARA.

SINHAZINHA, demin. de SINHÁ.

SINHÔR, SINHÔ, SIÔR, SIÔ, fórmulas enclíticas de *senhor*. || *Senhor*, como *senhora*, como *minha* e outros vocs. de uso constante, sofrem grandes alterações e se scindiu em fórmulas próclíticas e enclíticas, determinadas simultaneamente pelas diferentes posições e pelos vários empregos gramaticais. *Seu* usa-se anteposto imediatamente a nomes de pessoa: *seu* Joaquim, *seu* padre, *seu* mestre. *Sinhôr*, *sinhô* e *siôr* são fórmulas enclíticas e pronominais, mas diferem no uso. As primeiras podem seguir-se outras palavras: "Já vô, *sim*, *sinhôr*" — "Quero falá c'o *sinhô*" — "O *sinhô* bem viu que eu tinha razão". A terceira, em regra, só se emprega em fórmulas "fechadas", sem seguimento: "Sim, *siôr!*" *Siô* usa-se em próclise, como *seu*, e também encliticamente, como *sinhô* e *siôr*. Todas estas distinções, é inútil dizer, foram estabelecidas, a pouco e pouco, pelo uso, por meio

de constantes acções e reacções das tendências fisiológicas sobre o senso gramatical, e vice-versa. — Adendo: *sinhô*, à parte o que ficou indicado, aparece em próclise nas fórmulas *sinhô-moço* e *sinhô-velho*. É caso isolado, devido já a outro género de influência. Essas fórmulas, tais como se acham grafadas, se devem aos antigos escravos negros (cuja fonética especial, como já assinalámos em outro lugar, diferia, em mais de um ponto, da fonética popular dominante, ou caipira) e foram adoptadas geralmente para designar os senhores em relação aos seus cativos: “Vá dizê pra seu *sinhô-moço* que eu espero êle”. E’ claro que o emprego de tal expressão é hoje raro, mais raro se torna à medida que se afasta no passado época da escravidão.

SINHÓZINHO, demin. de SINHÔ.

SI(G)NIFICA(R), v. t. || J. J. Nunes (“Crestomat.,” gloss.) regista *seneficar*. Exemplo de Dom J. de Castro: “... e em cima huma grande bola que deve *senificar* o mundo”. (Descrição do edif. do pagode, em M. de S. Pinto, p. 29). — Cp. *manifica*, *malino*, *inorar*, fórm. arcaicas ainda populares em S. P.

SITIANTE, SITIÊRO, s. m. — proprietário de SÍTIO.

SÍTIO, s. m. — propriedade rural menor que a *fazenda*; o campo, a roça, por opposição à cidade: “Gósto mais do *sítio* do que da praça”

SOBERBIA, s. f. — soberbice.

SÓBRE-CINCHA, s. f. — peça conexa à cincha.

SÓBRE-LÁTICO, s. m. — parte que se opõe ao LÁTICO, na barrigueira. || B.-R. regista “látego” “sobrc-látego”

SÓCA, s. f. — segunda producção de certas plantas, que, como cana de açúcar, crescem de novo, depois de se terem cortado uma vez. Diz-se de uma planta que ela “dá boa sóca”, ou “não dá sóca”, conforme permite ou não mais de uma colheita regular. || E’ t. mais ou menos geral, no Br. — V. *soquêra*.

SOCADO, s. m. — lombilho de cabeça alta.

SÓCÓ, s. m. — ave pernalta (“*Ardea brasiliensis*”):

Os pios dos nambús e das batuiras
e os *socós* na lagôa.

(C. P.)

SOFRAGANTE, s. m. — usado na loc. adv. “no sofragante”, isto é, no mesmo momento, imediatamente: “A Ogusta saltou no chão, saiu correndo até na porta da rua, mas porém voltou no mesmo *sofragante*, caiu nos pés da cama do filho... (V. S.) || Usado na Beira com a mesma acepção (“Novo Dic.”). Paiva regista “sofregante”. — De sob flagrante?

SOJEITA(R), *sujeitor*, v. t. || E' mais comum *assojeitá(v)*.

SOJEITA, s. f. — mulher, em sentido depreciativo.

SOJEITO, s. m. — homem, em sentido depreciativo; às vezes aparentemente depreciativo, mas de facto admirativo ou carinhoso:

Lá na festa do nho Zinho,
no bairro do Riu Cumprido,
pareceu um *sojeitinho*
que é cabocro destrocido.

(C. P.)

|| A fôrma é arc.: ...sojeito por tantas, & tam sobejas razões corrorme dizervolo”. (“Eufros.”, I.) — “Sojeita ao cruel jugo” (“Castro”, I). “Sojeito a brandos rogos” (“Castro”, I).

SOJIGA(R), **SUJIGÁ(R)**, *subjugar*, v. t. || Fôrmas arcaicas, ainda popnlares em quase todo o Br. C. Ramos colheu-a em Goiás: ... quando supunha já ser ocasião de sujigá-lo nas esporas e tacadas de rabo de tatá applicadas a preceito... — Da “Eufros.”: “Mas que farey triste, pois amor me sogiga. (I, scena I.) Da “Cron. do Cond.”: “... a terra seria de todo perdida e sugiguada a elrey de Castella” (XX). Paiva registou o t. entre os condenaveis.

SOMANA, *semana*, s. f. || E' pop. em todo o Br., ou quase todo. Colheu-o Cat. no Nordeste:

Ceguei há cinco “sumana”
nesta grande capitá —.

E' tambem arc.:

A novilha vou buscar:
Viste-ma tu ca andar?
— Não na vi esta somana.

(Gil V., “Tragicom. da Serra da Estr.”)

Seria muita costura
Para toda esta s o m a n a —

(Joham Gomes de Abreu, Canc. de Rez.)

“En termho de Santarem ha terra tam frutifferra que do dia que seameam o pam ataa sete s o m a n a s o segam”. (“Estoria geral”, descr. de Santarem — sec. XIV-XV).

SONDA, s. f. — linha grossa e longa para se pescar com anzol. || De s o n d a r, por “linha de sondar”.

SOPAPEA(R), v. t. — dar sopapos em (alguem).

SÓ POR SÓ, loc. adv. — a sós, só por si, só consigo. || E’ clássica: “Maldito o homem, que confia em homem; e bendito o homem, que confia neste Homem; e só neste Homem, e muito só p o r só com este Homem trata do que lhe convém. (Vieira, Sermão do sab. 4.º da Quar., VII). — Esta foi a maior ventura daquelle alma, e esta melhor hora daquelle dia: aquelle breve tempo, em que esteve só p o r só com Christo”. (Idem, ibid.)

SOQUÊ(I)RA, s. f. — planta cortada (notadamente a cana de açúcar) de que se deixa na terra uma parte do caule, para que torne a crescer e dê nova colheita. || Teria provindo, seg. alguns, do tupi “araçoc”.

SORORÓCA, s. f. — voc. onomatopaico com que se designa o rumor produzido ordinariamente pela respiração dos moribundos. || Tupi.

SORTÊRA, q. — não padreada (vaca ou égua).

SOVERTÊ(R), SUVERTÊ(R), *subverter*, v. t. e i. — desaparecer como por encanto; sumir de repente; sumir-se: “... vacê que é tão estudado, me diga por que foi que me apareceu a tal moça, e me levou p’r aquêlo rumo, e *suverteu* de repente”. (V. S.) ||

... assi soverteu
Por manha a grande alteza
Do sprito...

(“Castro”, I)

... O’ montes de Coimbra,
Como não sovertestes tal ministro?

(“Castro”, V)

SOVÊU, s. m. — corda de couro torcido, de duas pernas. || Há na língua *soveu*, *soveio*, *soveiro*, significando correia grossa.

SÓCIA, s. f. — festa familiar, *pagode*. || “Quem dava uma *swcia* em sua casa, e queria ter grande roda e boa companhia, bastava somente anunciar aos convidados que o Teotônio... se acabaria presente”. (M. A. de Almeida.) O exemplo mostra que o significado é relativamente velbo, e existiu fóra de S. P.

SUCUPIRA, s. f. — árvore da fam. das Leguminosas, de que há duas espécies, a *mirim* e a *açu*, isto é, pequena e grande. || Tupi.

SUCURI, s. f. — ofideo do gén. “Boa”. || Existem pelo país muitas variantes deste nome: “sucuriú, sucurujú, sucuriúba, sucurijuba”, etc. — Tupi.

SUFICIENTE, q. — apto, capaz: “Eu logo vi que o tar não era *suficiente* pra fazê o que vancê queria, mais cumo vâucê timba cunfiança nêle...” || “E porque erão muitos, e trazião muita gente, pareceu-me cousa mui importante mandar lá uma pessoa *suficiente*, e de muito sizo, experiencia, e saber... (Carta de Dom J. de Castro ao rei, escrita na Índia.) — Também se usa, com sentido idêntico ao dos antigos escritores, e cremos que de acôrdo ainda com o uso actual em Port., *suficiência* = capacidade, aptidão, — como nêste passo do mesmo documento acima citado: ... forcei-o a isso, assim porque para o caso cumpria pessoa de suas qualidades, como por ser aleijado duma perna por serviço de v. a., e por este impedimento não ter *suficiencia* para saltar paredes...”

SUINAN, s. f. — leguminosa, cuja madeira se emprega no fabrico de gamelas.

SUINDARA, s. f. — espécie de coruja. || Tupi.

SULIMÃO, s. m. — sublimado corrosivo. || Usa-se dependurar num saquúbo, ao pescço dos cães de caça, para *afugentar* as cobras. Também se aplica à gente. Em Port. existe superstição semelhante. — A *fórma* resulton de certo da queda de *B* em sublimado (sublimado), com alteração do final por influência de Suliman, *S a l o m ã o*. Quanto à queda de *B*, teria sido por efeito de analogia com o prefixo *so*, *su*, de sub. Cp. *suverter*, *sujeitar*, etc.

SUNGÁ(R), v. t. — puxar, suspender: “A moça *sungô* o vietido pra riba, e correu”. || Seguudo Capêlo e Ivens, citados por B.-R., do bundo “*cusungá*”, puxar.

SUPETÃO, s. m. usado na loc. adv. *de supetão*, isto é, de repente,

de brusco. || É expressão usual em todas as camadas sociais, no Br., mas os que presumem bem conhecer a língua pronunciam e escrevem “sopetão” (com o). — É corrente no castelhano da Argentina:

Habia sido fierazo
Hallarse de sopeton
Em medio a una poblacion
Ansina, deste tamaño...

(Granada.)

— Liga-se a súbito a de súbito. Veja-se SÚRITO.

SUPIMPA, q. — excelente, superior, delicioso: “Uma festa *supimpa*”.

SÚPITO, *súbito*, s. m. — repente, assômo: “O véio tem cada *súbito*, que fica que nem lóco”. || A fôrma registada, com troca de b por p, é arcaica, e ainda pop. em Port. Encontra-se em Diogo do Couto, “Dec.”: “Ruy Gonçalves ficou triste de ver esta tão *supita* mudança...” Em Gil V., acha-se *supita*, *supitamente*, *supitania* (subitânia). Freire cita a loc. adv. de *supito*, de Brito, “Mon. Lusit.”, adv. *supitamente*, de M. Tomás, “Insulana”. — Como subst., só nos ocorre um exemplo de Chagas, “Obras espirituais”, citado pelo mesmo Freire. Apesar disso, é de crêr que a substantivação, aqui registada, provenha de longe, no tempo no espaço. Em Minas, L. Gomes colheu a expressão “num súbito” (com b), da qual se deprende que também lá se observa o fenómeno. Cp. *supetão*.

SUPITOSO, q. — diz-se do individuo sujeito repentinos acessos (*súbitos*) de ira, atreito a tomar deliberações inopinadas e enérgicas. || Com êste sentido, encontra-se *supito* no livro “Afonso de Albuquerque”, de Ant. Baião, pag. 39, em cita de documento antigo: “...dizendo ser Albuquerque homem *mui aspero de condição muito supito* (impulsivo).”

SURJÃO, *cirurgião*, s. m. || Êsse encurtamento do voc. explica-se pela fôrma antiga “*sururgião*”, que se encontra em Camões:

Não tínhamos ali medico astuto,
Sururgião sutil menos se achava —

(“Lus.”, V, 82.)

SURTUM, s. m. — espécie de jaleco de baêta, muito usado antigamente: "...se um par de olhos creoulos não o fizessem trocar a negrura do saioto pelo estridente escarlate de um *surtum* profano..." (M. L.) || Do port. *sertum*. Cp. *assertoar*.

SURUCUA, s. m. — designa várias aves do gén. "Trogon":

Ja cantam *surucúas*, já trinam gaturamos — (C. P.)

|| Tupi.

SURUIÁ, s. m. — pequena rede de lanço, fixa em duas hastes de pau dispostas em ângulo.

SURURUCA, s. f. — peneira grossa. || Seg. B.-R., do verbo tupi "sururu", vasar, derramar.

SURURUCA(R), v. i. — fazer movimentos peneirados com o corpo.

SUSTANCIA, s. f. — vigor corporal. || É pronúncia castiça.

TABARANA, s. f. — certo peixe de rio.

TABATINGA, s. f. — terra branca azulada, que se emprega no fabrico de louça rústica e de pelotas de bodoque. — Do tupi "itab + atinga", mineral branco (T. S.), ou "tobatinga", barro branco (B.-R.)

TABOÁ, s. f. — certa planta aquática de que se fazem esteiras.

TABUA, s. f. — na frase "tomar *tábua*", ou "levar *tábua*", não ser aceito em proposta de casamento. || E' variante de frase port. Em outras regiões do Br. se diz "levar *tabôca*" para exprimir lôgro, desapontamento, e "taboquear" por lograr, desiludir, verbo êsse que B.-R. com razão aproxima do antigo port. *atabucar*.

TACUARA, s. f. — designa várias espécies de gramínea, do mesmo gén. do "bambu", nome que se reserva para as espécies importadas e de grande diâmetro. Há *tacudruçu*, *tacuaratinga*, *tacuara do Reino*, *tacuari*, *tacuara-pôca*, etc. — Tupi.

TACUARA(L), s. m. — mato onde ha muita *tacuára*.

TACUIRA, s. f. — certa casta de formigas. || Tupi.

TACURÚ, s. m. — fogão improvisado, com tres pedras ou tijolos. || Do tupi "itacurub", pedra quebrada?

TACURUVA, s. f. — o mesmo que **TACURÚ**.

TAGUA, **TAUÁ**, s. m. — terra amarela azulada, com que se dá côr à louça de barro fabricada na roça. || Tupi "taguá", amarelo.

TAIÓVA, s. f. — planta aquática de grandes e largas folhas. || Será a mesma “Colocasta esculenta” registada por B.-R.?

TAIÛVA, s. f. — árvore da fam. das Moráceas, que dá madeira para marcenaria, esteios, vigas, etc. || Tupi.

TALA, s. f. — tira de couro, geralmente empregada em relhos. || O vocáb. é port., mas sem essa especialização de matéria.

TALENTO, s. m. — força, destreza: “Isto é um cavalo de *talento*”. || Também usado em Pernamb. Parece mais ou menos geral, no Br.

TAMANDUA, s. m. — mamífero desdentado, do gén. “Myrmecophaga”.

— BANDÊRA, espécie de grande tamanho, que se distingue também por uma enorme cauda de longos pelos.

TAMBAQUE, s. m. — tambor feito de um tronco, no qual se bate com as mãos. || Alter. de *t a b a q u e*, *a t a b a q u e*.

TAMBIÚ, s. m. — certo peixe de rio. || Tupi.

TAMBURI, s. m. — leguminosa de grande altura e frondosa. || Escreve-se às vezes “tamboril”. Haverá relação entre uma coisa e outra, ou trata-se de simples traição do ouvido?

TAMBÔ, *tambor*, s. m. — instrumento músico que consiste numa secção de um tronco de árvore, cavada profundamente no sentido longitudinal, e em cuja boca se colocou um couro bem esticado, sôbre qual se bate com ambas as mãos: objecto usado em festas e dansas das populações rurais. || Alter. de *t a m b o r* com influência de *guatambú* ?

TANTAN, q. — tolo, palerma.

TAPÉRA, s. f. — casa abandonada, em lugar êrmo. || Tupi.

TAPERÁ, s. m. — espécie de andorinha. || Tupi.

TAPERÁ-GUAÇÚ, s. m. — o mesmo que *chabó*. || Tupi.

TAPINHOÃ, s. m. — árvore da fam. das Lauráceas.

TARAFRA, TARIRA, TRÁIRA, s. f. — certo peixe conhecido.

TARUMA, s. m. — vegetal da fam. das Verbenáceas.

TATORANA, s. f. — lagarta cujo contacto produz irritação na pele, com forte ardor. || Mont. dá “tataurá”, que define — “gusano colorado” — O ditongo *au* explicará a pronúncia pop. com *o*, mais vulgar, mais genuinamente caipira do que *taturana*, como se ouve às vezes, como escreveu Bernardo Guimarães (poesias) e como registou B.-R.

TATÚ, s. m. — designa várias espécies de desdentados, do gén. “*Dasytus*”. || Tupi.

TÉIPA, *taipa*, s. f. — parede de terra batida. || Cp. *réiva*.

TEMPO-QUENTE, s. m. — distúrbio, discussão acalorada.

TEPO-SERÁ, s. m. — brinco infantil.

TENDA, s. f. — oficina de ferreiro.

TENTOS, s. m. — tiras de couro; particularmente, as tiras de que estão providos os lombinhos dos *campeiros*, às quais se amarra o laço enrolado, ou qualquer outro objecto:

Lazo nos tentos, a chilena ao pé —

(C. P.)

|| É t. sul-americano. Usou-o Manuel Bernárdez, nos seus “Cuadros del campo” (Uruguai): ... el lazo trenzado, de cuatro tientos, en la mano”.

TER¹, v. usado impessoalmente, em lugar de “haver”: “*tem* dia que não posso trabaiá” — “*tem* gente que pensa ansim” — neste mundo *tem* cada coisa, que inté assusta”. (V. “*Síntaxe*”).

TER², v. t. — dar à luz: “Ela *teve* o Juca antes do Tónico”.

TERERÉCA, q. — diz-se do individuo buliçoso, versátil, falador. || Cp. *PERERÉCA*, *PARARACA*.

TERNO, s. m. — grupo: um *terno* de meninos, um *terno* de animais: “E qual é o duração deste *terno*? O duração, sem dúvida alguma, é o Astolfo”. (V. S.)

TERRÃO, *torrão*, s. m. || Existe também em Port.

TETÉIA, s. f. — brinquedo de criança, coisa bonita: “aquela moça é uma *tetéia*” — “Ele arranjou a casa de geito que ficou uma *tetéia*”. || Muito se tem já escrito sobre a orig. deste voc., mas a discussão ainda está longe de ser esclarecida.

TETERÊ-TETÊ, int. que, intercalada na oração, vale quase por um advérbio de tempo, como “freqüentemente”, “a cada momento”, “a todo instante”: “Aquilo é home perigoso: *teterê-tetê*, tá armando barúio!” — “Nunca vi gente como esta: *teterê-tetê*, um bailinho; *teterê-tetê*, um pagóde!” || Sem muitos elementos para julgar, quer-nos contudo parecer que esta curiosa onomatopeia (porque evidentemente disso se trata) tenderia dantes a dar ideia do rumor de um rápido discurso ou discussão. Assim, o primeiro exemplo poderia ser interpretado: “Aquilo é homem perigoso: *uma troca de palavras, uma ligeira discussão*, e ei-lo a provocar desordem”. Depois, com o uso, ter-se hia ampliado a aplicação desse meio expressivo a outras

circunstâncias, em que a sua interpretação se torna menos fácil. Eis a explicação que nos ocorre. Não esquecemos, porém, que resta explicar por que se popularizou tanto, e não só em S. P., essa curiosa onomatopeia. Cherm. colheu na Amaz., com idêntico sentido, *tétété*, de cujo emprego dá êste exemplo: “O Manuel Domiciano *tétété* está na taberna do alferes Luís bebendo cachaça”

TICO, s. m. — uma pequena quantidade, um bocadinho: “Me dê um *tico* de fumo pr’um cigarro”. || Mais frequente no deminut.: *tiquinho*, usado em todo ou quase todo o Br. “Mas não se vá, homem de Deus, espera aí um *tiquinho*...” (C. R.)

TIETÊ, s. m. — avezinha do gén. “Euphone”. || Decompõe-se em “tiê + etê”. Tupi.

TIGUÊRA, s. f. — lugar onde houve roça, depois da colheita:

— Intão, compadre, cumo foi de caça?
— Ara, nem diga! Abaxo da *tiguêra*,
bem pra riba do rumo do Colaça,
dexeî sòsinho o Sarvadô de espera.

(C. P.)

TIJUCADA, s. f. — grande quantidade de TIJUCO.

TIJUCO, s. m. — lama. || Tupi.

TIJUQUÊRA, s. f. — muito TIJUCO.

TIMÃO, s. m. — casaco curto e singelo, geralmente de baêta sem fôrro, usado, há tempos, pelos escravos, também pelas crianças. || Do clássico *quimão*, *queimão* (hoje substituído pelo anglicizado “kimono”). — G. Viana define: roupão amplo que usam os japoneses. Diz M. Dalg. que tal definição quadra ao roupão que usavam muitos indivíduos em Goa, e que agora vai rareando e tomando nome de “cabaia” Mas o t. continúa a aplicar-se ao casaco curto e largo, de raparigas pobres inuptas, feito de chita ou *chêla*. No dialecto de Macau (diz sempre Dalg.) “queimão” é casaco, assim de homem, como de mulher. — J. Brígido regista t. como de uso antigo no Ceará.

TIMBÓ, s. m. — nome de vários vegetais empregados por pescadores de rio para tontear peixe. || Daí *atimbôdado*, zonzo, tonto.

TINGUÍ, s. m. — várias espécies vegetais dos géns. “*Phaecarpus*”, “*Magonia*” e “*Jacquinia*”, também usadas, como o timbó, na pesca fluvial.

TIPITI, s. m. — cesto ou outro receptáculo em que se espreme a mandioca ralada.

TIRA-CISMA, s. m. — aquêlo ou aquilo a que se pode recorrer com toda a confiança: “Aquêlo dotôr é *tira-cisma* em negócio de devogacia”. || *Cisma*, no caso, equívale a pretensões, fumaças. *Tira-cisma* quer dizer, pois, literalmente, — o que desfaz pretensões, o que acaba com alheias jatâncias. Sinónimo: **TIRA-PRÓSA**.

TIRADERA, s. f. — pau que, nos carros de bois, serve de suplemento ao cabeçalho, ao qual se liga com tiras de couro.

TIRADÓ(R), s. m. — pequeno avental de couro que os laçadores põem de lado, por cima da virilha, para sôbre êle firmar o laço.

TIRIRICA, s. f. — designa várias ciperáceas que constituem praga dos arvoredos.

TIRIVA, s. f. — ave da fam. dos papagaios, menor do que êstes:

E as patativas

cantando sôbre o juncal! E os bons calpiras...

e um bando barulhento de *tirivas!*

(C. P.)

TISIU, s. m. — pequeno pássaro. || Voz onomatopaica.

TITIA, fôrma pronominal de tia.

TITICA, **XIXICA**, s. f. — excremento de ave.

TITIU, *titio*, fôrma pronominal de tio.

TITUBIÁ(R), v. i. — ficar perflexo, apatetar-se. || São mais vulgares as fôrmas *tutubiá(r)*, *turtuviá(r)*.

TOBIANO, q. — diz-se do animal cavalariça com manchas azulegas. || De **Tobias** (brigadeiro Tobias de Aguiar), segundo informações.

TOCAIA, s. f. — esconderijo onde o caçador aguarda a passagem da caça, ou o agressor a da vítima escolhida. Daí as expressões:

DE —, à espreita; de emboscada.

FAZÉ(R) —, pôr-se à espera, fazer emboscada. || Do tupi, seg. uns; do guar., seg. outros.

TOCAIÁ(R), v. i. — fazer **TOCAIA**. || Garc. colheu essa fôrma e mais “atocaiar”, em Pernamb.

TOMBADÓ(R), s. m. — lugar onde ha quêda de água; essa mesma quêda. || Alter. de **tombadouro**. Na Baía, encosta ingreme (**B.-R.**).

TÓPE, s. m. — pião pôsto no centro do círculo, no jogo da *corriôla*, servindo de alvo às *ferradas* dos outros piões.

TOPETUDO, q. — que tem topéte; audacioso.

TÓSSE-CUMPRIDA, s. f. — coqueluche.

TÓSSE-DE-CACHORRO, s. f. — acesso de tosse rouca e impetuosa, na coqueluche, ou em qualquer outra afecção de garganta. || No Pará, chamam à tósse-comprida “tosse de guariba” (B.-R.).

TOVACA, s. f. — pássaro formicaróide. || Tupi.

TOVACUÇU, s. f. — variedade de TOVACA.

TRABAIO(S), s. m. pl. — padecimentos. || E’ acepção castiça.

TRABUCA(R), v. i. — trabalhar esforçadamente: “Quem não *trabuca* não *manduca*” (adágio pop.). Acidentalmente trans: “... nunca deixei de não *trabucar* a minha obrigação nas horas certas...” (V. S.) || Cp. o cast. “trabajar”, com a pronúncia peculiar do j.

TRABUCO, s. m. — espécie de espingarda de um só cano, de grosso calibre, empregada geralmente em salvas, nas festas da roça. || *Trabuco* era nome de certa “máquina de guerra que teve uso antes da artilheria”, diz F. J. Freire (3.º v., p. 57). —

Não lhe aproveita já *trabuco* horrendo,
Mina secreta, aríete forçoso —

(Camões, III, 79.)

TRAMA, s. f. — trato, negócio.

TRANCA, q. — malandro, ordinário: “Aquilo é um *tranca*”.

TRANCO, s. m. — chouto, andar (de animal de sela); encontrão.

|| Em port., salto.

TRANQUINHO, demin. de TRANCO; ramerrão: “Como lhe vai?”
“Ora! sempre no mesmo *tranquinho*”.

TRAQUE, s. m. — pequena bomba de fôrma cilíndrica, com que brincam as crianças; explosão de gaz intestinal. || Em ambos os sentidos é de velho uso na língua, como se vê no “Foguetário”.
Exemplo de Gil V.:

Quando eu, rua, por vós vou
Todos os *traques* que dou
São suspiros de saudade —

(“Pranto de Maria Parda”).

TRAQUEA(R), v. i — soltar gases intestinais com estrondo.

TRAVAGE(M), s. f. — carne esponjosa nas gengivas dos equídeos.

TRELÊ(R), v. i — mexer; intrrometer-se: “Não *trêla* no que não é de sua conta”. || Conjugam-se *trelo*, *trele(s)*, *trele*, *trelemo*; *trela*, *trela(s)*, *trela*... etc. — De *tresler*? De *trela*?

TRELENTE, q. — o que *trêle*, o que gosta ou tem o hábito de tocar em coisas ou assuntos que não são da sua conta; intrmetido. indiscreto.

TRELÊNCIA s. f. — acto ou efeito de *trêlêr*.

TROCÊ(R) v. t e i — desviar-se; desviar o corpo; fazer volta; mudar de rumo em caminho: “*Troci* um pouco, passei pr’o sobrado, esbarrei logo c’a dita moça”. (V. S.)

TROCHADO, q. — diz-se do cano de espingarda que é feito de uma fita de aço em espiral. || Com êsse nome se designou outrora um lavor de seda, seg. Freire.

TRÓLE, s. m. — veículo muito usado no campo, para transporte de pessoas. Consiste, resumidamente, em duas táboas cruzadas sobre quatro rodas, com dois assentos, um dos quais para o bolieiro. || Do ingl. “trolley”.

TROMBETE(A), v. t. e i. — assoalbar (alguma coisa); dar à língua.

TRÓPA, s. f. — caravana de bestas de carga, comboio; manada de equídeos, quantidade dêsses animais; fig., côrja, *combada* (de marotos, de ladrões, de patifes, de estúpidos).

TROPÊRO, s. m. — negociante de animais equídeos, que viaja com êles; condutor de tropa de equídeos.

TROSQUIA, *tosquia*, s. f. || ...os cabelos seus são coredios. e andavam trosqujados de trosquya alta...’ (Caminha).

Dous porquinbos trosquiados
Coinchar não nos ouvistes?

(Gil V., “Rubena”).

Eu tenho as unhas cortadas,
E mais estou trosquiada —

(Gil V., “Inês Per.”)

...fazeme a barba farteey a trosquia". ("Eufros.", I, sc. 2.*). — "Hivos embora, & olhay não vades por lãa, & venhais trosquiado". ("Eufros.", III, sc. 2.*).

TROTEA(R), v. i. — andar a trote (a cavalgadura); fig., andar de pressa, despachar-se, sob alheia instigação, ou sob a pressão de necessidade urgente: "Coitado, tava tão quêto im casa, e de repente teve que *troteá!*" || A fôrma port. é trotar, mas o nosso povo da roça tem decidida preferência pelas fôrmas freqüentativas: *trotear, barrear, bolear*, etc.

TROTEADA, s. f. — caminhada a trote; viagem rápida a cavalo; corrida.

TROTÃO, q. — animal que trota.

TROTE, s. m. — andar duro e cadenciado (de animal equídeo). || Difere da signif. port. — "andamento natural dos cavalos".

TRUCADA, s. f. — uma vez, uma *jogada* ou *mão* de truque; o acto de TRUCAR:

Cheguei agora, moçada,
já escoli meu cumpanhêro:
quem é bão nua *trucada*,
rebusque quarqué parcêro!

(C. P.)

TRUQUE, s. m. — jôgo entre quatro parceiros, cada um dos quais dispõe de tres cartas. || E' êste o mais popular dos jogos de cartas, no interior de S. P. e de quase todo Br. Em S. P. joga-se com as seguintes cartas, pela ordem dos valores: os dois, os tres (*bicos*), o *sête-ôro* (sete de ouros), a *espadia* (espadilha), o *sête-côpa* (sete de cópas), o *quatro-pau* (quatro de paus), ou *sápe*. Faz parte da pragmática do jogo levá-lo sempre com pilbérias e bravatas, umas outras geralmente acondicionadas em fórmulas estabelecidas.

— DE MANO, variedade que se joga entre duas pessoas.

TRUQUERO, s. m. — jogador de truque.

TRUCÁ(R), v. i. — acto de provocar o adversário, no jogo do truque, antes de uma jogada. || O que *truca* exclama, em regra: *truco!* O adversário *manda*, ou *corre*. Se *manda*, na dúvida de fazer vasa, é geralmente com a frase — *Bamo vê*, ou — *Jogue*. Se tem certeza de ganhar, ou pretende amedrontar o outro, responde com

ênfase, às vezes aos gritos: *Toma seis!* — *Seis, papudo!* — *E diga porque não quê!*” — e outras bravatas por êsse estilo.

— DE FARSO: trucar sem carta que assegure o lance, só para amedrontar o adversário; fig., fazer citação falsa, alegar factos não verdadeiros.

TUBUNA, s. f. — abelha silvestre. || Tupi.

TUCANO, s. m. — designa diversas aves trepadoras do gén. “Rampastos”.

TUCUM, s. m. — designa várias palmeiras dos géns. “Bactris” “Astrocaryum”, cujas fibras, de grande resistência, são muito empregadas em cordoaria rústica. || E’ a “tucumã” do Norte. — Tupi.

TUIM, s. m. — pequena ave da fam. dos papagaios.

TUTA-MÉIA, s. f. — pequeno valor, quantia insignificante: “Não faça quistã por essa *tuta-méia*”. || Derivado, segundo J. Moreira (“Estudos”, 1.º vol.) de “uma pequena moeda de cobre da África Port.” Convem notar, porém, que Moreira com êle o “Novo Dic.” escrevem *tuta e meia*, ao passo que a forma corrente em S. P. é como vai indicada, — sem *e* entre os dois elementos e com *é* aberto em *méia*.

TUTUVIA(R), TURTUVIÁ(R), TITUBIÁ(R), v. i. — ficar perplexo, pasmar, hesitar: “Cuidado cum êsse muleque: se *tutuvia*, êle tomô conta de vacê!”

TUTUVIADO, TURTUVIADO, q. — perplexo, tonto, pasmado, hesitante:

Fico meio *turtuviado*:
gentarada, carro, bonde
em toda parte um sordado.

(C. P.)

Êta barúio do inferno!
Fiquei meio *turtuviado*.

(C. P.)

|| Paiva regista *titubiado* entre os seus termos condenáveis: indício de que êste curioso voc. é ainda uma importação.

TUTÚ, TUTÚ-DE-FEJÃO, s. m. — feijão *virado*, isto é, feijão cozido que se mistura com farinha de milho ou de mandioca, ao fogo, no momento de servir.

UAI! UAI!, intj. de surpresa ou espanto: “Houve, porém, aparição menos esperada. — *Uai*, gente! Passei a mão, nesta horinha, malignem lá no que?” (V. S.) || Deve ser alter. de olhai.

U^aA, *uma*, adj. num. || E' a única fôrma conhecida do caipira, e, na língua, é a fôrma pop. e clássica.

UÉI UÊI intj. de espanto. || Talvez provenha de olhai por o'ai → uai → uai → uêi → uêi, fôrmas estas existentes todas no falar caipira. De troca de ai em êi há exemplos: *têipa*, *rêiva*. — Contudo, há quem dê a esta intj. origem africana.

UÊI-MÊI, intj. de impaciência: “Aquerditá ncssa bobiciada! Vacêis (es)tão que nem criança, *uêi-me!*” A última sílaba é muito rápida. || Cp. HAME, alter. de h o m e m, também usada como intj.

UNTANHA, s. m. — espécie de sapo.

URUNDÓVA, ORINDÍVA, s. f. — certa árvore do mato. || Tupi.

URÚ, s. m. — ave da fam. das Perdíceas:

Sôbre a folhagem sêca da floresta
cantam *urus*. E' quase ave-maria...

|| Tupi.

(C. P.)

URUCUNGO, s. m. — instrumento músico usado por pretos africanos: consiste num fio qualquer, esticado num arco, à maneira de arco de seta, com uma cabaça numa das extremidades, servindo de caixa de ressonância. Sôbre esse fio o executante bate compasso com uma pequena vara. || T. africano.

URUCURANA, s. f. — grande e bela euforbiácea, de que se conhecem duas ou mais espécies. || Tupi.

URUTAU, s. m. — ave noturna da fam. “Caprimulgidae”, que habita o mato virgem. || A lenda do urutau é das mais conhecidas do folclore regional, e tem sido contada por vários escritores. — O t. é tupi, segundo B.-R., usado também pelos guaranis do Paraguai.

URUTÚ, s. f. — certa cobra venenosa. || B.-R. dá como t. do Paraná, mas é também paulista, e dos mais vulgares.

UVAIA, s. f. — fruto de uma mirtácea de grande belo aspecto; árvore que o produz. || Segundo B. Caet., do guar. “yba” + aia”, fruto azedo.

UVAIÊRA, s. f. — a árvore da UVAIA.

VACÊ, VANCÊ, VASSUNCÊ, VOSSUNCÊ, alterações de *vossa-mercê*, como o *você* de uso culto. A primeira forma é mais familiar; *vancê*, mais respeitosa; as outras, ainda mais cerimoniais do que essa. Há outras: *vamicê, suncê, mecê*.

VAPO(R), s. m. — locomotiva de estrada de ferro; locomóvel.

VAQUEANO, s. m. — indivíduo que conhece minuciosamente determinada porção de território. || Voc. usado nas republicas hispano-americanas e, seg. B.-R., vem de "baquia", nome que os espanhóis deram, depois da conquista do México, aos soldados velhos que nela haviam tomado parte.

VARA(R), v. i. — caminhar direito, resolutamente: "Fronteemo aquêl primeiro capão da chacra do Chico Manuel, como *varando*." (V. S.)

VARANDA, s. f. — sala de jantar.

VARANDA(S), s. f. pl. — guarnições laterais das rédes de descanso, geralmente em "filet", com franjas. || Também usada, no Norte.

VAREJÃO, s. m. — vara comprida com que se impelem canoas botes.

VARIA(R), v. i. — proferir frases e vocábulos desconexos, por efeito de delírio.

VARIEDADE, s. f. — acto de VARIAR.

VARRIÇÃO, s. f. — acto de varrer.

VASSO(U)RINHA, s. f. — vegetal da fam. das Sapindáceas, de lenho escuro, veiado e manchado de preto.

VEIACO, *velhaco*, q. — diz-se da cavalgadura que tem manhas, habituada a dar corcóvos.

VEIAQUIA, *velhaquear*, v. i. — corcovear (a cavalgadura). || Também usado no R. G. do S.

VEIERA 1, *abelheira*, s. f. — casa de abelhas indígenas.

VETERA 2, *velheira*, s. f. — pessoa muito velha.

VELA(R), v. t. — pôr ao relento (batatas doces). || Só conhecemos o t. aplicado à batata. — Em port., há a *velar* = encarquilhar (como a *velã*?), *velar* de vigilar e *velar* de velare. O nosso t. talvez se ligue ao primeiro. E' de notar-se que, no Norte, se diz "velado" o côco cuja amêndoa está solta.

VÊ(R), v. t. — nas frases que começam por *é vê(r)*, *é vê(r) que...* equivale *dir-se hia*, *afigura-se*, parece: "E' *vê* que veio da invernoada do Xavié... (C. P.) "O António é *vê*

que tá doente". "Mecê é vê seu avô". || Por mais estranho que tudo isto pareça, explica-se facilmente. A princípio, tratar-se hia de um circunlôquio muito natural, em frases como as seguintes: "Olhe aquêlê pobre rapaz: é vêr um fantasma". — "O Pedro não pára; anda, corre, desanda, — é vêr um macaco". Com o tempo, ter-se-hia perdido a consciência do valor lógico dessas palavras, sendo elas tomadas como um só vocábulo (*evê*) com função igual à de *p a r e c e*. Daí a grande ampliação de seu emprego. E' de notar-se que também se diz *evê*, com o primeiro *e* ensurdecido, e até simplesmente *vê*: "Aquêlê que vem lá não é o Chico? — *Vê* que não".

VERDADE, s. f. — na loc. "de *verdade*", equivalente à moderna em verdade, na verdade. || "Dizemee Nunalurez de verdade e faziees vos esto que asy começastes?" ("Cron. do Cond.", XI).

VERDEGAIS, s. m. — corda de viola, usada em varas de pesca.

VEREDA, s. f. — na loc. "de *vereda*" semelhantes: de seguida, sem interrupção, de uma vez: "Passô por aqui numa *vereda*, nem oiô pra trás".

VEVÚIA, s. f. — hexiga, tripas de animal: "... tendo ao ombro bernal de iscas, pequenos lambaris, passarinho sapecado, *vevúia* de boi, minhocuçu." || Alter. de *borbulha*. Atesta-o o uso que se faz dêste ultimo voc., na sua acepção de bolha, vesícula, sob aquela mesma fórmula; atesta-o existência de *vevuid(r)* = *borbulhar*. No Ceará, seg. Cat., se diz "burbuio":

viu um "burbuio" de sangue
do tronco véio corrê!

Colhidas todas as variantes possíveis, no Br., talvez se verificasse que o "bubuiar" amazônico, onde se quer vêr um radical indigema, não passa de simples alteração do mesmo *borbulhar*, com translação de sentido.

VIAJADA, s. f. — caminhada, viagem: "Pra não voltar c'as mãos abanando não perder *viajada*, entendi de romper pro cafésal... (V. S.)

VIRÁ(R), v. t. e i. — mixturar, pôr em desordem, transformar, transformar-se, percorrer em todos os sentidos: "O minino *virô* tudo naquela gaveta". — "A gente do sítio *virô* o triato nua estri-

varia" — "Padre José, depois de morto, *viva* santo" — "Essa muié há de *viré* mula sem cabeça" — "Já *vi*rei esse sertão de tudo geito".

VIRA-BOSTA, s. m. — pássaro conhecido.

VIRADO, VIRADINHO, s. m. — comida que se mexe ao fogo, com farinha: *virado* de feijão, *virado* de couves, etc.

VIRGE(M), s. f. — mourão, poste de moenda.

VISGO, *visco*, s. m.

VISGUENTO, q. — viscoso.

VÓRTA DA PA, *volta*, s. f. — paleta.

XARA, q. — individuo que tem o mesmo nome de outro. || Há outras fôrmas, para o Norte: "xarapim", "xera". Do tupi. — No R. G. do S. se usa, em vez de *xará*, ou de qualquer de suas variantes, o cast. "tocayo".

XERGAO, s. m. — espécie de manta de lã ou pele que se coloca sobre a cavalgadura, por baixo da carona. || De enxergão.

O A. receberá com prazer as rectificações, notas, lembanças e mais contribuições que lhe queiram oferecer, àcerca do assumpto dêste volume. Aos que desejarem prestar-lhe o seu valioso auxilio, roga que leiam atentemente a segunda parte da "Introducção".

Endereço: Caixa E, S. Paulo.

CASA EDITORA "O LIVRO"
S. PAULO - 1920



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).